

ANNALES
D'HISTOIRE ÉCONOMIQUE
ET SOCIALE

Revue trimestrielle

Directeurs :

Marc Bloch — Lucien Febvre

TOME DEUXIÈME

Année 1930



LIBRAIRIE ARMAND COLIN
103, Boulevard Saint-Michel, PARIS

1930

Tous droits de reproduction, de traduction et d'adaptation réservés pour tous pays

CARLOS ANTONIO AGUIRRE ROJAS

Os ANNALES e a HISTORIOGRAFIA FRANCESA

TRADIÇÕES CRÍTICAS DE MARC BLOCH A MICHEL FOUCAULT



**OS ANNALES E A
HISTORIOGRAFIA FRANCESA:
Tradições críticas de Marc Bloch a Michel Foucault**



Editora da Universidade Estadual de Maringá

Reitora: *Prof^ª M. Sc. Neusa Altoé*
Vice-Reitor: *Prof. Dr. José de Jesus Previdelli*

CONSELHO EDITORIAL

Presidente: *Prof. Dr. Gilberto Cezar Pavanelli.* **Coordenador Editorial:** *Prof. Dr. Thomas Bonnici.* **Membros:** *Prof. Dr. Antonio Cláudio Furlan, Prof^ª Dr^ª Astrid Meira Martoni, Prof^ª Dr^ª Celene Tonella, Prof^ª Dr^ª Celina Midori Murasse, Prof. Dr. Celso Luiz Cardoso, Prof^ª Dr^ª Clarice Zamonaro Cortez, Prof. Prof. Dr. Gentil José Vidotti, Dr. José Adalberto Mourão Dantas, Prof^ª Dr^ª Lizete Shizue Bomura Maciel, Prof^ª Dr^ª Maria de Fátima P. da S. Machado, Prof. Dr. Osvaldo Ferraresi Filho, Prof. Dr. Renilson José Menegassi.* **Comissão de Revisão em Língua Portuguesa e Inglesa:** *Prof^ª M. Sc. Eliana Alves Greco, Prof^ª M. Sc. Jacqueline Ortelan Maia Botassini, Prof. Jorge Júnior do Prado, Prof. José Hiran Sallée, Prof. M. Sc. Manoel Messias Alves da Silva, Prof. Dr. Salvador Piton, Prof. Dr. Silvestre Rudolfo Böing.* **Diretoria Geral:** *Prof^ª Dr^ª Silvina Rosa.* **Secretária:** *Maria José de Melo Vandresen.*

CARLOS ANTONIO AGUIRRE ROJAS

**OS ANNALES E A
HISTORIOGRAFIA FRANCESA:**

Tradições críticas de Marc Bloch a Michel Foucault

**Tradução e Revisão Técnica
Jurandir Malerba**



FICHA TÉCNICA

Divisão de Editoração

. Marcos Kazuyoshi Sassaka
. Marcos Cipriano da Silva
. Juliano Rodrigues Lopes

Capa

. Frontispício do n. 2 da revista *Annales*(1930) sobre detalhe da "Carta-portulano" de Diogo Homem (c. 1566) – Universidade de Coimbra

Arte Final Capa

. Marcos Kazuyoshi Sassaka
. Jurandir Malerba

Diagramação

. Marcos Cipriano da Silva

Tiragem

. 500 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Biblioteca Central – UEM, Maringá

A284A	Aguirre Rojas, Carlos Antonio
	Os Annales e a historiografia francesa: tradições críticas de Marc Bloch a Michel Foucault / Carlos Antonio Aguirre Rojas ; Tradução e revisão técnica de Jurandir Malerba. — Maringá : Eduem, 2000.
	344p.
	ISBN 85-85545-59-3 ISBN 968-6996-79-6 (edição original)
	1. Hitoriografia francesa – Annales. 2. Marxismo. 3. História – Século XX. 4. Teoria da história. I. Título.
CDD 21. ed. 907.2 907.202 CIP-NBR 12899	

Título original mexicano

Los Annales y la historiografía francesa: tradiciones críticas de Marc Bloch a Michel Foucault

Copyright ©1996 para Carlos Antonio Aguirre Rojas

Copyright ©2000 para Jurandir Malerba

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização, por escrito, do autor.

Todos os direitos reservados desta edição ©2000 para Eduem.

Endereço para correspondência:

Eduem - Editora da Universidade Estadual de Maringá

Universidade Estadual de Maringá

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/Divisão de Editoração

Av. Colombo, 5790 - Campus Universitário - 87020-900 - Maringá-Paraná-Brasil

Fone: (0XX44) 261-4527/261-4394 - Fax: (0XX44) 263-5116

Site: <http://www.ppg.uem.br> - E-mail: eduem@uem.br

SUMÁRIO

PRÓLOGO À EDIÇÃO BRASILEIRA	1
INTRODUÇÃO	9
I. DOS ANNALES, MARXISMO E OUTRAS HISTÓRIAS	
Dos Annales, marxismo e outras histórias: uma perspectiva comparada sob o ponto de vista da longa duração	25
Dos Annales ‘revolucionários’ aos Annales “marxistas”: algumas considerações sobre a relação entre a corrente dos annales e o marxismo	51
Fazer a história, saber a história: entre Marx e Braudel	79
Convergências e divergências entre os Annales de 1929 a 1968 e o marxismo: ensaio de balanço global	137
II. ABORDAGENS E CONTRIBUIÇÕES DA CORRENTE ANNALISTA	
Os eixos principais do debate contemporâneo em torno da chamada “escola dos Annales”	181
Nas fontes teóricas da história quantitativa: o impacto da escola dos Annales sobre a quantificação em história	199
Os Annales dentro do universo da crítica	215
Os Annales na encruzilhada	261
Marc Bloch: in memoriam	273
Fernand Braudel: perfil intelectual	287
Michel Foucault no espelho de Clío	303
BIBLIOGRAFIA	323

DOWNLOAD FREE

PRÓLOGO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Tem um sabor todo especial para mim poder entregar ao leitor brasileiro o conjunto de artigos que compõe a presente compilação. E já que se trata de um público novo, bem conhecedor dos temas aqui abordados, vale a pena explicar um pouco o caráter e a intenção geral que animam este empreendimento acadêmico.

Os ensaios que o leitor tem agora em mãos foram escritos entre 1985 e 1994, ou seja, ao longo de uma década marcada não apenas por este acontecimento histórico fundamental que foi a queda do muro de Berlim, com todas as suas enormes conseqüências, mas também de uma década de mudanças profundas no panorama dos estudos históricos em todo o mundo.

Por isso, e segundo o momento diverso de sua publicação – expressa sempre no início de cada artigo – é que os distintos textos aqui reunidos vão modificando e matizando alguns dos elementos que se referem à situação e ao contexto historiográfico imediatos, ao mesmo tempo em que procuram incorpora-se, progressivamente e conforme foram processados intelectualmente, às novas tendências e aos novos sintomas que aparecem dentro das distintas realidades que eles buscam abordar e explicar. Assim, por exemplo, *não* se fala do possível projeto de uns supostos “quartos *Annales*” nos artigos anteriores a 1989, enquanto que, ao contrário, naqueles imediatamente posteriores a essa data já nos aventuramos propor esse conceito de “quartos *Annales*”, que depois ganhou difusão e legitimidade

dentro do debate historiográfico mundial e que a experiência dos anos 1989-1999 parece ter vindo a confirmar.

Do mesmo modo, se os primeiros ensaios se concentram majoritariamente apenas na comparação entre as duas correntes fundamentais do século XX, que são *Annales* e marxismo, já nos seguintes se “abre” mais francamente a ótica de consideração, para se situar a estas duas correntes e sua complexa relação dentro do horizonte mais global de toda a curva dos estudos históricos ao longo do último século.

Tratando de acompanhar de maneira “viva” ao movimento de transformação da historiografia atual, e buscando captar o sentido profundo de suas mudanças de curso – com uma explícita vocação desta empresa como um exercício de história “imediate” -, estes ensaios querem ser também um termômetro da transformação da historiografia dos anos que abarcam o último lustro dos anos 80 e o primeiro dos anos 90 do século XX. Um exercício que se alimentou dos debates que estes mesmos textos suscitaram e das polêmicas nas quais eles pretendiam intervir, reagindo para matizar ou rechaçar certos argumentos, ao mesmo tempo em que incorporavam as novas descobertas e publicações.

Por isso, não quisemos modificar aqui a forma original destes textos.¹ O que implicará para o leitor algumas poucas repetições de alguma idéia ou esquema de periodização, que embora se reiterem no argumento principal, apontam sempre para objetivos discursivos distintos.

¹. De qualquer maneira, o leitor interessado em obter um ponto de vista mais atualizado sobre essas matérias pode remeter-se à leitura de nosso último livro: Carlos Antônio Aguirre Rojas. *La escuela de los Annales. Ayer, hoy, mañana*. Barcelona: Montesinos, 1999. Ali abordamos em um capítulo especial à história dos quartos *Annales*, desde 1989 até 1999. Igualmente se inclui todo um capítulo onde se aprofunda a questão da matriz do que chamamos os “annalistas – marxistas”.

Se, por um lado, o esquema de apreensão do que foram os *Annales*, e a relação diversa, cambiante e complexa que mantiveram com os sucessivos marxismos, se matiza no detalhe e se enriquece a partir do debate circundante, agregando alguns novos elementos em cada novo artigo, também é certo, por outro lado, que suas teses fundamentais principais *permanecem*.

O tema *central* que estes distintos textos abordam, o da relação dos vários *Annales* com os diferentes marxismos, foi abordado aqui, desde o primeiro artigo redigido – o que se refere à comparação dos aportes essenciais de Karl Marx e Fernand Braudel -, numa perspectiva *geral e histórica*, perspectiva que não foi modificada em suas linhas essenciais por desenvolvimentos e aprofundamentos posteriores.

É significativo que um tema tão crucial como o desta relação entre o marxismo e os *Annales* tenha sido tão pouco abordado antes. Daí que, em nossa opinião, esta seja talvez a maior contribuição deste livro: a de pôr no centro do debate historiográfico o esclarecimento da tal relação, sem a qual *difficilmente* seria possível chegar-se a uma compreensão adequada do que foi a história da historiografia no século XX.

Uma relação completamente marginalizada, quando não simplesmente ignorada, pela imensa maioria dos estudiosos dos *Annales*, que ao ser estudada com cuidado revela surpresas e chaves de interpretação *essenciais e imprescindíveis* para se entender não apenas a evolução e o próprio destino destes mesmos *Annales*, mas, para além disso, os itinerários de muitas historiografias nacionais.

Entre elas, sem dúvida, a do Brasil, pois é certo que este debate da relação entre os *Annales* e o marxismo *não* é um simples debate histórico já superado, mas, ao contrário, um debate vivo e aberto, que se coloca no centro dos destinos atuais e futuros de todas as historiografias do mundo ibero-americano, incluindo-se desde a Espanha e Portugal até o Brasil e toda a América espanhola. Um debate que se tornou fundamental

dentro deste espaço devido ao fato de que, nos últimos cinco ou seis lustros, tanto na Península Ibérica como em todos os países da América Latina, aclimataram-se e prosperaram com força tanto as diferentes interpretações, tendências e escolas marxistas do século XX, como também as várias heranças dos diferentes autores dos *Annales*.

Ao mesmo tempo, este debate define-se também, embora de maneira mais indireta e mediata, mas não por isso menos central, como um dos debates fundamentais das demais historiografias do planeta. Porque resulta evidente a centralidade que possui esse debate da relação entre o marxismo e os *Annales* em todos aqueles países, como a China e os da Europa Oriental, que vêm de uma experiência socialista, de claro predomínio de uma visão marxista específica – a despeito do tipo de “marxismo” que ali tenha se consolidado com os anos, e que se adulterou profundamente em relação às versões originais, à medida em que se convertia em simples “ideologia dominante” e em limitado credo repetido mecanicamente -, e que nos últimos lustros têm-se aberto à recuperação da herança de toda a historiografia do século XX, onde é marcante a presença e o papel fundamental dos *Annales*.

Ainda, é clara a relevância deste mesmo debate em outras historiografias como a francesa, a alemã ou a norte-americana onde, junto a suas tradições historiográficas nacionais, têm surgido vastas ondas de difusão do marxismo e dos *Annales*. A tal ponto que, no conjunto das historiografias nacionais de praticamente todo o planeta, uma das maiores interrogações é justamente a destas complexas relações de diálogo e de variadas interconexões – que vão desde relações de aliança e estreita colaboração até situações de mútua hostilidade e evidente desconhecimento recíproco - entre os diferentes projetos annalistas e as diversas variações do marxismo.

Se isso é válido no âmbito da historiografia mundial, o é ainda mais no contexto da historiografia latino-americana. Aqui,

entre muitos e mui saudáveis efeitos que teve a profunda revolução cultural de 1968 sobre nossas ciências sociais e sobre nossas historiografias, está sem dúvida o de haver aberto as portas, como já mencionamos antes, a uma vasta difusão tanto dos diversos marxismos como dos trabalhos representativos da sucessivas gerações da corrente dos *Annales*.

Assim, não é arriscado afirmar que foi depois de 1968, que as historiografias de todos os países da América Latina vão conhecer um duplo impulso, difundido em escala maciça, e que invade desde as editoras e as revistas até as cátedras de história e de ciências sociais, passando pela cultura em geral e até pelas artes e as humanidades. Duplo impulso da difusão dos muitos marxismos do século XX e também dos mais que heterogêneos e desiguais aportes dos *Annales*, representados pelos sólidos e interessantes trabalhos da história econômica e social de Marc Bloch e de Ferdinand Braudel ou até os amorfos e indefiníveis trabalhos de uma francamente ambígua história das mentalidades.

Cremos que, para além da queda do muro de Berlim, e contra certas avaliações superficiais e muito *événementielles* da situação atual, até hoje o marxismo segue permeando profundamente a historiografia e as ciências sociais de toda a América Latina.

Assim, também os *Annales* - e de maneira mais forte que a cultura francesa de ciências sociais - vêm reatualizando a sólida tradição secular de forte presença e influência que tem exercido a França em toda a América Latina e fazem-se presentes hoje como componentes essenciais, tanto dos nossos modos de exercer o ofício de historiador, como de nossas modalidades específicas no concerto das disciplinas ou ciências sociais que buscam apreender essa complexa trama dos homens no tempo.

* * *

Se 1968 é a data simbólica que abre, para toda a América Latina, junto com a popularização ampla do marxismo, também a

Os Annales e a historiografia francesa

difusão em larga escala dos *Annales*, é claro que, em torno desta última, o país que mais se destaca entre todos no mundo latino-americano é sem dúvida o Brasil.

Pois se é certo que os contatos com a historiografia francesa dos *Annales* existem também no México e na Argentina desde os anos trinta, também é claro que tais vínculos não alcançam o grau de sistematicidade e de organicidade que atingem no caso do Brasil, onde as célebres “missões francesas” ajudaram a construir, de modo fundamental, as ciências sociais no âmbito das novas universidades, que se criavam tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX.

Deste modo, afirma-se claramente uma excepcional receptividade à cultura francesa de ciências sociais no Brasil. Fato que se ilustra, para usar apenas alguns exemplos anedóticos, mas evidentes nesse sentido, na constatação de que o único país da América Latina visitado por Michel Foulcault tenha sido justamente o Brasil. Ou também na cifra de formandos brasileiros que estudaram na França nos últimos trinta anos, a qual é sem dúvida a mais alta de todos os países da América Latina. Ainda, na surpreendente rapidez com que se traduzem os livros franceses no Brasil, testemunhada, por exemplo, com o caso da autobiografia de Louis Althusser, que surgiu na França em Abril e em novembro do mesmo ano no Brasil.

Por isso, quando nos dirigimos ao leitor brasileiro, falando dos *Annales* e do marxismo, ou das obras de Marc Bloch, Foulcault ou Braudel, estamos cientes de estarmos referindo a temas que lhe são familiares e próximos, e de referentes intelectuais que constituem parâmetros habituais de sua própria formação profissional ou de seu trabalho e leituras cotidianas.

Essa historiografia brasileira – é bom lembrar -, que construiu as bases de sua profissionalização como disciplina contando com a enérgica atividade e colaboração de um dos maiores historiadores de todo o século XX, como foi Fernand Braudel, é sem dúvida uma historiografia que não poderia ter permanecido

alheia à evolução e aos impactos da – equivocadamente – chamada “escola” dos *Annales*.²

Com tudo isso, a publicação deste livro em português³ é ao mesmo tempo um sintoma e uma clara aposta. Um sintoma, na medida em que é mais uma manifestação dessa excepcional receptividade da historiografia brasileira que já mencionamos, a respeito da cultura e da historiografia francesa, e igualmente daqueles trabalhos que a ela se referem.

Uma clara aposta que deriva da polêmica que este livro pretende suscitar, em torno do tema fundamental das relações entre marxismo e *Annales*, tema que consideramos crucial dentro do necessário balanço do que seja a historiografia latino-americana hoje, assim como da urgente discussão sobre os rumos futuros que esta historiografia deverá seguir, neste novo milênio cronológico – não propriamente *histórico* – que agora se inicia.

Um balanço e uma discussão que são, ademais, pré-condições obrigatórias para definir-se qual será a contribuição particular que a América Latina dará no concerto da historiografia mundial. Uma contribuição que, colhendo o melhor da herança tanto dos *Annales* quanto do marxismo, junto a outras influências externas

². Por esta razão, resulta surpreendente que até hoje não exista um trabalho de maior alento sobre o “capítulo brasileiro” da biografia intelectual de Fernand Braudel, assim como sobre esta rica e complexa relação de intercâmbio entre aquele e o Brasil, experiência cuja riqueza ele próprio gostava de repetir e de reconhecer reiteradamente. A esse respeito, talvez não seja demais lembrar suas declarações, afirmando que “Converti-me em alguém inteligente ao ir para o Brasil. O espetáculo que tinha frente a meus olhos era um espetáculo de história a tal ponto... que compreendi a vida de uma maneira completamente diferente.” Sobre esta questão, ver nosso artigo “Fernand Braudel, América Latina y Brasil”, incluído na coletânea *Braudel a debate* (Caracas: Tropykos/Buria, 1998), artigo que está no prelo no Brasil. Sobre os aportes de Braudel, de forma mais ampla, veja-se nosso livro *Fernand Braudel y las ciencias humanas*. Barcelona: Montesinos, 1996).

³. Na cuidadosa tradução de meu colega e amigo, o Prof. Jurandir Malerba, a quem agradeço publicamente.

Os Annales e a historiografia francesa

importantes, seja capaz de projetar igualmente a especificidade e a singularidade das lições que derivam de nossa identidade civilizatória especificamente latino-americana.

Pois se a ciência é universal, e se não há contribuição original possível sem o suporte de um prévio e vasto cosmopolitismo cultural, também é verdadeiro que o mundo segue sendo rico e interessante graças a sua imensa diversidade cultural e à grande multiplicidade de suas formas de identidade civilizatória. Portanto, graças às manifestações, cada vez mais difundidas, de um genuíno e aberto diálogo multicultural e planetário.

Por isso, se este conjunto de ensaios lograr suscitar em seus leitores alguns elementos de reflexão para esse balanço e essa discussão em torno do estado atual e da futura contribuição da historiografia latino-americana ao panorama dos estudos históricos no mundo todo, ele já terá cumprido um de seus objetivos principais.

Carlos Antonio Aguirre Rojas

INTRODUÇÃO

OS ANNALES NA HISTORIOGRAFIA LATINO-AMERICANA*

O programa de trabalho de Lucien Febvre, estabelecido em 1929, encontrou incidentalmente na criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 25 de janeiro de 1934, uma matéria-prima excepcional para sua realização.

Jacques Chonchol e Guy Martinière. *L'Amérique Latine et le latinoamericanisme en France.*

Sob os olhos atentos de uma grande parte dos historiadores do mundo todo, o movimento dos *Annales* encontra-se hoje novamente na encruzilhada. Isso acontece não apenas porque a corrente francesa, designada sob esse termo emblemático – ainda que equívoco – de “escola dos *Annales*”, continua sendo uma referência básica dos estudos históricos contemporâneos, mas também porque a história e as ciências sociais em geral entraram numa situação de redefinição e de redimensionamento de suas perspectivas globais e modalidades práticas, após o ano marcante de 1989.

Qualquer cientista social ou historiador sério que se propuser, nessa virada de milênio, àquelas redefinições e

*. Este artigo foi publicado originalmente em *Ojarasca*, México, n. 25, out./1993.

redimensionamentos, estará obrigado a considerar o legado intelectual da corrente dos historiadores franceses que atuou entre 1930 e 1970, historiografia de vanguarda situada entre a derrocada da historiografia de língua alemã do primeiro quartel do século e o florescimento recente das historiografias italiana e anglo-saxã dos últimos trinta anos.

O exercício da profissão de historiador resulta, hoje em dia, impossível sem se haver cumprido a leitura sistemática de alguns títulos, dentre os quais as principais obras de Henri Pirenne, Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel, para não citar mais que alguns dos primeiros “annalistas”. Pois que os *Annales*, nos dias atuais, deixaram de ser simplesmente uma corrente historiográfica de espectro internacional para tornarem-se numa herança intelectual que, através de complexos processos de recuperação e resgate, levados a cabo por experiências historiográficas as mais diversas, converte-se num movimento vivo, plural e internacional, movimento que mediante essa diversa “aclimação” e “refuncionalização” em diversos países, encontra-se hoje presente como personagem de primeira ordem dessas mesmas historiografias nacionais.

Conhecer, discutir e recuperar criticamente os *Annales* é, pois, uma das tarefas obrigatórias das ciências sociais contemporâneas. Compromisso que se impõe a historiadores e cientistas sociais do mundo todo, essa tarefa ganha maior importância para os seguidores de Clio e investigadores do social dentro da realidade latino-americana, não apenas em função da necessidade, também universalmente compartilhada, de estarmos à altura dos desafios e avanços intelectuais contemporâneos, mas igualmente pela história e pelas condições específicas das atmosferas culturais dos países da América Latina.

Porque, como é sabido, e a partir de nossa raiz “latina”, que nos dá justamente sobrenome e singularidade diante da América inglesa, a influência da cultura e do pensamento francês tem sido sempre importante dentro de nossas respectivas paisagens

culturais. Exercendo assim uma presença que não tem sido nem linear nem isenta de mudanças e acidentes, a cultura francesa logrou influenciar de maneira relevante os desenvolvimentos literários, artísticos, científicos e humanísticos das distintas regiões latino-americanas.

Essa presença da França explica também a rica e complexa relação que os *Annales* puderam manter com a historiografia e as ciências sociais de nosso continente. Relação de mútua influência que, analisada com mais cuidado, se apresenta como mais intensa e relevante do que poderia parecer à primeira vista, e cujos elementos e dimensões merecem ser investigados em detalhe. Pretendendo, com este esforço inicial, contribuir para o desenvolvimento desta linha de reflexão problemática, trataremos de esboçar algumas das principais coordenadas deste vínculo importante entre a corrente annalista e o universo intelectual latino-americano.

* * *

No Brasil, descobri o que não conhecia, de uma maneira até certo ponto violenta ... Em todo caso, é no Brasil que eu me converti no que agora sou.

Fernand Braudel. Entrevista à revista *Magazine Littéraire*, 1984.

Se então nos transportamos para o ano de 1929, ano do lançamento oficial dos *Annales d'Histoire Économique et Sociale*¹, nos encontraremos com uma América Latina que passa por importantes rearranjos geopolíticos, resultantes da I Guerra Mundial. Logo em 1919, os Estados Unidos se lançaram à

¹. Sabe-se que o projeto que vai derivar finalmente nesses *Annales* vinha amadurecendo desde dez anos antes, a partir do encontro e colaboração em Estrasburgo entre Marc Bloch e Lucien Febvre, projeto que se apoiava em parte nos intentos renovadores de Henri Berr, os quais, curiosamente, também tiveram seus ecos dentro da historiografia argentina dessa mesma época. Cf. Pelosi. *Historiografia y sociedad*, capítulo 9. [Nota do Tradutor: as referências completas encontram-se na **Bibliografia**, ao final].

conquista orgânica de todo o continente, e sob o lema mais que evidente da “América para os americanos”, ensejaram uma ofensiva que, no plano cultural, significou um certo arrefecimento da influência que até então haviam exercido as diversas culturas européias sobre o continente latino-americano, acompanhado, por sua vez, de um esforço por difundir uma ainda incipiente e pouco definida “cultura norte-americana” (“cultura” esta última, a rigor, muito mais técnica do que humanística). Deu-se, então, uma retração geral do rol das culturas européias frente à presença cultural norte-americana, que se apresentou de maneira muito diferenciada e desigual, conforme as distintas regiões e países latino-americanos.

Assim, enquanto no México o período do entreguerras viu desenvolver-se efetivamente um claro refluxo das influências culturais francesa e alemã – não obstante a temporada parisiense de Diego Rivera, os fortes vínculos de Alfonso Reyes com a cultura do hexágono ou as importantes visitas de renomados europeus ao México, que podem ser tomadas como exceções que confirmam a regra –, na América do Sul, ao contrário, parece ser muito menor este mesmo refluxo, aparecendo como muito mais contínua e relevante esta relação e influência cultural da Europa sobre a América Latina, antes e depois da ruptura da I Guerra Mundial (1914–1918).

Por isso, resulta curioso o fato de que, junto ao manifesto interesse de Lucien Febvre por esse “campo privilegiado de estudos” que era a América do Sul ², e apesar do caráter marginal que dentro da própria França têm então os próprios *Annales*, estabelecem-se já desde essa época alguns vínculos importantes entre os *Annales*, ainda em vias de constituição, e alguns expoentes da historiografia e das ciências sociais da América Latina.

². Cf. seu artigo “Un champ privilégié d’études...”, 1929.

Assim foi que, entre 1935 e 1937, a recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo teve Fernand Braudel como um de seus professores titulares, na cátedra de História das Civilizações. Ainda que àquela altura ele não fizesse parte do “núcleo rígido” do grupo dirigente dos *Annales*, já se encontrava, de qualquer maneira, muito influenciado pela revista de Marc Bloch e de Lucien Febvre, sendo ademais um defensor ativo das novas linhas da história econômica e social, então reinvidicadas dentro do projeto annalista.

Plantando então, nestes anos 30, uma importante semente dentro da historiografia brasileira, Braudel preparou a enorme e permanente receptividade dos cientistas sociais brasileiros às propostas dos *Annales*, que se manifestará depois da II Guerra Mundial de múltiplas maneiras ³.

A pioneira influência no âmbito cultural brasileiro daquele que será mais adiante o dirigente dos “segundos *Annales*”, será reforçada e completada com a permanência de Henri Hauser – então membro do Comitê Diretor dos *Annales* –, na Universidade do Rio de Janeiro, durante os anos de 1936–1939 ⁴ e com os ecos das cátedras de professores como Emile Connaert ou Pierre Monbeig, pessoas que também gravitavam, em maior ou menor medida, nas órbitas do nascente universo annalista.

O Brasil se situa, então, nesta primeira etapa da vida dos *Annales*, como o território privilegiado do vínculo entre a

³. Por exemplo, na fundação do que será a revista de história mais importante dos anos 50 e 60 no Brasil, a *Revista de História*, dirigida por Eurípedes Simões de Paula, que foi aluno, discípulo e depois auxiliar docente do próprio Braudel. Simões de Paula declarou as filiações diretas da *Revista de História* com os *Annales* em seu artigo “O nosso programa”, de 1950. Sobre o papel desta revista na história da cultura brasileira veja-se Carlos Guilherme Mota. *Ideologia da cultura brasileira*.

⁴. Cf. Jean-Paul Lefebvre. “Les professeurs français des missions universitaires au Brésil (1934–1944)”.

corrente historiográfica francesa e a América Latina, pois, apesar de a Argentina e o Uruguai receberem a visita acadêmica de quase dois meses do próprio Lucien Febvre em 1937⁵, é indubitavelmente no Brasil onde se encontra a maior, mais variada e duradoura projeção da influência dos *Annales*, o que faz desse país, no contexto americano, tradicionalmente o mais receptivo e mais atento seguidor da cultura francesa, em suas variadas manifestações.

Imediatamente após a II Guerra Mundial, visando firmar-se como uma possível “terceira via” entre os caminhos propostos e representados pelas duas grandes superpotências daquela época⁶, a França lança uma iniciativa institucional importante com o objetivo de voltar a aproximar o mundo latino-americano de sua própria cultura. Em 1944, funda-se no México o Instituto Francês da América Latina (IFAL), ao que seguiram o Instituto Francês de Santiago do Chile (1947) e o Instituto Francês de Estudos Andinos (1948), sediado em Lima⁷. Conjunto significativo de iniciativas oficiais do governo francês para recuperar e potencializar o papel da França deste lado do Atlântico, que de maneira chamativa será protagonizado, mais uma vez, por alguns personagens ligados mais ou menos diretamente com as linhas de irradiação annalista, os quais, beneficiando-se destas iniciativas ou do novo marco por elas criado, vão desempenhar um importante papel dentro dos desenvolvimentos culturais dos distintos âmbitos latino-americanos.

Assim, no México, Paul Rivet – que dirigiu um dos tomos da *Encyclopedie Française* coordenada por Lucien Febvre – será um

⁵. Sobre as circunstâncias particulares em que se decidiu por Lucien Febvre para esta visita, veja-se Peter Schoettler. *Lucie Varga*.

⁶. Sobre este ponto, veja-se Immanuel Wallerstein. “Braudel, los *Annales* y la historiografia contemporánea”, p. 99–111.

⁷. Cf. Jacques Chonchol e Guy Matinière. *L'Amérique Latine et le latinoaméricanisme en France*. Para o caso específico do México e o Ifal, veja-se Françoise Bataillon e François Giraud. *Ifal. 1945–1985*.

dos protagonistas do processo de fundação do IFAL, instituição que mais adiante seria dirigida por um período de treze anos (1948–1962), por François Chevalier, discípulo de Marc Bloch, cujo primeiro projeto intelectual importante que se propôs foi o de tentar “reeditar” o modelo e os ensinamentos do grande trabalho blochiano de *Caractères originaux de l’histoire rurale française*, agora aplicado ao caso da história rural mexicana⁸.

Com isso, criava-se no México um clima que nos permite compreender certos fatos profundamente significativos para a própria história dos *Annales* e de sua projeção fora do hexágono francês: por exemplo, a tradução espanhola, pela Fondo de Cultura Económica, da grande obra braudeliana *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe Segundo*, tradução que se publica no México apenas quatro anos após seu aparecimento na França e imediatamente depois da visita acadêmica do próprio Braudel ao México, para conferências no Colégio do México, na Faculdade de Filosofia e Letras e na Escola de Economia da Unam⁹. Ou também, a publicação em 1952, da edição mexicana do livro *Apologie pour l’histoire ou Métier d’historien*, de Marc Bloch, editado na França em 1949. Ou, finalmente, a tradução para a língua de Cervantes do artigo fundamental de Braudel “História e ciências sociais: a longa duração”, artigo que a equipe da revista mexicana *Cuadernos Americanos* publicou apenas alguns meses depois do original francês nos *Annales. Économies. Sociétés. Civilizations*.¹⁰

⁸. E que é precisamente seu livro, dedicado justamente a Marc Bloch, e intitulado *La formación de los grandes latifundios en México*, publicado em espanhol pela Fondo de Cultura Económica, obra influente dentro dos estudos da historiografia mexicana. Sobre o trabalho de François Chevalier, veja-se Norma de los Ríos. “Conversaciones con François Chevalier y François-Xavier Guerra”.

⁹. Cf. o *Annuaire du Collège de France. Année 1953–1954*.

¹⁰. Sobre o significado mais global que têm estas traduções espanholas de centenas de textos dos *Annales*, veja-se nosso artigo “De *Annales*, marxismo y otras historias...”, incluído na presente coletânea.

Presença, pois, considerável das obras e ensinamentos annalistas no meio intelectual mexicano dos anos 50 e 60, que haveria de se intensificar e ampliar-se ainda mais depois da grande ruptura de 1968 e suas seqüelas. Porque, sobre a base dos antecedentes acima referidos, onde o IFAL funcionou como um dos polos de “atração cultural” de um setor importante dos intelectuais mexicanos ¹¹, e a partir das afinidades lingüísticas do mexicano e do francês, é que se explica a forte migração de estudantes e intelectuais mexicanos, que por razões políticas exilaram-se na França, após o movimento de 1968. Assim, depois de permanências mais ou menos longas no hexágono, e com mestrados e doutorados conquistados durante esses anos, seriam esses mesmos jovens *soixante-huitards* mexicanos os que, ao retornar, impulsionariam a popularização dos *Annales* no México, introduzindo as obras de Pierre Vilar e Marc Bloch, de Fernand Braudel e Pierre Chaunu nos programas das novas cadeiras de história, estruturalmente modificadas sob o impacto do marxismo latino-americano, o qual também florescia naqueles anos.

E seriam esses jovens professores, membros da geração 68 mexicana e marcados duplamente por uma influência annalista e pela irradiação do marxismo, os que garantiriam o êxito e a receptividade do meio acadêmico mexicano a trabalhos como os de Antonio García de León ou Enrique Florescano, para não citar mais que dois dos representantes dessa clara influência dos *Annales* no México.

Essa mesma projeção se repete no Brasil¹² e na Argentina, tomando apenas os dois maiores países da América do Sul. No primeiro, como se viu, o peso da cultura francesa foi sempre mais forte; a semente plantada nos anos 30, com as missões francesas à Universidade de São Paulo e ao Rio de Janeiro, germinou e

¹¹. Sobre esta função, veja-se o testemunho de Carlos Fuentes e outros ali incluídos, no livro já citado, *Ifal. 1945-1985*.

¹². Cf. Guy Martinière. “Principales orientations...”

cresceu durante os anos 50 e o primeiro lustro dos 60, mas agora através dos “discípulos” brasileiros dos mestres franceses. É quando começa a surgir regularmente a *Revista de História*, inspirada de modo confesso no modelo da revista *Annales*, e que acolheria regularmente, por exemplo, os textos e as colaborações de Lucien Febvre e Fernand Braudel.

Com a segunda estada de Braudel no Brasil, que passou outros cinco meses em São Paulo em 1947 junto à USP, os *Annales* reforçariam sua influência no meio acadêmico brasileiro, agora através da brilhante geração de historiadores nucleada em torno de Eurípedes Simões de Paula e da *Revista de História*, na qual colaboraram pessoas como Eduardo d'Oliveira França, Alice Canabrava, Astrogildo de Melo e Olga Pantaleão, tidos como os fundadores da escola uspiana de história. Seu impacto será tão importante dentro da cultura brasileira, que mesmo pessoas oriundas de outros horizontes intelectuais – como no caso de Octávio Ianni, discípulo de Florestan Fernandes e membro dos renovadores da sociologia brasileira dessa época, ou Celso Furtado, autodidata genial – se viram influenciados, em maior ou menor medida, pelos ensinamentos da escola francesa dos *Annales* e pela obra de Fernand Braudel.

Deste modo, e numa curiosa evolução que valeria a pena estudar mais de perto, as duas décadas imediatamente posteriores à II Guerra Mundial são, no Brasil, décadas de um interessante intento de “abrasileirar” os estudos históricos e as perspectivas das ciências sociais, intento que sem renegar sua matriz francófila – lembre-se das visitas ao Brasil de Charles Mozaré e Frédéric Mauro ¹³ –, ensaia um movimento de reconstrução a partir de perspectivas e referências mais especificamente brasileiras.

¹³. Veja-se, a respeito, a menção no artigo de Maria Helena Rolim Capelato e Maria Lígia Coelho Prado. “A l'origine de la collaboration universitaire franco-brésilienne”...

Este original empreendimento intelectual é interrompido com a crise brasileira de 1964–1968. O fechamento ao pensamento crítico e o exílio de uma parte significativa da intelectualidade para o exterior – onde, mais uma vez, a França vai ocupar um lugar de destaque, chegando inclusive a prover cátedras a professores como Milton Santos e Celso Furtado – rompe em parte a continuidade do processo anterior, ainda que simultaneamente radicaliza essa intelectualidade brasileira, aproximando-a do marxismo e das posições de esquerda em geral, que naqueles anos começariam a medrar pela América Latina, quando surgiram novas teorias latino-americanas da dependência, cujos mentores mais importantes serão justamente intelectuais brasileiros.

Finalmente, e com a crise dos regimes autoritários no final dos anos 70 e início dos 80, deu-se o retorno daqueles intelectuais ao Brasil e, com isso, uma retomada da influência dos *Annales* neste país. Influência recuperada também no México, agora sob óticas acentuadamente marcadas pela difusão do pensamento marxista, que colocava o Brasil, mais uma vez, como o país latino-americano mais receptivo e atentamente sensível, de modo geral, aos desenvolvimentos do pensamento social do hexágono francês e, por fim, também dos *Annales*, que se converteriam nesses mesmos anos 80 em parte da cultura oficial francesa, do *establishment* acadêmico reconhecido e até “exportado” por sucessivos governos dessas duas décadas.

O caso argentino é, por fim, marcado por uma história muito mais acidentada e moldada pelas vicissitudes da sua história política. Aqui, e apesar da frutífera permanência forçada de Roger Caillois entre 1939 e 1945 – que reforçará sensivelmente os vínculos entre França e Argentina no âmbito literário ¹⁴ –, a influência forte dos *Annales* sobre a historiografia e as ciências sociais argentinas só se faria sentir de forma mais ampla e orgânica a partir de 1955, após a queda de Perón e da

¹⁴. Cf. Silvia Baron Supervielle. “La traduction réciproque”.

emergência de vários grupos renovadores dentro daquele contexto.¹⁵

Retomando, então, a influência exercida pelo pequeno grupo nucleado em torno do historiador José Luis Romero – que entabulou relações com Braudel desde os anos 50, organizando parte de sua visita acadêmica a Buenos Aires em 1947, e recebendo do próprio Braudel um capítulo redigido para a obra coletiva *História Americana* (obra, aliás, jamais publicada¹⁶) –, o grupo de renovadores mencionado iria implantar-se em diversas universidades argentinas, fomentando a história econômica e social numa clara e assumida perspectiva annalista.

Introduzindo em suas cátedras, assim como em seus trabalhos de investigação, as obras metodológicas clássicas dos autores dos *Annales*¹⁷, e abrigoando-se diretamente sob o manto desta visão annalista que será então dominante em seu seio, os grupos renovadores vão marcar uma profunda ruptura dentro dos estudos históricos argentinos, deixando como herança uma obra que, sem dúvida, é um dos referentes importantes dos cientistas sociais argentinos contemporâneos.

Esse grupo renovador no cenário intelectual e acadêmico, por seu lado, receberia a influência do pensamento marxista, ademais, como todos os outros países latino-americanos, o que permitiu que setores importantes deles viessem a radicalizar-se depois de 1966, fragmentando a anterior unidade vivida durante o período 1955–1966 e começando a recolocar em discussão, ao

¹⁵. Cf. o “mapa” geral da colocação dentro e fora das universidades argentinas destes grupos renovadores, que consta em Tulio Halperin Donghi, “Un cuarto de siglo de historiografía argentina.”

¹⁶. Conseguimos recuperar o original francês e a tradução espanhola deste capítulo escrito por Fernand Braudel e intitulado “La vida europea y sus proyecciones en América (1530–1700)”. Ambos os materiais devem ser publicados muito em breve.

¹⁷. Cf. Carlos Korol. “Los *Annales* en la historiografía argentina de la década del 60”.

mesmo tempo e sob uma ótica marxista, os ensinamentos e aportes principais da corrente dos *Annales*.

Todo esse processo interromper-se-ia até os anos 1973–1976 quando, fechando o período aberto em 1955, aconteceria o importante exílio de intelectuais argentinos na Europa e em outros países da América Latina – exílio que, diferentemente de outros processos migratórios igualmente forçados, foi mais prolongado e em alguns casos mesmo definitivo –, criando então um vazio considerável dentro das ciências sociais argentinas, que só começará a ser sanado, muito lentamente, durante a década de 80.

Congratulemo-nos, finalmente, ao observar tal quantidade de olhares que se voltam a esse mundo sul-americano, tão rico em ensinamentos. É, como vimos, um mundo prenhe de lições fecundas. Tudo está em sabê-las extrair.

Lucien Febvre. “Un champ privilégié d’études: l’Amérique du Sud, *Annales d’Histoire Économique et Sociale*, n. 3, maio de 1929.

Ao impactar, por esses vários caminhos, as historiografias e ciências sociais latino-americanas, os *Annales* puderam deixar sua marca, de maneira importante, sobre os espaços culturais de nosso continente. Uma marca que, ademais, e vista num contexto histórico mais amplo, se apresenta como uma clara e bem traçada curva que, para lá de suas vicissitudes particulares, constitui uma verdadeira linha de vínculo permanente e decisivo dentro da cultura latino-americana contemporânea.

Vínculo e presença relevantes na América Latina que, ao compararmos com os âmbitos intelectuais da “segunda América”, a América dos Estados Unidos e Canadá – e salvo a evidente exceção da província do Québec, desse Canadá francês católico e de clara matriz mediterrânea¹⁸ –, se apresentam – não por acaso

¹⁸. Cf. Alfred Dubuc. “The influence of the *Annales* school in Québec”.

– ainda mais nitidamente como traços singulares de nossa cultura latino-americana. Porque, enquanto os autores centrais dos *Annales* e dos núcleos imediatos de sua nebulosa na França se fizeram presentes, como vimos, nas universidades e nos meios acadêmicos brasileiros, mexicanos e argentinos desde os anos 30 ou 40, no caso da América de matriz norte-européia e anglo-saxã, ao contrário, essa influência da corrente annalista teria que esperar até os anos 70 para chegar a ser plenamente reconhecida e popular dentro dos correspondentes ambientes intelectuais dos Estados Unidos e do Canadá inglês.¹⁹

Reproduzindo mais uma vez – e agora no plano das atmosferas culturais das ciências sociais – a velha e ordinária divisão do território americano em duas grandes Américas, uma de matriz mediterrânea e outra norte-européia²⁰, a influência dos *Annales* se bifurca claramente, em torno dos enormes espaços civilizatórios construídos deste lado do Atlântico durante o longo percurso da modernidade capitalista, que já conta mais de cinco séculos. Porque, com a única exceção do caso italiano, também não casualmente parte do mundo mediterrâneo, a América Latina se apresenta como a zona de influência mais “pioneira, constante e efetiva” da corrente annalista, sobretudo antes dos anos 70, em que, por outras circunstâncias, deflagrou-se o processo da verdadeira irradiação e difusão planetárias desse mesmo movimento annalista.

¹⁹. Sobre este ponto, veja-se o artigo de Sam Kinser. “Braudel en Amérique”. Na introdução dos *Annales* nos Estados Unidos, foi importante o papel pioneiro representado pela Universidade de Princeton e do grupo ali alocado e nucleado em torno de Natalie Zemon Davies.

²⁰. Idéia que já Fernand Braudel havia colocado claramente em seu *Civilización material, economía y capitalismo*. Sobre a referência concreta destas duas Américas, que reproduzem deste lado do Atlântico as oposições da própria Europa, principalmente o vol. 3, p. 345. [Nota do tradutor: muitas obras estrangeiras encontram-se traduzidas; porém, optamos por manter as versões originalmente utilizadas pelo autor para respeitar as numerações de página citadas.]

Se seguirmos esta linha de raciocínio, a América Latina se destaca como uma das zonas mais antigas de recepção e “aclimação” do projeto annalista, apenas superada pelo espaço europeu-ocidental mediterrâneo²¹, e muito anterior, nesses aspectos, tanto ao espaço da América do Norte, como de muitas outras regiões do planeta, que apenas nos últimos vinte e 25 anos começaram a conhecer mais sistemática e organicamente o legado dos *Annales*.

Reler, estudar e recuperar criticamente esta herança dos *Annales* constitui, assim, uma das tarefas mais importantes dos historiadores e dos cientistas sociais sul-americanos. Tarefa que, para além de permitir compreender melhor a complexa cultura latino-americana atual, abrirá o vasto e rico horizonte das incertezas, mas igualmente das enormes possibilidades do debate historiográfico contemporâneo e dos desafios das ciências sociais hoje. Seguindo as lições dos *Annales*, e situando-os em perspectiva crítica e histórica, vale a pena o esforço da experiência.

²¹. Como procuramos explicar em nosso artigo já citado, “De *Annales*, marxismo y otras historias...”. O que não impede, de outra parte, a possibilidade de comparar este discurso annalista, de matriz predominantemente mediterrânea, com outros discursos de origem norte-européia, como no caso do próprio marxismo. A respeito, nosso artigo “Between Marx and Braudel...”.

I. DOS ANNALES, MARXISMO E OUTRAS HISTÓRIAS

DOWNLOAD FREE

DOS *ANNALES*, MARXISMO E OUTRAS HISTÓRIAS: UMA PERSPECTIVA COMPARADA SOB O PONTO DE VISTA DA LONGA DURAÇÃO*

No presente buscamos, sempre à luz do passado, ver o que pertence à longa duração e o que é só momentâneo.

“Entrevista a Fernand Braudel”. *L'Express*, novembro de 1971.

Os *Annales* já completaram 70 anos de idade. Com uma considerável história construída por três (muitos dizem mesmo quatro) gerações de historiadores e com um renome mundial esta corrente historiográfica francesa acabou convertendo-se ela mesma em “objeto de estudo” de muitos historiadores. Nos últimos vinte anos se produziu abundante literatura que tratou de caracterizar a evolução e a situação atual desta corrente; questionando-se sobre os diferentes períodos do “fenômeno

*. Este artigo constitui-se em um resultado parcial da investigação de pós-doutorado *Los Annales, lo marxismo y la obra histórica de Fernand Braudel*, desenvolvida no Centre de Recherches Historiques da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris entre 1988 e 1989, sob a orientação do Dr. André Burguière e financiada pelo Conacyt. As idéias aqui desenvolvidas foram apresentadas e discutidas no Colóquio Internacional *Les Annales. Hier et aujourd'hui*, realizado em Moscou de 3 a 8 de outubro de 1989. Agradeço as observações do Prof. Bolívar Echeverría feitas para uma primeira versão deste ensaio.

Annales”, se esforça por definir os múltiplos aportes específicos que nos planos metodológico, teórico, problemático e historiográfico desenvolveram os distintos autores pertencentes à larga trajetória annalista.¹

Na busca de uma compreensão adequada do problema, o debate se entabulou em torno da elucidação de uma série de pontos que hoje são muito familiares àqueles que se aproximam do estudo do movimento dos *Annales*: quando começou, estritamente, o enfoque “annalista” da história? Quais são suas filiações e antecedentes intelectuais principais? Em que consiste seu verdadeiro aporte e sua novidade em relação a formas anteriores de se fazer história?

Uma vez esclarecidas essas origens e fundamentos, a investigação prossegue no itinerário dos próprios *Annales*: quais teriam sido as principais etapas ou fases deste longo movimento historiográfico? Existe entre elas continuidade ou descontinuidade? São similares ou diversos os *Annales* “de hoje” e os “de ontem”? Quando fixar esse “hoje” e esse “ontem”? Em torno de quais paradigmas metodológicos, aportes teóricos e universos problemáticos ou desenvolvimentos historiográficos concretos se fixa?

Finalmente – e esse se constitui no objetivo central das indagações anteriores –, o questionário dirige-se à situação atual e sobretudo ao futuro da corrente: já teria cessado o “alento final” dos *Annales*? Depois de setenta anos de existência, que papel representam na historiografia francesa e mundial os *Annales* de hoje? Que falta abordar em termos históricos e historiográficos? O que é, em suma, num momento de balanço

¹. Veja-se, a título indicativo, nossa bibliografia final. A respeito, chama a atenção o fato de que a grande maioria dos trabalhos dedicados ao estudo do “fenômeno *Annales*” são trabalhos curtos, artigos ou ensaios breves, o que indica a novidade e o caráter ainda aberto do problema. Exceções a esta maioria são os trabalhos de Dosse. *L'Histoire en Miettes...*; Stoianovich. *French Historical Method*, e Gerard Mairet. *Le Discours et l'Historique*.

global, que os historiadores contemporâneos podem esperar e o que devem desejar da produção dessa corrente?

Em torno de alguns destes problemas, a historiografia recente sobre o fenômeno dos *Annales* logrou alguns avanços consideráveis. Hoje, sem dúvida, conhecemos muito melhor que há vinte anos algumas respostas àquelas diferentes questões. Mas chama a atenção, nos estudos sobre os *Annales*, uma inexplicável lacuna: apesar da variedade de aproximações ao problema e da acuidade de algumas dessas investigações, pouquíssimas parecem remontar mais além da própria temporalidade intrínseca ao fenômeno estudado – a temporalidade da conjuntura ou do tempo médio como a chamaria Braudel – e menos ainda parecem haver ensaiado uso do método comparativo para uma melhor compreensão do ponto em questão.

De outra parte, talvez decorrente do que poderia ser um “respeito espontâneo” em relação à geografia da origem dos primeiros *Annales*, são igualmente escassos os estudiosos que se têm aventurado a indagar sobre a presença e difusão do “fenômeno *Annales*” fora do espaço do hexágono francês. O que não deixa de parecer um paradoxo.

Assim, os investigadores dos *Annales*, leitores atentos das grandes obras de Bloch, Febvre e Braudel em função de seu próprio objeto, fizeram até agora pouco uso do método histórico, comparativo, tão praticado por esses mesmos autores, na explicação da evolução da corrente: incursionaram pouco em suas visões fora da experiência francesa e evitaram praticamente o esforço de situar “seu” problema levando em conta as realidades culturais de longa duração dentro das quais tal estudo se inscreve.²

². Exceção interessante a este espectro dominante constitui o artigo de Wallerstein. “L’homme de la conjuncture”, trabalho que valeria a pena ser aprofundado e discutido mais em detalhe.

Quais são os estudos que comparam a evolução dos *Annales* com a história e os aportes de outras correntes historiográficas, contemporâneas ou anteriores?³ Quais os estudos que tentaram situar a contribuição dos *Annales* dentro do contexto mais amplo da historiografia francesa e das ciências sociais na França, e em relação com a história global desse país? ⁴ Quais as investigações que têm procurado estabelecer, do ponto de vista da longa duração, o que significou e o que explica o surgimento e a progressiva difusão do movimento dos *Annales*, primeiro dentro da própria França, depois em países da Europa mediterrânica e, mais recentemente, no resto da Europa e do mundo?

Mas o paradoxo é apenas aparente e atesta a real complexidade de alguns aportes metodológicos centrais dos autores dos *Annales* acima mencionados: setenta anos depois do aparecimento das primeiras lições annalistas em torno do ofício do historiador, mesmo depois do que ensinou Braudel, a análise *événementielle* e a análise do tempo médio ou da conjuntura continuam ainda “prendendo” os historiadores. Da mesma maneira, as contribuições dos primeiros *Annales* sobre o método comparativo e sobre a história global se mostram muito mais difíceis de aplicar e de concretizar na prática historiográfica sobre o objeto *Annales*, do que sua clara e reiterativa exposição que os trabalhos de Bloch e Febvre pareciam implicar.

Conscientes das dificuldades e dos riscos que surgem ao se trilhar esses novos caminhos, e apenas como uma modesta

³. A respeito e para ter uma visão das diversas aproximações ao problema, veja-se Burke. “Reflections on the historical revolution in France...; e “The *Annales* in global context”; Cedronio. “Profillo delle ‘*Annales*’ attraverso le pagine delle ‘*Annales*’” e Aguirre Rojas. “En las fuentes teóricas de la historia cuantitativa...”, também incluído nesta coletânea.

⁴. Nesta linha, apenas esboçada, torna-se útil consultar os trabalhos de Dosse. “Les habits neufs du président Braudel”, e “Le paradigme des *Annales*”. Igualmente, ainda que mais diretamente referidos ao período “pré-*Annales*”, são interessantes os estudos de Romano. “Fernand Braudel II”, Allegra e Torre. *La nascita della storia sociale in França...* e Gemelli. *Tra due crisi...*

contribuição que sirva para animar a outros investigadores a seguir esses mesmos caminhos, é que trataremos aqui de redimensionar o fenômeno *Annales* para além do espaço francês e enquadrando-o dentro das linhas das sensibilidades culturais européias de longa duração. Ao mesmo tempo, compararemos seu desenvolvimento e seus aportes com a corrente de interpretação histórica e historiográfica, talvez a única “mais velha” que os *Annales*, que permanece ainda uma corrente atuante: a concepção materialista da história iniciada há mais de 150 anos por Karl Marx.⁵

I

Estas permanências as constatamos do mesmo modo na vida cultural, descobrindo, por exemplo, a persistência de certos temas ou de certas linhas de sensibilidade através das gerações.

“Entrevista a Fernand Braudel”. *L'Express*, novembro de 1971.

Atualmente, conhecemos bem as etapas da progressiva difusão da corrente dos *Annales* no seio da intelectualidade e das ciências sociais “francesas”. Sua história, desde o pequeno e excepcional laboratório de idéias que foi a Universidade de Estrasburgo, até o momento de sua atual configuração como nebulosa hegemônica dentro da cultura oficial da França (no campo das ciências sociais) foi traçada e repetida inúmeras vezes. Sabemos, então, o que foi essa corrente historiográfica desde sua primeira fase, no período entre guerras quando os primeiros

⁵. Um fato que chama a atenção é, precisamente, a permanência e difusão – cada vez maior – destas duas correntes de interpretação histórica: os *Annales* e o marxismo. Outras escolas históricas ou movimentos de interpretação historiográfica foram ou mais efêmeros ou muito mais locais, ou ambas as coisas a um só tempo. Um dos objetivos deste ensaio é o de indagar sobre as razões profundas da excepcional irradiação e duração destas duas correntes históricas.

Annales foram lidos marginalmente na França por uma minoria (não contavam mais que 500 os subscritores regulares), minoria arrojada que, fora do *establishment*, paga o preço de haver levado a cabo uma verdadeira revolução dentro do campo dos estudos históricos de língua francesa, contra a hostilidade da Sorbonne e da historiografia oficial em geral.⁶

Annales, de início, essencialmente heréticos e particularmente inovadores que, depois da II Guerra Mundial – e mais ainda a partir da morte de Marc Bloch por mãos nazistas em 1944 – iriam conquistar pouco a pouco e durante todo o período braudeliano da revista, a maior parte dos historiadores franceses e inclusive a um setor importante da intelectualidade francesa, para acabar por firmar-se, durante o período dos “terceiros *Annales*”, como uma das perspectivas dominantes dentro das disciplinas científicas que na França versam sobre o estudo do social, em suas múltiplas vertentes.

No entanto, se a evolução dos *Annales* dentro do território francês foi já tantas vezes evocada, sua evolução fora da França é

⁶. Atualmente-se discute sobre a real ou suposta marginalidade e sobre o caráter inovador e revolucionário ou não destes primeiros *Annales*. É importante destacar o fato de que, neste caso, não se trata de “marginais” ou “revolucionários”, nem no plano de suas vidas pessoais, nem muito menos na ordem prático-política, mas apenas e exclusivamente no plano da teoria da história. O que está em jogo aqui é o caráter crítico e revolucionário dos paradigmas metodológicos e dos aportes teóricos destes primeiros *Annales*, em relação aos modos dominantes de abordar a história dentro da historiografia francesa. Sobre as distintas posturas em torno deste ponto, veja-se, por exemplo, Braudel. “En guise de conclusion” e “Les 80 ans du ‘Pape’ des historiens”; Wallerstein. “Beyond *Annales*? (Au-delà des *Annales*?)”; Idem. “The *Annales* as resistance”; Fontana. “Ascens i decadencia del’escuela dels *Annales*” e *Historia. Análisis del pasado y proyecto social*; Dosse. “L’histoire en miettes: des *Annales* militantes aux *Annales* triomphantes” e *L’Histoire en Miettes...*; Guerreau. *El feudalismo. Un horizonte teórico*; Aymard. “The *Annales* and french historiography”; Aguirre Rojas. “Hacer la historia, saber la historia...” e “Dix theses sur les paradigmes méthodologiques des *Annales* et le marxisme”. Também a coletânea *Au berceau des Annales*.

um tema muito menos investigado⁷. Qual terá sido a difusão destes mesmos *Annales*, no período de 70 anos de sua existência, no contexto da Europa ocidental? Em que pode ser esclarecedor o desenho de um mapa da irradiação do movimento annalista na Europa ocidental, com relação à perspectiva de comparação com o marxismo e de sua explicação na longa duração? Vejamo-lo com cuidado.

Se nos aventurarmos para além das fronteiras francesas e adotarmos uma visão em perspectiva, poderemos dar-nos conta de que os *Annales* têm tido, praticamente desde seu início, certos espaços “privilegiados”, particularmente receptivos a seus trabalhos e aportes. Simultaneamente, em outras zonas, a contribuição dos *Annales* à história e à historiografia permanecem praticamente ignoradas.

Assim, resulta interessante que, dos 400 ou 500 leitores regulares dos primeiros tempos, aproximadamente uma centena foi de leitores italianos⁸. Em nossa opinião, isto significa que, para além dos signos evidentes, ainda que escassos, da presença dos *Annales* na Itália dos anos 30⁹, a verdadeira influência que exerceram dentro dos estudos históricos italianos (hoje tão facilmente detectável na historiografia italiana contemporânea)

⁷. Por isso são importantes os trabalhos incluídos no número 3–4 da *Review*, de 1978, que incursionam nesta linha de investigação. Em particular, vejam-se os ensaios de Maurice Aymard, Peter Burke, Alfred Dubuc, Halil Inalcik e Krzysztof Pomian, ali incluídos.

⁸. Este dado foi referido várias vezes por Braudel. Veja-se, por exemplo, Fernand Braudel. “Les 80 ans du ‘Pape’...”, p. 75 e “En guise de conclusion”, p. 247.

⁹. Nos referimos, por exemplo, à resenha do livro de Marc Bloch sobre *La historia rural francesa*, que fez Gino Luzzatto em 1933, na *Nuova Rivista Storica*; à resenha de Morandi de um artigo de Febvre, publicada em *Civiltà Moderna* em 1930; ou à colaboração do mesmo Luzzatto no primeiro número de 1937 dos *Annales d'Histoire Économique et Sociale*. A este respeito, Cantimori. “Prefazione”, p. IX–XXIX; Treppo. “La libertà della memoria”, p. VII–LI, e Luzzatto. “L’opera storica di Marc Bloch”.

pode remontar suas origens ao mesmo período do nascimento da corrente dentro da própria França. Desse modo, ainda que as manifestações principais deste “impacto annalista” sobre os historiadores italianos só tenham aparecido abertamente durante o período dos segundos *Annales*, a historiografia da península itálica pareceria ser fortemente tributária da corrente francesa já desde algumas décadas antes¹⁰. Em todo caso, dentro de nossa linha de raciocínio, cabe destacar o fato de que se os primeiros *Annales* eram uma corrente marginal, revolucionária e minoritária dentro da França na década anterior à II Guerra Mundial, o seriam também, ainda que em menor medida, dentro da Itália na mesma época.

Por isso, não estranha que a Itália seja, junto com a Espanha, um dos países onde os *Annales* braudelianos do pós-guerra (entre 1956 e 1968) haveriam de difundir-se com mais força. Porque, junto com o importante trabalho levado a cabo por certos historiadores ligados mais ou menos diretamente com os *Annales* – Frederico Chabod, Armando Saponi, Delio Cantimori, Gino Luzzato e posteriormente Ruggiero Romano, Franco Venturi e Alberto Tenenti, entre outros – há que se considerar também não só o malogrado intento, desde 1948, de se publicar em italiano (mesmo antes que em francês) o manuscrito blochiano da *Apologie pour l'Histoire ou Métier d'Historien*,¹¹ bem como acontecimentos tão significativos quanto a publicação em italiano de *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II* em

¹⁰. Independentemente da interpretação que se possa dar a estes dados específicos, algumas questões permanecem abertas: quem eram esses cem leitores italianos, regulares e assíduos, dos primeiros *Annales*? Seriam historiadores, economistas, cientistas sociais ou pessoas cultas em geral? Acaso desapareceram sem deixar vestígio algum na historiografia italiana? Ou, pelo contrário, prepararam veladamente o terreno onde floresceriam depois os *Annales* na Itália? Tema interessante para se pesquisar ulteriormente.

¹¹. Sobre este empreendimento falido, ver Vivanti. “Editoria e storiografia”. e Mastrogregori. “Le manuscrit interrompu: *Métier d'Historien* de Marc Bloch”.

1953 (apenas dois meses antes que a publicação da tradução espanhola e quatro anos mais tarde que sua edição original em francês) ou a seleção de textos de Marc Bloch, *Lavoro y tecnica nel Medioevo* em 1959, entre outros.

Com esse importante trabalho editorial, claro sintoma do crescente interesse dos historiadores e intelectuais italianos pelo fenômeno *Annales*, não apenas se impulsionou a popularização dos *Annales* dentro do meio intelectual francês, como também se criaram, na própria Itália, as bases da atual popularidade da corrente ¹². Difusão importante fora das fronteiras francesas, realizada durante os anos 50 e 60, que não é um dado exclusivo do espaço italiano, mas que parece encontrar-se igualmente dentro da Espanha franquista dessa época. Assim, os intelectuais espanhóis e de língua castelhana contaram desde 1952 com a tradução da *Apologie pour l'Histoire (Introducción a la Historia*, em espanhol) e, desde 1953, com a de *El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II*) anteriormente mencionada.

¹². Outro “eco” indireto desta difusão do “fenômeno *Annales*” na Itália foi o projeto da *Storia d'Italia*, dirigido por Ruggiero Romano e Corrado Vivanti, no qual colaborou diretamente Braudel. Está ainda por ser estudada a complexa e multifacetada relação de Braudel com a Itália que, para além da colaboração citada, inclui: a elaboração do “guia” sobre Veneza, as contribuições no *Corriere della Sera*, as diversas consultas aos arquivos italianos, a atividade no Instituto Francesco Datini, de Prato, os vínculos com colegas e discípulos italianos e, também, a constante e recorrente reflexão teórica sobre a história da Itália, que reaparece e se depura tanto no *Mediterráneo...* como em *Civilization material...* Nesta linha, deve também ser considerado seu trabalho em co-autoria com Romano sobre o porto de Livorno (*Navires et marchandises...*). Sobre a difusão em geral dos *Annales* na Itália, veja-se Treppo. “La libertà della memoria”; Cantimori. “Prefazione”; Luzzatto. “L’opera storica di Marc Bloch”; Aymard. “Impact of the *Annales* school in Mediterranean countries”; Romano. “Encore des illusions” e Mastrogregori. “Le manuscrit interrompu:...”, além do conjunto de ensaios reunidos no livro *Braudel e l'Italia*. Sobre o vínculo Braudel–Itália vejam-se, de Fernand Braudel, o *Mediterráneo...*; *Venise*; *Civilização material...*; *Il secondo rinascimento...*; e Aymard. “L’Italia–mondo nell’opera de Fernand Braudel”.

Mais ainda, ante à impossibilidade de estudar e desenvolver abertamente uma historiografia “crítica”, de caráter marxista, se voltaram de maneira generalizada aos ensinamentos da corrente francesa.

Discípulos então, entre outros, de J. Vicens Vives (cujas “convergências” alcançadas por sua própria via com o enfoque dos *Annales* não são casuais, mas testemunham sobre as “exigências gerais” que a época levanta aos historiadores daqueles tempos), os historiadores espanhóis receberam, desde então, e com muita aceitação, o enfoque annalista. Como no caso da Itália, se mantém ainda hoje como um enfoque de primeira ordem dentro das perspectivas da moderna historiografia da península Ibérica.¹³

Dessa maneira, o mapa da difusão dos *Annales* começa a configurar-se ante nossos olhos: são basicamente os países da zona “mediterrânica” da Europa ocidental – dessa Europa latina cuja “comunidade de um certo tipo de discurso e de sensibilidade cultural” parece esboçar-se de maneira mais ou menos clara –, países que desenvolveram ou acolheram de maneira privilegiada o conjunto de aportes da corrente francesa.

Do ponto de vista contrário, e igualmente numa perspectiva de conjunto, resulta notoriamente claro o fato de que os países da Europa ocidental setentrional foram basicamente refratários ou simplesmente ignorantes dos *Annales*. Observando as primeiras quatro décadas da corrente, no período que compreende os primeiros e os segundos *Annales*, veremos que sua presença ou influência é praticamente nula tanto na Alemanha quanto na Áustria, ou no outro lado do canal da Mancha.

¹³. Sabemos ainda pouco sobre o desenvolvimento da historiografia espanhola durante o período do governo franquista. Não obstante, os escassos indícios com os quais contamos parecem ir no sentido de confirmar a hipótese aqui aventada. Esta questão merecerá pesquisa ulterior.

Enquanto isso, no mundo germânico floresciam as mais distintas escolas e o debate se entabulava em torno das “velhas obras” dos “mestres”: Otto Ranke, Karl Lamprecht, Max Weber, Alfons Dopsch e, mais adiante, sobre a visão desencantada de Oswald Spengler; na Inglaterra, Alfred Toynbee dava à luz seus imensos trabalhos com pretensões de grandes explicações globais. Na Ilha, os desenvolvimentos e aportes daquela que mais tarde seria chamada de “Escola dos *Annales*” caracterizavam-se por sua total ausência¹⁴. Assim, será apenas nos últimos seis ou sete lustros, e só pela via indireta de sua popularização e difusão na América do Norte, que os *Annales* começaram a estender-se e a serem conhecidos dentro dos meios intelectuais da Inglaterra e dos países de fala germânica do Norte da Europa ocidental.

A velha fratura entre a Europa ocidental mediterrânica e a Europa ocidental setentrional volta a ser presente, agora em função do modo com que em uma e outra região se acolheu favoravelmente a corrente annalista ou foi-se indiferente e alheio à mesma.¹⁵ Claro está que esta “receptividade acolhedora” e esta

¹⁴. Com uma notável exceção que é a obra de Bloch. Mas, curiosamente, se Bloch alcança já desde os anos trinta uma certa fama em toda Europa, é mais como medievalista de primeira ordem e não como dirigente ou representante conspícuo da corrente dos *Annales*. Sobre este ponto, veja-se Burke. “Reflections on the historical revolution...”.

¹⁵. O que seria, sem dúvida, apenas um primeiro corte vasto e muito geral do espaço europeu ocidental. Para uma análise mais particular do problema seria necessário recompor, com maior cuidado, o mapa das distintas *sensibilidades culturais de longa duração* que têm lugar neste espaço da Europa ocidental. Então, encontraríamos ali, possivelmente, uma Europa do Norte donde o “nórdico” se apresenta quase puro na península escandinava e na Inglaterra; com outro “Norte” mais “sensível” ao Sul e a Leste, mais contaminado por outras influências, que é o mundo de fala germânica. Igualmente, ao reconhecer mais de perto o mundo mediterrâneo europeu, poderíamos separar um Sul muito mais “puro” e radicalmente latino e mediterrânico na Itália, Espanha e Sul de França, de um Sul mais em interação e permeável ao Norte, no Norte de França. Assim, poderíamos então compreender, talvez, porque os *Annales* nasceram na França, e

suposta “fria indiferença” não se explicam exclusivamente, nem mesmo centralmente, por causas ou motivos gerados na mesma época em que este projeto dos *Annales* se desenvolveu. Remontam suas raízes profundas e suas razões a um período que data, pelo menos, de meio século antes – e possivelmente ainda mais. É necessário seguir o fio do tempo para perguntarmo-nos: o que aconteceu, no plano da história das idéias, com estas duas Europas que se opõem em sua atitude frente aos *Annales* durante os 60 anos anteriores ao nascimento da corrente historiográfica francesa?

A reconstrução da história do marxismo, entre 1870 e 1930, poderá fornecer uma pista comparativa muito sugestiva para responder a essa questão.

II

O bakunismo encontrou apoio (...) na Itália e na Espanha, onde as condições reais do movimento operário estão todavia pouco desenvolvidas (...) e sua conspiração foi apoiada até certo ponto pelos proudhanistas franceses, especialmente no Sul da França.

Karl Marx. Carta a Frederich Bolte de 23 de novembro de 1871.

inclusive explicar o dado curioso, mas não casual já assinalado por Fernand Braudel em seu artigo “Personal Testimony”, de que a grande maioria das principais cabeças dos *Annales* e de seus antecedentes nasceram justamente no noroeste de França: Henri Berr, Lucien Febvre, Marc Bloch e o próprio Braudel provêm desta zona, desse Sul europeu ocidental mais próximo e contaminado pela Europa nórdica. Lamentavelmente, não há muitos trabalhos a respeito deste mapa complexo das diversas *sensibilidades culturais de longa duração* presentes na Europa ocidental, problema que permanece aberto e ainda por resolver. Para os fins desta investigação, nos contentamos com o corte mais geral aqui esboçado (omitindo, ademais, a consideração de uma parte dessa Europa mais nórdica, da Dinamarca e da península escandinava), conscientes, contudo, das limitações que implica e do caráter apenas aproximado de nossa hipótese de trabalho.

Se projetamos agora ao período 1870–1930 o duplo mapa que descobrimos – a respeito da forte difusão ou da ausência praticamente total do enfoque dos *Annales* – causará surpresa a exata “coincidência”, ainda que “invertida”, com o mapa do débil desenvolvimento ou importante florescimento do marxismo. Que aconteceu, então, com a difusão do marxismo neste período que antecede ao nascimento dos *Annales*?

Sobre o início desse período de que agora nos ocupamos, temos à disposição as informações que deixaram os próprios Marx e Engels. Sabe-se que, logo após a derrota da Comuna de Paris, a França deixou de ser a vanguarda política do movimento operário europeu, tendo seu centro se deslocado para a Alemanha¹⁶, na opinião de Marx. Este recentramento do eixo dos movimentos da classe operária na Europa ocidental e as seqüelas do desenvolvimento anterior do anarquismo europeu são pontos chave para se reconhecer o mapa igualmente desigual de irradiação da concepção marxista da história nestes diferentes países.

Se recordarmos a história da Primeira Internacional e seus conflitos internos, estaremos prevenidos do fato altamente significativo de que são justamente Itália, Espanha, o Sul da França (o famoso *midi* francês) e a Suíça latina, as zonas onde o

¹⁶ Cf., por exemplo, Engels. “The workingmen of Europe in 1877”, v. XXIV, p. 211 e 221–222. Neste trabalho, escrito em 1872, Engels traça um primeiro mapa do desigual futuro previsível do movimento operário nos distintos países da Europa. Ainda que aqui não nos interessa tanto o problema da história do movimento operário em si, mas sobretudo a história da difusão do marxismo na perspectiva comparativa de um problema de história das idéias, também é verdade que há uma certa correlação, mediada e complexa, mas real e operante, entre o maior desenvolvimento do movimento operário e a mais fácil e florescente adoção da concepção marxista. Não é a toa que os historiadores do socialismo e do marxismo, seguindo neste ponto as idéias de Marx e Engels, vinculam o florescimento do anarquismo na Espanha, Itália e França ao caráter ainda fortemente agrário das economias destes países.

anarquismo de Bakunin arraigou-se de maneira verdadeiramente popular. Ao contrário, é praticamente nulo na Alemanha, Áustria e Inglaterra.¹⁷

A Primeira Internacional se divide na mesma época em que a Comuna de Paris levava a cabo seu heróico intento de “tomar o céu de assalto”, dando assim expressão concreta às diferenças que existiam nos países da Europa ocidental quanto ao grau de maturidade para se adotar e desenvolver criativamente o marxismo, que a essa altura iniciava a aventura de sua primeira irradiação geral dentro da Europa.

Assim, esta forte difusão do anarquismo nos países mediterrânicos da Europa ocidental, vinculada ao grande peso das estruturas agrárias dentro de suas respectivas economias, seria só uma “primeira expressão” (no plano da história das idéias) da atitude pouco receptiva que essa parte da Europa terá do marxismo ao longo de todo o período considerado. Por outro lado, aqueles países do Norte da Europa – onde nasceu e firmou-se o marxismo desde os primórdios da Primeira Internacional – serão também aqueles onde a doutrina marxista haveria de florescer e se arraigar mais profundamente durante as seis décadas que agora nos ocupam. Vejamos isso em detalhe.

Entre 1870 e 1930, como se sabe, o marxismo mais rico e diversamente desenvolvido, dentro dos marcos do Ocidente europeu – pois o marxismo russo é também, para os critérios da época, altamente sofisticado – é o alemão. Os mais interessantes debates nos planos filosófico, histórico, econômico e político têm como cenário o mundo intelectual alemão, no qual confluem não apenas vários dos teóricos marxistas alemães, mas também

¹⁷. Marx, Engels e Lafargue traçaram muito bem a história desta difusão do bakuninismo na área mediterrânea da Europa ocidental em seu artigo “Un complot contra la Asociación Internacional de Trabajadores”. Veja-se também os trabalhos de Engels. “El Consejo General a todos los miembros de la Asociación Internacional de Trabajadores” e “Los bakunistas en acción”.

personalidades tão notáveis como a polonesa Rosa Luxemburgo ou os austríacos Karl Kautsky, Rudolf Hilferding e Otto Bauer.

Ainda que seja correto que o marxismo alemão tenha falhado em suas estratégias diante da crise revolucionária da I Guerra Mundial, também não há dúvida de que foi o marxismo mais desenvolvido daqueles tempos, tendo a seu crédito não apenas o legado intelectual de Marx e Engels, mas também uma plêiade de personagens que, de acordo com as condições da época, trataram de aprofundar e assimilar a herança dos fundadores do materialismo histórico.¹⁸

Marxismo florescente que teve também outro espaço privilegiado de difusão na parte austríaca da monarquia dupla do império Austro-húngaro. Porque a Áustria, nessa época, não era apenas uma região que intercambiava fluidamente as influências do marxismo alemão com os aportes de sua própria cultura, mas que também, e a partir de sua situação peculiar às vésperas da I Guerra¹⁹, constituía-se num espaço que lograva produzir seus próprios pensadores marxistas, portadores de um nível teórico e de uma originalidade em relação a seus desenvolvimentos

¹⁸. O fato de que muito poucos marxistas (entre os quais se destacam Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht) tenham estado à altura das tarefas que levantava a guerra de 1914–1918, por si já aponta para a estatura intelectual enorme da concepção marxista da história e das dificuldades para sua real assimilação, vinculadas a fatores políticos e sociais que não podemos abordar aqui.

¹⁹. A Áustria não é somente um país formalmente permeável e receptivo aos influxos culturais da Alemanha, é também um país que possui uma alta complexidade intelectual intrínseca, derivada em parte das muitas nacionalidades que nela confluem e dos diversos problemas e perspectivas que aquelas colocam em sua cultura. Não é casual que junto ao marxismo austríaco, hoje pouco conhecido, porém muito rico e complexo, se desenvolva também o movimento psicanalítico freudiano, ou “Círculo de Viena” na filosofia, e a bem conhecida explosão literária e artística daquela época. Sobre o marxismo austríaco, ver Cole. *Historia del pensamiento socialista*, cap. XII.

específicos que não desmerecem em nada a seus pares alemães. Enfrentando o problema de um Estado onde conviviam várias nacionalidades – as que formaram a “pequena internacional” dentro da Segunda Internacional – e estimulado duplamente pelo influxo do marxismo alemão e pelas conseqüências profundas, imediatas e previsíveis das duas revoluções russas de 1905 e 1917, este marxismo austríaco encontra em Bauer, Renner ou Hilferding os seus representantes mais conspícuos, completando assim o mapa da difusão continental do marxismo dentro da Europa ocidental (setentrional).

Curiosamente, e como que uma exceção a esse mapa da difusão do marxismo que procuramos esboçar, a Inglaterra dá a impressão de permanecer alheia a esta irradiação. Pois ainda que tenha sido o país onde Marx e Engels desenvolveram sua atividade teórica e parte de seu trabalho político durante longos períodos de suas vidas, também parece claro que logo após sua morte a Grã Bretanha não conheceu importantes continuadores ou pensadores que difundiram o enfoque marxista neste lado do canal da Mancha.

Desta maneira, parece evidente o fato de que a Ilha se mantém à margem, tanto da difusão do marxismo, como mais adiante da irradiação dos *Annales*, vinculando-se mais possivelmente neste plano da história intelectual tanto a um universo especificamente anglo-saxão que contemplaria a América do Norte, como ao Norte “mais puro” da Europa ocidental, dinamarquês e escandinavo, que aqui ficou de fora de nossas considerações.²⁰

²⁰. Dizemos possivelmente pois seria, em nossa opinião, um tema ainda a ser aprofundado e para o qual, como dissemos, as investigações são ainda insuficientes. De qualquer modo, é interessante constatar que, tanto o marxismo como a visão “annalista”, chegam de maneira relativamente tardia a este espaço intelectual inglês. O marxismo se firma e expande apenas até os anos 50, e os *Annales* até apenas uns três ou quatro lustros no máximo.

Visto então o problema em seu conjunto, o mapa da Europa ocidental setentrional, que era a zona de mais débil ou nula difusão do “fenômeno *Annales*”, confunde-se, durante os seis decênios imediatamente anteriores à existência da corrente francesa, com o mesmo mapa da forte difusão e florescimento do marxismo. Ao mesmo tempo, e de forma complementar, os países mediterrânicos que haviam conhecido o auge do bakuninismo anarquista seriam os países em que o marxismo alcançaria apenas uma débil presença e limitada difusão, perdendo-se praticamente dentro dos diversos espectros intelectuais destas nações mediterrânicas.

Chegando a este ponto, quase podemos adivinhar a resposta à pergunta sobre a difusão do marxismo na França, Itália e Espanha entre os anos 1870 e 1930.

A França não conheceu, exceto os trabalhos originais e interessantes (ainda que um tanto limitadas em sua perspectiva global) de Paul Lafargue, quase nenhum debate ou novo desenvolvimento criativo que pudesse qualificar-se de marxista. Submersa na elaboração das teorias anarco-sindicalistas de Georges Sorel, ou reunida em torno das visões socialistas (mas não comunistas) de Jean Jaures, a França de antes e depois do caso Dreyfus, apresenta-nos um quadro de uma historiografia dentro da qual o marxismo se acha realmente ausente.²¹

Nesta perspectiva, parece que o estigma com que Marx marcou o “marxismo francês” que lhe era contemporâneo – e que o levou a pronunciar a frase célebre: “a única coisa que eu sei é que não sou marxista” – se manteve vigente ao longo de todo o período 1870–1930, desembocando num marxismo a tal ponto alheio ao pensamento de Marx, que muito pouco teria que dizer

Sobre a relação de Marx com o socialismo inglês, veja-se G.D.H. Cole. *Historia del pensamiento...*, tomo II, p. 356–357 e 368–375.

²¹. A este respeito, ver o interessante artigo de Suratteau. “Les historiens, le marxisme et la naissance des *Annales*...”.

em relação ao projeto crítico e verdadeiramente inovador dos primeiros *Annales*.²²

Assim como na França a figura de Paul Lafargue aparece como um oásis no deserto, assim também Antônio Labriola e logo depois Antônio Gramsci representam, dentro do meio intelectual italiano, as exceções isoladas que confirmam a regra, à medida em que ambas testemunham, igualmente, o minoritário e escasso papel do verdadeiro marxismo no seio desta Itália tragicamente pré-facista. Sem interlocutores de sua invergedura, sem um debate rico em idéias que os alimentassem e que os estimulassem a ir além, e imersos num meio que parecia mais hostil que receptivo a seus próprios esforços, os dois Antônio marxistas da Itália, no fim do século XIX e início do seguinte, se perderam dentro de um movimento que, fortemente influenciado pelo pensamento social francês, se ramificou entre os católicos, os anarco-sindicalistas, os socialistas do centro e da direita. E, finalmente, um “socialismo de esquerda” que, às vésperas da I Guerra Mundial, se achava representado por um personagem que seria mais adiante sombriamente famoso, como o foi Benito Mussolini.

Carregando ainda por seis décadas as seqüelas de ter sido o “país predileto” de Bakunin (como disseram Marx e Engels), a Itália conheceu um só empreendimento – infelizmente abortado pelo facismo – de desenvolver um verdadeiro marxismo, original e criativo, que foi o grupo do *Ordine Nuovo*, fundado em 1919. Mas preso Gramsci e todos os comunistas ligados a seu grupo, abortou-se a única possibilidade séria de gestação de um

²². A figura de Jules Guesde é emblemática deste peculiar “marxismo” francês. Tendo sido primeiramente bakuninista, transformou-se em seguida em um marxista empedernido e trabalhou ao lado de Lafargue, para terminar, não obstante, participando em um ministério burguês após a primeira guerra mundial. Sobre esta errática história do marxismo e do socialismo franceses, ver Vranicki. *Storia do marxismo...*, tomo I. p. 266 e 273–278 e tomo II, p. 84–87; Cole. *Historia del pensamiento...*, tomo II, p. 302–308 e 410–411, tomo III, p. 354–355, tomo VI, p. 21, 28–32 e 42 e tomo VII, p. 116–117.

marxismo conectado às exigências do momento na Itália ²³. Finalmente, sabe-se que a Espanha é o país europeu onde o anarquismo prosperou mais que em qualquer outra parte. Desde a cisão da Primeira Internacional, a maioria dos trabalhadores tomaram o partido dos bakuninistas, como reconheceu o próprio Engels ²⁴ e, em 1873, com a derrota do movimento dirigido por esses mesmos anarquistas, o proletariado espanhol caiu numa letargia da qual só foi se livrando posterior e muito lentamente. Durante o período que nos ocupa, o anarquismo e o anarco-sindicalismo permanecem predominantes no panorama intelectual espanhol, que não conheceu praticamente nenhum marxista ou grupo marxista de verdadeira importância.

Assim, o duplo mapa da desigual difusão do marxismo se completa e se “encaixa” perfeitamente com o mapa da assimétrica irradiação dos *Annales*. A correlação “inversa” se estabelece de maneira totalmente coerente e nos mostra que os países que no período 1870–1930 conheceram somente um débil desenvolvimento ou presença do marxismo, são justamente os países onde puderam propagar-se as obras e propostas da corrente dos *Annales*. E, inversamente, os países da Europa do Norte que aqui contemplamos, onde o marxismo floresceu e ganhou força e presença intelectual (com a mencionada exceção da Inglaterra), foram os países daquela zona que permaneceu substancialmente alheia e indiferente ao “fenômeno *Annales*”.

Trata-se, assim, de uma “senda” ou corte da Europa ocidental que não remonta ao século XIX e nem ainda aos albores da moderna sociedade capitalista no século XVI, mas que finca suas raízes na verdadeira longa duração. Fernand Braudel já havia assinalado a curiosa coincidência entre a linha que divide, à época das Reformas (com o plural febvriano), a Europa católica e

²³. Sobre o caso italiano. Vranicki. *Storia do marxismo*, tomo I, p. 278–284, tomo II, p. 72–73 e também Cole. *op. cit.*, tomo IV, p. 176, 187–188 e 191 e tomo V, p. 351–355.

²⁴. Veja-se a respeito, Friedrich Engels. “Los bakuninistas en acción”.

a protestante, com a velha linha do *limes* romano, que separava os povos do império romano e os habitantes da antiga Germânia.²⁵ Trata-se, pois, de uma “fronteira cultural de longa duração” que se fez presente amiúde dentro da civilização européia ao longo de toda sua história: seria então estranho que a Europa ocidental do Império romano, depois Europa católica, que no século XIX foi a Europa do anarquismo e do fraco desenvolvimento do marxismo, fosse no século XX a mesma Europa da forte difusão dos *Annales* e da chegada tardia do marxismo? É ainda difícil entender, igualmente, que a velha Germânia dos princípios de nossa era, retratada por Tácito, foi depois a mesma Europa protestante, prolongando-se no século XIX como a Europa do nascimento e florescimento do marxismo mais sofisticado e, no século XX, como a Europa dos mais frágeis “ecos” da corrente dos *Annales*?

Fernand Braudel seguramente sorriria, com um pouco de malícia e bom humor, frente a formulação destas hipóteses sobre sua própria corrente.

III

(...) a longa duração se apresenta, pois, como um personagem embaraçoso, complexo, com frequência inédita. Admiti-la no seio de nosso ofício não pode representar um simples jogo, a acostumada ampliação de estudos e curiosidades.

Fernand Braudel. A longa duração.

Uma vez reconhecidas as profundas e antigas filiações de algumas das diversas sensibilidades culturais nacionais da Europa ocidental frente ao marxismo e à corrente dos *Annales*, podemos perguntar-nos agora sobre as razões essenciais que explicam essa

²⁵. Vejam-se, por exemplo, de Braudel, *Las civilizaciones atuales*. p. 303–308 e “The rejection of the reformation...”

peculiar “repartição” espacial do ocidente europeu, em relação a ambas as correntes de interpretação histórica, que são muito possivelmente as mais velhas dentre as vertentes historiográficas em vigência dentro do campo dos estudos históricos da atualidade. Será que ambas as concepções da história “respondem” finalmente a uma só e mesma pergunta fundante? Tratam-se de dois caminhos diversos de aproximação a um mesmo objetivo ou processo geral?²⁶

A questão é complexa e encerra muitos elementos e implicações de ordens diversas. E é uma questão que, atingido este ponto de reflexão, exige algum tipo de solução. Como uma hipótese provisória, e sob a luz do conceito de longa duração, procuraremos esboçar uma via de entrada mais apropriada à questão.

Marx foi claro quando tratou de explicar os porquês do nascimento da concepção materialista da história. Para ele, o marxismo, enquanto um esforço de explicação realmente científica da história, ou seja, explicação coerente e global do devir histórico, que busca causas profundas e leis gerais desta

²⁶. Em nossa opinião, poderiam ser interpretadas como respostas positivas a esta pergunta as declarações de dois autorizados autores, em relação a esse problema. Henri Berr, falando dos motivos do surgimento dos *Annales*, disse: “(Lucien Febvre) fundou com Marc Bloch os *Annales d'Histoire Économique et Sociale*: tinha o especial propósito de esclarecer um aspecto da vida das sociedades que havia permanecido muito tempo na sombra e para o qual o marxismo havia chamado a atenção”. Henri Berr. *La síntesis en Historia*, p. 301. Ver também o comentário de Braudel a esta afirmação, onde fala da *Revue de Synthèse*, dentro da França “idealista” de antes de 1914 que haveria, por sua parte, ignorado a Karl Marx. Braudel. “Hommage à Henri Berr”, p. 24. Braudel também asseverou: “(...) mas, como eu disse na Universidade de Leningrado, se a história é uma ciência, ou pelo menos uma investigação cientificamente conduzida, é necessário, seja qual for nosso ponto de partida, que nossos caminhos se cruzem finalmente”. Braudel. “Marc Bloch à l'honneur”, p. 92. Esta declaração foi feita, justamente, a respeito da relação entre os *Annales* e o marxismo.

evolução e que objetiva decifrar de modo crítico o sentido geral desse longo processo, não foi um fato casual, mas necessário, cujo nascimento se vincula a um determinado momento do progresso histórico e que só pôde surgir a partir de certas condições específicas.

Qual teria sido esse momento especial no qual o marxismo haveria de aparecer para “inaugurar” com seu nascimento o moderno projeto de constituição de uma verdadeira ciência da história? Quais as condições particulares que possibilitaram tal inauguração? Sintetizando a complexa explicação de Marx diremos que, em sua perspectiva, a história não pode ser explicada “cientificamente” senão a partir do momento em que ela tenha se convertido em verdadeira história “universal” ou seja, somente quando todas as histórias locais, parciais e isoladas de ontem – que até agora se desenvolveram por caminhos diversos e autônomos como histórias de povos, de raças, de grupos e de impérios – alcançarem sua verdadeira “unificação” em escala planetária, e se “imbricarem” em um só movimento que acompanhe e coordene os distintos ritmos de desenvolvimento em uma só “sinfonia universal”. Só então a história pode converter-se em verdadeira história universal (mostrando agora seu real sentido enquanto “história da espécie humana”), história do processo do devir dos homens em geral.²⁷

²⁷. A este respeito, disse Marx: “O resultado é: o desenvolvimento geral, conforme sua tendência e potencialmente, das forças produtivas –da riqueza em geral–, como base, e assim mesmo a universalidade da comunicação, por fim o mercado mundial como base (...) daí, também a compreensão de sua própria história como um ‘processo’ de conhecimento da natureza (o qual existe como poder prático sobre esta) como seu corpo real.”. Marx. *Elementos fundamentais...*, p. 33. É justamente a observação desta história em sua dimensão universal e sua compreensão como “processo global do gênero humano”, o que permite perguntar-se acerca de suas causas profundas de evolução, acerca de seu sentido último e sobre os peculiares modos de seu desdobrar-se através do espaço e do tempo. Em suma, o que permite constituir uma “ciência” sobre esta história.

Terminam então as histórias paralelas, necessariamente particulares, do império romano, do povo chinês, da raça negra, dos fiéis do Islão ou das etnias ameríndias, para dar lugar ao nascimento e afirmação de uma só história humana, universal, planetária e estritamente global. É apenas a partir desta história universal – moderna e recente criação da sociedade burguesa capitalista – que pode ser entendido, na visão de Marx, o sentido profundo desta história do homem (desta “pré-história da humanidade” para utilizarmos seus próprios conceitos).

Esta história universal, ao ser decifrada pela primeira vez enquanto “processo” ou odisséia prolongada de “longa duração”, torna patente o verdadeiro objetivo ao qual aponta, através de seu complicado transcorrer: ao pleno e harmonioso controle da natureza e a superação da escassez originária das sociedades e, portanto, à superação da atividade externamente imposta do trabalho, ao fim da política e das classes sociais, em suma, à criação das condições necessárias para o desenvolvimento da verdadeira vida social dos homens.

Porém, se esta história realmente “universal” é a condição obrigatória e o marco necessário do surgimento do projeto moderno de constituição de uma real ciência da história, então torna-se evidente que este projeto de explicação científica do histórico deve ser necessariamente recente, como o é igualmente esta história universal, que se foi construindo lenta e progressivamente entre os séculos XVI e XIX, acompanhando os passos do processo econômico de formação do mercado mundial capitalista.

É só esta rede do mercado mundial que pôde criar, de modo prático, a verdadeira unificação econômica em escala planetária e, a partir dessa unificação econômica, a concomitante “unificação histórica” em todos os demais planos da vida social.²⁸

²⁸. Sobre esta “unificação” ou universalização complexa da história, que chega a abarcar toda a superfície do globo terrestre, veja-se Braudel. “European

Por isso, o momento em que esta unificação da história dos homens alcançou seu primeiro ponto de maturação geral (no século XIX) foi quando se fez possível o nascimento da concepção marxista da história. De tal modo que o marxismo, enquanto “primeiro” esforço de construção de uma ciência moderna da história, chegou ao mundo justamente no momento em que a pequena “economia-mundo” européia alcançava seu ponto máximo de expansão territorial, chegando a fazer-se presente em praticamente toda a esfera do planeta – e delineando para si mesma e pela primeira vez as dimensões de uma economia “mundial”, a qual não logrará manter sob sua rede mais que por um curto período, que se encerra com as duas guerras mundiais do século XX.

Sabemos também, sob a luz dos ensinamentos de Braudel, que este longo processo de maturação da história universal é ao mesmo tempo o processo de medição de forças na qual a Europa mediterrânica, hegemônica durante séculos na “economia-mundo” européia, cede lentamente esse lugar à Europa do Norte, que começa então a comandar, a partir de vários centros, o movimento geral no qual a Europa “se faz mundo”, num sentido mais que metafórico.

Medição de forças de grande invergadura dentro da “economia-mundo” européia, que em nossa opinião se acha justamente na base da explicação do duplo mapa europeu ocidental que reencontramos, tanto para o marxismo como para a corrente dos *Annales*. Sob essa luz, seria demasiado estranho o fato de que seja este Norte da Europa, agora dominante, o espaço no qual tenha surgido e se desenvolvido com mais força o marxismo durante o século XIX e parte do XX? Por outro lado, seria por acaso tão difícil explicar que a mesma necessidade de constituição de uma verdadeira ciência da história chegasse à Europa mediterrânica mais tardiamente e por vias que são

expansion and capitalism” e, obviamente, sua grande obra *Civilização material...*

necessariamente diversas das de sua primeira e original aparição, ou seja, pelo peculiar caminho do que representa o “fenômeno *Annales*” ?

Marx, tentando de explicar o caráter ainda vigente de certos resultados da civilização grega, se valeu da comparação metafórica com as crianças, falando de crianças precoces, normais e tardias. Ao leitor cabe decidir se o marxismo foi uma criança demasiado precoce, respondendo à pergunta da Esfinge sobre o nascimento da ciência da história, ou se, ao contrário, os *Annales* foram uma criança que chegou tardiamente para oferecer sua solução à mesma questão.

DOWNLOAD FREE

DOS ANNALES “REVOLUCIONÁRIOS” AOS ANNALES “MARXISTAS”: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A CORRENTE DOS ANNALES E O MARXISMO*

Pessoalmente, tenho pela obra de Karl Marx a mais viva admiração (...) se alguma vez os historiadores, adeptos de uma ciência renovada, decidiram dar-se a uma galeria de ancestrais, o busto barbudo do velho profeta renano terá seu lugar, na primeira fila, dentro da galeria de sua corporação.

Marc Bloch. *L'Étrange défaite*, 1940.

Nas ciências sociais, assim como nas naturais, existem sempre perguntas cuja solução pressupõe previamente a supressão e a particularização dos próprios termos da questão inicial. A este gênero de perguntas pode corresponder perfeitamente aquela que levanta de início a complexa relação entre a corrente dos *Annales* e o marxismo.

Porque, ao formular a procura de nexos específicos que estabeleceram estas duas grandes correntes de interpretação histórica, formula-se, na verdade, mais que uma única questão, todo um universo de problemas. A corrente dos *Annales* é na

*. Este artigo foi publicado na revista *Iztapalapa*, n. 26, México, 1992.

realidade um termo cômodo, que sintetiza e abarca uma complexa trajetória que inclui uma certa diversidade de autores, linhas de investigação e perspectivas historiográficas sucessivamente desenvolvidas dentro das sete décadas de vida que conta o movimento annalista. Por sua parte, o termo marxismo pode referir-se tanto às concepções originalmente desenvolvidas por Marx e Engels, como à atividade prática e a presença política dos discípulos deles, ou ainda às reelaborações e interpretações teóricas da doutrina marxista por parte de seus distintos epígonos.

Desse modo, questionar a relação *Annales*/marxismo significa entrar num campo problemático complicado e aberto que, atualmente, não está ainda claramente delimitado e estabelecido. Se não é difícil encontrar afirmações ou referências sobre este ponto na literatura que discute a trajetória global dos *Annales*, também é verdade que se trata, em sua maioria, de simples alusões ou levantamentos tangenciais, sendo muito mais escassos os trabalhos que recuperam esta questão tomando-a como um de seus eixos ou problemas “centrais”.¹

Ao se olhar mais em detalhe este universo de questões, resultam claras a amplitude e a dificuldade de sua resolução. Que

¹. Vale a pena observar a *ampla diversidade de referências* em torno desta temática, para a qual é necessário remeter-se aos trabalhos de Burguière. “Histoire d'une histoire: la naissance des *Annales*”; Aymard. “The *Annales* and the french historiography”; Braudel. “A modo de conclusión”; Revel “The *Annales*: continuities and discontinuities” ou Le Goff. “L'histoire nouvelle”. Mais centrados, explícita ou implicitamente, neste diálogo e comparação dos *Annales* com o marxismo, são os textos de Mairé. *Le discours et l'historique*; Wallerstein. “Braudel, los *Annales* y la historiografía contemporánea”; Cedronio. “Perfil de las ‘*Annales*’ a través de la página de las ‘*Annales*’”; Guerreau. *El feudalismo. Un horizonte teórico*; Fontana. *Historia. Análisis del pasado y proyecto social* ou Aguirre Rojas. “Hacer la historia, saber la historia... e “De *Annales*, marxismo y otras historias.... Estes dois últimos “e encontram nesta compilação.

marxismo existiu na França durante os períodos sucessivos da vida da corrente dos *Annales*? Qual sua relação com o “marxismo de Marx” e sua atitude face aos desenvolvimentos das ciências sociais francesas de sua época? Como se infundiu esse marxismo e como se deixou influenciar pelo ambiente intelectual do hexágono? E, por outro lado, qual foi a atitude dos distintos *Annales* frente à obra de Marx, aos marxistas em geral e aos marxistas de seu próprio país? Qual o jogo recíproco de interpenetração entre as perspectivas e trabalhos annalistas e os aportes marxistas, sejam aqueles originalmente propostos por Marx, sejam os de seus epígonos franceses? Como se percebe, este leque de perguntas – que se poderia prolongar e detalhar muito mais – exige uma série de investigações e análises que ainda não foram realizadas e sobre as quais só se deram os primeiros passos.

Essas questões são fundamentais porque, de nosso ponto de vista, as “duas” perspectivas ou concepções da história mais amplamente difundidas no planeta são a dos *Annales* e a do marxismo. Contando ambas com uma respeitável tradição e com um acervo estabelecido de contribuições, que hoje são referências dentro dos diversos debates historiográficos nacionais de inúmeros países, estas duas correntes disputam entre si e ao mesmo tempo compartilham aqueles espaços intelectuais contemporâneos.

Sem pretender responder a todo o conjunto de problemas levantado, mas com o claro ânimo de continuar promovendo seu exame e discussão ulteriores, tentaremos avançar algumas hipóteses em torno desta complexa problemática da relação entre os sucessivos *Annales* e os respectivos elementos ou realidades do marxismo, com os quais os primeiros coexistiram.

I

(Lucien Febvre) ... foi um leitor muito atento de Max Weber e de Sombart, mas sobretudo de Marx. Algo que nem todos perdoarão facilmente.

Fernand Braudel. Lucien Febvre et l'histoire, 1956.

Se nos colocamos, então, no contexto intelectual francês do período entre-guerras, em que nascem os *Annales d'Histoire Économique et Sociale* (os “primeiros *Annales*”), o primeiro fato a destacar será precisamente o de que se trata de um ambiente intelectual e social no qual a presença do marxismo é absolutamente frágil ou mesmo quase inexistente². Fato que não é, para a época, nem recente nem puramente francês, mas remonta pelo menos à segunda metade do século XIX – e que se projeta praticamente por todo o mundo mediterrâneo europeu ocidental.

Desde os tempos de Marx e até a viragem decisiva representada pela II Guerra Mundial, a França não conheceu – salvo algum autor isolado, como por exemplo Paul Lafargue, exceção a confirmar a regra – praticamente nenhuma escola, grupo ou corrente que tenha desenvolvido criativamente o marxismo e que tenha contribuído de maneira significativa para com o acervo dos trabalhos marxistas europeus e mundiais que se produziram nesta época.

Neste panorama particular de uma clara ausência de tradição teórica marxista, que com suas variantes respectivas se repete também na Itália e na Espanha, a França gera, nessa época, obras de perfil “socialista” ou “crítico” (mas “não” marxista) realmente marcantes como as de Jean Jaures, François Simiand, Georges Sorel, Ernest Labrousse ou Georges Lefebvre, para não mencionar

². Cf. Suratteau. “Les historiens, le marxisme et la naissance des *Annales*.... Também as indicações de Anderson. *Consideraciones sobre el marxismo occidental* e nosso artigo “De *Annales*, marxismo y otras historias...”.

mais que alguns dos autores mais importantes. E é nesse contexto de um marxismo débil ou quase inexistente que se gesta e consolida o projeto crítico e revolucionário dos primeiros *Annales*. O que implicaria numa série de efeitos.

Pois, como se sabe, foi precisamente o marxismo que renovou a análise da sociedade anteriormente esboçada por distintos autores dos séculos XVII e XVIII, fundando em sentido estrito o “moderno” projeto de uma ciência histórica. Coube também ao marxismo, além de inaugurar o ramo dos estudos da história econômica moderna, desenvolver uma série de paradigmas sobre o “modo científico” de levar a cabo a reconstrução dos fatos históricos, paradigmas que constituem uma parte importante da arquitetura conceptual da complexa cosmovisão materialista da história.³

Mas a França não teve êxito, desde o século XIX, em arraigar em seu seio este rico fenômeno intelectual que foi o marxismo – o que em certa medida se explica pelo forte caráter ainda agrário da sociedade francesa e, por fim, pelo seu desenvolvimento capitalista mais lento e tardio – no plano das idéias, ficou carente dos horizontes e aportes que, por seu turno, conheceu o mundo de fala germânica da mesma época, no qual o marxismo floresceu de maneira importante desde o último terço do século XIX até sua bárbara destruição por obra dos nazistas.

Igualmente, e de modo até certo ponto natural, resulta curioso constatar como esse projeto crítico dos *Annales* do início viria “refazer por sua própria conta” um caminho que, guardadas as devidas proporções, equivale dentro da França ao caminho percorrido por Marx setenta anos antes, “redescobrimo” a sua própria maneira os mesmos temas recentes da investigação historiográfica na área da história econômica, bem como os paradigmas metodológicos já postulados por Marx, tais como os

³. Cf. Echeverría. “Definición del discurso crítico”. Também nossos artigos “El problema de la historia en la concepción de Marx y Engels” e “Economía, escasez y sesgo productivista...”

da história global, a visão de larga duração ou a crítica das concepções históricas empiristas e idealistas.

Trata-se, então, de uma série de coincidências curiosas, mas totalmente lógicas. Pois, enquanto Marx funda a análise “científica” da moderna historiografia econômica, será depois Henri Pirenne, um dos principais antecedentes intelectuais dos *Annales*, que haverá de se converter em verdadeiro fundador dos estudos histórico-econômicos realizados em língua francesa ⁴. E serão, mais adiante, os próprios *Annales* que haverão de dar, na França, guarida à história econômica dentro do campo mais vasto da investigação histórica.

Se essa coincidência em uma problemática central para ambas as perspectivas facilitou a aproximação entre os autores dos *Annales* e o marxismo, tal processo se complementaria no plano metodológico com a crítica da história empirista e positivista anterior e, portanto, com as postulações dos paradigmas metódicos que os *Annales* elaboraram no processo mesmo de fundamentar sua “diferença” frente à historiografia francesa que os precedeu e que, significativamente, tinha muitos pontos de proximidade com a perspectiva metodológica de Marx. Porque, neste exercício de crítica e inovação dos paradigmas da história positivista anterior, os primeiros *Annales* foram estruturando, por exemplo, a reivindicação de uma história

⁴. Ademais, resulta curioso constatar que Pirenne foi acusado, junto com seu mestre Karl Lamprecht, de sustentar posições *marxistas* (cf. Demoulin. “Henri Pirenne et la naissance des *Annales*”, p. 273). É importante sublinhar o fato de que Pirenne, Bloch, Febvre e Braudel dominavam a língua alemã, tendo assim acesso direto aos resultados principais de produção historiográfica nessa língua; produção, como se sabe, que se achava então muito influenciada pelo marxismo, seja no seu aprofundamento, seja em sua crítica. Além disso, todos estes autores, antecedentes ou dirigentes dos *Annales*, nasceram nas “zonas de fronteira”, em regiões dessa franja *privilegiada* nas quais se encontram as duas Europas culturais, a mediterrânea e a européia do Norte, como bem havia assinalado Braudel (cf. “Personal Testimony” e nosso artigo “De *Annales*, marxismo y otras historias...”).

concebida como uma “história global ou total”. Uma história de amplíssimas dimensões, que não só deveria abarcar “todo vestígio humano” produzido no tempo e todo fenômeno ou realidade histórico-social possíveis, mas também deveria ser construída e concebida de “outra” maneira de aproximação a seu objeto, do ponto de vista da totalidade ⁵. História global pelas dimensões de seu objeto de estudo e por seu modo de aproximar-se dele, que nos reenvia imediatamente à tese de Marx que afirma que não existe mais que “uma só ciência”, a ciência da história, e a sua exigência metódica de analisar todo fenômeno social do ponto de vista da totalidade, da perspectiva dessa “iluminação geral na qual se banham todas as cores e que modifica suas particularidades”, ao redefinir assim a essência particular desses fenômenos imersos nessa totalidade.

História globalizante ou total que é ao mesmo tempo uma história-problema, uma história “problemática” segundo a expressão de Lucien Febvre. História que, assumindo os vínculos entre o historiador e seu objeto, trata de fazê-los “explícitos” através do estabelecimento inicial do problema a ser investigado. Porque toda história “parte de um problema” a ser resolvido, e é justamente este questionário inicial apresentado aos dados e à investigação empírica que determinam posteriormente, e muito, o próprio itinerário dos resultados dessa investigação. História-problema que, deste ponto de vista, lembra-nos também a

⁵. Não se trata aqui, para retomar uma discussão que se tornou novamente *up to date*, de promover uma visão *multi* ou *interdisciplinar* de um objeto que acaba sendo apenas o ajuntamento dos muitos objetos “parciais” próprios de cada uma das “ciências” ou disciplinas sociais atuais, mas de “deslocar-se para outra forma de análise” na qual o objeto e o olhar sobre o mesmo são radicalmente “distintos”. Após operado este deslocamento, surge então um “objeto novo e global” – que podemos definir como o deslocamento diverso do social-humano através do tempo– estudado a partir de uma “nova perspectiva”, também “totalizadora”: a que vai do todo para a parte, e não o contrário, desde o “recorte predefinido” do objeto, que só posteriormente intenta reconstruir seu lugar e seu nexos com a totalidade de que faz parte.

atinada crítica marxista à “simples coleção de fatos mortos” a que chegava a história empirista, em sua falsa pretensão de objetividade e neutralidade frente aos dados e fatos históricos fundamentais. E, finalmente, uma história que reconhece a novidade e o caráter totalmente incipiente do projeto que procura constituí-la em verdadeira “empresa racional de análise”, segundo a concebe Bloch, em genuíno projeto de explicação “científica” dos processos históricos, e que em consequência se autodenomina, tanto na versão dos primeiros *Annales* como na prévia formulação de Marx, como uma “história aberta ou em construção”. História que todavia “se está fazendo”, à medida que se descobrem constantemente novos métodos e técnicas de aproximação ao objeto, que se incorporam novos territórios e espaços de análise, que se enriquecem permanentemente, com novas e complexas hipóteses e com mais elementos de julgamento e interpretação.⁶

Ao reencontrar então, em seus levantamentos da história global, da história-problema e da história como projeto aberto ou em construção, todo um conjunto de exigências metodológicas nas quais Marx havia insistido meio século antes, os primeiros *Annales* desenvolvem ademais uma obra historiográfica que despertou o interesse e recebeu a aprovação dos estudantes de esquerda franceses daquela época ⁷, sendo, do nosso ponto de vista, uma obra realmente suscetível de uma recuperação crítica e altamente frutífera, a partir do marco da

6. Para um desenvolvimento muito mais amplo destas “afinidades metodológicas” entre os *Annales* iniciais e o marxismo, cf. nosso “Hacer la historia, saber la historia...”.

7. Pierre Vilar reafirmou esta idéia muitas vezes, chegando a dizer que Bloch e Febvre foram como uma espécie de “marxistas inconscientes” ou que “faziam marxismo sem sabê-lo” de todo. Sobre o clima geral desta época, cf. Vilar. “Recuerdos y reflexiones sobre el oficio de historiador”, e seu “Prefácio” aos três volumes de *Cataluña en la España Moderna*, bem como Suratteau. “Les historiens, le marxisme...”.

verdadeira concepção materialista da história de Marx ⁸. Deste modo, a distinção que Bloch estabelece entre relação feudal e relação de servidão, e a dupla tipologia particularizada que de cada uma delas se desdobra, a reconstrução febvreana da “utensilagem mental” dos homens do século XVI, ou a rica análise braudeliana dos conteúdos do que ele chama de “civilização material”, são todos desenvolvimentos conceptuais e historiográficos sumamente interessantes que, a partir de uma leitura crítica marxista, podem ser proveitosamente recuperados para a explicação materialista, do modo de produção feudal, do processo da reforma religiosa do século XVI ou da supressão do sistema das necessidades e das capacidades humanas de um certo metabolismo social pré-capitalista, respectivamente.

A partir deste claro conjunto de afinidades – que *não* são identidades – problemáticas, metodológicas, conceituais e historiográficas entre os *Annales* de Marc Bloch e Lucien Febvre e os desdobramentos do marxismo original, torna-se compreensível a “atitude prática” que adotaram os fundadores dos *Annales* a respeito do marxismo e de certos intelectuais de esquerda contemporâneos a eles. Porque se consideramos, de um ponto vista amplo, a política editorial que seguiram estes primeiros *Annales* e a elaboração da revista, poderemos constatar que ela esteve aberta e serviu de tribuna de difusão a autores de clara filiação “comunista” ou de esquerda, como Georges Friedman, Franz Borkenau, Camille–Ernest Labrousse, Georges Lefebvre ou Henri Mougín.⁹

⁸. Para uma tentativa de recuperação do *modelo blochiano* exposto em *La Sociedad Feudal* a partir de uma perspectiva marxista, veja-se nosso artigo “El modo de producción feudal”.

⁹. Cf. Allegra e Torre. *La nascita della storia sociale...*, p. 314–331. Veja-se também o comentário de Febvre a uma obra de Borkenau. “Fondations économiques, superstructure philosophique: une synthèse” (*Annales d'Histoire Économique et Sociale*, n. 28, 1934). Também a opinião, a nosso ver exagerada, de Guerreau que, devido a essas colaborações, qualifica estes

Abrindo-se a esses autores e ocupando-se com problemas como o plano quinquenal, a coletivização forçada, o movimento stajanovista ou a situação agrária na União Soviética do período entreguerras, os *Annales* de 1929–1939 (então *Annales d'Histoire Économique et Sociale*) constituem um lugar de encontro dos intelectuais socialistas e de esquerda franceses com o conjunto dos historiadores e cientistas sociais que naqueles tempos cultivam e expressam desejos de verdadeira inovação, “ares de mudança” das perspectivas tradicionais de análise das ciências humanas então vigentes.

Isso não significa, em absoluto, que possamos qualificar estes *Annales* de Bloch e Febvre como “*Annales* marxistas”. Se são claras as afinidades teóricas e historiográficas de certos resultados da corrente francesa com o marxismo e, também, manifesta sua abertura prática aos problemas e aos autores de esquerda, também são consideráveis suas críticas explícitas a certas visões do “materialismo histórico” e suas reservas em relação a certos elementos ou hipóteses da própria obra de Marx. Porque, em uma atitude digna de lembrança, tanto Bloch como Febvre realizaram uma grande distinção entre Marx e seus diversos discípulos: se ambos declararam abertamente sua admiração pessoal pelos trabalhos do autor de *O capital*, ambos criticaram as aplicações ou supostas derivações, simplistas, mecânicas e elementares dos pretensos seguidores ou discípulos marxistas tanto franceses como de outros países.¹⁰

primeiros *Annales* como “*Annales* marxistas” em seu livro *El feudalismo: un horizonte teórico*.

¹⁰. Matizada e complexa, a posição de Bloch e Febvre sobre Marx e os marxistas vale a pena de ser observada mais em detalhe. Porque ela abarca tanto a admiração a Marx e a algumas de suas hipóteses (cf. Bloch. *L'Étrange défaite*, p. 195, e Febvre. “Capitalisme et Reforme”, p. 350–351; Idem. “Techniques, sciences et marxisme”, p. 674 e “L'étude des faits sociaux: problèmes de méthode”, p. 403), como a crítica global de alguns “maus marxistas” que teriam vulgarizado a versão original da doutrina, o “marxismo de Marx” (cf. Febvre. “Pour rectifier une connaissance élémentaire du marxisme”) ou a

A questão se torna mais complexa se levamos em conta o distinto sentido dos itinerários intelectuais que viveram Bloch e Febvre nessa época. Pois ainda que seja correto, de maneira geral, que ambos foram leitores atentos e admiradores declarados de Marx e, ao mesmo tempo, críticos ou reticentes com respeito a trabalhos de marxistas europeus que conheceram e leram dentro de seus respectivos campos de interesse¹¹, também é significativo que, numa observação mais detida de suas trajetórias intelectuais e de vida, ambos seguiram caminhos com sentidos claramente divergentes.

Em nossa opinião, parece claro que Febvre partiu de uma posição e de um meio no qual a influência de Jean Jaures era muito importante, sustentando, então, na primeira década do século, posições de um certo socialismo meio proudhonista, meio jauresiano¹², para avançar progressivamente em uma linha que abandonava este ponto de partida, acentuando suas críticas às versões do materialismo histórico então difundidas na França.

crítica mais pontual de algum marxista inglês (cf. Bloch. “Classification et choix des faits en histoire économique...”, p. 258) ou de um certo “marxismo proveniente da Rússia” (cf. o já citado “Capitalisme et Reforme”, p. 364). A partir do que Lucien Febvre denuncia a escassa ou nula aplicação realmente criativa do marxismo para a elaboração de novos “resultados historiográficos” capazes de demonstrar a validade concreta da teoria de Marx (cf. “Techniques, sciences et marxisme” p. 672–678).

¹¹. É preciso assinalar que, lamentavelmente, as obras marxistas que Bloch e Febvre conheceram e criticaram não eram as melhores obras marxistas então produzidas, o que em parte se explica, sem dúvida, em função das áreas específicas a que se dedicaram estes dois autores. Bloch e Febvre praticamente ignoravam as obras maiores da Escola de Frankfurt – apesar de seu contato com Franz Borkenau –, os trabalhos de Georg Lukács ou de Karl Korsch e, inclusive, mais antigas ainda, as ricas, interessantes e polêmicas abordagens de Rosa Luxemburgo, Otto Bauer ou Karl Renner, para mencionar apenas alguns casos.

¹². Cf François Dosse. *L’histoire en miettes*, p. 54–61, onde também se retoma esta complexa relação dos primeiros *Annales* com o marxismo e os marxistas da época.

Conquistando progressivamente, nesse entreguerras, o reconhecimento acadêmico e institucional, Febvre caminhou firmemente no sentido de uma posição cada vez mais “apolítica”, e que reforçava o ceticismo e a distância em relação a seus antigos co-discípulos ou companheiros de inclinação socialista, assumindo então uma postura que o levaria a sustentar a necessidade de continuar publicando os *Annales* mesmo que sob a censura nazi, e ao preço de aceitar a concessão de eliminar o nome de Marc Bloch do *staff* da revista.

No outro extremo, Bloch seguiu um caminho quase inverso. Filho de renomado professor da Sorbonne e herdeiro de um *status* derivado do que isso significava no meio acadêmico francês, Bloch traçou um itinerário que, ao introduzir a história econômica como um de seus temas centrais de investigação, aproximou-se inelutavelmente da obra de Marx. Ao mesmo tempo, e devido em grande parte a sua experiência de judeu francês, perseguido e hostilizado pelos nazistas e seus cúmplices franceses, o autor de *L'Étrange défaite* foi aos poucos radicalizando em sua postura teórica e em sua concepção política pessoal, até o ponto de chegar a participar voluntariamente – e com responsabilidades de certa invergadura – no movimento de resistência francesa à ocupação alemã, movimento pelo qual perdeu a vida a 16 de junho de 1944.

Deste modo, a ruptura entre Bloch e Febvre na primavera de 1941¹³ é sintoma evidente dessas posições dos fundadores dos *Annales*. Trajetórias contrapostas que, se em parte explicam a

¹³. Ruptura da qual havia dado notícia o próprio Febvre, no número de homenagem a Marc Bloch dos *Annales d'Histoire Sociale* de 1945, mas que só mais recentemente começa a ser conhecida em todos seus detalhes e implicações (e que, esperamos, poderá ser aprofundada a partir da próxima publicação da correspondência completa entre Bloch e Febvre, anunciada recentemente). Sobre esta ruptura, veja-se o artigo de Mastrogregori. “Le manuscrit interrompu...” e Fontana e Guerreau, citados. Esta ruptura só culmina uma tensão permanente que caracterizou todo o período 1929–39, foi descrita em detalhes por Carol Fink. *Marc Bloch: a life in history*.

riqueza e a profundidade desses *Annales* iniciais, complicam e matizam ao mesmo tempo essa relação entre os *Annales* anteriores à II Guerra Mundial e o universo de elementos marxistas, socialistas e de esquerda já mencionados.

Parece claro, então, que os primeiros *Annales* não são propriamente marxistas, mas sim “revolucionários”, considerando-se que levaram a cabo uma verdadeira “revolução no conhecimento histórico” dentro da França; *Annales*, ainda, que com matizes e fases específicas foram dirigidos por grandes historiadores, admiradores declarados da obra de Marx, e que abriram sua revista à colaboração de autores de clara filiação de esquerda, tratando de problemas candentes que interessavam a esses mesmos círculos intelectuais de inclinação socialista. *Annales* que, finalmente, operando dentro de sua própria rota, terminaram elaborando – dentro de um meio marcado pela quase total ausência da tradição marxista –, um conjunto de paradigmas metodológicos similares àqueles que Marx reivindicava e promovendo o desenvolvimento da temática da história econômica dentro da França.

Com o advento da II Guerra Mundial, porém, acaba essa “conjuntura cultural privilegiada” vivida na França e em toda a Europa, que foram os anos 1920 e 1930, a qual permitiu tanto o nascimento e a consolidação dos *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, como essa relação um pouco ambígua e cheia de arestas, entre esses últimos e o universo dos socialistas e homens de esquerda dessa época.

Após o difícil parênteses da guerra – que, como vimos, radicaliza a tensão interna dos diretores dos *Annales* até o ponto de sua ruptura aberta –, muda completamente o panorama social e intelectual francês. Tudo se transforma com o Plano Marshall na Europa do segundo pós-guerra; mudam também os *Annales* e o próprio marxismo, e conseqüentemente as formas de sua relação.

II

Disse alguém, zombando, que sou o último dos marxistas, o que não é verdade (...) o que eu gosto em Marx é que ele possui a percepção da longa duração (...) ademais, Marx é um economista que possui também o senso agudo da História...

Fernand Braudel. Entrevista ao periódico *Rinascita*, 1983.

O início da II Guerra Mundial abre, para a história dos *Annales*, uma larga transição que se prolonga até 1956, ano da morte de Lucien Febvre. Pois será a partir deste momento, quando Braudel toma a direção efetiva da revista – num cenário intelectual radicalmente distinto da primeira fase –, que começam o que se pode chamar dos “segundos *Annales*” ou “*Annales* braudelianos”.

Nessa época, logo após a II Guerra Mundial, começou a difundir-se o que poderíamos chamar estritamente de um marxismo “mediterrâneo”, um marxismo peculiar aos países do Sul da Europa ocidental. Assim, se as três décadas anteriores à I Guerra Mundial – inclusive parte importante do período entreguerras – haviam conhecido um forte crescimento do marxismo da Europa do Norte (alemão, austríaco e polonês, sobretudo), e este marxismo se anula totalmente a partir do massacre sofrido sob o nazismo, agora, em parte como fruto intelectual das reacomodações originadas pela II Guerra, teve lugar pela primeira vez na história um *boom* do marxismo nos países europeus de fala latina. Marxismo mediterrâneo que parecia haver tomado o lugar do antigo marxismo Norte-europeu, durante os cinco lustros posteriores ao fim da II Guerra.

Porém, assim como a cultura Norte-européia é diferente da cultura mediterrânica, do mesmo modo haveriam de diferenciar-se o marxismo setentrional e o meridional. Ao inscreverem-se dentro das distintas “sensibilidades culturais de longa duração” que correspondem a essas duas Europas, e que Braudel percebeu

com acerto ¹⁴, as novas doutrinas – no caso do marxismo – sofrem também um processo de refuncionalização e de readaptação, que as põe em sincronia com o meio cultural dentro do qual haveriam de arraigar-se e florescer.

Por isso, e muito ao modo tradicional da cultura católica dos países mediterrânicos europeus, cultura pública, comunitária e na qual o ritual se encontra mediado pela instituição, é que este marxismo meridional do segundo pós-guerra haverá de se desenvolver e difundir-se nos espaços culturais das distintas nações dessa região. Marxismo mais imediato em suas elaborações e muito menos analítico que seu homólogo do Norte, o marxismo das zonas mediterrânicas é mais ligeiro e expositivo em sua estruturação, mais floreado na explicação e mais abundante e reiterativo no tratamento das questões.

Frente ao marxismo dos países de língua alemã, muito mais denso e reflexivo, radicalmente econômico na argumentação e totalmente sistemático e ordenado (até o ponto de uma certa rigidez), o marxismo mediterrânico se apresenta muito mais livre, criativo e até especulativo, chegando inclusive ao ponto de parecer desordenado.

Marxismos, portanto, radicalmente *distintos* que refletem, através de sua própria diferença, a profunda e definida separação das divergentes formas intelectuais de aproximação das duas velhas Europas da Reforma e da Contra-reforma, e mais distante ainda do Império Romano e da Antiga “Germânia”. Porque não só em sua forma de articulação interna ou em seu modo de constituição teórica se estabelece esta diferença entre os marxismos que consideramos, mas sua desigual natureza específica se faz presente também no que os insere dentro de

¹⁴. Sobre esta “fratura”, veja-se Braudel. *Las civilizaciones actuales*, p. 303–308; “The rejections of the reformation in France” e “La civiltà e’ fatta a strati”. Neste último, Braudel exemplifica esta divisão das duas Europas como o ponto de sua atitude diferente frente ao comunismo e ao marxismo. Veja-se também nosso “De *Annales*, marxismo y otras historias...”

uma realidade, nos seus respectivos “fazer-se mundo” e na maneira concreta de sua difusão e propagação.

Enquanto o marxismo Norte-europeu possui um estatuto teórico muito bem delimitado e independente da prática e se desenvolve como um processo essencialmente “individual de conhecimento”, o marxismo mediterrânico se constrói a partir da pergunta imediata em torno de seu “uso prático”, de sua “instrumentação concreta” – o que não significa necessariamente uso ou instrumentação “política”; por exemplo, o “uso prático” de sua utilização nas escolas como método e concepção de mundo para ensinar as distintas ciências sociais –, configurando-se como um processo do conhecimento que em geral é “coletivo e compartilhado”, como um processo “mediado por instituições” diversas, tais como a academia, o partido, o círculo de estudos, o sindicato ou simplesmente as relações de amizade ou familiares cotidianas.¹⁵

Trata-se, claramente, de dois marxismos muito diferentes. Um, típico do Norte, muito mais “elitista”, limitado em sua propagação e que não se difunde socialmente; que não é popular nem compartilhado e que, distante de todo ritual comunitário, se mantém sempre à margem das instituições acadêmicas, da cultura de massas, em condição realmente herética e marginal frente ao conjunto global do meio cultural em que se insere. O outro, por sua vez, próprio dos países católicos mediterrâneos, é um marxismo muito amplo e até um pouco difuso, socialmente expansivo, popular e que, uma vez penetrando na cultura de massas, é compartilhado e debatido publicamente no seio de pequenas e grandes comunidades, servindo de mecanismo de

¹⁵. Em nossa opinião, a maior parte dos traços que Perry Anderson tipifica como característicos do marxismo ocidental são antes e sobretudo típicos do marxismo *mediterrâneo* ocidental. Faltam ainda mais investigações nesta linha, para poder esclarecer o ponto com melhor precisão. Ver suas *Consideraciones... e Tras las huellas...*

coesão e ganhando rapidamente os espaços culturais e instituições acadêmicas.

Foi justamente com uma variante desse marxismo mediterrânico, o marxismo francês do pós-guerra, que depararam-se Fernand Braudel e toda a corrente dos *Annales* durante seu segundo momento vital (1956–1969). Tal como as demais ciências sociais e da cultura francesa em geral da época, também esses *Annales* braudelianos se deixaram “invadir” e “envolver” por este marxismo, encetando com ele uma relação totalmente distinta daquela que caracterizou os primeiros *Annales* do entreguerras.

Dentro deste novo ambiente intelectual, dominado francamente por esse marxismo popular e massivo que ganhou as cátedras universitárias, o controle das revistas acadêmicas e uma presença formidável dentro das coleções editoriais de todos os gêneros possíveis, não se afigura estranho que a maior parte dos discípulos e colaboradores próximos a Braudel fossem recrutados dentro dos meios de esquerda da intelectualidade francesa da época. Emmanuel Le Roy Ladurie e François Furet foram das fileiras do Partido Comunista Francês (PCF), enquanto que Marc Ferro e Jacques Le Goff pertenciam a uma comunidade de estudantes “com sensibilidade de esquerda”, alguns dos quais formariam mais tarde o Partido Socialista Unificado, ou militaram na oposição ativa à repressão realizada pelos franceses na Argélia. Igualmente, pessoas como Ruggiero Romano ou Denis Richet leram e discutiram diretamente Marx, deixando-se influenciar por ele de uma maneira mais importante.¹⁶

Se os primeiros *Annales*, então, abriram suas portas, entre outros, a autores da esquerda francesa, os *Annales* braudelianos construíram em torno de seu diretor um núcleo imediato de colaboradores, discípulos e seguidores próximos que em sua grande

¹⁶ Cf. Dosse. “L’Histoire en miettes...” Sobre os marxismos europeus de então, cf. Romano. “Encore des illusions”.

maioria eram de esquerda.¹⁷ Trata-se, sem dúvida, de um sintoma da época, mas que reflete também uma evolução profunda do próprio Braudel. Pois este, um pouco como March Bloch, foi gradualmente se aproximando dos trabalhos de Marx, por quem tinha uma expressa simpatia intelectual. À medida que se dirigia mais e mais para o campo da história econômica, preocupado em investigar um tema comum aos interesses de Marx como é a questão das origens e da evolução primeira do capitalismo entre os séculos XV e XVIII, Braudel viu-se compelido a recuperar e examinar mais atentamente algumas teses do próprio Marx.¹⁸

Isso não significa que Braudel tenha se convertido em marxista. Ao contrário. Melhor seria dizer que Braudel “braudeliza” os ensinamentos de Marx, os refuncionaliza e readapta, os traduz para seu próprio modo de ver, para incorporá-los a seu esquema, então em vias de construção, sobre sua peculiar e interessante teoria do capitalismo.¹⁹

¹⁷. O que não impede o fato de que, posteriormente, e com o declive deste marxismo mediterrâneo (que começa nos anos 1970, já no período dos terceiros *Annales*) muitos destes autores mudaram “judiciosamente” de opinião, passando a defender posições conservadoras e modificando radicalmente seus pontos de vista defendidos e até plasmados em obras publicadas durante sua “juventude”. O caso talvez paradigmático destas “mutações de posição” radicais seja François Furet.

¹⁸. Veja-se a maneira com que o próprio Fernand Braudel descreve este processo, não só para seu caso individual mas para toda sua geração, em “Derives à partir d’une œuvre incontournable”. Vale a pena também destacar o fato de que, enquanto na Segunda edição de *O Mediterrâneo...* (que é de 1966), Marx não aparece citado mais que uma só vez (e sem referir esta citação no índice onomástico), em *Civilização material...*, ao contrário, constitui um dos interlocutores centrais e permanentes, às vezes explícito e às vezes implícito do argumento central da obra.

¹⁹. Trata-se de um processo *geral* que Braudel realiza com tudo aquilo que estuda. Todos os autores que influenciaram intelectualmente de uma maneira relevante na perspectiva braudeliana (e primeiro lugar, sem dúvida, Marc Bloch, mas igualmente Pirenne, Hauser, Marx, Sombart, Vidal de la Blache, Febvre, etc.) o fizeram apenas através deste processo de “tradução”,

A partir disso, Braudel não apenas pode dialogar com os marxistas franceses da época, abrindo-lhes também as páginas da revista, os postos de Diretores de Estudo na VI Seção da *École Pratique des Hautes Études*, e as coleções publicadas pelo *Centre de Recherches Historiques*, como também pode trabalhar e debater com praticamente todos os grupos de historiadores marxistas da Europa e mesmo da América do Sul daquele período.

Foi por essa altura que a revista recebeu colaborações de Eric Hobsbawm e do grupo marxista da revista *Past & Present*²⁰, onde se estabeleceu um vínculo com a equipe de marxistas polacos encabeçados por Witold Kula; o recrutamento e a relação orgânica de e com historiadores italianos de filiação esquerdista ou progressistas; os contatos iniciais e a participação em colóquios da União Soviética ou as primeiras aproximações com historiadores comunistas da Hungria ou do Canadá.

É a época do auge da relação do marxismo francês e mesmo mundial com a corrente dos *Annales*. Mas trata-se, como bem enxergou o próprio Braudel, de um fenômeno que é tão interessante e digno de estudo, como conjuntural e circunscrito a certas condições sociais, a uma atmosfera cultural determinada. Se Braudel, nisso igual a Febvre e Bloch, admirou abertamente a Marx, insistindo em sua aguda percepção dos fenômenos de longa duração, em sua visão própria de uma história total e no caráter inteligente e profundo de muitas de suas teses particulares²¹, também preveniu contra o verdadeiro impacto daquele “marxismo da moda” dos anos 1950 e 1960 na França,

de prévia “braudelização” de suas teses. Braudel era, como Marx exigiu sempre de seus leitores, alguém “capaz de pensar por conta própria”.

²⁰. Veja-se, a respeito, Hobsbawm. “Comments”.

²¹. Para citar apenas alguns exemplos: “La larga duración”, p. 103–104; “A modo de conclusión”, p. 37 e 41; “Un’intervista a Fernand Braudel”, p. 6, “Derives a partir d’une œuvre incontournable”, etc. Sobre as “afinidades” especificamente metodológicas e conceituais entre Marx e Braudel, cf. nosso “Hacer la historia, saber la historia...”, nesta coletânea.

assinalando que a mera repetição do vocabulário e a adoção de certas “fórmulas clichés não formam um verdadeiro marxista”, remarcando o fato significativo de que “a maior parte de (seus) alunos era marxista”; contudo, que logo em seguida “todos eles abandonariam o marxismo”.²²

Insistindo assim na distinção, já assinalada pelos fundadores dos *Annales*, entre a obra de Marx e a dos discípulos franceses com os quais trabalhava e convivia, e relativizando a verdadeira e profunda raiz desse marxismo mediterrânico francês de pós-guerra, Braudel não teve qualquer problema para dialogar em suas obras com Marx, e para elogiá-lo explicitamente, ao descobrir pontos de coincidência ou de contato entre suas respectivas elaborações sobre o capitalismo.

Desta maneira, o período braudeliano dos *Annales* consiste, visto retrospectivamente, no momento de mais estreita e próxima relação entre o marxismo e a corrente annalista. Mas a história avança por caminhos muito complexos. Pois foi justamente o fermento subterrâneo e a transformação das consciências dos jovens franceses, que foram educados sob essa espécie de “lua de mel” entre *Annales* e marxismo, o que terminou provocando, entre muitos outros fatores, o grande movimento do maio francês de 1968. Este movimento, de repercussões e efeitos muito mais profundos do que aparentemente se pensou por algum tempo, haveria de significar o claro início de uma virada de página dentro da história cultural da França.

Depois da grande contestação de 1968 e, alguns anos mais tarde, os efeitos que a crise econômica mundial de 1972–1973 provocou na França, volta a modificar-se radicalmente o clima intelectual no hexágono, iniciando-se uma verdadeira ruptura na trajetória global seguida pela corrente dos *Annales* até o momento. É também o início do declive desse marxismo mediterrâneo que,

²². Para estas referências, cf. “La última entrevista de Fernand Braudel”, p. 78–79. E sobre, por exemplo, a diferença entre os comunistas franceses e os italianos, cf. a entrevista intitulada “XX Secolo, la caduta dell'Europa?”.

incapaz de explicar e oferecer alternativas a 1968, começa a contrair-se rapidamente, para terminar eclipsando-se quase por completo por volta do final dos anos 1970.

Os *Annales* voltam a mudar – ainda que agora em uma linha de “descotinuidade” em relação ao momento braudeliano anterior, e não numa linha de “continuidade superadora”, como havia sido a passagem dos primeiros aos segundos *Annales* –, e a partir de 1969 se transformam no que poderíamos chamar de “os terceiros *Annales*”. Se encerra então o ciclo vital do marxismo mediterrânico em geral e de sua variante francesa em particular. É o fim desse estranho matrimônio que conheceram os anos 1950 e 1960 entre os *Annales* e o marxismo, e o começo de um novo período.

III

Hoje, se se é marxista se é capaz de afrontar os problemas atuais, da maneira como e com o espírito que Marx afrontava os problemas de sua época.

Fernand Braudel. “XX secolo, la caduta dell’Europa?”, 1982.

A partir de 1969, Fernand Braudel abandona a direção dos *Annales*, que deixa nas mãos de um coletivo composto por Emmanuel Le Roy Ladurie, Jacques Le Goff e Marc Ferro. Começa então o período dos “terceiros *Annales*”, que durará até 1989, quando da publicação do sexto número desse ano em que a revista completa seis décadas.

Durante essa fase, e de acordo com a virada radical do contexto social e intelectual francês do final dos anos 60, haveriam que se modificar também – e essencialmente – as problemáticas, o papel social institucional e as perspectivas teóricas e metodológicas da corrente dos *Annales*.

Conseqüentemente, sua atitude em relação ao marxismo passa por modificações profundas.

Esses terceiros *Annales* dos anos 70 e 80 viveram dois processos fundamentais: um primeiro é a mudança já aludida em relação ao passado da revista, mudança que possui dimensões de uma verdadeira ruptura; o segundo é um processo de descentramento e perda do monopólio dessa herança anterior e de todo seu legado, que nessa mesma época começou a ser reclamado e recuperado de maneira orgânica e sistemática por outros autores, de correntes diversas, não pertencentes à nebulosa da revista ou ao núcleo imediato dela.²³

Assim, a história praticada por essa terceira geração dos *Annales* abandonou o campo da história econômica e social, para concentrar-se no novo e ambíguo espaço da história das mentalidades. Buscando com ela dar expressão a uma série de inquietações vividas pela sociedade francesa a partir, do Maio de 1968, a história desses terceiros *Annales* se institucionaliza e se integra totalmente ao *establishment*, convertendo-se em parte da cultura oficial francesa dos últimos trinta anos. Ao alcançar então uma difusão e popularidade praticamente mundiais, a corrente dos *Annales* modifica seus perfis anteriores, renunciando, por exemplo, a defender qualquer tipo possível de ortodoxia ideológica e abandonando a

²³. Immanuel Wallerstein assinalou claramente este processo, sublinhando a dificuldade que implica para o estabelecimento de uma nova relação entre *Annales* e marxismo: “Com a multiplicidade de escolas dos *Annales* e com a multiplicidade de marxismos, que significado podia ainda ter, nesta nova conjuntura, falar de confluências ou ao contrário de divergências? Já não era possível aplicar as generalizações da conjuntura anterior” (em “Braudel, los *Annales* y la historiografía contemporánea”).

discussão e o aprofundamento dos paradigmas metodológicos do ofício de historiador.²⁴

Ao romper então com a tradição que haviam estabelecido Marc Bloch e Lucien Febvre, continuada por Braudel, os terceiros *Annales* modificaram também sua atitude em relação ao marxismo, instaurando a respeito dele e seus representantes seja uma posição simplesmente de ignorância voluntária, seja outra de reconhecer seu valor e de seus aportes, porém considerando-os próprios do século XIX, como algo que foi interessante e valioso em seu tempo, mas que se encontraria agora claramente rebaixado pelos novos desenvolvimentos das ciências sociais do século XX. Em ambos os casos, uma atitude que em essência reconhece uma influência distante e marginal de Marx ou dos primeiros marxistas sobre as perspectivas da corrente annalista, influências que seriam um “componente”, entre outros, da formação do historiador.

Assim, embora a maior parte dos dirigentes dos “*Annales* franceses” tivesse em seu passado manifestações de inclinação socialista ou de esquerda, isso não impediu que, considerados “globalmente” ou em sua generalidade e a partir do resultado de suas investigações, produzidos “dentro do período de 1969–1989”, estes *Annales* simplesmente ignorassem os pontos de vista e as contribuições de Marx – as quais, no período braudeliano, foram levadas em alta conta. Salvo algumas poucas exceções, a obra produzida por estes terceiros *Annales* franceses é mais refratária ao diálogo e às influências vindas de Marx, quando não critica, reservada ou explicitamente, o marxismo e os marxistas.

Acompanhando o mesmo ritmo do processo de declínio do marxismo mediterrânico dentro da França, estes *Annales* da

²⁴. Veja-se, por exemplo, Le Goff. *La nouvelle histoire*; Ferro. *L'histoire sous surveillance*; os distintos artigos de Burguière citados na bibliografia ou o de Jacques Revel. “The *Annales*: continuities and discontinuities”.

terceira geração se afastam cada vez mais daquele, terminando por instaurar com ele uma clara relação alheamento.

Porém, naquilo que parecia ser um paradoxo compensatório deste divórcio, haverá de desenvolver-se o segundo processo ou linha evolutiva que mencionamos acima. Ao mesmo tempo em que os terceiros *Annales* anulam sua relação anterior com o marxismo, perdem também o “monopólio” sobre a herança teórica, metodológica e historiográfica de seus antecessores. Porque, junto com a popularização e difusão praticamente mundiais da corrente, que acontece justamente nessa época, dá-se também o processo de recuperação crítica dos principais aportes das obras seminais da corrente, por parte de “outros” historiadores, de “outras” escolas e de “outras” perspectivas historiográficas diversas. “A herança dos *Annales* pertence a todo mundo”, a partir justamente de que estes terceiros *Annales* renunciam a desenvolvê-la e a aprofundá-la criativamente, “dentro do mesmo horizonte” em que ela havia medrado com êxito, durante seus primeiros quarenta anos de vida.

Pois foi como um fenômeno que vem em parte desde o período braudeliano, e que finca suas raízes na estreita e variada colaboração do marxismo com os *Annales*, que se deu a formação, em diversas partes do mundo e alternativamente à postura dos terceiros *Annales*, de um variado conjunto de autores, grupos e orientações que do nosso ponto de vista poderíamos qualificar sem problema de “marxistas” e simultaneamente de “annalistas” e, em consequência, como uma original variante de “marxistas annalistas” ou de novos “*Annales* marxisantes”.

Produto híbrido e singular, estes “annalistas marxistas” proliferaram de maneira sensível justamente neste vinte anos dos terceiros *Annales*, começando a disputar com esses últimos tanto o legado intelectual de seus antecessores e sobretudo de sua “continuação e aprofundamento criativos”, como a influência dentro das diversas historiografias nacionais em todo o planeta, e

inclusive a interpretação crítica da própria história da corrente, convertida agora em “objeto de estudo”.

Grupo de “marxistas annalistas” que é, não obstante, tão diverso e variado como são os distintos marxismos nacionais e regionais, dentro dos quais se formaram aqueles. Entrecruzamento peculiar das perspectivas de Marx e daquelas de alguns autores fundamentais da tradição annalista, este grupo inclui nomes e equipes como as de Immanuel Wallerstein e de certos membros do *Fernand Braudel Center*, assim como a um bom número dos discípulos de Witold Kula, a alguns historiadores catalães como Josep Fontana, como a um venerado grupo de historiadores italianos cuja presença intelectual é, sem dúvida, notória no panorama acadêmico italiano contemporâneo. Tendência, pois, de difusão universal que, para além dos casos mencionados, poderia abarcar também certos autores de formação inicialmente marxista que incorporaram os aportes annalistas, e que se encontram tanto no Brasil como na China Popular, na Costa Rica como na União Soviética, Hungria ou México. Grupo cuja perspectiva intelectual constitui atualmente o principal “contrapeso” às orientações impulsionadas pelos *Annales* franceses, que na opinião de certos autores inclui também importantes historiadores franceses como Pierre Vilar, Michel Vovelle ou Guy Bois.²⁵

Essa nova e singular relação do marxismo com os *Annales* foi gerada, pois, por um descentramento e uma pluralização do monopólio da herança dos primeiros e segundos *Annales*. Uma relação caracterizada por uma certa “interpretação” sistemática, crítica e conduzida de modo plenamente consciente, que como num jogo recíproco que opera uma perspectiva sobre outra para enriquecer a ambas, permite restituir em nosso tempo o que foi sempre uma das exigências centrais do projeto de Marx: a necessidade de recuperar, de uma maneira crítica e criativa, os

²⁵. Sobre este ponto, cf., por exemplo, Bois. “Marxisme et histoire nouvelle”.

distintos resultados das ciências sociais, com as quais o marxismo dialoga e convive faz mais de cem anos.

O período dos terceiros *Annales* (1969–1989) trouxe consigo, junto com o divórcio de annalistas franceses e marxistas, um claro desdobramento da reivindicação prática da herança anterior da corrente e, portanto, a conformação alternativa de outra grande matriz geral dos “*Annales* marxistas” ou dos “marxistas annalistas”, matriz plural e diversa em seu interior, mas caracterizada em seu conjunto por esse intento de “aproximar”, de “fazer dialogar” e confrontar-se a ambas correntes de interpretação histórica contemporânea.

Depois das enormes conseqüências mundiais da *perestroika* soviética e da revolução européia de 1989, mitificada popularmente na queda do muro de Berlim, parece estar emergindo uma nova era social e cultural. Os terceiros *Annales* parecem também haver-se esgotado e o editorial do número 6 de 1989 da renomada revista francesa pode ser claramente interpretado como o projeto explícito de uma renovação radical, de um “*tournant critique*” que anuncia o início dos “quartos *Annales*”, de uns *Annales* diferentes e projetados para o futuro.

Qual será então a atitude desses quartos *Annales* pós-89 frente ao marxismo? Que acontecerá com este último, submetido a uma dura prova, após o fim dos projetos do “socialismo real” experimentados no século XX? Abrirão os *Annales* renovados, mais uma vez, o diálogo com a herança original das obras de Marx? E a discussão franca e construtiva com os marxistas atuais?

O que poderá acontecer com esse “marxismo annalista” ou “*Annales* marxistas” que se consolidaram nas duas últimas décadas? Serão capazes de dar respostas às interrogações do presente, restituindo ao marxismo a complexa e riquíssima cosmovisão de Marx e recuperando a partir dela todo o conjunto de aportes das ciências sociais do século XX? Manterão sua

filiação annalista após estes complicados processos e o levantamento das urgentes tarefas que se encontram na ordem do dia?

Qual será pois, nas décadas que se aproximam, a relação dos “quartos *Annales*” com o marxismo? A resposta a todas estas questões depende dos acontecimentos históricos decisivos que se avizinham. Mas o problema, como bem assinalou Pirenne, consiste no fato de que não existe tarefa mais difícil para o historiador do presente que a de discernir justamente “quais” são esses acontecimentos históricos, separando-os então de outros que, de acordo com a experiência braudeliana, constituem somente “espuma da história”. Trata-se, neste caso, de um belo exercício a ser encarado pelos historiadores.

DOWNLOAD FREE

FAZER A HISTÓRIA, SABER A HISTÓRIA: ENTRE MARX E BRAUDEL*

(...) a concepção materialista da história também tem hoje em dia um monte de amigos a que serve de escusa para não estudar história.

Friedrich Engels. Carta a Conrad Schmidt, 5 de agosto de 1890.

INTRODUÇÃO

Depois de cem anos da referência feita por Engels aos “falsos amigos” do materialismo histórico, a crítica mencionada em sua carta a Schmidt continua sendo aplicável a um número significativo de seguidores presuntivos da visão materialista da história. Ainda hoje em dia, são relativamente numerosos os marxistas que pensam que, para sê-lo, se acham isentos da necessidade de ao menos assimilar e conhecer os principais

*. Este artigo foi originalmente publicado na revista *Cuadernos Políticos*, México, n. 48, 1986.

trabalhos, aportes e desdobramentos da investigação histórica clássica contemporânea.¹

O que, ademais, não pode reduzir-se em sua explicação a um simples problema de descuido, negligência ou desinteresse destes marxistas pelo conhecimento do processo histórico, mas que obedece também a causas mais profundas e significativas, tais como a “complexidade, amplitude e novidade” do discurso historiográfico, concebido não mais como mero relato ou narração coerente dos fatos, mas como uma verdadeira “empresa racional de análise”, como autêntica “ciência” da história.

Amplitude e complexidade dos problemas da história que se complementam com a relativa novidade de serem já não apenas mera consideração empírica e descritiva – ou reconstrução puramente apologética –, mas agora “reflexão científica”.² Dificuldades de caráter diverso que remetem ao fato de que a história trata efetivamente de reconstruir “todo o fazer humano no tempo”, resgatando e interpretando todo vestígio humano

¹. Com o que só revelam sua inadequada compreensão da lógica e coerência interna da cosmovisão de Marx, que tem no *centro* de sua construção a concepção materialista da história. E também seu desconhecimento e pouca fidelidade ao exemplo de Marx e Engels, que foram, durante toda suas vidas, vorazes e insaciáveis leitores, estudiosos e teóricos das distintas obras, trabalhos e investigações existentes e produzidos dentro do terreno da história.

². Sobre Marx, a novidade, complexidade e amplitude da história que assinalamos, derivam de sua própria “finalidade”. Se a história, enquanto história do “homem”, quer entender o progresso, marcha e destino da sociedade humana “em geral”, compreendidos como um “processo global”, só logrará fazê-lo a partir do momento em que se converter em história “universal”. Só assim, como um processo “unitário”, que vincula “em um só movimento” o devir dos principais povos, é que o desenvolvimento humano “pode ser percebido como um processo” e abordado como um objeto, cujas tendências e mecanismos fundamentais podem ser pensados e interpretados de uma ótica que procure ser realmente científica. Mas esta história universal “só é obra do capitalismo” e data unicamente do século XVI. Voltaremos mais adiante a este importante ponto.

possível, todo sinal deixado pelo homem em qualquer dos distintos âmbitos da sociedade e da natureza ao longo das épocas.

O que implica, então, que a história não é outra coisa senão a ciência do avanço “diverso do social–humano no tempo”, a fundamental e de uma certa forma única ciência do social. Por que se ela tem por objeto o estudo não de uma, mas de todas as esferas da realidade social, compreendidas em profundidade no decurso do tempo, é claro que todo fato ou fenômeno social possível se inclui dentro de seus vastos e amplos domínios.

E é assim, nessas colossais proporções, que a história tem sido concebida por alguns dos maiores historiadores e teóricos da história. Para Marx, por exemplo, não existe mais que uma só ciência do social, a ciência da história.³ Só a partir dela, e como seu desdobramento particular, é que se pode entender plenamente seu amplo trabalho de investigação sobre o modo de produção capitalista, no qual a partir de certo momento se concentra privilegiadamente. Porque assumir a “globalidade e a centralidade” da história não significa ter que estudar “todos” os planos da realidade social em todos os tempos, mas somente “ter

³. Ponto sobre o qual voltaremos com cuidado mais a frente. É importante esclarecer que esta “centralidade e globalidade da” história, que a constitui como a ciência do processo histórico “geral, não exclui a pertinência” dos atuais avanços das distintas ciências sociais hoje existentes, “ainda que os recolque centralmente”: sem um pleno reconhecimento de sua “vinculação específica com o todo”, de seu papel e situação “desde o ponto de vista da totalidade”, qualquer análise econômica, política, geográfica, antropológica, sociológica, etc., é necessariamente limitada e parcial, e está em alguma medida incorretamente equacionada. É sem dúvida legítimo que os economistas realizem estudos de economia, que os sociólogos se ocupem das diversas relações sociais ou que os lingüistas desenvolvam seus trabalhos específicos sobre as linguagens e metalinguagens diversas, mas sempre levando em conta este *ponto de vista global*, este marco geral e sempre presente do processo total da história nesta dimensão ampla e universal.

em conta essa totalidade”, em qualquer estudo particular de seus distintos fragmentos. O que, precisamente, Marx buscou fazer em seus trabalhos de análise e crítica da moderna sociedade burguesa.

Se Marx, por óbvias e declaradas razões políticas, se concentrou especialmente no estudo do período capitalista, isso não significa que a concepção materialista da história limite sua capacidade explicativa a essa época moderna, podendo e inclusive “devendo ser ampliada” a outros períodos e problemas históricos, sobre os quais Marx pôde apenas trabalhar de forma muito desigual e não sistemática. Ao mesmo tempo, só a partir dessa “aplicação” e de sua confrontação com outras interpretações da história é que a visão marxista poderá enriquecer-se e consolidar-se, apenas aberta e esboçada em seus traços básicos na obra de seus fundadores.

Se a concepção materialista da história foi proposta por Marx e Engels como uma concepção “aberta” e ainda em processo de constituição orgânica, ela necessita ser desenvolvida, enriquecida e construída não apenas a partir de suas aplicações diretas e criativas aos diferentes problemas e materiais históricos, mas também a partir de sua “confrontação” frente às modernas interpretações, trabalhos e aportes desenvolvidos no mesmo campo da história, mas fora do paradigma marxista. Confrontação que em forma de diálogo aberto, crítico e construtivo permita corrigir e aprimorar uma concepção cuja globalidade e centralidade se encontram ainda em seus primeiros avanços.

Dentro desta confrontação e deste pôr-se à prova do materialismo histórico frente à produção contemporânea no terreno da história, interessa-nos em particular a obra fundamental do historiador francês Fernand Braudel. Isso por várias razões. Em primeiro lugar, pelo fato de que Braudel, como Marx, concebe também a história como uma ciência do “geral”, como uma ciência envolvente e complexa que tem no centro de

seus paradigmas o princípio da “globalidade”, reorganiza e influencia outras ciências sociais a partir de sua própria centralidade.⁴ Para Braudel, a história não é só a pergunta e o esforço de “unidade de todas” as ciências sociais em uma só “interciência”, mas também um modo totalizante de estudar qualquer fenômeno social, uma abordagem necessariamente “globalizante” dos problemas que constituem os temas de estudo das ciências sociais.

Braudel assume então a centralidade e a unicidade da história como parte de seus próprios paradigmas, o que não o impede de concentrar-se também em certos temas específicos que, segundo ele próprio, foram se “impondo” de distintas maneiras em seu trabalho de historiador. E curiosamente Braudel não estudou só a história mediterrânica ou a história da França, mas dedicou “o período mais amplo e maduro de sua vida” – quase trinta anos – à investigação e ao entendimento do período capitalista da história europeia, entre os séculos XV e XVIII. Igualmente a Marx, Braudel toma como centro de suas preocupações teóricas a moderna sociedade capitalista, consagrando a ela um enorme esforço de investigação⁵ que, ainda que inscrito numa linha de

⁴. Diz Braudel: “Na verdade, toda instância –toda investigação do real– é totalizante, como disse Robert Fossaert, e implica a unidade do social. De sorte que não há ciência humana definitiva, que não seja *generalizante*. Então, como a história não o seria mais que qualquer outra, uma vez que ela, frente ao passado – e também ao presente –, é a única a representar o que representa: a interrogação sobre a *unidade* das ciências sociais?” (Cf. Braudel. *L'identité de France*, p. 16. Esta obra é o primeiro fragmento, recém-publicado, do projeto inconcluso de Braudel sobre a história da França).

⁵. Ainda que com propósitos totalmente diversos aos de Marx. Chama a atenção, de qualquer modo, o fato de que alguns dos mais sensíveis teóricos da história, e dos autores que mais agudamente penetraram em sua problemática, acabaram “atropelados” pelo estudo do mundo moderno e capitalista. Isto talvez se deva a que “a sociedade burguesa é a mais complexa e desenvolvida organização histórica da produção” (Marx. *Contribución a la crítica de la economía política* (1857), p. 26), e portanto um “observatório privilegiado” da análise histórica, como a conexão entre

preocupações distinta da marxista, constitui-se num conjunto de reflexões e avanços fundamentais para a compreensão adequada da moderna sociedade burguesa e sua gênese.⁶ O que permite a Braudel fazer brilhantes apreciações não apenas sobre o mundo atual, mas também sobre seus possíveis destinos.

Contudo, não é apenas em sua preocupação e aporte em torno do capitalismo ou em sua similar concepção das dimensões da história que Braudel se aproxima de Marx, mas também no fato de que ao largo de sua obra e como um resultado direto de suas próprias investigações, Braudel construiu conceitos “revolucionários” e fundamentais para a análise da história. Descobrimos novos espaços até então inexplorados pelos historiadores tradicionais, Braudel logra explicar coerentemente os temas concretos que sucessivamente aborda, contribuindo para a consolidação da ainda emergente disciplina científica da história.

Existem, pois, vários pontos de confluência evidente entre a obra de Marx e os trabalhos e investigações de Braudel. Porém, ainda que ambos “falem do mesmo assunto”, e em ocasiões até de posições muito próximas, têm cosmovisões globais “diferentes” e intenções discursivas e práticas totalmente diversas, vivendo ademais – o que em parte explica tal separação de caminhos e concepções – dentro de épocas e contextos também muito distintos.

Portanto, não é fácil nem linear o intercâmbio e o diálogo entre os resultados braudelianos e a concepção materialista da história. Além dessas similitudes e diferenças imediatas e evidentes entre ambos, subsistem ainda grandes interrogações

capitalismo – história universal – ciência da história que assinalamos anteriormente.

⁶. Esforço braudeliano de tematizar e explicar o mundo capitalista, que mereceria um tratamento detido e particular, por ser altamente instrutivo para qualquer investigador do social preocupado com os problemas de nossa sociedade capitalista atual.

em torno delas, como por exemplo: o que representa a imponente obra de Braudel dentro do processo de constituição de uma ciência da história iniciado por Marx? Em que pode contribuir a concepção marxista da história para uma revisão crítica dos trabalhos de Braudel? Que vasos comunicantes podem ser estabelecidos a partir de ambas posições sobre a história? Tais dúvidas animam as presentes reflexões, que longe de proporem respostas definitivas, buscam abrir a discussão e incitar o debate mais avançado e cuidadoso.

I

As ciências sociais terminarão, por fim, um dia, reunindo-se em uma só experiência.

Fernand Braudel. *Continuités ou discontinuités en histoire*, 1950.

Para abrir caminho à solução de alguns pontos levantados acima, importa retomar alguns dos desenvolvimentos centrais da vasta obra de Fernand Braudel, mais com o intuito de esboçar um programa de investigação futuro do que propriamente apresentar resultados acabados. Pretendemos, a seguir, não mais que indicar hipóteses gerais que permitam, mediante sua discussão e aprofundamento ulteriores, uma aproximação mais detida, do ponto de vista da análise marxista, aos trabalhos deste importante pensador.

Pois Braudel foi sem muita controvérsia um dos mais importantes historiadores da segunda metade do século XX, autor “fundamental”, clássico e representativo do que poderíamos chamar de a segunda grande etapa de vida da famosa corrente de interpretação histórica conhecida como “escola dos *Annales*”. Discípulo direto de um dos fundadores desta escola onde levou a cabo seu processo de formação como historiador, Braudel se converte posteriormente na figura principal e na

cabeça dirigente desse movimento intelectual e historiográfico. E mais ainda, tanto a partir de seus profundos e relevantes trabalhos teóricos como com base em sua enérgica atividade prática e organizativa, Braudel foi o artífice direto e impulsionador fundamental do segundo grande alento vital desta corrente. E até seus últimos dias de vida, o exemplo paradigmático da concepção e orientação predominantes neste segundo grande momento na trajetória da escola.

Por isso, para colocar a obra de Braudel em seu verdadeiro contexto, é necessário referirmos à escola dos *Annales*. Sua obra só tem sentido em relação à concepção da história ou ao enfoque proposto por essa corrente. Assim, a visão dos *Annales* é tanto matriz teórica inicial na qual se sustenta a produção pessoal de Braudel, como o paradigma teórico que se desenvolve e se aprofunda precisamente a partir das investigações e aportes desse investigador. É sua pré-condição e seu resultado, de acordo com os distintos momentos de seu desenvolvimento.

Como todo enfoque vivo e duradouro, os *Annales* não surgiram prontos e acabados, mas foram se construindo lentamente ao longo de mais de meio século e através de caminhos e situações os mais variados.⁷ Essa riqueza de seu périplo e a multiplicidade de giros e mudanças de rumo converteram os *Annales* na corrente francesa mais importante de renovação dos estudos históricos no século XX. Seja como esforço de solução dos grandes problemas da ciência da história, seja como contribuição ao processo em marcha de constituição de uma verdadeira concepção científica da história – processo inaugurado desde o século passado–, os *Annales* se encontram entre os protagonistas fundamentais do século XX.

7. Um resumo brilhante do percurso global da escola, de seus protagonistas e de suas orientações básicas em cada um de seus três momentos, encontram-se nos artigos de Braudel: “Personal Testimony”, p. 454–67 e “En guise de conclusion”, p.247–53.

Isso ocorre desde suas origens. Desde 1929, quando a existência dessa corrente toma corpo com a fundação da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*,⁸ era já evidente o sentido global de sua proposta: os “primeiros *Annales*”, como os chamava Braudel, apresentaram-se como um pequeno núcleo de historiadores combativos e inconformados com os modos anteriores e tradicionais de escrita da história.

Por isso, sua intenção primeira, sob a direção enérgica de Bloch e Febvre, foi a de crítica das correntes de interpretação histórica então dominantes na França. Contra uma forma empirista cultuadora dos “fatos”, que privilegiava os documentos escritos como veículo fundamental para o acesso aos mesmos fatos, tidos por objetivos,⁹ se levantará o projeto dos primeiros *Annales*, concentrando a maior parte dos esforços na nova revista.

Por isso, essa primeira fase entre 1929 e 1939 será essencialmente “crítica e polêmica” ante as correntes anteriores, ao mesmo tempo que momento de “nascimento e constituição primária” do novo ponto de vista sobre a história. Nesse período, se inicia a reivindicação por uma história “globalizante” ou “totalizante” que, incorporando todos os avanços possíveis de outras disciplinas sociais, se constitua ao mesmo tempo como “história-problema”, como história que rompe com a concepção

⁸. Sem dúvida alguma houve todo um trabalho *prévio* à constituição já então orgânica e coerente desta “escola”. Desde 1919, quando Bloch e Febvre se encontram pela primeira vez na Universidade de Estrasburgo, começam a gestar as linhas e posições do novo enfoque. O que, ademais, prolonga e retoma – ainda que através de uma *superação qualitativa* – tentativas anteriores de renovação e de crítica das velhas concepções da história, como o de Henri Pirenne, mas também e em “primeiro” lugar, o projeto de “Síntese” animado por Henri Berr desde o final do século XIX (Cf. Berr. *La Síntesis en historia*, p. 4–25; Braudel. “Personal Testimony”, e Febvre. *Combates por la historia*, p. 8).

⁹. Um modelo perfeito deste modo de conceber a história é o manual de Langlois e Seignobos. *Introducción a los estudios históricos*.

ingênua dos fatos e assume conscientemente a preocupação do historiador frente a seu objeto.¹⁰

História crítica, totalizante e “problematizadora” que, durante esses primeiros tempos, se mantém como uma concepção marginal e desprezada pelas principais universidades, institutos e centros acadêmicos, como concepção “alheia” ao *establishment* e totalmente subversiva à situação então imperante. Portanto, história cujo signo é o combate e a luta radical frente ao inimigo, evidente nos principais trabalhos de seus dirigentes.

Concebida e gestada em aberta oposição à história “oficial”, a corrente dos *Annales* haveria de permanecer até 1939 como posição minoritária e não reconhecida pelo mundo acadêmico institucional, mas ao mesmo tempo como a concepção de história mais avançada e promissora dentro do panorama intelectual francês.¹¹

Com a II Guerra Mundial, encerra-se essa primeira etapa. E ainda que durante a guerra os *Annales* mudaram de nome e mantiveram sua publicação dentro de condições as mais difíceis, o fizeram só num nível de permanência quase simbólica da revista. Apenas depois de 1946 a revista retoma seu antigo papel,

¹⁰. Voltaremos mais adiante a esses traços teóricos fundamentais desta primeira etapa dos *Annales*.

¹¹. O qual se faz evidente no apoio recebido por várias das cabeças mais lúcidas dentro da historiografia de língua francesa, e em primeiro lugar pelo próprio Henri Pirenne, que apoiou o lançamento da revista não só com sua aprovação, mas também com sua “colaboração direta” em suas seções de artigos e com sua participação nas discussões sobre o conteúdo, o título e a orientação da revista. Os primeiros *Annales* lograram aglutinar em seu redor, além do próprio Pirenne, pessoas como Henri Hauser, G. Espinas, A. Piganiol, A. Demangeon, Paul Leuilliot, etc. A respeito, veja-se Paul Leuilliot. “Aux origines des *Annales d'Histoire Économique et Sociale*”, assim como Lucien Febvre. *Combates por la historia*.

agora sob o títulos de *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*.¹² Mas já não com a mesma fisionomia da primeira etapa, nem nas mesmas condições. Desde 1949 até a morte de Febvre dez anos depois, a corrente dos *Annales* atravessa um período transitório. Devido em parte à morte trágica de Bloch sob os nazistas e em parte ao novo clima do pós-guerra, inicia-se um certo “reconhecimento” oficial da escola, um processo incipiente de abertura dos foros e espaços acadêmicos oficiais para o grupo reunido em torno da revista. Nos novos *Annales*, mantém-se substancialmente a mesma orientação teórica que havia animado seus primeiros esforços, mas agora a hostilidade e o enfrentamento de antes cedeu lugar à legitimação parcial e a uma institucionalização incipiente. Os historiadores da época começam a recuperar paulatinamente os elementos reivindicados pelos *Annales*, separando-se lentamente da antiga história política e empírica para concentrar-se mais na história econômica e na história social, que progressivamente vinham se afirmando. Cede então o caráter crítico e polêmico da corrente, à medida que a oposição e o bloqueio do inimigo arrefecem por sua vez.

É então que se anuncia a clara mudnaça de curso desta escola histórica. Ainda que esse momento transitório aconteça sob a égide de Lucien Febvre – completando a empresa dos primeiros *Annales* –, esboça-se já a marca da geração seguinte da revista.

Em 1949, Braudel publica sua primeira grande obra dedicada ao tema de *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico à época de Felipe II*, a qual lhe abre as portas do Collège de France no ano seguinte, justamente como sucessor de Lucien Febvre. A partir daqui, a obra “positiva” da escola começa a “predominar” sobre sua atividade crítica, exercendo com mais liberdade e profundidade seus verdadeiros aportes.

¹². Veja-se a respeito, o artigo de Lucien Febvre, aparecido no n. 1 do v. 1, dos “novos” *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations* e reproduzido em *Combates pela história*, p. 59–71. .

Junto como seu *Mediterrâneo*, Braudel alcança o primeiro plano dentro da revista, convertendo-se em sucessor natural de Febvre depois de sua morte. A partir de 1956 até 1968, assiste-se à segunda grande etapa da escola dos *Annales*, aquela na qual a batuta de regente passa para as mãos de Fernand Braudel.¹³

Ao retomar o marco geral elaborado pelos primeiros *Annales*,¹⁴ Braudel e seus colaboradores mais próximos dedicam-se a sistematizar os novos conceitos, a definir os princípios antes propostos e a abrir novas linhas de investigação. É nessa época que se propõe de modo explícito e coerente a idéia da longa duração na história e a visão das temporalidades diferenciais que é seu corolário. É também quando se forma o conceito de civilização material, abrindo sobre este ponto uma ampla averiguação¹⁵ e fomentando trabalhos que retomam este plano da “infra-economia”, desde a questão do clima até a dos hábitos alimentícios ou dos modos e formas de moradia e mobiliário nas distintas civilizações.

Paralelamente a este trabalho positivo, avançaria também o reconhecimento e a popularidade da escola, que se estendeu e difundiu com mais rapidez para chegar a ser praticamente a corrente mais importante, senão a dominante, dentre as interpretações históricas no âmbito da cultura francesa. Com o controle da VI seção da *École Pratique des Hautes Études* (que se

¹³. Braudel fala explicitamente destas duas etapas da escola, ligando-as também a seu antecedente na *Revue de Synthèse Historique* de Henri Berr (cf. Braudel. “Les Annales ont trente ans (1929–1959)”, p. 1).

¹⁴. A nosso modo de ver, entre a primeira e a segunda etapa dos *Annales*, há mais uma linha de *clara continuidade* que “descontinuidades”, ainda que sem dúvida existam diferenças e as condições externas sejam totalmente diversas. Voltaremos a este ponto a seguir. (Cf. Revel. “The Annales: Continuities and discontinuities” e “Historia y ciencias sociales: los paradigmas de los Annales”).

¹⁵. Veja-se a respeito, na seção “Enquêtes ouvertes” de *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, ano 16, n. 4, o artigo de Fernand Braudel “Histoire de la vie matérielle”, de 1961.

tornaria em breve *École des Hautes Études en Sciences Sociales*) e com a fundação da *Maison des Sciences de l'Homme*, a escola dos *Annales* se consolida e se “institucionaliza”, adquirindo espaços próprios e legitimados para seu desenvolvimento e difusão posteriores.¹⁶

Se esta pode ser uma etapa mais “construtiva” no que se refere à proposição de novos conceitos e perspectivas para uma verdadeira ciência da história, pode-se creditar a Fernand Braudel o papel de personagem “clássico”, o mais representativo desse momento da vida dos *Annales*. Em termos analíticos e à margem da datação cronológica de seus vários trabalhos, a obra toda de Braudel deve ser considerada como correspondente integralmente a esta segunda etapa da escola.¹⁷

Por isso, o trabalho de Braudel diverge de imediato do que poderíamos chamar da terceira fase dos *Annales*. A partir de 1968, depois dos sucessos do famoso “maio francês”, Braudel abandona a direção da revista, a qual volta então a mudar de rumo,¹⁸ começando a incorporar uma maior gama de temas e enfoques de todas as ciências sociais, um novo espectro de problemáticas onde a história já não é mais a ciência privilegiada ou dominante

¹⁶. Assim o disse o próprio Braudel: “É verdade que a escola dos *Annales*, que foi, durante dezenas de anos, herética e marginal, é hoje oficial e reconhecida” (cf. “La dernière interview du maître de l'histoire lente”, p. 43). Se bem que esta afirmação seja de 1985, acreditamos que o *processo que converte* a escola em “reconhecida ” e até “oficial” começou a aparecer, cada vez mais claramente, precisamente ao largo da segunda etapa do momento vital da escola.

¹⁷. Assim como a obra inteira de Lucien Febvre e de Marc Bloch são resultado igualmente clássico e paradigmático da primeira etapa dos *Annales*, seu desenvolvimento mais conspícuo e ilustrativo.

¹⁸. Como o anunciará o mesmo Braudel em sua brevíssima nota “Les ‘nouvelles’ *Annales*”. Uma visão panorâmica dos temas, enfoques e linhas de investigação abordados pelos autores desta terceira etapa da escola pode encontrar-se nos três volumes da compilação *Hacer la Historia*, organizada por Legoff e Nora.

dentro do conjunto. Ao adquirir a partir de então um caráter muito mais “internacional” – nas colaborações e nos problemas abordados, tanto quanto na sua projeção e difusão como corrente –, a revista renova suas linhas de investigação e sua política editorial, até o ponto de obscurecer um pouco sua própria orientação ou caráter.¹⁹ E ao mesmo tempo em que se propaga em escala mundial, a corrente se afirma também totalmente dentro do *establishment*, chegando a ser um verdadeiro poder, reconhecido e respeitado, dentro da esfera cultural oficial da França. O que torna mais difícil sua tarefa, pois, como disse Braudel: “... meus sucessores tiveram uma tarefa mais difícil que a minha porque os *Annales*, queiram ou não, entraram no *establishment*, converteram-se em um poder, estão tranqüilos, não têm mais inimigos. E isso gera problemas”. Por que “é difícil ser herético e ser inovador quando, subitamente, se converte em algum sentido ortodoxo”. (Braudel. *En guise de conclusion*, p. 251).

Dificuldades que explicam também, “possivelmente”, a decisão de Braudel de estimular, paralelamente à revista, novas publicações e esforços, como a *Review*, editada por Immanuel Wallerstein no *Fernand Braudel Center for the Study of Economies, Historical Systems, and Civilizations*. Revista e projeto global que a nosso entender deve ser incluído também dentro dessa terceira etapa da escola dos *Annales*.²⁰

¹⁹. É o próprio Braudel quem afirma: “Donde eu não estou de acordo com meus sucessores, é em que eles não escolheram qualquer linha diretriz” (cf. “*En guise de conclusion*”, p. 251). Uma tentativa de explicação da linha “dominante” dos “últimos” *Annales*, de sua terceira etapa de vida, como promotores de uma “história antropológica”, pode ser encontrada no texto de Burguière. “The New *Annales*: a redefinition of the late 1960’s”. Em outro sentido, veja-se também o artigo de Wesseling. “The *Annales* school and the writing of contemporary history”.

²⁰. Resta interessante ressaltar o fato de que esta nova derivação da escola, centrada em torno de Immanuel Wallerstein, encontra a matriz ou paradigma *comum* de toda a escola dos *Annales*, ao longo de sua existência, no sentido *crítico e radical*, na *oposição* e resistência dos primeiros *Annales*, o

II

Os primeiros *Annales*, de 1929 a 1939, são os *Annales* mais brilhantes, os mais inteligentes, os melhor conduzidos e os mais inovadores de toda sua longa série.

Fernand Braudel. “En guise de conclusion”.

Os primeiros *Annales* são o marco geral, o “paradigma” ou proposta global “dentro” da qual se forma a visão específica de Fernand Braudel, seu ponto de vista e concepção particular sobre o próprio caráter da história, sobre seu objeto ou campo de estudo, sobre seus métodos e fins particulares.²¹ Por isso, devemos começar analisando os traços dominantes destes primeiros *Annales*, os pontos-chave de sua “proposta metodológica sobre a história”, que animam as definições e vicissitudes fundamentais da corrente durante esta sua primeira etapa de vida. Essa análise não deve limitar-se a propor apenas um resgate em si mesmo, mas antes uma recuperação “crítica” à luz da concepção materialista da história, um exame que compare e contraste desde as posições do estudo específico desenvolvido por Marx no terreno da história, bem como as lacunas ou limitações do enfoque sistematizado por estes primeiros *Annales*.

Os fundadores desse movimento só se desenvolveram a partir da “oposição” explícita frente a todas as formas tradicionais de

que se considera um de seus eixos fundamentais. (Cf. Wallerstein. “*Annales as resistance*”).

²¹. Braudel, falando da história da “escola” dos *Annales*, comentou: “O princípio está com Marc Bloch e Lucien Febvre, que eram grandes personagens e a quem devo imensamente. Esses são portanto meu predecessores (...)” (“La dernière interview du maître de l’histoire lente”, p. 42).

“fazer e conceber a história” até então vigentes.²² Enquanto projeto de oposição, o esforço intelectual realizado por eles não apenas retomava com gosto as prévias intenções “renovadoras” dos estudos históricos – fundamentalmente o projeto de síntese de Henri Berr e as propostas de Henri Pirenne –,²³ mas também dedicou-se, sistemática e permanentemente, à desestruturação e denúncia das insuficiências e limitações das concepções tradicionais do ofício de historiador.

Os *Annales d'Histoire Économique et Sociale* se posicionam frontalmente contra a concepção tradicional da história, que se assume como uma das disciplinas do conhecimento do social, perfeitamente delimitada e dedicada ao estudo profissional e especializado de seu campo particular de estudo. Para essa concepção especializada, pontual e meticulosa do “histórico”, a história constitui-se apenas no estudo dos fatos do passado –

²². Lucien Febvre, falando dos motivos que o conduziram a sua concepção particular da história, disse: “Assim é como ao reunir-se em mim a dupla aspereza ‘crítica, polêmica e aguerrida’, do Franco Condado e de Lorena, não aceitei de bom grado a história dos vencidos de 1870, suas temerosas prudências, suas renúncias diante de toda síntese, seu culto pelo ‘fato’, laborioso mas intelectualmente negligente e esse gosto quase exclusivo pela história diplomática” (*Combates por la historia*, p. 8). Também registra Braudel: “A escola dos *Annales* se apresenta como adversária da história tradicional instalada na Sorbone (...)” (“La dernière interview du maître del’histoire lente”, p. 43).

²³. Dirá Febvre em 1951: “Nós que pertencemos à *Synthèse Historique*, aos *Annales* (...)” (cf. *La síntesis en historia*, p. IX; também de Fernand Braudel. “Personal Testimony”, p. 456–461). Igualmente, a defesa e aplicação do método da “história comparada”, tão reivindicado e enriquecido pelo próprio Pirenne, será uma constante nos trabalhos de Bloch, Febvre e Braudel. (Cf. Marc Bloch. *Introducción a la Historia*, p. 88 e 114; “Pour une histoire comparée des sociétés européennes”, p. 16–40; Lucien Febvre. *Combates por la historia*, p. 144, 177 e 207–208; Fernand Braudel. *Civilización material, economía y capitalismo*, tomo I, p. 3, e tomo II, p. 2). Já mencionamos também a participação e colaboração direta de Pirenne na fundação dos primeiros *Annales d'Histoire Économique et Sociale*.

mas nunca do presente, o que corresponderia ao campo da sociologia, da economia, etc –, estudo baseado centralmente, senão unicamente, em documentos e testemunhos escritos, o que asseguraria seu “rigor” e “objetividade”.²⁴ Nesta linha, a história seria também uma descrição simples e “neutra” dos fatos “tal como ocorreram realmente” e totalmente à margem de opiniões, preferências, juízos e paixões do historiador. É pois uma ciência com fronteiras, objeto, métodos e fins claramente definidos e solidamente estabelecidos.²⁵

Frente a este saber parcelado, prevenido e tímido se levanta a primeira reivindicação crítica dos primeiros *Annales*,²⁶ para os

²⁴. Daí decorre que ao período anterior à invenção da escrita – e portanto carente de testemunhos escritos - se denomine “pré-história”, remarcando assim sua *insuficiente* condição como parte plena e acabada dos estudos históricos. Lucien Febvre critica esta divisão artificial e carente de sentido entre história e pré-história (cf. *Combates...*, p. 234). Para Marx, ao contrário, como é sabido, e apesar da escrita, nós ainda vivemos na pré-história humana, na fase anterior à verdadeira emancipação social dos homens.

²⁵. Cf., como exemplo *paradigmático* desta visão da história, o já citado trabalho de Langlois e Seignobos. *Introducción a los estudios históricos*.

²⁶. Disse Febvre: “Concordo – atrevo-me a dizer-lo – comigo mesmo, cuja vida toda, cuja cada ação esteve até o presente dirigida contra o espírito de especialidade. (Veja-se, em última instância, meus *Annales d'Histoire Économique et Sociale*)” (*Combates pela história*, particularmente o artigo “Contra o espírito de especialidade”, p. 159–63). Também Marx havia criticado este saber parcelado e estreito que subsume aos “especialistas” em seu limitado campo. Disse Marx: “Cada qual estima que seu ofício é o verdadeiro (...) posto que não se (fundam sobre) estas relações, os conceitos referentes às mesmas se convertem em sua cabeça em conceitos fixos; por exemplo, o juiz aplica um código, por isso estima que a legislação é a autêntica força propulsora. O respeito pelo comércio de um (...)” (Marx e Engels. *La ideología alemana*, p. 80). Idéia muito similar à que expressa Engels quando afirma: “A história da ciência (...) os que se ocupam disto pertencem a campos especiais da divisão do trabalho e se imaginam trabalhando num domínio independente” (Carta a Conrad Schmidt, 27 de outubro de 1890. Veja-se também a carta a Franz Mehring de 14 de julho de 1893).

quais o passado e o presente não podem ser dissociados, pois se explicam e se iluminam mutuamente.²⁷ Portanto, a história não é mera ciência do passado – deixando de lado o fato de que à história só interessa o passado “humano” e não, por exemplo, o passado dos astros, como lembrava Marc Bloch –, mas ciência das “obras humanas” em qualquer momento ou período possíveis. Ademais, não é uma ciência que se baseia somente – nem sequer privilegiadamente – em documentos e testemunhos escritos, mas um processo de conhecimento que recorre a qualquer marca ou evidência humana, seja esta um cartulário medieval ou uma ferramenta de trabalho neolítica, uma pintura ou um caminho conservado por séculos, um resíduo de pólen fossilizado ou os restos de uma cidade antiga, bem como uma lasca de pedra, uma cerâmica, uma flecha antiqüíssima, um poema ou um campo lavrado de uma certa maneira.²⁸ E tão pouco a história é simples descrição ingênua e impessoal dos fatos “em si mesmos”, “tal como aconteceram realmente”, mas sempre uma reconstrução complexa do próprio historiador, uma reordenação, elaboração ou estruturação da situação histórica na qual intervêm necessariamente a pré-concepção, as hipóteses e os problemas do historiador, posto que sempre “é o historiador quem dá à luz os fatos históricos, inclusive os mais simples” (Lucien Febvre. *Combates ...*).

A história é então, para os *Annales* dessa primeira época, uma ciência cujo objeto tem a amplitude mesma do homem e de todas suas obras, atividades, criações e marcas sobre seu entorno.²⁹ Uma ciência do “social–humano” concebido em todas

²⁷. Veja-se a respeito *Introdução à história*, p. 34–41. Idéia também retomada por Braudel e ilustrada em seus artigos “Dans le Brésil Bahianais: le présent explique le passé” e “L’histoire des civilisations: le passé explique le présent”, em *Écrits sur l’histoire*.

²⁸. Cf. Febvre. *Combates pela história*, p. 17–20 e Bloch. *Introducción...*, p. 23–25.

²⁹. Cf. Bloch. *Introducción a la historia* e a definição de Lucien Febvre em seus *Combates...*: “A história é o estudo cientificamente elaborado das diversas atividades e das diversas criações dos homens de outros tempos, captadas

suas dimensões e parâmetros constitutivos e, portanto, uma história “global ou globalizante”, que está atenta tanto aos processos econômicos quanto à evolução da mentalidade, à influência da base e do meio geográfico sobre a vida e a sorte das sociedades quanto à resposta dos homens aos desafios do mundo natural, à forma e mudança das instituições sociais e políticas quanto às transformações técnicas ou hábitos alimentícios. História que cobre “todos” os planos da realidade humana – geográfico, antropológico, econômico, social, político, cultural, jurídico, psicológico, familiar, institucional, científico, etc, etc – e que por isso se vê obrigada a incorporar os desenvolvimentos prévios e presentes de todas as ciências sociais, interagindo com elas e utilizando-as por igual como apoio e como fontes e caminhos pertinentes para sua própria constituição e progresso.³⁰

em sua data, no marco de sociedades extremamente variadas e comparáveis umas às outras (o postulado é da sociologia); atividades e criações com as quais cobriram a superfície da Terra e a sucessão das idades” (p. 40). Diante disso, resulta interessante o matiz de Braudel: “Lucien Febvre dizia: a história é o homem. Eu penso que a história é o homem e tudo mais. Tudo é história, a terra, o clima, os movimentos geológicos (...) a história é ciência do homem e só se tem todas as outras ciências do homem junto a ela”.

³⁰. O que conduz ao ponto do *tipo* de relação que a história deveria entabular com as “outras” ciências sociais. A respeito, ressalta a diferença entre os primeiros *Annales* e a posição de Braudel: “Na época de Bloch e Febvre o grande problema era o de assimilar à história todas as ciências do homem que a rodeavam. O de anexá-las à história, inclusive ao preço de transformá-las em ciências auxiliares. Havia em Febvre e Bloch um imperialismo iniludível, um projeto de colonização das ciências do homem: economia, geografia, sociologia, etc. Eu não tenho o mesmo ponto de vista que eles. Para mim, o problema não é o de assimilar as ciências do homem à história, mas antes o de assimilar a história às ciências humanas. O que é mais importante, criar uma espécie de interciência que abarcará a história e todas as outras ciências” (“La dernière interview du maître de l’histoire lente”, p. 42). A nosso modo de ver, o problema se resolve se assumirmos com Marx que a história é a *única* ciência *global* do social–humano, ciência que por sua

Essa história globalizante orienta-se claramente no sentido da concepção proposta por Marx³¹ quando afirma: “Conhecemos apenas uma ciência, a ciência da história. Pode-se enfocar a história de dois ângulos, história da natureza e história dos homens. Sem dúvida que as duas são inseparáveis: enquanto existem os homens, a história da natureza e a história dos homens se condicionam mutuamente. A história da natureza, as chamadas ciências naturais, não nos interessa aqui ...”. (Marx e Engels, *La ideología alemana*). “História dos homens”, que então é concebida por Marx como o objeto de estudo específico da concepção materialista da história e como “totalidade orgânica” sempre presente na análise dos distintos domínios particulares ou espaços que nela se incluem: tanto a economia como as relações ou instituições jurídicas e políticas ou as formas de consciência, como também o desenvolvimento das forças produtivas, a análise das relações familiares ou a consideração da base geográfica da história universal, todas se encontram contempladas dentro desta “história dos homens”, a qual, no dizer de Marx ao parafrasear Vico, “se diferencia da história natural no sentido de que a primeira nós mesmos fazemos e a outra não”(Marx, *El capital*, tomo I, volume 2).

História dos homens como história global que não exclui o tratamento coerente e sistemático de um ou apenas alguns de seus domínios específicos. Pois afirmar que o objeto de estudo da história é todo o espectro da realidade social dos homens – e ainda o vínculo complexo destes com o conjunto possível de seu entorno–, não significa que estudar ou “fazer a história” nos obrigue a abordar “simultaneamente” e com o mesmo grau de

vez está constituída por diversas esferas ou campos: a economia, a cultura, a política, a base geográfico–natural, o desenvolvimento das forças produtivas, o sistema de necessidades, etc.

³¹. Cf. Burke. “Reflections on the historical revolution in France: the *Annales* school and British social history”, onde se aponta para essa coincidência de Marx com a idéia da história globalizante (p. 150).

profundidade todas e cada uma das esferas que abarca esse amplo objeto ou campo de investigação.

Isso fica claro à luz do próprio trabalho de Marx. Em *O capital*, Marx estuda a esfera econômica do período capitalista, como plano particular de uma sociedade num momento determinado. Na realidade, trata-se aqui da aplicação da concepção materialista da história na análise do nível econômico da sociedade burguesa. Mas nesta aplicação – e nisto consiste a concepção da história como referida a um só objeto de estudo, à “unidade” do fazer social do homem – Marx realiza sua crítica e faz a análise da economia capitalista do ponto de vista da totalidade,³² da perspectiva global que situa tal economia dentro do conjunto da sociedade burguesa moderna e, ao mesmo tempo, dentro do processo histórico mais geral de conformação da base econômica da futura sociedade livre. Dentro, pois, de suas coordenadas correspondentes de espaço e tempo, delimitadas precisamente a partir da visão global da história como um todo, a partir do enfoque geral do materialismo histórico.³³

A história como processo global e total é então, para Marx, a história concebida do ponto de vista da totalidade e não uma

³². A essa análise a partir do ponto de vista da totalidade, no caso particular da produção, alude Marx ao falar da “iluminação geral em que se banham todas as cores e que modifica as particularidades delas. É como um éter particular que determina o peso específico de todas as formas de existência que ali tomam parte” (*Elementos fundementales...*, tomo I, p. 28). Assim, a totalidade que constitui a “história dos homens” modifica as particularidades e fixa o peso específico dos distintos domínios que a integram.

³³. Marx é muito consciente do lugar de seus estudos sobre a economia burguesa, dentro do campo mais geral de sua visão da história. Assim, disse: “Nosso método põe de manifesto os pontos em que se deve introduzir a análise histórica, ou nos quais a economia burguesa, como mera forma histórica do processo de produção, aponta para além de si mesma (...)” (*Elementos fundementales ...*, tomo I, p. 422). A análise cuidadosa de um plano, do ponto de vista da totalidade, põe em destaque as conexões com os outros planos e com a própria evolução no tempo desta esfera particular.

história que só poderia ser a íntegra e a totalidade de todo o mundo ao longo de toda sua evolução. Concepção ingênua e deformada que também já foi rechaçada por Braudel, que sobre este ponto diz: “A ‘globalidade’ não é a pretensão de escrever uma história total do mundo. Não é esta pretensão pueril, simpática e dasatinada. É simplesmente a intenção, quando se aborda um problema, de demarcar sistematicamente os limites. Não há problema de história, do meu ponto de vista, que esteja cercado por muros, que seja independente” (“En guise de conclusion”). Por isso “o ideal impossível seria apresentar o todo sobre um plano e com um só movimento. A prática recomendável é, ao dividi-lo, conservar o espírito de uma visão globalizante; esta aflorará por força na explicação, tenderá a recriar a unidade, aconselhará a não crer em uma falsa simplicidade da sociedade...” (*Civilización material, economía y capitalismo*, tomo II).

Assim, ainda que Marc Bloch tenha se dedicado preferencialmente ao campo da história econômica – e particularmente da economia agrária ou rural ³⁴ –, na época medieval, não foi alheio à consideração dos outros planos da realidade histórica, como as estruturas políticas, o caráter das classes ou os fundamentos do direito na sociedade feudal. Incursionou também na história das técnicas, aqui propondo inovações agudíssimas, na história monetária da Europa e ainda nos problemas da mentalidade medieval e da geografia histórica. Nisso, assemelha-se Lucien Febvre que, embora tenha concentrado a maior parte de sua atividade intelectual no estudo da história das mentalidades e dos movimentos culturais nas origens do capitalismo, produziu também relevantes trabalhos sobre o papel do meio geográfico na evolução do homem e

³⁴ Como o declara o próprio Bloch em seu artigo “Que demander à l’histoire?”, em *Mélanges historiques*, tomo I, p. 2–3.

diversos artigos sobre questões de economia, da história das técnicas ou de múltiplos aspectos das civilizações.³⁵

Incursões e avanços de ambos os personagens que materializam e exemplificam a exigência assinalada da “globalidade”. Análises que demonstram o movimento ágil e pericial de ambos os historiadores na maior parte³⁶ dos planos e esferas da história, movimento de amplitude e proporções pouco usuais entre os historiadores profissionais.

Junto aos levantamentos assinalados, o enfoque tradicional se caracteriza também por uma visão empirista e ingênua dos fatos, desses “fatos em si” que deveriam constituir a matéria básica do investigador. Nessa concepção, os fatos seriam uma espécie de materiais claramente definidos e perfeitamente estruturados, que se apresentariam de maneira direta e em uma só figura aos olhos do historiador. Então, a tarefa da história tradicional seria somente a de “coletar” com maior cuidado e escrúpulos os tais fatos que se “mostram” por si mesmos como “os mais

³⁵. A amplitude de visão e a coerência com sua proposta de uma história globalizante ou abordada do ponto de vista da totalidade, se reflete muito claramente nas *recompilações* gerais de seus trabalhos e artigos avulsos, nos *Mélanges historiques*, de Marc Bloch e em *Pour une histoire à part entière*, de Lucien Febvre. Aqui não é o lugar adequado para uma consideração mais detida da obra específica destes autores. Obra que ademais é altamente *instrutiva* para qualquer marxista interessado nos temas ou períodos abordados na referida obra. Por exemplo, não se pode falar seriamente do medievo europeu sem se ter *estudado* os riquíssimos trabalhos de Bloch, assim como não pode se investigar rigorosamente a Reforma religiosa européia - ou melhor dito, “as Reformas”, como disse Febvre- e o século XVI, sem se considerar a obra deste último. Uma tentativa de recuperação crítica dos aportes de Bloch, do ponto de vista da concepção materialista da história, pode ser encontrada em nosso artigo “El modo de producción feudal”. E mais na bibliografia final se encontra uma lista dos mais importantes trabalhos dos fundadores dos *Annales*.

³⁶. Veremos depois como só Braudel chega a penetrar em *todas*, absolutamente *todas* as dimensões da história. Com o que não faz mais do que levar às últimas conseqüências esta exigência levantada pelos primeiros *Annales*.

importantes”, procedendo então a sua ordenação tal como eles mesmos o exigiam, para depois narrá-los. Os fatos narrados “tal como aconteceram” seriam, pois, o resultado evidente da atividade metódica e prudente deste sério cultivador do ofício da história.

Mas as coisas não são tão simples como esta caracterização da “história-relato” pode sugerir. A segunda grande crítica dos primeiros *Annales* dirigia-se precisamente contra essa idéia ingênua e apenas aparentemente objetiva do modo de se fazer história. Como propuseram Bloch e Febvre, o fato nunca “dá-se” ou “apresenta-se” ao investigador de modo “direto e unitário”. Para que um fato qualquer mostre sua “verdadeira significação” e sentido é necessário que o historiador o recrie, o “dê à luz”, integrando-o num conjunto global de que forma parte e vinculando-o organicamente ao resto dos fatos com os quais se acha em conexão. Por isso, para estes primeiros annalistas, “é o historiador quem dá à luz os fatos históricos, inclusive os mais humildes.” (Febvre, *Combates* ...). Com o que logra constituir a história como verdadeira “empresa racional de análise” (Bloch, *Introducción...*), superando assim antigas formas limitadas dos simples relatos, as coleções elementares de fatos compilados pelos antecessores da ciência histórica e que em suma poderiam considerar-se mera historiografia, apenas matéria prima da verdadeira história, mas não história em seu sentido rigoroso e científico.³⁷

³⁷. A crítica desta concepção ingênua e empirista dos fatos constitui uma das preocupações centrais da crítica destes primeiros *Annales*. Reiteradamente, e quase até o excesso, Lucien Febvre *volta* a este ponto, o que talvez se explique pelo fato de que esta característica empirista está muito difundida nas distintas escolas francesas da história tradicional. (A respeito, veja-se Febvre. *Combates...*, p. 21–23, 43–44, 86–90, 131, 177–80, e Bloch. *Introducción...*, p. 54–55). Veja-se também o artigo de François Simiand. “Méthode historique et sciences sociales”, donde se antecipa já esta posição crítica).

Essa história empirista pretensamente objetiva ou “história relato” foi conhecida e igualmente criticada por Marx, para quem representava também um obstáculo no caminho da construção de uma estrita ciência da história: “Esse modo de considerar as coisas possui suas premissas. Parte das condições reais e jamais as perde de vista. Suas premissas são os homens, não tomados isoladamente e rígidos, mas em seu processo de desenvolvimento real e empiricamente assinalável, sob determinadas condições. Enquanto se expõe este processo ativo de vida, a “história deixa de ser uma coleção de fatos mortos”, como é para os empiristas, todavia abstratos (...)” ³⁸(Marx e Engels. *La ideología alemana*).

Marx critica também a “história relato”, a versão dos empiristas que, buscando igualmente reproduzir ingenuamente os “fatos tais quais”, limita-se a elaborar suas coleções de fatos mortos, de acontecimentos sem lugar nem sentido, que longe de “explicar” o objeto de estudo da história, se limitam no melhor dos casos a “retratá-lo”, a reproduzi-lo sem ordem nem lógica como mera recompilação “objetiva”, acrítica e caoticamente acumulada de “acontecimentos”.

Frente a isso, Marx opõe a “explicação” racional do processo de desenvolvimento real da vida humana, de suas condições

³⁸. A citação continua: “(...) ou uma ação imaginária de sujeitos imaginários, como é para os idealistas”. Marx entende então sua concepção histórica como uma “superação” tanto da versão empirista já assinalada como também das “filosofias da história” pré-fabricadas e idealistas que criam um “padrão pré-concebido”, o qual busca validar-se na própria história através de sua “aplicação”. Sem dúvidas, esta linha de crítica às filosofias da história não parece estar muito presente na crítica global dos primeiros *Annales*. Possivelmente pelo fato de que na França tais filosofias da história não ocupam lugar muito relevante dentro dos gêneros da história tradicional (cf. a alusão crítica marginal de Lucien Febvre aos *a priori* dentro da história, em *O problema da incredulidade no século XVI. A religião de Rabelais*, p. 7). Sobre a crítica marxista destas filosofias da história, consulte-se Marx e Engels. *La ideología alemana*, p. 40–41, a carta à redação de *Otchestvenniye Zapiski* e a carta de Engels a Conrad Schmidt de 5 de agosto de 1890.

particulares e de suas interconexões específicas. Mas não a partir de um “padrão pré-concebido” ou “filosofia da história”, nem “com qualquer concessão a uma pauta situada fora dela” (Marx e Engels, *La ideología alemana*), mas em função dos próprios “princípios” da concepção materialista da história, em função desses “parâmetros gerais” do materialismo histórico que, como vimos, não são mais que “o compêndio dos resultados mais gerais, abstraídos da consideração do desenvolvimento histórico dos homens” (*idem*).

Algo muito próximo levantaram os *Annales* da primeira fase. Também em oposição à “história relato”, eles haveriam de reivindicar o fato de que o historiador não se aproxima “em branco” da realidade que estuda, mas a aborda apenas a partir de hipóteses, pré-concepções e perguntas que já existam previamente, e que já tenham sido mais ou menos elaboradas “antes” de sua aproximação ao objeto de investigação. Não há, portanto, relação direta ou ingênua entre o “fato” e o “historiador”, mas antes busca intencional e esclarecimento desses mesmos fatos em função das interrogações e problemas formulados pelo estudo histórico. “Levantar um problema é, precisamente, o começo e o final de toda história. Sem problemas não há história”. (Febvre. *Combates...*).

Daí que esses primeiros *Annales* chamem a sua concepção de “história problema”, sublinhando com isso a idéia de que a história não é mera acumulação informe de fatos empíricos mais ou menos ordenados, senão uma verdadeira “reelaboração crítica” do material a partir de problemas pré-estabelecidos, real reestruturação dos dados disponíveis com base na crítica e na “problematização” do fato, do testemunho da “pista histórica” descoberta; reelaboração e reconstrução que questionam e tornam “explícita” a visão do historiador à luz precisamente da história global ou total antes mencionada.³⁹

³⁹. Cf. Wallerstein. “Braudel. ‘Los ‘Annales’ y la historiografía contemporánea”, p. 99 e 110.

Esta história problematizante ou problematizadora da relação do historiador com seu objeto e dos procedimentos de sua apreensão constitui, pois, o segundo traço básico da proposta metodológica dos *Annales*, ao mesmo tempo em que o motivo polêmico e crítico mais importante e reiterado de toda a ação da corrente durante essa primeira fase.⁴⁰

A isso se complementa a denúncia da “inclinação natural” dos empiristas aos planos “político e diplomático” da sociedade. Porque, obviamente, se se trata de contar acriticamente os fatos tal como aconteceram, resulta que o historiador assim “dirigido” a seu objeto deslize naturalmente para aqueles fatos mais “espetaculares”, mais ressonantes e chamativos, o que o levará a registrar como fatos históricos de primeira grandeza os chamados “grandes acontecimentos”: a história das batalhas, as vicissitudes dos heróis, os arranjos e assinaturas dos tratados diplomáticos, as sucessões faustosas ou difíceis de reis ou decisões cruciais dos grandes homens passarão então a primeiro plano da cena, relegando à segunda importância, os movimentos ordinários e cotidianos de preços, as curvas de salários, os modos de organização do trabalho e suas mudanças, os hábitos alimentícios, as formas de moradia ou os tipos de cultivo, para não citar mais que alguns tópicos. Nesta crítica contra a história “politizante” ou *événementielle*⁴¹ coincidem então os postulados

⁴⁰. Disse Fernand Braudel, referindo-se às *linhas diretrizes* das duas primeiras etapas dos *Annales*, que foram também os critérios de condução e composição da revista: “Lucien Febvre preferia a ‘história-problema’, pelo que me toca prefiro a longa duração, e quando tomei a direção dos *Annales* fixei a linha segundo a longa duração” (“En guise de conclusion”, p. 251. Também, de Marc Bloch. *La Historia rural francesa*, particularmente o “Suplemento à introdução”, composto por R. Dauvergne, onde se resgatam as posições de Bloch sobre este ponto da “história problema”).

⁴¹. Dirá Braudel: “A escola dos *Annales* se apresenta como adversária da história tradicional, instalada na Sorbone, a qual privilegiava, em efeito, a história política, a dos ‘grandes homens’” (“La dernière interview du maître de l’histoire lente”, p. 43). Não se deve identificar-se o “*événementiel*” com os fatos *políticos ou diplomáticos*. Ainda que no “político” predomine o

metodológicos mais importantes da escola, tanto sua idéia de “história problema” quanto a proposição de uma “história global”.

Coincidência que se encontra também em Marx, que fiel a sua crítica à visão fragmentária e estreita da história tradicional, assinala também esse corolário da desestruturação do caráter empirista desse mesmo gênero de história. Assim, aponta claramente para “quão absurda resulta a concepção histórica anterior que, omitindo as relações reais, só observa, em sua limitação, as ressonantes ações e os atos do Estado” (Marx e Engels, *La ideologia alemana*). Com isso, desqualifica igualmente a história “politizante” afeita aos “grandes acontecimentos”.

Uma história desse talhe deve assim ser concebida, “ainda em processo de constituição”, como uma história jovem e por definir-se, que se acha em suas primeiras etapas buscando definições mais precisas quanto a objetos, métodos, resultados e conteúdo.⁴² Como uma história aberta e em construção, tal como vimos que também a concebem Marx e Engels. Ciência da história que ainda está em marcha e que só se desenvolve e aprofunda em torno dos aportes de cada nova geração de investigadores, com base em avanços das múltiplas e diversas disciplinas que, de todos os ângulos possíveis, têm por objeto o estudo e a compreensão dessa “história dos homens” acima mencionada.⁴³

“*événementiel*”, também existem fatos políticos de longa duração, ou mesmo fatos econômicos ou geográficos pertencentes ao “*événementiel*”. Para um maior esclarecimento sobre estes pontos e sobre o conceito de Braudel de “*l'événementiel*”, cf. Braudel. “Historia y ciencias sociales. La larga duración” (1958).

⁴². Cf. Bloch. *Introducción...*, p. 15–16; Febvre. *Combates...*, p. 30–34, Braudel. *La historia y las ciencias sociales*, p. 15–16 e *Écrits sur l'histoire*, p. 171, por exemplo.

⁴³. Esta novidade da história enquanto ciência, enquanto “empresa racional de análise”, deriva, como já havíamos mencionado, do fato de que sua base material indispensável é também de criação recente. Não pode haver ciência

Estão aqui resumidos alguns dos traços fundamentais da proposta metodológica sobre a história dos *Annales* iniciais. Em sua reivindicação crítica de uma história “globalizante”, “história problema” e como “história aberta ou em construção”, o esforço desses primeiros tempos da corrente apresenta claras semelhanças com o projeto e com as posições de Marx, o que legitima e justifica o esforço de uma recuperação crítica mais cuidadosa da obra de seus fundadores. Mas junto a esses pontos evidentes de confluência, há também uma linha importante de separação entre os *Annales* iniciais e a concepção marxista da história.

Tal separação alude ao que poderíamos chamar o último eixo crítico das origens da escola. Ao lado dos perfis polêmicos já assinalados, a proposta metodológica que analisamos se alinha também contra o que essa posição considera uma história redutora e determinista, uma história que reivindicaria uma causalidade única e direta dentro do processo histórico. E que, portanto, terminaria absolutizando um só elemento ou nível da realidade como elemento central e determinante dos fatos históricos.⁴⁴

da história enquanto não exista *de fato a história universal*, surge apenas a partir do século XVI, com o primeiro esboço de mercado mundial delineado pela nascente sociedade burguesa. Marx assim o afirma: “(...) a universalidade da comunicação, por fim o mercado mundial como base (...) e não uma universalidade pensada ou imaginaria, mas como universalidade de suas relações reais e ideais. Daí, também, compreensão de sua própria história como um *processo* (...)”. Marx. *Elementos fundamentais ...*, tomo II, p. 33. Veja-se também, Marx e Engels. *La ideología alemana*, p. 36 e 60, e a “Introducción a la crítica de la economía política (1857)”, p. 31. Infelizmente não podemos aprofundar este importante problema aqui.

⁴⁴. Veja-se a clara crítica de Bloch e Febvre relativa ao determinismo e às metáforas que definem certas hierarquias ou relações de influência desigual entre distintos planos da realidade social, por exemplo em *Combates pela história*, p. 47–48 e em *A sociedade feudal*, de Marc Bloch. Também Braudel

O mesmo acontece tanto com as interpretações que concebem a psicologia e a mentalidade dos homens como motor fundamental da história, quanto com aquelas que buscam demonstrar a primazia do político ou do econômico dentro dos processos globais, todas igualmente desqualificadas por esses primeiros *Annales*. Para eles, a complexidade extrema dos fatos históricos e a rica influência recíproca de todos os planos da história invalida a possibilidade de afirmar um só nível ou um só conjunto de fatos como os “determinantes”, os “preponderantes” ou os que têm primazia dentro do processo global. Em oposição a isso, e com mais clareza, o que os *Annales* parecem reivindicar é antes uma espécie de posição de “relativismo” no que toca a este ponto, uma concepção que a partir do reconhecimento de uma múltipla determinação e da “ação recíproca” de todos os fenômenos sociais renunciaria de fato a estabelecer hierarquias, dominações, influências desiguais ou conexões assimétricas entre os distintos planos da realidade. A solução se encaminha no sentido de que esta questão se resolveria somente concreta e diferencialmente em cada caso de estudo particular. Daí que sua posição diante do problema das “leis” em história seja evidentemente ambígua e pouco desenvolvida.⁴⁵

Nessa última linha crítica há, assim, um acordo parcial e um desacordo flagrante com as posições de Marx. O acordo parcial no que se refere à recusa de uma visão redutora, mecânica e simplista do problema das determinações e dominações entre as diversas esferas do real. Porque nem Marx nem Engels defenderam jamais uma concepção que afirmasse que o econômico é o “único determinante” na história, ou seja, um plano que influencia “central, direta e unilateralmente” todos e cada um dos fenômenos ou realidades diversas de uma sociedade

compartilha esta diferença com o materialismo histórico. Cf. seu *Civilización material, economía y capitalismo*, p. 1–4.

⁴⁵. Cf. Febvre. *Combates...*, p. 32–33, ou Bloch. *Introducción...*, p. 114–115.

ou que constitui a base “exclusiva e onipresente” de todos os outros níveis do social.⁴⁶

Por outro lado, há um desacordo nítido a respeito desse mesmo problema, porque negar uma visão mecânica ou superficial do papel do econômico dentro do processo histórico não significa renunciar a reconhecer, apesar de tudo, o papel efetivamente “determinante” que este plano da economia tem sobre as esferas política e jurídica da sociedade, no sentido específico de que esta tese foi explicada e desenvolvida por Marx e Engels em vários de seus mais importantes trabalhos. Nem significa, tão pouco, deixar de compreender a “primazia” do material sobre o espiritual, das relações reais sobre as variadas e complexas, ainda que “derivadas”, formas de consciência social dos homens. Nem, por último, renunciar a considerar “o papel, a influência e o condicionamento decisivo” da base geográfica natural e do sistema de forças produtivas sobre ela erguido, em relação à mesma estrutura econômica particular de uma sociedade determinada.

Em suma, o relativismo extremo dos primeiros *Annales* é incompatível com a concepção materialista da história, a qual reivindica claramente a hierarquia, as determinações e dominações, a influência decisiva e as interinfluências desiguais entre os distintos níveis ou esferas da totalidade social, entre os

⁴⁶. Engels se encarregou de esclarecer este ponto, explicando os motivos particulares pelos quais ele e Marx insistiram exageradamente no papel do econômico. Porque, como sabemos, há efetivamente uma leitura apressada e redutora do “Prólogo” de 1859, que conduz diretamente a este “monismo simplista”, com milhares de variantes. Mas a análise da “obra global” de ambos os pensadores é o melhor antídoto contra esta “falsa amizade” para com a concepção materialista da história. Cf. as cartas a Conrad Schmidt de 5 de agosto e de 27 de outubro de 1890, a Franz Mehring de 14 de julho de 1893 e a H. Starkenburg de 25 de janeiro de 1894. Veremos mais adiante como a concepção marxista longe está deste “monismo” limitado que a ela se atribui.

diversos elementos compreendidos dentro do objeto global da ciência histórica.⁴⁷

Estes são então os traços mais importantes da proposta metodológica dos primeiros *Annales*. É a partir destes parâmetros críticos e propositivos que se levanta o aporte particular dos “segundo *Annales*” e especificamente a contribuição braudeliana. Vejamo-lo mais em detalhe.⁴⁸

⁴⁷. É interessante constatar que estes primeiros *Annales* tiveram como posição geral uma atitude *ambígua* em relação a Marx. Reconhecendo a grande relevância e impacto de sua obra – a que muito acertadamente distinguem da de seus seguidores e epígonos– tratam de tomar certa distância cética frente a ela, exigindo de seus defensores que “demonstrem” sua validade e utilidade na análise “concreta”, no exercício mesmo do ofício e não no plano da *teoria*, o qual recusam sistematicamente. Esta posição ambígua frente a Marx e Engels –que vai do elogio aberto até a declaração enfática de que eles “não são marxistas ou materialistas históricos”– se manterá também na segunda etapa dos *Annales*, com o próprio Braudel (cf. Febvre. “Technique, sciences et marxisme”, em *Pour une histoire à part entière*, p. 665–78; Braudel. *La história y las ciencias sociales*, p. 103–104 e 180; *Civilización material...* tomo I, p. 492, e “La dernière interview du maître de l’histoire lente”, p. 42–45, entre outros).

⁴⁸. Assim, dirá claramente em 1949, no Prólogo a sua primeira grande obra de história: “Mas a maior parte de minhas dívidas de gratidão é a que tenho para com os *Annales*, com seu ensinamento e com seu espírito. Antes da guerra, só pude manter um primeiro contato com Marc Bloch. Creio poder assegurar que procurei captar até menores detalhes de seu rico pensamento”. E “posso acrescentar, por último, que este trabalho que o leitor tem em mãos não teria se concluído tão rapidamente se não fosse a afetuosa e enérgica solicitude de Lucien Febvre? Seus estímulos e seus conselhos me ajudaram a sair de um grande impasse com respeito à razão de ser do empenho em que me meti” (*El Mediterráneo...*, tomo I, p. 20).

III

O que significa voltar à linguagem de Marx, permanecer a seu lado, ainda que se rechassem seus termos exatos...

Fernand Braudel. *Civilización material, economía y capitalismo...*

O que distingue Braudel de qualquer outro dos seguidores ou discípulos reunidos em torno dos primeiros *Annales* é o fato de que assume seus principais ensinamentos com uma profundidade e radicalidade totalmente excepcionais. Braudel não só incorpora os paradigmas centrais desenvolvidos por Bloch e Febvre, como também os desenvolve e aprofunda, com uma originalidade e com uma força absolutamente singulares. Diríamos, então, que Braudel é quem leva a proposta metodológica sobre a história, característica dos *Annales* iniciais, até suas últimas conseqüências.⁴⁹ Com isso, para além de “completá-la e refiná-la”, termina por enriquecê-la e levá-la a um nível novo e mais elevado, que dará precisamente seu selo à segunda etapa da corrente dos *Annales*.

Isso já se torna evidente em sua primeira grande obra *O mediterrâneo e o mundo mediterrânico à época de Felipe II*, produzida ainda dentro do espírito e da influência direta dos primeiros *Annales*. Neste livro já se incorporam algumas das idéias fundamentais que constituirão sua ligação com a escola dos

⁴⁹ O que obviamente não significa que não existam diferenças entre Braudel e seus predecessores. Pois se ele assume e leva às últimas conseqüências os mais importantes paradigmas dos primeiros *Annales*, também os “redimensiona e incorpora” a partir de sua própria concepção e abordagens particulares e igualmente cruciais para a evolução da escola enquanto tal. É o mesmo Braudel quem, com bastante consciência deste ponto, irá marcando tanto sua dívida como suas diferenças para com os primeiros *Annales*. Insistamos, de qualquer maneira, em que os paradigmas desses primeiros *Annales* são um componente essencial e sempre presente dentro da obra de Fernand Braudel. Daí o amplo espaço que dedicamos a sua delimitação e definição precisas.

Annales e, nesse sentido, com o processo mesmo de constituição de uma verdadeira ciência da história. Destaquemos apenas algumas das mais importantes.⁵⁰

Retomando a proposta de uma história globalizante ou total, concebida também como “história-problema”, Braudel começa por eleger um “personagem” ou “problema” histórico definitivamente “original”, um personagem de dimensões praticamente “globais” e cuja abordagem recoloca ou implica “problemas” totalmente inéditos. Não se trata de explicar a história de um rei, de uma dinastia ou sequer de uma nação, de um povo, de uma classe social ou civilização, mas de reconstruir a história de “um mar e do mundo estruturado em torno dele”. Trata-se então de tomar como problema central de uma realidade essencialmente “natural”, que progressivamente “humanizada” constituiu-se num centro de irradiação e de desenvolvimento dos “homens”, centro de uma importância histórica excepcional. A eleição do Mediterrâneo, objeto de estudo definitivamente “inédito” dentro dos trabalhos dos historiadores tradicionais, implica em si uma autêntica “revolução na maneira de conceber a história”, como afirmaria Lucien Febvre. Revolução que torna obsoletos os modos antigos de exercício do ofício de historiador, os hábitos clássicos da história tradicional. Porque o Mediterrâneo “é um personagem complexo, embaraçoso, difícil de enquadrar. Escapa a nossas medidas habituais. Inútil querer escrever sua história lisa e plana, da maneira usual: ‘nasceu no dia tal...’; inútil tratar de expor a vida deste personagem bondosamente, tal como as coisas sucedaram ...”, já que “(...) um estudo histórico centrado em um espaço líquido encerra todos os

⁵⁰. Inútil tentar resumir tudo o que representa este livro dentro do campo dos estudos históricos. Para avaliá-lo em seus justos termos é necessário *estudá-lo* – e não simplesmente lê-lo – com cuidado. Sobre a importância e impacto desta primeira e fundamental obra braudeliana, veja-se a interessante opinião de Lucien Febvre em “Le Méditerranée et le monde méditerranéen à l’époque de Philippe II” em *Pour une histoire à part entière*, p. 167–79, e *Combates...*, p. 238–240.

encantos, mas também todos os perigos de uma novidade” (Braudel. *El Mediterráneo*, t. 1, p. 12–13, 15).

Eleição original e inusitada, que conduz Braudel diretamente a outros problemas, outras perspectivas, enfoques e medidas dentro da história. E também o leva, naturalmente, a considerar como base “última” e mais profunda da história, as suas determinações “geográficas e naturais”. Pois partir do mar como centro e eixo de análise significa partir de fatos geográficos e naturais fundadores de todo o processo histórico, significa remeter-se às condições naturais originárias da própria vida social, concebidas não como um fato em si mesmo ou como uma simples “introdução rotineira” ao tema eleito, mas como o verdadeiro “ponto de partida explicativo e ainda vigente”, de regularidades “atuantes, presentes e fundamentais” dentro da história ao longo de toda sua evolução⁵¹: como um dos conteúdos essenciais do *plano mais básico e originário* da “história dos homens”, o plano das relações complexas entre a natureza e os seres humanos.

Há que se ler toda sua “primeira parte”, intitulada “A influência do meio ambiente”, para perceber-se o grau de clareza alcançado em torno da análise dos fundamentos geográfico-naturais da história, a qual permanecerá uma das preocupações centrais de Braudel, mesmo depois da redação de *O Mediterrâneo...*, sendo então uma das características básicas de

⁵¹. Disse Braudel: “Não me contentei (...) com as tradicionais introduções geográficas dos estudos de história, inutilmente colocadas nas introduções de tantos livros, com suas paisagens minerais, seus trabalhos agrícolas e suas flores, que desfilam rapidamente ante os olhos do leitor, para não voltar a referir-se a elas ao largo do livro (...)” (Braudel. *El Mediterráneo...*, p. 17). O verdadeiro desafio para o historiador não está em considerar superficialmente a *geografia* da região ou tema a estudar, mas em mostrar o *verdadeiro nexos orgânico* entre esta *base natural* e os demais planos da totalidade social de que se trate. É precisamente o que tentou fazer Braudel – e com bastante êxito – em seu *Mediterrâneo...*

toda sua obra.⁵² Preocupação que, neste trabalho fundamental, tem brilhantes e paradigmáticas exemplificações em torno do “caso Mediterrâneo” que o ocupa. Assim, resulta bastante instrutivo revisar o estudo das formas de vida e de consciência característica da “montanha”, cuja história “consiste em não tê-la”, posto que permanece “à margem das grandes correntes civilizadoras”, persistindo tenazmente “no movimento mais que na vida sedentária” e cumprindo cíclica e regularmente sua função “tradicional” de ser uma “fábrica de homens para uso alheio”. Permanência secular dos homens montanheses cujos hábitos, comportamentos e papel na história não fazem mais que “testemunhar” a influência decisiva de certos elementos naturais sobre a vida humana e o “limite ainda não franqueado” pelos homens desta zona orográfica da natureza, que permanece ali como parte da paisagem natural e como “condicionamento vigente” de certos modos e respostas sociais frente à base geográfico-natural. Resulta igualmente construtivo ler sua tese sobre os “mares angustos” do Mediterrâneo, os primeiramente conquistados pelos homens como base inicial da vida marítima, posteriormente também ponto de apoio das “grandes rotas”; suas lúcidas afirmações sobre a “pobreza biológica” relativa deste mar imerso e sua influência sobre a constituição dos “povos do mar” e de lugares marítimos sempre relativamente “escassos de homens”, e por fim sempre “limitantes” das grandes empresas dos governos que optam pelo caminho desta imensa unidade líquida; suas anotações interessantes sobre a divisão, exploração e jogo recíproco entre o mundo mediterrânico e o Atlântico, que

⁵². Cf. Braudel. “Y a-t-il une géographie del'individu biologique?”, p. 155–174; “A géographie face aux sciences humaines”, , a análise dos desenvolvimentos da base geográfica das distintas civilizações em seu “compêndio de história universal”, em *Las civilizaciones actuales*, ou o volume I do tomo I de sua *inconclusa* história da França, intitulado *L'identité da France...* Quem mais aprofundou essa linha de investigação – ainda que *concentrando-se* só no problema do clima–, depois de Braudel, foi seu discípulo Emmanuel Le Roy Ladurie.

incorpora também os protagonistas dos mares europeus do Norte; suas reflexões – retomadas posteriormente – sobre a identidade climática de toda a costa mediterrânica e desse clima homogêneo “unificador de paisagens e gêneros de vida” e marcado pela “mesma trindade, filha do clima e da história: o trigo, a oliveira e a uva; em outras palavras, a mesma civilização agrária, a mesma vitória dos homens sobre o meio físico”; sua idéia sobre o papel recorrente e fundamental das secas, “flagelo do Mediterrâneo”, ou ainda sua ilustração contundente da alternância das estações e de sua “definitiva” influência sobre os próprios “ritmos” da vida econômica, social, política e militar deste amplo espaço histórico.

Reconstrução materialista de tal base geográfico-natural da história, cuja necessidade e importância haviam sido claramente “percebidas” por Marx, porém não igualmente desenvolvidas. Disse Marx enfaticamente em *A Ideologia alemã*:

Não podemos começar a examinar aqui, naturalmente, nem a compleição física dos homens nem as **condições naturais** em que os homens se encontram; as geológicas, as oro-hidrográficas, as climáticas e de outros tipos. (Nota: Mas essas condições **não determinam** só a organização corporal inicial, espontânea dos homens, sobretudo as diferenças raciais entre si, **mas também seu desenvolvimento sucessivo** – ou a falta de desenvolvimento – até **nossos dias**). Toda historiografia tem necessariamente que partir destes fundamentos naturais e da modificação que experimentam no curso da história pela ação dos homens.⁵³ (Marx & Engels. *La ideología alemana*, p. 15).

⁵³. Veja-se também a “Introdução à crítica da economia política (1857)”, onde Marx assinala também como ponto a desenvolver posteriormente: “O ponto de partida está dado naturalmente pelas determinações naturais; subjetiva e objetivamente. Tribos, raça, etc”. (Marx. *Elementos fundamentales ...*, tomo I, p. 31). Ademais, é claro que a fonte imediata de Marx neste ponto é o próprio Hegel, que em suas *Lecciones sobre la filosofía de la historia universal* inclui um anexo intitulado “A conexão da natureza ou os fundamentos geográficos da história universal” (p. 161–201). A problemática, sem dúvida,

O que significa que toda concepção materialista da história que pretenda abarcar de modo “global e integral” a compreensão do processo histórico deverá cobrir também a consideração deste plano das “condições naturais ou fundamentos geográfico-naturais” da vida e evolução humanas.

Ainda que Marx tenha clara consciência deste “ponto de partida imprescindível” de “toda historiografia”, não pôde desenvolvê-lo senão em raras ocasiões e breves anotações. Por exemplo, ao tratar de definir a influência das condições naturais sobre o desenvolvimento específico da produtividade do trabalho, Marx recupera agudamente esta esfera da realidade:

Não é o clima tropical, com sua vegetação luxuriante, a pátria do capital, mas sim a zona temperada. Não é a fertilidade absoluta do solo, mas sua diferenciação, a diversidade de seus produtos naturais, que constitui o fundamento natural da divisão social do trabalho e estimula o homem, mediante a mudança das circunstâncias naturais em que vive, para que diversifique suas próprias necessidades, faculdades, meios de trabalho e modos de trabalhar. É a **necessidade de controlar socialmente uma força natural**, de economizá-la, de apropriar-se dela ou de dominá-la em grande escala mediante obras da mão humana, o que desempenha o mais decisivo dos papéis na história da indústria. (Marx. *El capital*, t. I, v. 2, p. 623).

Assim, fica claro que a “determinação” da base geográfica sobre a vida social não é direta nem simples: não é a zona de “riqueza espontânea” mais abundante aquela que permite o maior e mais rápido desenvolvimento humano, mas a zona de “riqueza potencial relativa mais diversa” a que impõe ao homem a necessidade de um avanço mais rico, complexo e veloz de suas habilidades e capacidades. É, pois, este embasamento geográfico-

é anterior ao mesmo Hegel. Cf. Montesquieu. *Espíritu de las leyes*; Febvre. *La tierra y la evolución humana* e Brunhes. *Geografía humana*, textos que levantam mais elementos sobre este ponto da determinação geográfica sobre a história.

natural o que influencia decisiva e diferencialmente tanto na conformação do peculiar “sistema de necessidades” desenvolvido pelos homens em diferentes situações, como o conjunto das “forças produtivas sociais” postas em prática diante da natureza, para a aquisição de faculdades, potências e habilidades produtivas que vão estimulando seu avanço face a necessidade de aprender “a regular de maneira consciente e social” o espectro diverso das forças e elementos naturais para, mediante tal adaptação, domínio e controle progressivos, incrementar o rendimento objetivo do esforço humano, a produtividade do trabalho anteriormente assinalada.⁵⁴

A recuperação e abertura desta problemática geográfico-natural também culmina no estabelecimento da diferenciação necessária dos tempos da história. Porque, como Braudel assinala no prólogo de *O Mediterrâneo...*, ele teve que levar em conta que os “ritmos” de movimento e mudança, de vigência e duração dos diversos planos considerados não são absolutamente idênticos ou nem sequer similares: enquanto o plano das bases naturais é o plano da “história quase imóvel” e o nível das economias, das sociedades, das civilizações e dos Estados é, ao contrário, “uma história de ritmo lento”, a esfera dos acontecimentos políticos imediatos e dos fatos individuais mais importantes é, por outra parte, “uma história das oscilações breves, rápidas e nervosas” (Braudel. *El Mediterráneo*, t. 1, p. 17–18). A história se apresenta a Braudel como uma síntese complexa não só de diversas realidades e fenômenos, mas também de “distintas

⁵⁴. Ainda que Marx não pôde sistematizar suficientemente esta importante linha problemática de sua concepção materialista da história, teve *sempre presente* em seus diversos trabalhos, como o demonstram, por exemplo, as referências marginais a esta base geográfico-natural incluídas *ao longo do* argumento de seu célebre ensaio “Formas que preceden a la producción capitalista” (*Elementos fundamentales ...*, tomo I, p. 433–77. Em particular, p. 434–436, 444, 446 e 452–53) ou seu breve avanço sobre o ponto incluído em suas *Notas al ‘Tratado de Economía Política’ de Adolph Wagner*, p. 40–42, 54–56 e 63–65.

temporalidades”, de tempos e ritmos de duração, magnitude e dimensões variáveis. Isso é o que o conduz diretamente a sua teoria da longa duração. Porque a tese sobre a longa duração na história não é mais que o corolário ou ponto-chave da teoria das temporalidades diferenciais. Assim como no terreno espacial a originalidade de Braudel consiste em haver recuperado e aprofundado o plano último e originário da base natural, no terreno da temporalidade sua contribuição mais importante consiste em sua reivindicação do tempo último e mais elementar, o tempo da muito longa duração.⁵⁵ Como registrou Braudel, é a quase imobilidade e o lentíssimo fluir que caracterizam os mais importantes feitos geográficos, biológicos e naturais considerados dentro desta primeira ordem da realidade. E isso vai até o ponto de uma identificação total.

Como nos previne no artigo sobre a longa duração, também existem “fatos geográfico-naturais” de curtíssima vida e de rápida e nervosa oscilação, como são os casos de um vendaval ou uma tempestade, assim como certos fenômenos políticos podem ser referidos a um ritmo de transformação lento e de longa duração, tal como ocorre com a própria formação do Estado ou o desenvolvimento de fenômenos como a liderança política e militar dentro dos grupos humanos.⁵⁶

Temporalidade e duração diferenciais dos diversos fatos e fenômenos históricos que, de alguma maneira, foram também percebidas por Marx quando se referiu ao problema, crucial

⁵⁵. Cf. “Historia y ciencias sociales. La larga duración”, p. 60–106. Tal teoria da longa duração tem um antecedente muito importante em algumas afirmações lúcidas e premonitórias de Bloch, em sua *Introducción a la Historia*, p. 26, 121, 141 e 145. Uma interessante tentativa de recuperação deste ponto da longa duração, para a visão marxista, pode encontrar-se no artigo de Pierre Vilar. “Historia marxista, historia en construcción”

⁵⁶. Uma interessante aplicação da perspectiva da longa duração para a análise da crise e da situação mundial *atual* se encontra em Braudel. *Civilización material...* p. 50–64.

dentro da concepção marxista da história, da “periodização” das épocas humanas. Em relação a este ponto, Marx levanta também o fato de que certas realidades, traços ou fenômenos sociais e históricos têm uma vigência e permanência muito maiores que outros, estabelecendo assim “critérios particulares” para subdividir em etapas a evolução dos homens, marcando então cortes, rupturas e trânsitos a outras figuras do elemento ou nível de cada caso contemplado.

Assim, por exemplo, quando define o que nós consideraríamos sua “periodização mais geral” da história, a partir das distintas formas que o “metabolismo social geral” dos homens adota em cada momento, diz Marx:

As relações de dependência pessoal (no começo sobre uma base toda natural) são as primeiras formas sociais, nas quais a produtividade humana se desenvolve somente em um âmbito restrito e em lugares isolados. A independência pessoal fundada na dependência **com respeito às coisas** é a segunda forma importante na qual chega a se constituir um sistema de metabolismo social geral, um sistema de relações universais, de necessidades universais e capacidades universais. A livre individualidade, fundada no desenvolvimento universal dos indivíduos e na subordinação de sua produtividade coletiva, social, como patrimônio social, constitui o terceiro estado. O segundo cria as condições do terceiro. (Marx. *Elementos fundamentales...*, t. 1, p. 85)

O que faz Marx aqui senão marcar a divisão mais geral possível do processo histórico a partir de realidades “mais profundas” e de “mais longa duração”, tais como a vigência ou não do valor de uso⁵⁷ como a relação de predomínio/subordinação entre o homem e a natureza, como o caráter direto e imediato das relações inter-humanas, ou como

⁵⁷. Enquanto “forma natural” não apenas do produto mas sim de toda a “reprodução social”. Cf. Bolívar Echeverría. “La ‘forma natural’ de la reproducción social”.

as figuras sociais globais do sistema de relações, de necessidades ou de capacidades humanas em sua conotação mais abstrata e geral?

Porque, como é evidente, a periodização que aqui se assinala é aquela que começa por distinguir entre formações pré-capitalistas, capitalistas e a futura sociedade comunista. Distinção a que Marx volta reiteradamente, associando-a sempre precisamente a estes “planos profundos e fundacionais”, da relação entre a natureza e os homens, da vigência e atualidade ou não do valor de uso como centro estruturador da produção e da reprodução social, do desenvolvimento concreto e limitado ou abstrato e ilimitado das forças produtivas sociais. Por exemplo, quando anota: “Em todas as formas em que domina a propriedade da terra, a relação com a natureza é ainda predominante. Ao contrário, naquelas em que reina o capital predomina o elemento socialmente, historicamente criado. (Marx. *Elementos fundamentales...*, t. I, p. 28). Idéia que se completa com a afirmação de que “... em todas estas formas nas quais a propriedade da terra e a agricultura constituem a base da ordem econômica e, por conseguinte, o objetivo econômico é a produção de valores de uso (...)” (*Idem*, p. 444). Com o que Marx remete à caracterização do “pré-capitalismo” e do capitalismo aos fatos últimos e às realidades profundas já assinaladas acima. O que igualmente permite-lhe concluir com a seguinte tese:

Surge aqui a tendência universal do capital, que o diferencia de todos os estágios anteriores da produção. Ainda que por sua própria natureza seja limitada, tende a um desenvolvimento universal das forças produtivas e se converte na premissa de um novo modo de produção, que não está fundado sobre o desenvolvimento das forças produtivas com vistas a reproduzir e, em suma, ampliar uma situação determinada, mas que é um modo de produção no qual o desenvolvimento livre, expedito, progressivo e universal das forças produtivas constitui a premissa da sociedade e, ao fim e ao cabo, de sua reprodução na qual a única premissa é a de superar o ponto de partida. Esta tendência – que é inerente ao capital, mas ao mesmo tempo o contradiz como

forma limitada de produção e, por conseguinte, tende à sua dissolução – distingue o capital de todos os modos de produção anteriores e implica, por sua vez, que aquele esteja posto como simples ponto de transição. (*Idem*, Tomo 2, p. 31)

Como pode-se observar nesta ampla compilação de citações, Marx tem muito evidentes as diferenças entre as distintas figuras do que chama de as três formas fundamentais do metabolismo social geral: as sociedades pré-capitalistas, o capitalismo e a futura organização social comunista. Em cada uma delas destacam-se traços claros que, remetidos a esferas profundas da base natural, do desenvolvimento do sistema de necessidades, das forças produtivas sociais em seu sentido mais amplo e das interconexões sociais mais originárias, permitem discernir suas diferenças e peculiaridades, dando assim o critério de sua separação e periodização. E tudo isso, a partir de sua distinta temporalidade e duração.

Assim concebidas, as sociedades pré-capitalistas serão então sociedades sempre predominantemente agrícolas,⁵⁸ onde a agricultura é a principal atividade produtiva e onde o objetivo central da produção será sempre o valor de uso concreto dos objetos, sua forma natural-social específica. Formas em que o desenvolvimento das forças produtivas objetivas será sempre necessariamente limitado e local, o que implicará que estas sociedades vivam ainda sob o predomínio da natureza sobre os homens. Formas onde a persistência dos vínculos naturais (vínculos de tribo, de raça, de família ou da própria terra) continuará sendo muito importante e onde o “culto do natural” dentro das formas de consciência dos grandes grupos humanos, sob distintas formas, desde a magia e o animismo até as formas elaboradas de religião e mitologia, se achará também presente de

⁵⁸. Disse também Braudel: “A vida agrícola, por exemplo, amplamente prioritária através do mundo inteiro antes do século XVIII (e inclusive além do marco decisivo que significou) (...)” (*Civilización material y capitalismo*, p. 10).

maneira fundamental. Figuras do metabolismo social geral pré-capitalista, tipificadas por essas relações e traços de “muito longa duração”, onde o “predomínio do natural” faz-se sentir de maneira contundente na vida econômica, social e política, assim como na cultura, nas formas de propriedade ou no âmbito familiar.⁵⁹

Predomínio do natural que será desmantelado precisamente – se bem que de um modo apenas limitado e antitético – pela segunda grande forma do metabolismo social geral, pela forma capitalista que é mero “ponto de transição” até a figura seguinte. O capitalismo haverá de desenvolver-se centrado na “indústria”, em torno desta criação tipicamente social e humana e não produto da natureza, reorientando a produção em “função do valor de troca” dos produtos e já não de seu valor de uso. O que permitirá desenvolver ilimitadamente, ainda que de modo antitético, as forças produtivas objetivas, abrindo assim a possibilidade de inverter a relação tradicional entre o homem e a natureza, “esboçando” pela primeira vez na história uma dominação das principais forças constitutivas do assim chamado espaço natural. Por isso também, “superação e ruptura”, até onde é possível dentro de sua própria contraditoriedade, de todo vínculo ou “relação natural” e de todo culto ou forma de consciência derivada “diretamente” da prévia submissão do homem à natureza circundante. Instauração, pois, do predomínio do “elemento social e historicamente criado” pelos homens em seu contínuo, “longo, lento e durável” enfrentamento da natureza.

Por último, Marx esboça os traços básicos da futura sociedade comunista. Fundada no “domínio da natureza” pelos homens e no controle social racional de seu próprio intercâmbio

⁵⁹. Marx trata também de acentuar estas características gerais do pré-capitalismo em oposição ao capitalismo em *La ideología alemana*, p. 49–51 e 60, onde contrapõe inclusive as “cidades formadas naturalmente” (pré-capitalistas) com as cidades criadas “da noite para o dia” pelo capital.

com ela, o objetivo desta sociedade não é outro senão o de permitir o verdadeiro desenvolvimento aberto e sem travas à livre individualidade humana, o desenvolvimento realmente universal dos indivíduos nas esferas da ciência, do amor, da arte e da vida social. Sociedade que restitui a vigência do valor de uso, mas potencializando-a sobre a base do domínio humano sobre seu meio natural e sobre o controle racional de sua própria produção social. Trata-se então da “associação comunista de homens livres” ou do “reino da liberdade” mencionado em diversos de seus trabalhos. Reino que haverá de constituir um novo “ponto de partida” histórico, com novas realidades, problemas e fenômenos, que possuirão também “diversas temporalidades e durações”.

Como vemos, Marx constrói sua periodização primeira e mais geral da história tendo em conta as temporalidades diferenciais e a longa duração. E sobre ela “sub-periodiza” também as grandes formas do metabolismo social geral apontadas, marcando então, por exemplo, as diferenças entre as sociedades pré-capitalistas comunitárias ou classistas e, em seguida, os distintos modos de produção, a partir de novos planos da realidade – o econômico, o social, etc – e em função de temporalidades de muito maior movimento e de menor duração.⁶⁰ Ou, para dizê-lo com Braudel, em função já não da história de longa duração, mas da história “estrutural e conjuntural”, de ritmo e fluir mais rápidos e de ciclos e mudanças mais frequentes e velozes.

Braudel “descobre” então, a partir de seu *Mediterrâneo*, não apenas um personagem histórico inédito, mas também a base geográfico-natural da história e sua teoria das temporalidades diferenciais e de longa duração.⁶¹ A partir destes “descobrimientos” e da matriz herdada dos primeiros *Annales*, é que se empreende sua segunda investigação, que haveria de derivar em seu segundo e

⁶⁰. Não podemos aqui aprofundar este importante ponto, pois excederíamos os limites deste trabalho.

⁶¹. Cf. a respeito, sua declaração em “En guise de conclusion”, p. 244–245.

monumental trabalho, voltado ao tema da civilização material, economia e capitalismo dos séculos XV a XVIII.

Neste segundo grande trabalho, Braudel aborda o que a nosso modo de ver constitui outra de suas grandes contribuições ao enfoque dos *Annales* e à ciência da história em geral: o problema da civilização material ou da vida material dos homens.

Que entende Braudel por civilização material? Ele a concebe como o conjunto dos “...usos repetidos, os procedimentos empíricos, as velhas receitas, as soluções vindas da noite dos tempos, como a moeda ou a divisão entre cidades e campos (...)”, fatos e realidades elementares e duráveis que registram a progressiva resposta adaptativa dos homens diante da natureza e a suas coações básicas. Fatos tais como o de que “se semeia o trigo como sempre se tem semeado, se planta o milho como sempre se tem plantado, se lava a terra do arrozal como sempre se tem lavrado, se navega pelo mar Vermelho como sempre se navegou”. (Braudel. *Civilización material y capitalismo*, 1974, p. 10 e 17). Dados então de uma larguíssima duração, cuja permanência e lenta transformação constituem “o plano zero da história”, o “limite possível” dentro do fluir cotidiano da vida humana.

Trata-se, pois, de estudar o plano da “infra-economia”, daquilo que subjaz às estruturas econômicas, as quais influencia e limita de uma maneira fundamental. São os movimentos do crescimento e descenso demográfico e suas repercussões diversas na sociedade que fazem do trigo, do milho ou do arroz o alimento básico indispensável de grandes contingentes humanos, os limites que se impõem ao homem a partir das diversas fontes de energia existentes, os modos de vida e hábitos no vestir ou no comer que determinam as matérias-primas disponíveis em cada região geográfica, o tipo de habitação ou de tecnologia desenvolvidos com base nos elementos particulares oferecidos pela natureza aos grupos humanos. Em uma palavra, trata-se de estudar as distintas coações geográficas e biológicas que o

mundo da natureza impõe ao homem, e a resposta adaptativa e progressivamente transformadora que este último realiza perante a primeira. Mas privilegiando sobretudo a tal resposta, cujas distintas manifestações e modalidades nos revelam o conteúdo do que seja a civilização material.⁶²

Se em *O Mediterrâneo...* Braudel havia assumido “o reconhecimento da base geográfico–natural” da história, aqui se concentra na “resposta” humana diante dessa base natural. Assim é tanto em relação à “eleição” do trigo, do arroz ou milho como alimento fundamental da população, quanto à construção de casas de madeira, de folhas, de terra ou de pedra, que constituem as diferentes respostas possíveis da humanidade perante seu entorno natural “predeterminado e preexistente”. Ao “decidir-se” – decisão, de resto, “necessária e independente de sua vontade” – por utilizar bois, camelos, água, cavalos, vento ou

⁶². Aqui tentamos indicar os contornos gerais deste conceito braudeliano, crucial e difícil. Para uma compreensão adequada e completa do mesmo é necessário remeter-se diretamente ao estudo da obra inteira *Civilización material, economía y capitalismo*, já que para Braudel este conceito faz parte de um argumento mais amplo que procura explicar o mundo europeu dos séculos XV–XVIII em três níveis ou planos básicos: o plano da civilização material, a esfera da economia e o mundo que Braudel chama de o “capitalismo”. Só dentro desta peculiar construção e unidade de três realidades distintas ganha pleno sentido a delimitação e o estudo do espaço que Braudel busca apreender com este complexo conceito de “civilização material”, o qual é desenvolvido e ilustrado, mais que definido pontualmente ao longo da obra. O mesmo Braudel anota: “Este livro não tem a pretensão de ter apresentado toda a vida material do mundo inteiro e complexo, entre o século XV e o XVIII. O que oferece é um ensaio para uma visão de conjunto de todos seus aspectos, desde a comida até o mobiliário, desde as técnicas até as cidades e, forçosamente, uma tentativa de delimitar o que é o que foi a vida material. Esta delimitação é às vezes difícil (...)” (*Civilización material y capitalismo*, p. 453. Veja-se também *La dynamique du capitalisme*, p. 12–21). Tratamento à parte mereceria a análise detalhada do argumento global mencionado, que constitui a cosmovisão braudeliana particular do período capitalista da história humana e uma riquíssima linha de diálogo e confrontação entre o aporte de Marx e os desenvolvimentos de Braudel.

a si mesmo como fonte de energia, ao vestir-se de lhana, algodão ou fibras sintéticas, assim como construir barcos e rotas marítimas ou caminhos de terra, de asfalto ou linhas de trem, os homens não fazem mais que manifestar o “distinto grau de desenvolvimento de suas forças produtivas sociais e a peculiar figura do sistema de necessidades até então alcançado”.

De acordo com os meios, possibilidades e elementos que a natureza oferece (e só “de acordo com eles”) – e segundo as capacidades específicas, habilidades e engenhos humanos diante dela exercidas – é que se determinam essas “realidades” primárias e elementares relativas aos fluxos demográficos, aos tipos de comida, bebida, vestimenta e *habitat* humanos, às técnicas produtivas desenvolvidas e seus avanços, ou o desenvolvimento, crescimento e influência recíproca das cidades e “seus” campos. Fatos básicos e fundacionais que refletem com precisão o desenvolvimento das forças produtivas humanas, em sua aceção ampla e complexa.⁶³ E que permitem, portanto, esclarecer melhor esta base natural-humana que “efetivamente

⁶³. Entendemos aqui o conceito de forças produtivas, tal e como o entendia Marx, como o conjunto de *todas as* capacidades, habilidades e potenciais desenvolvidas pelos homens em sua relação de intercâmbio com a natureza. Do que deriva que a ciência, a linguagem ou a multiplicação mesma do homem seriam, entre outras, diversas formas de desenvolvimento dessas forças produtivas. Outro problema, que não podemos pretender resolver aqui, é o da necessária *redução ou traço produtivista* deste desenvolvimento das forças produtivas humanas, o que funda a concepção trivial imperante delas como mero conjunto técnico-instrumental do processo produtivo (o que para Marx são as forças produtivas *materiais*, porém não *todas as* forças produtivas). Sobre esta concepção ampla e complexa das forças produtivas nos basta reproduzir só uma citação dentre todas as que se encontram dispersas no argumento de Marx: “(...) se fundavam por sua vez em uma relação determinada com a natureza na qual se resolve toda força produtiva” (*Elementos fundamentais* ..., Tomo II, p. 32). Ademais, os desenvolvimentos de Braudel sobre a civilização material, que aqui analisamos, permitiriam precisamente criticar e superar esta versão reduzida e redutora das forças produtivas humanas.

subjaz” ao plano da economia, esse nível “infra-estrutural” que nos remete à relação homem – natureza, ou seja, a relação base geográfico–natural/desenvolvimento das forças produtivas e do sistema de necessidades sociais determinadas.

Plano da civilização material derivado da réplica humana à coação da natureza, que é claramente percebido por Marx quando diz:

Em qualquer situação o homem tem que comer, beber etc (e não cabe aqui acrescentar vestir-se, ter faca e cobertor, cama, casa, porque não ocorre assim em todas as situações); em uma palavra, que em todas as situações tem que **encontrar na natureza**, prontos para seu uso, os objetos exteriores **para a satisfação de suas necessidades**, e apoderar-se deles ou prepará-los **com os materiais que a natureza lhe proporcione ...** (Marx. Notas marginais, p. 56, grifos nossos).

O homem encontra-se então *limitado*, como já vimos anteriormente, pela base geográfico–natural em que se apoia: só com os materiais que dela pode obter é que o homem procura assenhorar-se e transformar essa mesma natureza, buscando assim a satisfação de suas necessidades. Daí resulta claro que, no ponto de partida da história, tanto a “figura” como a “medida” das necessidades, como também as “forças e potências produtivas” atualizadas para sua satisfação, dependerão em uma escala enorme do tal entorno natural. Não se poderá cultivar o trigo ou o milho no Pólo Norte ou nas selvas equatorianas, como não se poderia usar moinhos de água onde não existissem rios para movê-los. E posto que “até o presente não se inventou a arte de capturar peixes em águas onde não existam previamente”(Marx. *El capital*, 1975, t. I, v. 1, p. 219), a “imposição” dessa base natural sobre os homens seguiu tendo um papel fundamental. Diante dela, e em movimento progressivo ascendente, o homem foi inventando, desenvolvendo e adaptando suas forças produtivas diversas, criando cidades, técnicas, hábitos alimentares, novas bebidas, formas de habitação

e até instrumentos de intercâmbio⁶⁴ que, em seu conjunto, constituem precisamente a civilização material.

Civilização material que Fernand Braudel assume como problema central e que em seus diversos “elementos” vai desenvolvendo detalhadamente ao longo de seu argumento central, ilustrando assim essas “bases mesmas do edifício” da vida econômica, que abordará no resto de sua obra *Civilização material, economia e capitalismo*.⁶⁵

IV

E faria notar aos cavalheiros democráticos que fariam melhor em colocar-se a par da literatura burguesa antes de presumir serem capazes de especular acerca das contradições da mesma. Por exemplo, esses cavalheiros deveriam estudar as obras históricas de Thierry, Guizot, John Wade, etc, a fim de inteirar-se da passada “história das classes”.

Karl Marx. Carta a J. Weydermeyer, 5 de março de 1852.

Uma vez esboçados alguns dos pontos mais importantes de confluência e de separação entre os paradigmas da obra

⁶⁴. Poder-se-ia discutir até que ponto a moeda é também parte do desenvolvimento das forças produtivas, ou melhor dito uma realidade correspondente basicamente à esfera das relações econômicas. Sem esquecer a correlação estreita entre certas forças produtivas e a estrutura econômica, nos inclinamos a considerar a moeda como relação econômica de *longa duração* e típica somente da “pré-história humana” antes mencionada. Com respeito à dúvida do próprio Braudel de incluir este ponto e o das cidades dentro da civilização material, veja-se *La dynamique du capitalisme*, p. 20–21.

⁶⁵. Não podemos entrar aqui na análise cuidadosa das distintas hipóteses e problemas que Braudel aborda *dentro do* tema da civilização material e que, como dissemos, constitui todo o tomo I de *Civilización material, economía y capitalismo*.

braudeliana e da concepção marxista da história, devemos nos perguntar sobre os “perfis mais globais” do aporte de Fernand Braudel dentro do vasto conjunto da produção histórica contemporânea.

Neste sentido, o que em primeiro lugar chama a atenção, como traço mais característico e destacado de toda a obra de Braudel, é o claro e permanente processo de “enriquecimento e dilatação do próprio objeto da história”, que se registra extensa e profundamente em toda sua produção intelectual. Algo que singulariza todos os trabalhos de Braudel é precisamente este esforço constante por incorporar “novos e mais profundos” espaços dentro da análise histórica, ampliando-se assim a definição mesma dos territórios do historiador.

Ao retomar, como vimos, o estudo “orgânico e integral” da história, Braudel não apenas refaz o modo de tratamento e utilização da base geográfico-natural dos processos históricos, como também edifica “novos e inéditos” problemas cuja consideração e inclusão dentro dos históricos compreendem originalmente a sua própria iniciativa. Assim, tanto o estudo do plano da chamada civilização material, como a análise das diversas temporalidades históricas, são campos “abertos e inaugurados” por Braudel para seu ulterior desenvolvimento e aprofundamento dentro das investigações no campo da história.

Com o que resultam claras, novamente, tanto a dívida como a contribuição de Fernand Braudel diante dos primeiros *Annales*. Pois se estes haviam “enunciado” e reivindicado a “centralidade e universalidade” da história, foi Braudel quem desenvolveu, ilustrou e elaborou organicamente esta reivindicação, retomando até os últimos e mais complicados espaços do objeto da história. Explorando “pioneiramente” esses recônditos e relegados níveis, Braudel logrou delimitar completamente o campo de aplicação e cobertura desta ciência emergente.

E junto com essa verdadeira “remodelação ou reconstrução do objeto da história”, e em parte derivado dela mesma, é que

Braudel leva a cabo também sua “revolução nos modos de abordagem e nos métodos da história”. Ao escolher e desenvolver novos problemas e territórios, Braudel viu-se obrigado a refazer os procedimentos de tratamento, análise e explicação destes mesmos problemas.⁶⁶

Isto, como vimos, desemboca na necessidade de fundamentação e aprofundamento de seus principais paradigmas. Ao influxo de novos espaços por ele abordados, consolida-se sua visão da história como história totalizante ou global, concebida, ademais, como uma história em profundidade. E se em vista do redimensionamento do objeto da história que ele mesmo impulsionou, Braudel é quem melhor pode falar de uma história aberta e ainda em construção, nem por isso deixa de ensaiar e experimentar o uso e a *readequação* dos paradigmas herdados de seus mestres, aplicando o mesmo método da história comparativa, assim como os postulados da história analítica ou racional e da história problema.

Com o que Braudel se acha preparado para intervir decisivamente e revolucionar também as visões clássicas dos

⁶⁶. Como disse Braudel, como poderíamos abordar o Mediterrâneo ou a civilização material com os “velhos métodos” do historiador “tradicional”? Por exemplo, como fixamos a data de nascimento ou o momento de “maturidade” desse mar, como seriam suas mudanças ou giros fundamentais, suas grandes aparições na história ou as profundas implicações de suas transformações essenciais? Quais são os “grandes acontecimentos” de uma realidade que permanece e que não muda senão muito lentamente? Como devemos narrar os “fatos, tal e como aconteceram” em relação a um hábito alimentício, a um luxo secular ou a uma forma de moradia antiquíssima? Como realizamos a “crítica externa” de um testemunho como o Mar Mediterrâneo ou como a massa continental chamada África? Como a crítica interna de um caminho ou rota conservados por séculos e até a atualidade? Sem dúvida alguma, a resposta adequada a estas perguntas –que às vezes só seria possível após sua reformulação “correta”– obriga o historiador a “refazer e renovar” seus métodos, desenvolvendo novos modos, técnicas e procedimentos de abordagem de seu também renovado objeto de estudo.

distintos problemas “concretos” por ele abordados. A partir da publicação das distintas obras básicas de Fernand Braudel, renovam-se os pontos de vista tradicionais, modificando-se mesmo o ponto de vista a partir do qual haviam sido contemplados anteriormente. Assim, e ao largo de toda sua produção, Braudel oferece-nos um retrato da Espanha de Felipe II, uma análise do século XVI europeu, um Mediterrâneo aberto ao uso dos historiadores, uma civilização material em escala planetária, uma história dos pródomos e das figuras primeiras do capitalismo nos séculos XV a XVIII e uma visão dos fundamentos da identidade do corpo da nação ou do espaço francês, que em função de sua peculiar abordagem “globalizante” e em “profundidade” se mostram sempre sob uma luz nova e excepcional. Deste modo, os resultados “clássicos” e mais acabados da historiografia e da história prévias são assimilados e recuperados dentro de uma visão nova, muito mais rica e complexa, dentro da qual adquirem “outra dimensão e outra figura”, revelando-se então de uma maneira diferente aos olhos do próprio historiador.

Como todas as obras profundas e que *marcam época* dentro de uma ciência, os trabalhos de Fernand Braudel servem claramente de divisor de águas no estudo dos temas concretos mencionados acima, nos quais, com sua intervenção, delineou novos rumos de investigação e novas discussões para ulterior aprofundamento.⁶⁷ Se em alguns destes problemas Braudel disse

⁶⁷. Citemos, para mencionar só um exemplo, sua teoria sobre as “economias-mundo” e sobre os distintos centramentos e recentramentos que na Europa vêm se sucedendo durante os séculos XIV a XVIII. Teoria de uma riqueza e profundidade que permite não só reconstruir as sucessivas hegemonias das cidades no mercado mundial, regiões ou Estados-nação capitalistas ao largo destes séculos, mas que se prolonga também como hipótese ou ferramenta explicativa da crise capitalista *atual*, dos rearranjos e reordenamentos que neste momento busca o capitalismo mundial. Sobre este ponto, consulte-se o interessantíssimo Tomo III de *Civilización material, economía y capitalismo*, tomo que mereceria por si mesmo uma consideração detalhada e pontual, um artigo de proporções a ele equivalentes.

o que poderíamos chamar de “a última palavra”, até hoje não superada pela produção historiográfica, em outros, ao contrário, apenas apontou caminhos novos e sugestivos, depois continuados por seus distintos discípulos e seguidores. Em qualquer caso, e concordando com as profundas transformações metodológicas e de definição da própria história, as investigações “específicas” de Braudel são sempre cruciais dentro do terreno particular em que se inscrevem.⁶⁸

A partir do exposto, pode-se entender o verdadeiro sentido “revolucionário” do aporte braudeliano dentro da ciência histórica. Porque, incidindo triplamente sobre os diversos âmbitos deste espaço do conhecimento social no tempo, Braudel “redimensionou” os pontos-chave de toda concepção possível da história ao colocar novamente no centro de suas preocupações a definição e especificidade do próprio “objeto” da história, de seus “métodos e procedimentos” de análise e dos “modos e formas concretos” de tratamento e manejo dos materiais empíricos ou matérias-primas do historiador.

Tripla intervenção que constitui precisamente o conteúdo da autêntica “revolução na teoria da história” levada a cabo por esse autor. Se Marx, com o desenvolvimento de sua concepção materialista da história – outra revolução na teoria da história, mas de caráter “fundacional” e de dimensões ainda mais amplas –, abriu claramente um projeto de constituição crítica de uma

⁶⁸. Algo similar poderia ser esperado de seu projeto *inconcluso* sobre a história da França. Braudel pensava desenvolver esta *História da França* em três grandes momentos, que eram os três tomos projetados da obra, concebida com os mesmos altos vãos que suas duas predecessoras. Estes tomos seriam: I. *L'identité de la France*; II. *La naissance de la France* e III. *Le destin de la France*. Por sua vez o tomo I, *L'identité de la France*, se subdividia em quatro volumes que cobririam os pontos seguintes: v. 1: *Espace et Histoire*; v. 2: *Les hommes et les choses*; v. 3: *Etat, culture, société*; v. 4: *La France hors de France*. (Cf. *L'identité de La France*, p. 19–21). Braudel só pôde entregar a seu editor os dois primeiros volumes do tomo I. Aguarda-se publicação também dos fragmentos que Braudel redigiu sobre o restante deste importante projeto.

verdadeira ciência da história, Braudel conseguiu aprofundar e contribuir ricamente dentro de uma linha de esforços muito próxima àquele projeto, ao dotar a história de novos fundamentos e a ela incorporar espaços e problemas absolutamente inéditos e revolucionários em relação ao que havia antes.⁶⁹ Por um caminho claramente distinto ao empreendido por Marx, Braudel arou e semeou a mesma terra, colhendo como seu predecessor frutos muito especiais: seu aporte, verdadeira transformação radical da teoria da história, representa uma das contribuições mais importantes deste século ao processo global da construção de um discurso genuinamente científico sobre a história.

Mas trata-se, de certa forma paradoxalmente – o que torna difícil a apreensão da profunda inovação braudeliana –, de uma contribuição revolucionária da teoria que termina “enganando” seu próprio autor, e que o conduz em suas posições pessoais a uma certa postura céptica e em alguma medida conservadora. Vejamos.

Como dissemos, o centro dos descobrimentos e aportes braudelianos se acha em sua revelação, estudo e incorporação dos planos, tempos e realidades mais profundos e últimos da história, em sua elevação radical dos níveis originários e fundacionais de toda vida histórica possível. Mas estes planos profundos, que incluem a base geográfico–natural, o sistema de necessidades e capacidades humanas em geral na longa duração, são planos cuja característica fundamental é precisamente a da permanência, da quase imobilidade e da persistência de suas distintas figuras ao longo de sua evolução.

⁶⁹. Insistamos em que enquanto Marx levou a cabo a fundação e abertura de uma nova ciência, Braudel, ao contrário, a revolucionou internamente, apoiando-se sem dúvida em seus distintos desenvolvimentos e avanços prévios para realizar um salto qualitativo de enormes e significativas proporções.

Daí que Braudel, precisamente o homem que “deu à luz” estes planos da história, tenha se enamorado com sua própria “criação”, sendo aprisionado e “coisificado” por esses mesmos planos, deixando-se arrastar sem limites por sua profunda força e por sua obsessiva vigência (ainda que se possa perguntar: quem, nas mesmas circunstâncias, poderia escapar a esta sorte?). Atentando, então, de um modo privilegiado, a estas quase intemporais realidades, torna-se explicável que Braudel acredite estar certo quando afirma que a desigualdade humana é eterna, que uma certa hierarquia dentro da sociedade é algo insuperável ou que o homem individual é sempre essa espécie de “prisioneiro de um destino sobre o que apenas pode exercer um mínimo de influência” (Braudel. *El Mediterráneo...*, 1953, t. II, p. 795). Com o que Braudel não só “relativiza” a importância e magnitude das grandes mudanças históricas – procedimento por demais legítimo e digno de ser imitado por todo bom historiador –, mas também “esquece e passa por alto”, até o ponto de falsear sua própria percepção dos fatos históricos, dos diversos sucessos e processos que são a contrapartida obrigatória dessas realidades profundas e de muito longa duração mencionadas acima. Assim, ainda que Braudel possua, como muito poucos, essa clara e ampla visão do presente que permite o mais sólido e sensível conhecimento do passado e da história, não consegue assumir e ponderar toda a importância e relevância desse “outro lado” da história que constituem as amplas possibilidades de mudança das sociedades, a profunda capacidade revolucionária e transformadora dos homens e sua cada vez maior força e consciência para poder fazer a história, na mesma medida em que são feitos por ela.

Aquilo de que os homens são filhos de seu tempo – ou, como disse Marx, tem que fazer a história em “condições não escolhidas” – vale também para os grandes pensadores. E assim, não é absolutamente casual a diferença de meios e de épocas em que vivem Fernand Braudel e Karl Marx: não são as mesmas a Europa revolucionária e no umbral do socialismo do século XIX e

a Europa moderna e já demasiado capitalista do século XX. Porque se Marx quis, antes de tudo, conhecer e compreender a história para poder coadjuvar o processo de sua construção consciente e de seu livre “fazer-se” por parte dos homens, Braudel, ao contrário, soube reconhecer, aprofundar e analisar brilhantemente esse fazer humano, para também tratar de aperfeiçoar o “saber” dos homens sobre sua história cotidiana.

DOWNLOAD FREE

DOWNLOAD FREE

CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE OS
ANNALES DE 1929 A 1968 E O MARXISMO:
ENSAIO DE BALANÇO GLOBAL*

O marxismo (...) é, para nós, uma problemática que hoje faz parte necessariamente de toda análise histórica séria (...) a partir do momento em que se estabelece o diálogo, ou seja, o desejo de compreender-se reciprocamente, nenhuma divergência acaba sendo molesta. Pelo contrário, ela é com frequência uma incitação a pensar, uma maneira de reconhecer as distâncias e proximidades, de perceber uma conciliação possível. Porque nós sustentamos sempre que não pode haver duas formas de ciência histórica. As problemáticas podem diferir e efetivamente diferem, mas os resultados, entre historiadores de boa fé, devem reencontrar-se.

Fernand Braudel, apresentação ao artigo “Les *Annales* vues de Moscou”, *Annales. Économie. Sociétés. Civilisations*, jan./fev., 1963.

O ano de 1989 representou, sem dúvida alguma, o momento simbólico de clímax de uma mudança importante e profunda dentro da história europeia e, muito provavelmente, da história mundial. Depois da queda do Muro de Berlim e o que dela

* Este artigo foi publicado na revista *Historia Social*, Valência, n. 16, 1993.

implicou e implicará, terminava esse “pequeno século XX” que se iniciou com a I Guerra Mundial.

Assim, a conjuntura social geral do “pequeno cabo asiático”, que é a Europa, começou a modificar-se substancialmente há uns quantos anos, redefinido igualmente as atmosferas ou paisagens intelectuais das diversas nações européias. E em sintonia com essa mudança de idéias é que se começou a levantar “novos” problemas, novas orientações dentro da investigação nas ciências sociais, e também novos modos de aproximar-se de velhas temáticas.

É dentro deste contexto global, de grandes transformações sociais e culturais, que se devem situar tanto a atual discussão em torno do futuro imediato e mediato e aos novos possíveis rumos da corrente dos *Annales*, como a situação de redimensionamento radical e renovação em que hoje se encontra a concepção marxista da história. Porque, ao arrastar em seu movimento de mudança as duas perspectivas historiográficas que mais presença e avanços tiveram durante os últimos sessenta anos, a virada decisiva dos últimos anos obrigou os historiadores e cientistas sociais das mais variadas formações a reexaminarem profundamente as premissas, o caráter e sobretudo as perspectivas do conhecimento histórico. Vejamos mais de perto este duplo questionamento.

Por um lado, considerando-se a mencionada situação peculiar européia – e como uma expressão intelectual de seus desdobramentos –, os próprios annalistas decidiram abrir um debate¹ sobre quais poderão vir a ser os futuros rumos possíveis

¹. Debate que, entre outras coisas, tentava dar resposta às críticas feitas à corrente durante os anos 80, por autores como Dosse. *L'histoire en miettes*, Coutau-Bégarie. *Le phénomène nouvelle histoire*, ou Duby. “Le plaisir de l'historien”. In: *Essais d'ego-histoire*. Sobre o lançamento da discussão nos *Annales*, vejam-se os editoriais “Histoire et sciences sociales: un tournant critique?” (1988) e “Tentons l'expérience”, (1989) (número este que recolhe os resultados da convocatória contida no artigo de 1988 citado). Em torno

da ciência histórica. Buscando recolocar a revista em posição de vanguarda dentro do debate contemporâneo sobre as formas de conceber e fazer a história, começou a madurar o projeto que nós chamaríamos dos possíveis “quartos *Annales*”², um *Annales* renovado e diferente dos que tiveram vigência entre 1969 e 1989.

Afastando-se radicalmente dos terceiros *Annales*, que ao mesmo tempo em que promoviam a antropologia histórica e a história das mentalidades abandonavam em grande medida o debate metodológico e a história global,³ o projeto destes quartos *Annales*, ainda em gestação, voltou a incorporar de maneira central a temática da história econômica, reinaugurando a discussão epistemológica e teórica e reivindicando novamente a história global e a longa duração, tão caras a Fernand Braudel.

Assim, ainda que não se trate nestes quartos *Annales* de um retorno ao passado da corrente – o que os promotores iniciais

deste debate sobre os possíveis “novos” ou “quartos” *Annales* e sobre as distintas posições que suscitaram até agora, vale a pena ver também, os artigos de Caros Barros “La ‘nouvelle histoire’ y sus críticos”, e “El ‘tournant critique’ de *Annales*”; Wallerstein. “Beyond *Annales*?”; Burke. *The French Historical Revolution*; Bessmerthy. “Les *Annales* vues de Moscou” e a resposta ao mesmo, de Lepetit e Revel. “L’expérimentation contre l’arbitraire”; Lepetit. “Los *Annales*, hoy” ou nosso ensaio “De los *Annales* ‘revolucionarios’ a los *Annales* ‘marxistas’”, incluído nesta coletânea. Para observar como o debate se estendeu a círculos mais amplos, vale a pena consultar também os artigos de André Burguière, François Dosse e Bernard Lepetit, publicados respectivamente nos números 119–121 e 128 da revista mensal *L’Histoire*, dos meses de fevereiro, abril e dezembro de 1989, citados na bibliografia final.

². Sobre este ponto, veja-se o artigo de Bernard Lepetit. “Los *Annales*, hoy”, e nosso ensaio “La corriente de los *Annales*...”.

³. Como assinalou o próprio Braudel. “À modo de conclusión” ou na “Entrevista a Fernand Braudel en sus 80 años de vida”. Veja-se também o reconhecimento *explícito* desta viragem, por parte dos mesmos “terceiros *Annales*” na nota necrológica intitulada “Fernand Braudel (1902–1985)”.

dessa mudança afirmam vigorosamente ⁴ –, ainda assim são significativas as semelhanças, pelo menos gerais, com alguns dos traços mais característicos dos *Annales* braudelianos, dos *Annales* que antecederam à profunda guinada de 1968/69, que marca o início dos terceiros *Annales*.

Os atuais encontram-se, pois, numa encruzilhada fundamental de sua história. Buscando ao mesmo tempo “superar” criativamente a terceira etapa que lhes antecedeu, e recuperar criticamente – o que não é uma tarefa fácil ou pequena – a herança braudeliana que os terceiros *Annales* praticamente marginalizaram, essa possível “quarta geração” enfrenta a necessidade de levar a cabo um balanço rigoroso da trajetória do movimento, uma análise detida que, inventariando os avanços e as lacunas presentes ao longo de suas sete décadas de vida, seja capaz de proporcionar referentes, elementos e apoios para a verdadeira geração do “novo”.

Propostos então a desenvolver, para firmar-se, novas perspectivas de análise histórica, novos paradigmas metodológicos e novas teorias e conceitos, estes embrionários quartos *Annales* vêm-se forçados, de maneira apenas aparentemente paradoxal, a voltar os olhos para trás, a reconsiderar de maneira crítica seus predecessores, para poder então assumir conscientemente o ponto específico no qual estão situados e para determinar com clareza as coordenadas a partir das quais buscam construir algo diferente.

O marxismo, por sua vez, abalado também até suas mais profundas bases pela falência do que se chamou o projeto do “socialismo real”, foi levado a indagar-se, de maneira frontal e radical, sobre a verdadeira natureza dessas bizarras sociedades que, sob a pretendida inspiração e bandeira do nome socialista, tentaram superar o capitalismo, construindo sob condições

⁴. Cf. o artigo citado de Bernard Lepetit, em *L'Histoire*.

totalmente singulares, universos “socialistas” em um terço do planeta.

Tratando então de edificar, em sociedades essencialmente escassas e pré-capitalistas, um projeto de transição que na própria idéia de Marx projetava-se para sociedades ricas e altamente desenvolvidas em termos capitalistas ⁵, o “socialismo real” adquiriu feições e formas que se assemelhavam muito mais a uma variante simplesmente deformada da já conhecida modernidade capitalista da Europa do Norte, assumindo ainda como suas tarefas praticamente as mesmas que na Europa foram cumpridas pelo capitalismo ⁶.

Desse modo, enquanto a Europa ocidental capitalista – a única realmente madura para ir além de suas próprias estruturas – negava a previsão, no começo deste século, do advento do socialismo, este acabava se implantando em sociedades todavia pouco desenvolvidas em termos econômicos, sociais, políticos e culturais.

Foi justamente esta “estranha confluência” que desaguou na crise de 1989, obrigando os marxistas a revisar toda a história dos diversos marxismos posteriores a Marx e todas suas distintas aplicações e concretizações, voltando-se ao resgate da complexa e ainda pouco compreendida visão de mundo original do autor de *O capital*. Avançando assim através destas lamentáveis citações frustradas e dessas “estranhas confluências” não previstas, o marxismo do século XX, assim como os *Annales*, ainda que por caminhos diversos, chegou igualmente agora a uma das principais encruzilhadas de seu tortuoso itinerário.

⁵. Que nos seja permitido remeter o leitor à série de três artigos nossos intitulados, respectivamente, “Marxismo, liberalismo y expansión de la economía-mundo...”

⁶. Veja-se o artigo de Wallerstein. “Marx, Marxism–Leninism and socialist experiences in the modern world–system” e o de Echeverría. “Modernidad y capitalismo...”

Entramos, pois, numa fase em que se impõe distintos balanços “parciais” sobre o caminho percorrido. Um dos quais – e não dos menos importantes, conforme o atesta duplamente tanto a história prévia da corrente francesa dos *Annales*, como a evolução particular do marxismo – é justamente o da rica e complexa relação que esses sucessivos *Annales* mantiveram com a concepção marxista, com esta igualmente ampla e diversa tradição historiográfica que remonta ao projeto crítico de Marx.

Pois se os terceiros *Annales* se proclamaram como “alheios a toda ortodoxia ideológica” e abertos às mais diversas aproximações teóricas⁷, retraindo-se ao mesmo tempo ao diálogo direto com o marxismo e os marxistas de sua época, os *Annales* de 1929–1968, ao contrário, tiveram como um de seus eixos fundamentais a abertura a Marx e os marxistas – e inclusive o diálogo e a colaboração diretas com certos representantes das também várias correntes de marxismos que lhes foram contemporâneas.⁸

Visando contribuir em alguma medida com esses balanços parciais hoje urgentes, balanços que abonem a possibilidade tanto de renovação radical da corrente dos *Annales*, como o processo de auto esclarecimento e aprendizado das lições do pequeno século XX por parte dos marxistas realmente críticos, buscaremos analisar mais de perto o conjunto das divergências e convergências fundamentais que nós pudemos estabelecer entre os *Annales* de 1929–1968 e a proposta crítica de Marx, desenvolvida em torno da história.

Fazendo nossa a idéia braudeliana que encabeça este ensaio, e assumindo que não existem **duas mas apenas uma** ciência da

⁷. A respeito vejam-se tanto o “Preface à nouvelle edition” como o artigo “L’histoire nouvelle”, de Le Goff.

⁸. Sobre este ponto, Cf. Wallerstein. “Braudel, los *Annales* y la historiografia contemporânea”, p. 99–111, e também nosso artigo já citado “De los *Annales* ‘revolucionarios’ a los *Annales* ‘marxistas’”.

história, o que perseguimos então é construir o possível espaço comum dentro do qual possam dialogar e trocar pontos de vista as duas correntes historiográficas mais importantes e mais difundidas dentro do panorama internacional dos estudos históricos contemporâneos. Trata-se, então, imbuídos do ânimo braudeliano e fiéis à postura aberta e crítica de Marx, de incitar a pensar e debater tanto os marxistas quanto os seguidores dos *Annales*, em torno dessa ciência histórica em construção, sobre suas semelhanças e diferenças.

I

É ao mesmo tempo um quadro do sistema e a crítica desse sistema através de sua própria exposição.

Karl Marx, carta a Ferdinand Lasalle, 22 de fevereiro de 1858.

A primeira convergência importante que é possível estabelecer entre a corrente dos *Annales* e o marxismo refere-se ao fato de que em ambos os casos se trata de discursos que podem muito bem ser definidos, atendendo-se a suas características fundamentais, como discursos essencial ou profundamente “críticos”, ou seja, não simples discursos positivos ou propositivos, que coexistiriam sem conflito ao lado de outras interpretações ou visões históricas, mas discursos que se constituem enquanto tais sobre a base da desconstrução e do desmonte, polêmicos e à contracorrente dos discursos dominantes oficiais que lhes antecedem e aos quais, de maneira explícita e radical, procuram substituir.⁹

⁹. É justamente este *caráter crítico* o que explica, a nosso modo de ver, o ardor polêmico e a auto-concepção do próprio projeto como um “combate”, característica que em algumas interpretações recentes sobre a corrente dos *Annales* foi concebido como um mero recurso *circunstancial*, ou como um mecanismo para se fazer auto-promoção (veja-se, por exemplo, o artigo de

Discursos, pois, desenvolvidos no calor de distintos “combates pela história” científica, que não apenas se opõem frontalmente à historiografia e inclusive às ciências sociais reconhecidas e estabelecidas, mas que servem também de forma de expressão, no plano das idéias, a importantes movimentos ou processos de ruptura social que lhes são contemporâneos.

Visto mais de perto, fica claro que o caráter crítico dos discursos originários, tanto do marxismo como dos *Annales*, deriva do fato de que ambos são expressões intelectuais, no plano da história cultural, de profundas “crises globais” acontecidas dentro da curva particular do desenvolvimento da história moderna da Europa. Assim, e visto então numa perspectiva histórica mais ampla, parece evidente a conexão que existiu entre o momento específico do nascimento das duas correntes consideradas, e a situação cronológica de dois dos grandes pontos de ruptura histórica da linha evolutiva do mundo europeu.

Se o marxismo é filho legítimo das revoluções européias de 1848, os *Annales* são também um dos frutos da dupla fratura européia consumada com as duas guerras mundiais do século XX, particularidades que definem tanto o parentesco já assinalado de ambas as correntes enquanto discursos críticos, quanto a separação que as caracterizam em relação à profundidade e alcance dessa mesma natureza crítica.

O ano de 1848 não é somente o momento de crise intelectual dos grandes sistemas de pensamento que a modernidade havia elaborado e decantado durante vários séculos, a crise simultânea e complexa do sistema da filosofia hegeliana, última grande síntese do pensamento filosófico burguês e ilustrado, da

Burguière. “Histoire d’une histoire...”, p. 1347–1359). Em nossa opinião, este traço da corrente é antes uma *expressão* desse caráter crítico, profundo e essencial, que a aproxima do marxismo. Nesta mesma linha de explicação, vejam-se os ensaios de Wallerstein. “*Annales as resistance*”, p. 5–7 e “*The Annales school: The war on two fronts*”.

economia ricardiana que condensou os maiores avanços do pensamento econômico anterior e os distintos sistemas do socialismo utópico europeu que recuperam e superam, ainda que de modo limitado, todo o conjunto dos desdobramentos da teoria política moderna desde Maquiavel e adiante, mas também o reflexo de uma “crise social geral”, na qual chega ao ápice a longa curva secular da história européia que começa no século XVI. Ponto de *inversão* de um grande ramo ascendente do projeto expansivo planetário da civilização européia e início de seu movimento descendente, este momento *excepcional* de meados do século XIX representa o ponto culminante dos grandes aportes civilizatórios que levam aparelhados o desenvolvimento da modernidade capitalista atualmente vigente, e, com ela, o nascimento do marxismo, dessa visão de mundo que finca suas raízes no *lado negativo* da civilização burguesa que está destinado a mostrar, diante de seu caráter progressivo–civilizatório, sua igualmente profunda natureza escassa e destrutiva, sua lógica limitada e abstrata, que sacrifica os homens aos mesquinhos critérios da valorização e acumulação de capital.

Ponto crítico singular, então, da mais profunda curva do devir europeu, 1848 é na verdade o momento “culminante” para a Europa, enquanto desdobramento e conquista dos avanços fundamentais da modernidade, na efetivação da rede do mercado mundial capitalista e da universalização histórica a ela ligada, no domínio da natureza pelo homem e no desenvolvimento mais acabado das figuras econômicas, sociais, políticas e culturais da civilização européia; mas, ao mesmo tempo, é também o início da crítica e da contestação “radicais” desses avanços, à luz de seus efeitos negativos, a partir da clara percepção da submissão e domínio da maior parte dos povos e civilizações do planeta, da exploração crescente e sofisticada do trabalho através das máquinas e do caráter efêmero e limitado das relações econômicas, sociais, políticas e culturais modernas. Toma-se, pois, consciência “crítica” desse “lado perverso” da modernidade, que é justamente o discurso “crítico” de Marx.

Porém, como disse Hegel, todos os grandes acontecimentos da história precisam repetir-se duas vezes, para lograr entrar definitivamente na consciência das pessoas. E assim a Europa, que culminou seu movimento ascendente progressivo na primeira metade do século XIX com a crise revolucionária de 1848, teve que se autoflagelar novamente em 1914–1939, para tornar patente a todo o mundo que, depois de 1848, progresso e civilização européia não eram mais termos idênticos, e que a equação da modernidade capitalista como equivalente de desenvolvimento econômico ruiu definitivamente.

O que explica, então, o fato de que os *Annales*, assim como o marxismo, ainda que em contextos diversos, sejam também um dos resultados complexos que, na esfera intelectual, dão expressão a essa segunda conjuntura crítica da evolução européia que é o período transcorrido entre as duas guerras mundiais. Nessa época, a Europa perde seu domínio e hegemonia sobre o planeta, que passa para os Estados Unidos da América e, incapaz de levar a cabo uma revolução socialista, chafurda na dupla autodestruição mencionada de 1918–1945, o que engendra uma atmosfera intelectual marcada, cada vez mais, pela crise das ciências sociais e pelo sentido crítico geral diante dos avanços dessas mesmas ciências.

Deste modo, resulta claro que o caráter também “crítico” do discurso fundador dos *Annales* encontra um de seus pontos de apoio nessa peculiar conjuntura intelectual que, entre as grandes guerras européias, cobre toda a Europa com uma gama de movimentos contra-culturais de signo impugnador, entre os quais se encontram a psicanálise de Freud e sua escola, o grupo italiano de Gramsci *L'Ordine Nuovo*, e igualmente o pensamento crítico da escola de Frankfurt, assim como os círculos lingüísticos de Moscou, Praga e Copenhagen, entre outros.

Ao dar curso e expressão dentro da historiografia do hexágono francês a esta onda de movimentos e respostas intelectuais, que na Europa dos anos 20 e 30 buscavam uma saída

para a crise de “identidade” social e civilizatória do projeto europeu, os *Annales d'Histoire Économique et Sociale* apresentariam também um discurso profundamente *crítico*, que será, com o tempo, um claro divisor de águas dentro da própria história da historiografia francesa e depois mediterrânea¹⁰ do século XX.

Porém, se tanto o marxismo quanto os *Annales* são, como vimos, discursos eminentemente críticos, nascidos ambos de crises econômicas, sociais e intelectuais profundas, o são de “maneiras diferentes”, em modalidades que se distinguem justamente a partir da diferença entre as crises respectivas que lhes servem de fundamento e de contexto. Assim, o marxismo é, como já apontamos, fruto complexo do ponto de inflexão principal da curva civilizatória européia e, em consequência, forma de expressão necessária, conspícua e “estrutural” do nascimento do discurso crítico moderno. O que significa que o marxismo “é crítico ou não é”, pois se acha inscrita em sua natureza mais essencial essa função de servir como expressão do “lado perverso” da moderna civilização burguesa.¹¹

Por sua parte, os *Annales* nasceram também como um discurso crítico, mas um discurso que é crítico só de uma maneira “conjuntural”, à medida que toma parte dessa conjuntura de crise européia que, “reeditando” de certa maneira a guinada simbolizada por 1848, acabou tornando evidentes os limites do projeto civilizatório europeu. Discurso crítico de modo conjuntural que animou com esse espírito contestatório aos primeiros e segundos *Annales*, entre 1929–1968, *Annales* que o

¹⁰. Tentamos desenvolver com mais profundidade deste ponto em nosso artigo antes citado “Dos *Annales* ‘revolucionários’ aos *Annales* ‘marxistas’”.

¹¹. É neste sentido que, em nossa opinião, Jean-Paul Sartre definiu o marxismo como o “horizonte intelectual insuperável” de toda a época contemporânea. Cf. Sartre. *Crítica de la razón dialéctica*.

próprio Braudel qualificou de “oficiais”, “institucionais” e constitutivos dos *establishment* acadêmico francês.¹²

De acordo com a diferença entre a crise estrutural de desenvolvimento europeu de meados do século XIX e a crise conjuntural do período entre as duas guerras mundiais, estabelece-se também a diferença entre o discurso marxista, estruturalmente crítico, e o discurso dos *Annales*, também crítico, mas só de maneira conjuntural. O que não impediu que neste complicado e pequeno século XX, tão repleto de paradoxos e surpresas, e dentro das distintas trajetórias dos *Annales* e do marxismo, tenhamos visto surgir algumas versões institucionais do marxismo, oficiais ou vulgares, muito distantes do caráter crítico e radical do discurso marxista original. Um conjunto de autores e pequenos grupos de historiadores – curiosamente, em muitos casos marxistas ou provenientes do marxismo –, contrários também às circunstâncias dominantes e, depois das guinadas posteriores a 1969, impulsionados a partir do núcleo hegemônico da corrente dos *Annales*, trataram de perpetuar e conservar o caráter “crítico” do discurso e do projeto annalistas, buscando superar seu caráter apenas conjuntural claramente vigente entre 1929 e 1968.¹³

Ao se reconhecer essa primeira convergência do caráter crítico dos discursos fundadores e essa divergência derivada da natureza conjuntural ou estrutural desses mesmos discursos, é cabível perguntar se os *Annales* do futuro próximo irão retomar esse impulso crítico que os caracterizaram desde sua origem até 1968 e

¹². Esta é uma idéia sobre a qual Fernand Braudel insiste em vários de seus textos e entrevistas posteriores a 1969. Além dos textos citados na nota 3, pode-se ver por exemplo seu “Foreword” a Stoianovich. *French Historical Method*; a entrevista concedida a Massimo Boffa e publicada no diário *Rinascita* em 1983, ou “La última entrevista a Fernand Braudel”, p. 69–79, para citar só alguns exemplos.

¹³. Cf. nota 8, e ainda Dosse. “L’histoire en miettes...”; Fontana. “Ascens i decadencia del’escuela dels *Annales*”, p. 283–298 ou Guerrau. *El feudalismo*.

que foi abandonado entre 1969 e 1989, ao mesmo tempo em que nos questionamos se será o marxismo, por seu turno, capaz de recuperar e de repor no centro de sua perspectiva aquela natureza crítica sem a qual ele se converte em simples variante do discurso dominante estabelecido.

II

(...) o título que escolhi (*Combates pela história*), lembra aquele que sempre tive de militante durante toda minha vida.

Lucien Febvre. “Avant-propos”. *Combates pela História*, 1953.

Uma segunda convergência importante entre o projeto crítico de Marx e os resultados dos *Annales* 1929–1968 refere-se à dupla negação crítica “específica”, sobre a qual procuraram fundar-se os novos discursos das duas correntes. Pois se, em geral, trata-se de discursos críticos que reproduzem intelectualmente as conjunturas de crise dentro das quais nasceram, são também discursos que buscaram inscrever-se e levantar-se em contraposição aos discursos dominantes que dominavam o campo intelectual.

Assim, resulta interessante que tanto o marxismo como os primeiros autores dos *Annales* concebem seu projeto de uma nova ciência histórica como um projeto de dupla construção e superação, tanto de algumas variantes da filosofia da história então em voga, como da história empirista e erudita também amplamente difundida.

Processo que realizou Marx desde seu antigo texto *A Ideologia alemã*, ao criticar tanto a filosofia hegeliana da história e as deformações e vulgarizações levadas a cabo pelos epígonos da “esquerda hegeliana”, como em seu distanciamento da história factual e empirista, essa mera “coleção de fatos mortos” que procura fazer-se passar por “história objetiva” e que se encontra

tão distante da verdadeira ciência materialista da história quanto os sistemas construídos em torno dos distintos princípios *a priori* que constituem o núcleo de toda a filosofia da história possível, de Maquiavel a Hegel, passando por Vico ou Voltaire.

Tal crítica à filosofia da história – filosofia que parte de um esquema pré-concebido e vai aos fatos históricos apenas para encontrar neles o “material empírico” de sua validação –, é também acolhida e desenvolvida reiteradamente pelos distintos historiadores da corrente dos *Annales*. O que se repete em suas declarações expressas de que eles “não” são filósofos e, portanto, são incapazes de propor ou desenvolver uma nova filosofia da história, como inclusive se verifica em sua reticência face ao que eles concebem como “teoria pura”, onde reincidente constantemente esta definição negativa e por oposição aos distintos “*a priori*” da história.¹⁴ Distância crítica quase instintiva frente ao “filosofismo” em história que, ao mesmo tempo, e tal como no marxismo, será complementada também pela crítica radical da síntese erudita e da história–relato, dessa história que, seguindo a máxima rankeana de “narrar as coisas tal como aconteceram”, acaba sendo mais propriamente uma mera descrição cumulativa de fatos e datas ou uma introdução velada sob a concepção implícita ou explícita do historiador, descrição sem hierarquias e inclusive sem um claro sentido de incorporação dos fatos dentro do relato, que será também um dos motivos polêmicos permanentes do projeto dos *Annales*.

Dupla crítica, então, do empirismo e do “filosofismo” em história que, sendo comum aos *Annales* e ao marxismo, é sem dúvida “assimétrica” nestas duas correntes, com relação à ênfase

¹⁴. A respeito basta consultar, por exemplo, Febvre. “Introducción”. In: *El problema de la incredulidad en el Siglo XVI* ou as declarações de Marc Bloch em *Apologie pour l'histoire...* – cujo título tenta justamente sublinhar esta distância da filosofia e da teoria geral da história–, ou também as afirmações de Fernand Braudel sobre este ponto no texto citado “A manera de conclusión”.

dada por cada uma delas a seus elementos constitutivos. O que nos remete à sua adequada explicação, à problemática dos distintos “universos culturais de longa duração” a que pertenceram os *Annales* e o marxismo – ponto que veremos mais detidamente alhures –, porém que já neste momento nos explica em parte o diverso “estatuto da teoria e da metodologia”, dentro das duas correntes intelectuais que estamos comparando.

Pois se nos aproximarmos mais dos textos de Marx, poderemos ver que neles a crítica e superação da filosofia da história hegeliana¹⁵ acontece, ao mesmo tempo, como movimento que *transforma* esta filosofia em *teoria* da história, ou seja, em um todo articulado de conceitos e em um conjunto coerente de hipóteses gerais sobre o desenvolvimento histórico. Teoria pois no sentido forte do termo, que nos proporciona respostas claras sobre o problema da dinâmica histórica e de suas leis de evolução fundamentais, sobre a causalidade histórica, sobre as periodizações diversas, assim como sobre as hierarquias e relações internas entre os diferentes níveis da totalidade social.

Movimento então de real “superação” – no sentido hegeliano – da filosofia hegeliana da história, que ao desconstruí-la e evidenciar seus limites específicos, gera uma *nova e fundamentada* teoria da história, a teoria materialista da história, que se explicita claramente enquanto teoria e que, distinguindo-se da metodologia histórica, se reivindica frontalmente como *alternativa de explicação* diante das interpretações da história anteriores, diante dos modelos superados das diversas filosofias históricas precedentes.

¹⁵. Monumental construção, de uma riqueza e complexidade enorme, esta filosofia hegeliana da história – diluída em suas *Lecciones sobre la filosofía de la historia universal* – serviu também a Marx como referente constante de múltiplas “pistas” de compreensão e explicação da história real, pistas que devidamente “invertidas” ou “retrabalhadas” de maneira materialista, lhe proporcionaram elementos importantes para a mais aguda apreensão dos processos históricos.

Isso nos permite entender também o fato de que, para Marx, esta superação do sistema hegeliano ocupe o lugar central de seu projeto teórico no que se refere ao campo da história, enquanto que a também presente e complementar crítica da história empirista se encontra apenas enunciada de uma maneira genérica e muito menos desenvolvida do que a primeira.

Esquema, pois, assimétrico da dupla crítica compartilhada pelos *Annales* e marxismo, carregado no caso de Marx para a crítica e superação da história filosófica, que encontraremos invertido de maneira quase exata no caso dos *Annales*. Para estes, o motivo polêmico central e a crítica mais desenvolvida e reiterativa é, ao contrário, a crítica dessa história empirista e factual, desta história narrativa e erudita que era hegemônica na Sorbone e no meio acadêmico oficial francês, quando do nascimento dos *Annales*.

Como resultado – até certo ponto lógico – desse árduo e intenso trabalho que a Europa do século XIX levou a cabo no trabalho de resgate, classificação e compilação dos documentos históricos¹⁶, ganhou força essa visão empirista da história, esse *culto ao documento* e ao texto escrito que constitui a pedra de toque da reivindicação e explicação da história erudita e *événementielle*.

Contra essa última foi promovido o ataque frontal dos *Annales*. A partir da demonstração de que os documentos “não falam senão àquele que sabe interrogá-lo” e em função desse interrogatório, estes mesmos documentos tornam-se apenas “uma” entre as múltiplas fontes e testemunhos possíveis de serem utilizados pelos historiadores.¹⁷

Superação pontual e fundada da história *événementielle* ou “historizante” que consome as energias críticas dos *Annales* de

¹⁶. Como assinala claramente Pirenne. “What are historians trying to do?”.

¹⁷. Tentamos desenvolver mais este ponto em “Between Marx and Braudel. Making history, knowing history”.

1929–1968 e que também relega a um segundo plano a crítica da filosofia da história, a qual no projeto annalista encontra-se “denegada a princípio”, rechaçada e omitida em termos explícitos e, em consequência, mais que estritamente superada, “deslocada”, com as problemáticas “legítimas” que ela implica, e às quais essa filosofia responde de modo equivocado.¹⁸

Assim, falando em termos gerais, não encontramos nos *Annales* uma verdadeira e sistemática “teoria da história”, no sentido acima definido, mas antes uma constante recusa – em muitos casos mais retórica que real, mas igualmente presente – às discussões teóricas e à teoria pura em geral. Prevenção sistemática e constante diante da filosofia da história e inclusive à teoria da história, que provoca uma clara *redução* da dimensão mais teórica do aporte contido nas obras e no discurso annalista. Dimensão que em muitos casos é antes *implícita* – devendo então ser rastreada, explicitada e até reconstruída pelo leitor – ou apenas fragmentariamente explicitada dentro das argumentações blochianas ou febvrianas correspondentes.

Contrapondo-se assim frontalmente ao marxismo, estes *Annales* do período 1929–1968 reduziram a discussão e o trabalho teórico à mera dimensão da *metodologia da história*, sobre a qual se concentraram e lograram avanços de maneira combativa e polêmica ao tentar estabelecer *como* se pratica a história, quais as condições do trabalho histórico e

¹⁸. Vale a pena assinalar que Henri Berr, um dos principais antecedentes intelectuais dos *Annales*, é justamente a exceção a esta regra. Em Berr há uma discussão explícita e uma busca de superação real da filosofia da história, superação que este autor concebe como algo que se leva a cabo justamente em seu projeto de “síntese histórica” (Cf. *La synthèse en la historia* e também a recompilação de materiais *L'histoire traditionnelle et la synthèse historique*). Chama a atenção o fato de que precisamente os *Annales* entendam o projeto de Henri Berr como “ainda demasiado filosófico”, o que foi assinalado claramente por Fernand Braudel, tanto em seu artigo “Hommage à Henri Berr”, p. 17–26, bem como em “Personal Testimony”, p. 448–467.

historiográfico, quais as ferramentas e procedimentos do “ofício do historiador”, quais, finalmente, os “modos de aproximação e tratamento” dos diversos materiais historiográficos.

O que então nos explica essa crítica universal aos *Annales*, reconhecida pelos diversos investigadores do fenómeno, da dificuldade e à vezes da impossibilidade, de encontrar nos textos annalistas uma postura clara e bem estruturada sobre o problema da causalidade histórica, sobre as leis do devir histórico, sobre a periodização, etc.¹⁹

Colocados frente a essa segunda convergência/divergência entre o marxismo e os *Annales* - que os une em dupla crítica concreta, garantidora da novidade de seus discursos, mas que os separa quanto à ênfase depositada em cada um dos elementos dessa dupla contestação-, podemos novamente, e à luz do caminho percorrido por ambas as correntes, voltar a levantar a questão aberta de se acaso os marxistas, mais versados e exercitados na discussão e análise teóricas, serão capazes agora de concretizar, de maneira mais particular e específica, essa análise teórica, para convertê-la em instrumento de explicação e reprodução intelectual das realidades históricas concretas,

¹⁹. Para as diversas explicações a respeito desta espécie de “semi-vazio” no campo da teoria da história, Cf. Mastrogregori, *Il genio dello storico...*; Mairêt. *Le discours et l'historique* ou Fontana. *Historia. Análisis del pasado y proyecto social*. Não obstante, vale a pena insistir em que, visto o problema em seu conjunto, a obra de Fernand Braudel se destacaria justamente como *excepcional* em relação a esta “alergia” à teoria e às construções teóricas, típica em geral de todos os autores dos *Annales*. Pois ainda que verbalmente Braudel rejeite também a teoria e a discussão teórica, é verdade que em sua obra se encontram, explícitas e muito sistematizadas, uma teoria das civilizações, uma teoria da sociedade, uma teoria da vida material, das economias-mundo ou do capitalismo em geral. Daí a maior riqueza e facilidade, entre outras razões, do diálogo que Braudel estabeleceu com os marxistas franceses, europeus e do mundo, que foram seus contemporâneos (veja-se, a respeito deste último ponto, para mencionar só um caso, o testemunho de Hobsbawm. “Comments”, p. 157–162).

sempre mais complexas e variadas que um simples esquema abstrato ou uma hipótese teórica geral. Por seu lado, e nesta perspectiva comparativa e de diálogo que procuramos estabelecer, podemos também nos perguntar se os *Annales* atuais serão capazes de ascender de maneira mais orgânica ao plano da teoria da história, explicitando rigorosamente os aportes conceituais gerais de suas investigações empíricas e abordando de frente, com respostas também sistemáticas, as cruciais e renovadas questões da teoria e da metodologia históricas, acerca do sentido e da dinâmica do progresso dos homens, sobre as causas e leis desse mesmo devir, sobre as dimensões e hierarquias do objeto da ciência histórica.

III

Na fundação de nossa empresa está contida uma espécie de revolução intelectual...

Marc Bloch, carta a Lucien Febvre, 20 de setembro de 1929.

Uma terceira convergência reconhecível entre os *Annales* de Bloch, Febvre e Braudel, de um lado, e o marxismo original ou dos fundadores, de outro, se refere à “intenção determinada” que ambos os projetos intelectuais expressam, de levar a cabo uma “radical renovação do discurso historiográfico” anterior. Porque, para além de seu caráter crítico em geral, e da dupla desestruturação e superação específica em que se fundam ambos os projetos, existe também uma evidente vocação declarada de fazer as coisas de “outra maneira”, de construir a partir da crítica discursos alternativos aos dominantes. Discursos novos e profundamente diferentes que sejam capazes de dar uma resposta positiva ao estado de crise intelectual e social dentro do qual eles mesmos foram gestados.

Trata-se da confluência de ambas as correntes em torno de um mesmo objetivo: o objetivo de “construção de um discurso novo e verdadeiramente científico sobre a história”. O que nos explica, então, tanto as enfáticas declarações de Marx a respeito da necessidade de identificar e estabelecer com rigor as “premissas reais” da concepção materialista da história, quanto o modo científico adequado de seu tratamento e análise, assim como, por outro lado, as batalhas de Marc Bloch por constituir a história numa verdadeira “empresa racional de análise” ou as afirmações repetidas de Fernand Braudel sobre a história como “averiguação cientificamente conduzida”, distinta qualitativamente da simples crônica dos acontecimentos, assim como das reconstruções parciais e embrionárias que misturam ainda mito e lenda com fatos históricos concretos.

Finalidade compartilhada e expressamente assumida, tanto pelo marxismo como pelos *Annales*, de ascender ao espaço de construção de uma verdadeira ciência da história, que ambos tentarão alcançar por caminhos essencialmente “diferentes”. Um mesmo objetivo, porém duas vezes explorado por vias distintas e em momentos sucessivos, que só explica esta repetição ou dupla aparição dentro da história moderna europeia pelo fato de que, em ambos os casos, esta meta de edificar um discurso definitivamente científico sobre os fatos históricos gerou-se, desenvolveu-se e difundiu-se dentro de “dois espaços claramente diferenciados do universo europeu”.

Ao reproduzir então, também na esfera da história das idéias, essa “fratura de longa duração” que Fernand Braudel registrou²⁰ e que divide o continente europeu em “duas” Europas diversas – a da Alemanha e a do Império Romano, a da Reforma e a da Contra-

²⁰. Esta tese braudeliana das *duas Europas* “dentro de Europa”, muito interessante ainda que ainda pouco explorada pelos historiadores, encontra-se tanto em *Las civilizaciones actuales*, como nos capítulos redigidos para o livro *L'Europe*, assim como em seu artigo “The rejection of the reformation in France”.

reforma, a do marxismo e a do anarquismo, a recepção ao discurso dos *Annales* –, reproduzindo a velha divisão dos “dois grandes universos culturais europeus de longa duração”, a tentativa de elevar o projeto de construção de uma ciência histórica moderna, se apresenta também “duplicada” e referida em cada caso a esses distintos espaços mencionados.²¹

Assim, sabemos que o marxismo nasceu nos ambientes intelectuais da Alemanha e foi desenvolvido por Marx e Engels na Inglaterra, tendo logo se difundido e estendido, entre 1870 e 1930, na maior parte do espaço Norte europeu ocidental, na Alemanha, Áustria e Polônia, países nos quais os autores e os debates marxistas mais interessantes daqueles tempos floresceram e prosperaram de maneira contínua. Ao mesmo tempo, é curioso observar que a Europa mediterrânea latina destas seis décadas divididas pelo início cronológico do século XX, foi por sua vez refratária e escassa – com suas honrosas mas pontuais exceções – no desenvolvimento e mesmo na aceitação do marxismo, assumindo antes os desenvolvimentos e a presença do anarquismo e do anarcossindicalismo europeus e engendrando um quadro intelectual de uma Europa mediterrânea carente de um enraizamento verdadeiro da tradição marxista.

O que explicaria também o fato de que seja justamente neste espaço latino e meridional da Europa ocidental onde, em seu momento, crescerá e progredirá o projeto dos *Annales*. Projeto que seguidamente a seu nascimento na França propagou-se, com bastante força, primeiro na Itália e mais tarde na Espanha, onde vão difundir-se e aclimatar-se amplamente os *Annales*, incorporando-os como parte orgânica do espectro historiográfico destas mesmas nações mediterrâneas.²²

²¹. Desenvolvemos melhor esta idéia em “De *Annales*, marxismo y otras historias...”, incluído nesta mesma coletânea.

²² O que ademais se projetará, inclusive, no próprio mundo latino-americano, nesta América Latina que possui profundas raízes mediterrâneas. Assim, valeria a pena seguir mais de perto como se difundem o enfoque e as obras

E não obstante este enraizamento nas várias partes do mundo mediterrâneo europeu ocidental, a tradição annalista será praticamente desconhecida, até antes de 1970, nos países do Norte da Europa, dentro dos quais a Polônia será a clara exceção que confirma a regra.

Ao pertencer aos dois universos culturais de longa duração que coexistem na Europa,²³ os *Annales* e o marxismo encontram nesta diversa filiação uma das razões importantes de sua heterogênea natureza discursiva. Pois é o fato de fazer parte, na origem, do mundo de língua alemã, o que constitui o marxismo como um discurso mais denso, analítico e capaz de mover-se com liberdade e com desenvoltura dentro do âmbito da teoria da história, construindo em seu interior as hipóteses, os conceitos e a sólida estrutura teórica de que falamos anteriormente. Igualmente, é a marca de origem do discurso racionalista empirista cartesiano, o que explica a reticência e prevenção dos *Annales* diante das teoria e das elaborações abstratas, assim como seu gosto por uma história muito mais empírica e experimental, mais ligeira no plano teórico e mais florida e literária na argumentação e exposição de suas descobertas e investigações.

Unidos, então, *Annales* e marxismo, no objetivo comum de dar aos estudos históricos o estatuto de verdadeira ciência, distinguem-se, por outro lado, pelos espaços europeus dentro

annalistas no Brasil, Argentina, América Central, México e demais países latino-americanos, ao ritmo de suas conjunturas sócio-políticas e intelectuais específicas. Sobre a difusão dos *Annales* na Espanha, veja-se *Once ensayos sobre la historia*; para o caso italiano, Mastrogregori. *Il genio dello storico*, e Gemelli. *Fernand Braudel e l'Europa universale*.

²³. Esta diferença das duas Europas culturais, que é um tema fundamental para a adequada compreensão da história européia em geral, não foi ainda suficientemente explorada pelos investigadores. A respeito, além dos textos de Braudel citados na nota 20, pode-se ver o livro de Norbert Elias. *El proceso de la civilización* e os artigos de Simmel. "L'individualisme" e "L'individu et a liberté". Também Febvre. "Civilisation. Evolution d'un mot et d'un groupe d'idées".

dos quais lograram realizar e projetar *inicialmente* esta intensão ativa, diferenciando-se também na modalidade discursiva por meio da qual ensaiam o processo de aproximação. O que, como é sabido, não impediu nem o desenvolvimento tardio de um marxismo dos países mediterrâneos, difundido um pouco antes, durante e depois desses agitados e cruciais anos sessenta, como a também tardia penetração em maior escala do enfoque annalista dentro dos universos anglo-saxão e germânico da Europa contemporânea, desenvolvida com intensidade só nos últimos trinta anos.

Impulsionados, deste modo, simultaneamente pelos processos atualmente em marcha da unificação européia e da globalização planetária, poderíamos nos perguntar se os discursos europeu do Norte e mediterrâneo serão capazes de “trabalharem-se” e influenciarem-se mutuamente, e se, portanto, tanto os *Annales* atuais como o marxismo serão capazes de recuperar os aspectos positivos mais desenvolvidos e elaborados por estas duas variantes do discurso europeu contemporâneo.

IV

Não nego nem por um instante o valor que possuem em si mesmos os métodos, e não compartilho então mais que às meias o nojo de Lucien Febvre contra as intermináveis querelas que esses métodos suscitam habitualmente.

Fernand Braudel. *Écrits sur l'histoire*, 1969.

Uma quarta convergência possível de identificar-se entre a concepção marxista da história e a perspectiva annalista, refere-se a alguns dos paradigmas metodológicos centrais que ambos os projetos discursivos têm reivindicado e desenvolvido como parte de suas bandeiras principais e diante da história e da historiografia que lhes antecedia.

Assim, resulta interessante comprovar a semelhança das argumentações que tanto os autores annalistas como o marxismo originário vão sustentar na defesa radical de uma história concebida em suas mais vastas dimensões, uma história globalizante ou construída desde o ponto de vista da totalidade, que ao mesmo tempo em que é capaz de abarcar todo o vasto território do humano no mais amplo arco temporal possível, se apresente também como uma história consciente dos vieses e limites da interpretação histórica, como história-problema ou história capaz de transcender tanto “as ilusões que uma época e seus protagonistas fazem de si mesmos”, como a ideologia de classe e de situação do próprio historiador que investiga. E história que, finalmente, é assumida igualmente pelo marxismo e os *Annales* como um projeto ainda em marcha, como “história em construção” ou “soma de todas as histórias possíveis que todavia se encontra em elaboração”, como tentativa de edificação, ainda em seu início, de uma ciência jovem e aberta.

Unidos, pois, na defesa destes três paradigmas metódicos, onde a aproximação dos *Annales* com o marxismo chega talvez a seu ponto mais alto,²⁴ nossas duas correntes se separam no “modo da reivindicação” de tais paradigmas, sobretudo a partir dos diferentes “momentos ou épocas” em que cada um destes combates são travados.

Marx insistiu na importância de conceber-se a história de uma maneira absolutamente ampla e global, ao afirmar que não reconhece a existência de mais que uma única ciência: a ciência da história.²⁵ Incluindo então na “história dos homens” “todas” as dimensões da atividade humana conhecidas ao longo de todo o itinerário vivido por nossa espécie, Marx se antecipa claramente a similar definição de Marc Bloch, para quem a história é todo o conjunto da “obra dos homens no tempo”.

²⁴. Discutimos extensamente esta temática em “Between Marx and Braudel. Making history, knowing history”, traduzido na presente coletânea.

²⁵. Idéia que encontramos no texto marxiano *La ideología alemana*.

E ao mesmo tempo em que a história é concebida, tanto pelo marxismo como pelos *Annales*, nesta globalidade de seu objeto ou campo de estudo, é também reivindicada como história total ou globalizante pelo *modo de sua aproximação ou análise* aos distintos problemas e espaços que aborda. Porque mais uma vez, tanto para Braudel como para Marx, a história é global à medida que é capaz de assumir e de recriar constantemente a *totalidade* da qual o fenômeno ou problema histórico particular estudado faz parte. Assim, como afirma Braudel, a história econômica, por exemplo, é a *mesma história geral*, mas vista a partir da economia, e toda categoria histórica, como ensinou Marx, só é capaz de ser instrumento explicativo do real, à medida que se situa dentro dessa *iluminação geral*, dentro desse contexto global que lhe atribui sentido.

História, pois, que é global tanto por seu objeto de estudo como pelo método de aproximação a seus campos particulares, que estando no centro da proposta metodológica dos *Annales* e do marxismo, se diferencia também em função dos desiguais contextos das ciências sociais em 1850–70 e em 1930–60, respectivamente.

Quando Marx defende a história como única ciência do social-humano no tempo, o faz prolongando uma larga tradição caracterizada por uma visão justamente “unitária” e até “enciclopédica” dos processos humanos. Marx é, neste sentido, o último “enciclopedista” do século XIX, que vivendo em um momento no qual as “ciências morais e políticas” começam a sair de sua larga pré-história, não conhece as modernas e muito acentuadas divisões e parcelamentos que disciplinarizam e isolam as distintas ciências “sociais” da atualidade.²⁶ Marx é então um

²⁶. O que se reflete de modo muito plástico na *dificuldade* que experimentam os investigadores atuais para responder à pergunta: o que foi Marx: sociólogo, filósofo, historiador, economista ou politicólogo? A pergunta perde sentido a partir da perspectiva universalista do século XIX, e constitui só uma retroprojeção da situação atual das ciências sociais para um contexto totalmente diferente.

cientista social, e enquanto tal, simultaneamente, o que de nossa fragmentária ótica do século XX consideraríamos um sociólogo, filósofo, economista, antropólogo, geógrafo, politicólogo, etc.

De modo inverso, os *Annales* trabalham numa época em que já se consumou a divisão e a autonomização positivista do saber sobre o social, separando em parcelas desconectadas entre si as distintas “ciências humanas” ou “sociais” que hoje conhecemos. E se bem que os *Annales*, em sua defesa da história global, critiquem e combatam esta “especialização” das diversas ciências sociais, pugnando sem descanso por seu diálogo, abertura e interconexão permanentes, o fazem desde uma situação que parte desta tal *fragmentação e separação* dos distintos campos do saber sobre o social.

Imersos, pois, nessa reiterada e nunca resolvida polêmica sobre a “inter”, “multi” ou “transdisciplinariedade”, e afirmando de distintos modos o indispensável diálogo com as “outras” ciências sociais, os historiadores dos *Annales* se movem durante todo o século XX na contracorrente do *sentido dominante* da evolução dessas ciências sociais, sem conseguir impor este paradigma ou exigência metódica da história global.²⁷

A luta em defesa de uma história global é, pois, compartilhada por annalistas e marxistas, e se matiza e diferencia a partir da desigual situação do estado de desenvolvimento das ciências humanas entre 1850 e 1950, que nos remete à pergunta contemporânea de qual será a atitude destas duas correntes no futuro, em relação a esse universo fragmentado do saber sobre o

²⁷. A respeito, é interessante a crítica de Michel Foucault (logo retomada por diversos autores) a este paradigma da história global, em *La arqueología del saber*, texto onde se propõe mais que uma história global, uma história *geral*. Sobre a polêmica acerca da interdisciplinariedade e o futuro possível do estatuto das ciências sociais, veja-se Wallerstein. “The challenge of maturity. Whither social science?”; Lepetit. “Proposiciones para una práctica restringida de la interdisciplina” e Sousa Santos. “A discourse on the sciences”.

social atualmente vigente. Em nossa opinião, tal desafio não se resolverá pela via da defesa de uma interdisciplinariedade “dura”, frente a uma “branda”, nem se propondo uma “transdisciplinariedade” em vez de uma “multidisciplinariedade”, senão “revolucionando radicalmente os termos mesmos do problema” e voltando à visão essencialmente “unitária” dos processos e fenômenos típicos do século XIX, mas enriquecida e sofisticada com os aportes dos distintos itinerários percorridos por todas as disciplinas sociais no século XX.

Um segundo paradigma coincidente dos *Annales* e do marxismo refere-se à consideração dos limites e riscos do conhecimento histórico e das condições particulares do processo da interpretação histórica. Em ambas as correntes, a crítica direta à pretendida história “neutra” e “objetiva” defendida pelos empiristas leva ao reconhecimento dos riscos e cargas *ideológicas necessariamente presentes* na relação entre o historiador em seu objeto ou material de trabalho.

Porque mesmo na exigência materialista de Marx, de distinguir entre o que os homens dizem e pensam de si mesmos, e o que realmente fazem e são, e na explicação do caráter parcial mas forçosamente “inconsciente” da atividade humana, dessas “relações necessárias e independentes da vontade” - que os homens contraem e que os levam à situação de que “o fazem, mas não o sabem” – existe a consciência específica dos desvios, limites e conseqüências inerentes a “pré-concepção ideológica do historiador”, no momento mesmo de enfrentar seus materiais historiográficos, e no processo geral no qual elabora e constrói, lentamente e com grande esforço, a interpretação histórica.

Reconhecimento explícito dos “limites” que abrem a possibilidade de conhecer objetivamente a realidade histórica, que leva Marx a sublinhar o viés de classe e o de época – o limite imposto pelo momento histórico – presentes tanto na visão dos protagonistas estudados, como do próprio investigador que os estuda. E que nos *Annales* deriva para a evidenciação dos

“interesses” que tanto os personagens e testemunhos históricos, como o próprio historiador, projetam no momento de sua complexa relação.

Mas que em ambos os casos conduz apenas à clara consciência do fato de que *não* existe uma verdade histórica “absoluta”, porém verdades históricas “relativas”, as que de qualquer maneira e em sua interconexão “contínua e progressiva” nos aproximam cada vez mais até o real e adequado conhecimento dos distintos fenômenos históricos.²⁸

Se ambas as correntes de pensamento coincidem nesta exigência metodológica da história-problema, nesta necessidade de fazer explícito o questionário ou indagação que o historiador tem na cabeça e a partir do qual elabora o tratamento de seu problema histórico, se separam também, e uma vez mais, justamente por razões do contexto “histórico” específico, quanto a ênfase particular que cada uma delas deposita na relação historiador–objeto ou material historiográfico.

Deste modo, se Marx vive em um período no qual essas fontes históricas primárias são relativamente *escassas*, e estão justamente passando na Europa o processo de sua recuperação, ordenação e atualização, os *Annales* são por outro lado herdeiros desse século XIX que foi batizado como *o século da história* ²⁹ precisamente pelo enorme salto adiante que ali foi realizado no campo da organização dos distintos arquivos históricos regionais,

²⁸. Posição, pois, diametralmente oposta à posição “pós-moderna”, que acentua desmesuradamente este problema dos viéses particulares do historiador e de seus materiais históricos e prolonga até o absurdo esta relativização do conhecimento histórico, terminando por *negar totalmente a possibilidade* de um conhecimento verdadeiro e científico da história (veja-se, por exemplo, Veyne. *Comment on écrit l'histoire* e Certeau, *La escritura de la historia*). Uma boa crítica desta posição pós-moderna na história, que mostra ademais seus vínculos teóricos com alguns elementos do estruturalismo francês, pode-se ver no artigo de Dosse. “Clío no exílio”.

²⁹. Cf. nota 16.

nacionais e municipais das mais diversas ordens. Assim se explica o fato de que, enquanto Marx vai se concentrar sobretudo na explicação dos traços *subjetivos presentes* no trabalho de interpretação histórica, nos traços provenientes da situação de classe, da posição e interesses sociais do historiador e nos limites derivados de sua inserção numa determinada época histórica, os *Annales* vão sublinhar, ao contrário, junto a estes limites subjetivos que eles concebem de modo mais genérico e indeterminado, as obliquidades ou limites também *objetivos* inseridos no nexos historiador–matéria histórica, e que remetem aos azares dos restos e vestígios históricos conservados, mais que às deformações conscientes e interessadas dos próprios protagonistas, plasmadas nos testemunhos históricos legados à posteridade.

Unidade de marxismo e *Annales* em torno deste segundo paradigma metodológico, matizada só relativamente por esta divergência assinalada, que estaria sendo agora confrontada e impugnada conjunturalmente, tanto para os *Annales* como para os marxistas, pela desencantada e pessimista visão pós-moderna da história, visão que prospera e se difunde com os ventos da crise e do refluxo momentâneo dos movimentos contestatórios hoje vigentes.

O terceiro paradigma metodológico em que convergem os *Annales* e o marxismo é o paradigma da história concebida como projeto aberto, como processo de construção que está ainda apenas em suas etapas iniciais na busca de sua definição rigorosa com respeito a temas, métodos, técnicas, conceitos e teorias.

Por isso, quando Marx procura definir, em seus traços fundamentais, essas “premissas reais” da concepção científica da história humana que mencionamos anteriormente, desentranhando as regularidades causais e as leis principais da dinâmica histórica, tem sempre presente o *caráter complexo e pioneiro de seu próprio projeto*. É ele mesmo quem, ao longo de sua vida, *precisa, desenvolve e redefine* os conceitos e teoremas

principais da concepção materialista da história, passando por exemplo dos conceitos de “formas de tratamento”, “Estado” e “ideologia” aos conceitos muito mais acabados e trabalhados de “relações de produção”, “formas de Estado e configurações políticas” ou “formas de consciência social”. Incorporando ademais as novas descobertas dos autores que lhe são contemporâneos – como no caso das teorias e trabalhos de Lewis H. Morgan ou dos aportes de M. Kovalevsky, ou dos resultados de G. Maurer – Marx percorre todo seu itinerário intelectual reedificando e reelaborando os diferentes cimentos deste projeto emergente de uma moderna ciência da história.

Assim ocorre também com os *Annales*, que postulando a novidade do projeto da história como “empresa racional de análise” e insistindo na necessidade de recuperar para os estudos históricos os aportes contemporâneos da geografia, da sociologia, da economia e da antropologia, vão reiterar esta natureza ainda inacabada e em suspenso de toda obra de história, de toda explicação conquistada e de toda averiguação e indagação laboriosamente conduzidas.

Coincidência na perspectiva de consideração da história como experimentando seu período infantil de formação, que se diferencia novamente em função do que, em cada momento histórico, representam o marxismo e os *Annales*, considerados de maneira comparativa e em uma perspectiva global.

Pois enquanto o marxismo representa a *fundação ou nascimento do moderno projeto* de construção de uma verdadeira ciência da história, projeto que nasce precisamente nesse *ponto crítico* privilegiado do decurso europeu que é a metade do século XIX, os *Annales* são, ao contrário, uma espécie de *reedição ou tentativa de refundação* desse mesmo projeto, levado a cabo dentro das modalidades e contextos do mundo francês (e, logo, mediterrâneo), e em um momento que é 70–90 anos posterior a seu antecedente.

O que cria então uma clara divergência entre os dois projetos. Pois a partir desta diferença entre o caráter de projeto fundador, ou mais adiante como projeto de reestruturação, e também em função dos oitenta anos transcorridos entre ambas as empresas, que significaram oitenta anos de desenvolvimento e progresso das distintas e parceladas ciências sociais, é que se matiza esta reivindicação metodológica da história como “história em construção”.

Olhando o problema mais de perto, fica claro que o marxismo possui todas as vantagens, mas também as desvantagens, de sua condição de “projeto pioneiro”. O que o constitui como uma tentativa mais “radical”, mais “inovadora” e mais “livre” no esforço de propor teorias novas e inéditas, assim como novos conceitos e explicações sobre os processos históricos. Mas, ao mesmo tempo, e dado seu caráter de ruptura inicial ou fundadora, como um projeto mais hipotético e menos apoiado em investigações prévias: como um esboço que se vê forçado a deixar apenas rascunhadas ou insinuadas grande parte de suas descobertas, e que mantém grande parte de sua riqueza inovadora e revolucionária dentro da história apenas como capacidade virtual de desdobramentos ulteriores.

Visão pois, como já vimos, mais universalista e globalizante dos processos, que é também mais profunda e audaz na construção do novo projeto de ciência da história e que contrasta, neste mesmo sentido, com o projeto dos *Annales*. Porque se os *Annales*, enquanto “segunda edição” de uma ruptura já vivida – com a qual não obstante *não possuem* conexões orgânicas, mas cujos efeitos indiretos e fundamentais não deixam de viver e de perceber, de várias maneiras – serão um pouco menos radicais, inovadores e livres que o marxismo, terão por seu turno atrás de si oito décadas de avanço das distintas disciplinas sociais, o que lhes permitirá constituir-se como um projeto mais *maduro e mais apoiado* em múltiplas investigações concretas, projeto que caminha iluminado com muito mais “faróis” dentro dos distintos

territórios que aborda, a partir justamente do crescimento e colonização que tais ciências sociais fragmentadas e autonomizadas levaram a cabo, durante estas décadas que as separam do momento de nascimento do marxismo como projeto histórico-crítico.

Os *Annales* trabalham então dentro de um universo que, à força de ter sido esquadrinhado e parcelado durante lustros, resulta em um universo mais conhecido e mais diversamente palmilhado, e portanto com mais dimensões e arestas que lhe servem de referente e de plataforma para aqueles que se introduzem dentro de seus múltiplos e complexos domínios.

Aproximando-se e separando-se, deste modo, em torno do postulado da história aberta ou em marcha, os *Annales* enfrentam agora o desafio já mencionado, de superar e transcender de maneira **real** a essa visão parcelada das ciências sociais, dentro da qual nasceram e existem. Por seu lado, o marxismo tem diante de si a exigência de incorporar, a partir de sua perspectiva crítica e unitária, os distintos avanços e desenvolvimentos que os últimos cento e vinte anos produziram, dentro desse campo fragmentado das diversas ciências humanas contemporâneas.

V

Pela primeira vez se erguia a história sobre sua verdadeira base; o fato palpável, mas totalmente desapercibido até então, de que o homem necessita em primeiro lugar comer, beber, ter um teto e vestir-se, e portanto, trabalhar (...)"

Friedrich Engels. "Carlos Marx", 1877.

Uma quinta convergência entre os *Annales* 1929-1968 e o marxismo original se encontra no plano de uma das *problemáticas* ou *temáticas* que ambos os projetos intelectuais privilegiaram e

colocaram no centro de suas preocupações e desenvolvimentos essenciais, a problemática da *história econômica*. Ambas as correntes históricas podem ser vistas, a partir de uma certa perspectiva, como duas sucessivas tentativas de desenvolver e promover, de maneira conseqüente, o ramo dos estudos histórico-econômicos. Tendo em conta a diferença de universos culturais e de momentos históricos em que tais projetos têm lugar, é sem dúvida evidente o traço comum que os caracteriza, enquanto diferentes ensaios de lançamento ou re-lançamento de uma história econômica e social renovada, qualitativamente diferente.

Posto que, como é bem sabido, foi Marx o “primeiro” a descobrir e pôr em evidência o papel *fundamental* dos fatos econômicos dentro dos processos históricos vividos pelos homens. Mostrando então a enorme influência que a esfera da “produção da vida material” tem sobre as outras relações e atividades sociais humanas, e buscando estabelecer sua complexa e diversa interconexão, Marx elaborou sua riquíssima teoria do *traço produtivista* das atividades humanas desenvolvidas durante o largo período da pré-história do homem e das sociedades na qual ainda permanecemos inseridos, ressaltando ao mesmo tempo as distintas formas de fazer-se presente a *marca originária da escassez* que singulariza as sociedades características desta etapa de predomínio do “reino da necessidade.”³⁰

Teoria pois, elaborada e complexa na proposição de Marx, e logo depois simplificada e vulgarizada até o grau da caricatura por alguns supostos “marxistas”, que fez de Marx o fundador da história econômica científica.

Processo similar ao que, várias décadas mais tarde, levaram a cabo os *Annales* dentro do espaço intelectual de língua francesa.

³⁰. Sobre esta tese marxista da escassez e do traço produtivista, veja-se Sartre. *Crítica de la Razón Dialéctica*. Também Echeverría. “La ‘forma natural’ de la reproducción social”, p. 33–46 e nosso “Economía, escasez e sesgo productivista.”

Levantando-se de maneira crítica contra a história predominante na velha *Sorbonne*, história de ordem sobretudo política, biográfica e diplomática, os *Annales* vão reivindicar, ao contrário, a legitimidade e até o mais alto posto hierárquico da *história econômica*, dando a ela então carta de cidadania no seio dos estudos históricos. Ao se cruzar de maneira quase espontânea com o pioneiro trabalho de Henri Pirenne, realizado neste campo desde princípios do século, e superando a marginal história francesa *tradicional* dos fatos econômicos – história erudita e só descritiva de dados e acontecimentos econômicos –, os *Annales* podem ser considerados como os verdadeiros introdutores *orgânicos* da história econômica dentro do hexágono francês (e, mais adiante, promotores também importantes desta área de estudos histórico-econômicos na zona mediterrânea da Europa ocidental).

Aproximando-se, claramente, neste movimento que recoloca no centro dos estudos históricos, o ramo da história econômica, os *Annales* e o marxismo se separam por sua vez no que respeita à hierarquia proposta para essa dimensão dos fatos histórico-econômicos com relação ao *conjunto global* dos processos da história humana, e em consequência também na maneira de conceber a relação entre história *econômica* e história *geral*.

Marx privilegiou, em seu projeto crítico global, o estudo da esfera econômica, precisamente porque considerava que a mesma desempenha um papel *determinante* dentro do conjunto dos processos históricos e sociais. E ainda que seja correto que não se trata de uma determinação nem simplista nem mecânica, porém mediada e complexa, também é certo que a mesma existe e opera, provocando justamente a refuncionalização produtivista e a marca presente da escassez, que influencia e se expressa de distintas e complicadas formas na sociedade.

Destacando, assim, a idéia de que a economia é uma totalidade auto-suficiente, imersa na totalidade maior que é a sociedade, e enfatizando também o *vínculo privilegiado* que se

estabelece entre ambas, o marxismo outorga à história dos processos econômicos um papel especial dentro do estudo das dinâmicas globais das sociedades investigadas.

Já os *Annales*, ainda que reivindicuem e defendam firmemente o novo campo da historiografia e história econômicas, o fazem porque o consideram um “campo novo” e totalmente legítimo do exercício do ofício do historiador – consagrando-lhe, inclusive, como no caso de Marc Bloch e de Fernand Braudel, a maior parte de seus esforços e atividade como historiadores–, mas sem conceder-lhe nem mais nem menos uma função particular ou predominante, com relação a outras ordens de fenômenos históricos. Uma vez situados dentro do hexágono francês, onde a ausência de uma rica e verdadeira tradição de pensadores marxistas criativos é um fato claro, e diante de versões mais empobrecidas e vulgares do marxismo que postulam efetivamente um determinismo econômico direto e mecânico – muito distante da perspectiva genuína de Marx –, os *Annales* defenderam uma postura anti-determinista *a priori*, ou multi-determinista cambiante e relativa, com relação aos processos históricos analisados.

Assim, quando afirmam que não é possível postular *a priori* uma certa ordem de fenômenos ou de elementos como **determinante constante** dos fatos da história, os *Annales* assumem que é só a própria análise histórica de cada fenômeno ou processo particular que haverá de mostrar, em cada caso, **seus respectivos elementos determinantes**, sempre cambiantes e sempre diferentes, segundo as épocas, os problemas e as realidades históricas específicas investigadas.³¹

³¹. Uma exceção importante a esta postura multi ou adeterminista é a posição de Fernand Braudel, quem melhor – e ao largo de seu périplo intelectual –, foi *amadurecendo uma nova hipótese determinista*, a do determinismo da longa duração histórica. Sobre a novidade e complexidade desta hipótese braudeliana, que não podemos desenvolver aqui, veja-se nosso. “Dimensiones y alcances de la obra de Fernand Braudel”.

Quinta convergência/divergência entre *Annales* e marxismo que nos coloca diante da dupla pergunta: se o marxismo será capaz de restituir na análise histórica concreta, a riqueza da proposta original de Marx, para poder mostrar, então, dentro de explicações realmente convincentes e globais dos processos da história dos homens, a precisa operacionalidade e presença desses “fundamentos econômicos da vida social em geral” e, ao mesmo tempo, se os *Annales* atuais pós-89 serão capazes de recuperar o papel de vanguarda que em outras épocas tiveram dentro deste campo da história econômica, e que abandonaram claramente entre 1969 e 1989. Lugar que só será possível recuperar, em nossa opinião, se além de reconquistar o campo com “novas investigações” de história e historiografia econômica, se *redimensionar o conceito mesmo de economia* manejado tradicionalmente, para nele inserir as novas temáticas que já Fernand Braudel havia esboçado, retomando também de nova maneira e com criativas aproximações, essa complexa relação que se estabelece entre a história econômica e a história geral.

VI

Oportet et haereses esse.

Lucien Febvre, retomando a clássica sentença de São Paulo.

Uma última convergência importante entre o marxismo e os *Annales* remete-nos ao que ambas as correntes, para além de suas intenções e objetivos declarados “representaram efetivamente” dentro dos universos culturais e dentro das conjunturas históricas nas quais se desenvolveram. Medindo-se o impacto e a significação deste marxismo e destes *Annales*, no registro de uma perspectiva histórica mais ampla, resulta claro que ambos os movimentos intelectuais são sendas *revolucionárias na teoria da história*, levadas a cabo sucessivamente nas duas conjunturas críticas da história europeia que mencionamos anteriormente, e

no seio das duas grandes “Europas culturais” de longa duração que pudemos detectar.

De que não resta dúvida é que em ambos os casos nos deparamos com uma ruptura radical e completa nas tradições e modelos historiográficos anteriormente vigentes: assim, no marxismo como nos *Annales*, a história se faz de outro modo, novo e qualitativamente diferente, depois da irrupção destas duas correntes de pensamento.

Posto que, como pudemos observar nos pontos anteriores, o surgimento do projeto marxista (oito décadas depois) da empresa annalista e significaram ambos a gestação de um movimento de *deslocamento profundo e total* tanto dos universos problemáticos como das perspectivas metodológicas, passando também por modificações essenciais nos modos e na natureza do discurso vigentes dentro da história e da historiografia que antecedem a estas mesmas rupturas.

Se os dois movimentos que estamos comparando representam, em seu momento e espaço intelectual respectivos, duas profundas revoluções na teoria da história, se distinguem por outro lado, como já assinalamos atrás, no fato de que um deles, o marxismo, é uma revolução fundadora na teoria da história, que *abre ou inaugura o moderno discurso científico* sobre os fatos e os processos históricos humanos, enquanto que os *Annales*, por sua parte, são uma espécie de “segunda edição” dessa revolução teórica no campo da história. Um tipo de repetição retardada do rompimento realizado pelo marxismo, mas nas peculiares condições e atmosferas da Europa mediterrânea do século XX.

O que cria uma nova divergência, complementar da anterior. Pois enquanto Marx desenvolveu uma revolução teórico-histórica que é, ao mesmo tempo e em uma conexão orgânica profunda, uma *teoria da revolução*, os *Annales*, ao contrário, se limitam a revolucionar a teoria da história dominante em sua época, mas sem obter dela nenhuma derivação prático-política.

Em Marx, o cumprimento da ruptura teórica aludida só tem sentido na medida em que é concebida como “momento teórico” da revolução comunista em marcha, ou seja, como projeto intelectual que revoluciona e refaz o saber dominante, para estabelecer com clareza as condições, os rumos possíveis e o decurso tendencial de um movimento social e político igualmente *revolucionário*. De tal modo que o projeto intelectual e o projeto político resultam inseparáveis dentro do marxismo, alimentando-se mutuamente, à medida que a teoria funciona como processo de clarificação e auto-compreensão das urgências e problemas que enfrenta o movimento prático, e à medida que este último leva a cabo a crítica e superação reais, práticas, postuladas e evidenciadas por essa mesma teoria.³²

Diante desta postura marxista, que faz do discurso crítico sobre a história um discurso da revolução, os *Annales* vão aparecer como um mero *discurso científico*, separado do momento político e da atividade prática de seus protagonistas, e sem derivação necessária nestes mesmos planos. Para eles, tal como postula Marc Bloch, o saber próprio e tal como exercido no “ofício do historiador” é um problema *independente dos diversos ‘usos’* que possa vir a ter o conhecimento histórico, e portanto o desenvolvimento da ciência histórica é algo autônomo das consequências práticas que o cidadão extrai destas mesmas lições tiradas da história.³³ Insistindo assim na distância para eles

³². Sobre este ponto, cf. Echeverría. “Discurso de la revolución, discurso crítico”.

³³. Postura pois, de *separação* clara da atividade científica e da atividade prática e prático-política, que não implicava necessariamente a renúncia a participar nestes últimos, como o demonstram as próprias reflexões, agudas e bastante críticas de Marc Bloch em torno da resposta francesa à segunda guerra mundial (cf. *L'étrange défaite*, nem sempre bem aquilatado e valorizado), e sua própria experiência prática na resistência francesa antinazista (Cf. Fink. *Marc Bloch...*). Também sob esta luz, pode-se examinar a importante discrepância Bloch-Febvre da primavera de 1941. Polêmica que durante muito tempo foi deixada em segundo plano e que agora volta a estar no

existente entre a história como atividade científica e suas “consequências práticas”, os *Annales* permanecem apenas como uma revolução na teoria da história, sem pretensão de correlato prático nenhum.

O que ademais, e para além das distintas escolhas individuais dos autores e protagonistas dos *Annales*, se explica em grande medida pela diferença das conjunturas históricas ou de época nas quais cresceram respectivamente os *Annales* e o marxismo. Enquanto este último é filho da Europa revolucionária do século XIX, Europa que viu afirmar-se e consolidar-se os grandes movimentos operários e socialistas, num clima em que a revolução socialista estava cada vez mais na ordem do dia, os *Annales* são um dos rebentos dessa Europa que falhou em 1914–1918, com o socialismo, e que sobre as derrotas da Comuna de Berlim e das revoluções alemã e húngara, vai perder em 1929 sua hegemonia planetária, chafurdando na barbárie das duas guerras mundiais e em um desenvolvimento que, em perspectiva histórica, aparece como “demasiado capitalista”.

Unidas em seu caráter de revoluções teóricas, mas separadas quanto à vinculação ou não com movimentos e projetos de ordem prático-política, os *Annales* e o marxismo se encontram agora diante de uma nova conjuntura aberta desde o dia 9 de novembro de 1989. Esta simbólica data repôs na ordem do dia a discussão sobre o *papel efetivo da Europa no mundo*, sobretudo diante da cada vez mais aguda e evidente crise da hegemonia

centro das discussões sobre a história e sobre a trajetória dos *Annales*. Sobre esta polêmica, veja-se Febvre. “Marc Bloch. Témoignages sur la période 1939–1944...” p. 15–32; Fontana. *História...*; Guerreau. *El feudalismo...*; Mastrogregori. “Le manuscrit interrompu...”, p. 147–159; Schoettler. *Lucie Varga. Les autorités invisibles*. A polêmica seguramente aumentará com a próxima publicação da correspondência completa de Marc Bloch–Lucien Febvre. Para uma tentativa de situar esta discrepância Bloch–Febvre em uma perspectiva mais global, a partir das linhas divergentes dos itinerários intelectuais desses autores, cf. nosso “De los *Annales* ‘revolucionários’ a los *Annales* ‘marxistas’”, incluído nesta coletânea.

norte-americana no planeta, e dentro de um cenário que é totalmente diferente do que se construiu ao longo do “pequeno século XX” histórico, que se estende entre 1914–1918 e 1989.³⁴ A pergunta que paira no ar é, pois, se Europa estará à altura desta nova situação, e se com ela, o marxismo de um lado e os *Annales* do outro, serão capazes de responder aos complexos desafios que se manifestam de modo mais urgente e radical a cada dia.

As convergências e divergências até aqui assinaladas são as que em parte explicam a interessante e nada linear relação que os sucessivos *Annales* vêm mantendo com a obra e a herança de Marx, dos marxistas franceses e dos marxistas europeus e do mundo inteiro, nos diferentes momentos vitais de sua larga trajetória.³⁵ Relação complexa e à mercê de novas investigações e polêmicas, que funda em parte a intenção deste trabalho, e que permanece ao mesmo tempo como questão aberta para os historiadores contemporâneos. Porque ainda não sabemos qual o futuro dos “quartos *Annales* atuais”, chegados ao mundo junto com a nova conjuntura pós-89, nem tampouco do que haverá de acontecer com o marxismo, também abalado de maneira radical pelas mudanças recentes da ex-União Soviética, da Europa oriental e do mundo em geral. Nem sabemos, portanto, tampouco, qual será o futuro possível do diálogo *Annales*/marxismo, tão rico e frutífero em outros tempos, e distante e apagado em outra etapa mais recente, mas sempre presente como um dos elementos fundamentais do panorama dos estudos históricos dos últimos setenta anos.

³⁴. Cf. Wallerstein. “The collapse of liberalism”. De forma mais geral, são interessantes, nesta mesma linha de análise da conjuntura e dos possíveis cenários futuros do sistema capitalista mundial, os projetos e trabalhos do Fernand Braudel Center da State University of New York em Binghamton, centro dirigido precisamente por Immanuel Wallerstein.

³⁵. Ponto que tratamos de reconstruir em “De los *Annales* ‘revolucionários’ a los *Annales* ‘marxistas’”; também Wallerstein. “Braudel, los *Annales* y la historiografía contemporánea”.

Para tentar abordar adequadamente estas questões, não basta interessar-se pela história ou pelas ciências sociais contemporâneas em geral. Tão pouco é suficiente ser um metódico escrutinador de documentos ou de fatos históricos diversos. Para fazê-lo, é necessário e até imperativo voltar ao espírito crítico e herético que é o único que, permanentemente, e ao largo da história intelectual das gerações, soube revolucionar e fazer avançar as distintas ciências humanas. “É necessário ser herético”, disse Lucien Febvre, recordando a sentença de São Paulo. Marx, por sua parte, afirmava que a crítica devia ser radical, chegando até a raiz ou o fundo das coisas, sem temer nem o conflito com os poderes instituídos nem as consequências de seus próprios resultados. Sejam então, com audácia e criatividade, cientistas sociais críticos, heréticos e radicais, ou seja, simplesmente fiéis ao espírito profundo dos *Annales* de 1929–1968, sensivelmente perseverantes no ânimo essencial do marxismo.

DOWNLOAD FREE

II. ABORDAGENS E CONTRIBUIÇÕES DA CORRENTE ANNALISTA

DOWNLOAD FREE

OS EIXOS PRINCIPAIS DO DEBATE CONTEMPORÂNEO EM TORNO DA CHAMADA “ESCOLA DOS *ANNALES*”

Debater hoje a “escola dos *Annales*” implica em discutir um movimento historiográfico que se constitui na principal corrente dentro da historiografia francesa do século XX. Para além do reconhecimento essencial da clara pluralidade de linhas de evolução e de caminhos alternativos que se encontram presentes no complexo espectro dos estudos históricos franceses, permanece o fato de que os papéis centrais dentro desse espaço intelectual da história francesa foram em geral ocupados, desde princípios do século até hoje, pelos autores e obras diretamente vinculada ao surgimento e evolução de tal corrente “annalista”.

Assim, falar da historiografia francesa em nosso século é falar, necessariamente, da corrente dos *Annales*. E o contrário. Decifrar e escrutinar a trajetória e as abordagens desse movimento é, ao mesmo tempo, esclarecer muito o que foi a historiografia de língua francesa das últimas sete décadas e, em alguma medida, o que foi também a evolução das ciências sociais do hexágono durante esse mesmo período.

O que explica, justamente, a variedade de interpretações e aproximações em torno da história dessa “escola”. Por que no afã de esclarecer o que significou esse itinerário percorrido pelos *Annales*, os distintos autores se vêem obrigados a considerar

também, de distintas maneiras, esse marco mais global da trajetória das ciências sociais na França e do papel da cultura francesa dentro do mapa da cultura européia e mundial contemporâneas.

Inseridos, pois, em um pequeno território situado dentro do horizonte das ciências sociais no século XX, os estudiosos do fenômeno “*Annales*” acham-se obrigados a permanentemente dar respostas a uma série de questões que atuam como eixos principais recorrentes e se fazem presentes nos distintos ensaios que giram em torno dessa temática particular.

Quais seriam, então, os eixos centrais que organizam o debate contemporâneo em torno da corrente dos *Annales*? Qual sua relevância para o esclarecimento do que foram a história e as ciências humanas francesas de nosso século? E quais as derivações gerais para o futuro próximo dessas ciências sociais no mundo?

Antes de entrar propriamente nos pontos principais do debate “interno” em relação à trajetória mesma e aos conteúdos básicos da evolução dos *Annales*, em suas distintas etapas de vida, resta assinalar, ainda que de modo geral, os eixos centrais do debate que fazem referência ao vínculo desses *Annales* com seu entorno; à relação da corrente com “outras” correntes de interpretação historiográfica, com as ciências sociais vizinhas e com os horizontes culturais mais amplos nos quais ela se insere.

Assim, o primeiro eixo problemático recorrente, nesse debate sobre os *Annales*, refere-se à relação que esses estabeleceram com o restante conjunto das ciências sociais ou humanas, desenvolvidas na França ao longo deste último século. Como pode-se observar através da historiografia do fenômeno “*Annales*”, os diversos autores encaram de distintas maneiras essa relação da historiografia “*annalista*” com as ciências sociais vizinhas, o mesmo ocorrendo tanto na busca daquelas disciplinas ou ciências – que, como antecedentes intelectuais, alimentaram a formação original da visão dos “primeiros” *Annales* –, quanto

no registro do diálogo complexo que os “outros” *Annales*, posteriores aos iniciais, sustentaram com essas ciências vizinhas ao longo de sua rica trajetória.

Desta forma, as posições variavam desde aqueles que consideram que o núcleo *essencial* do paradigma dos *Annales*, tal como eles próprios propuseram ao longo de sua existência, encontra-se justamente nesta peculiar relação entre história e ciências sociais – constituindo-se, em consequência, no grande mérito dos *Annales* a conquista da interdisciplinariedade –,¹ até aqueles outros que entendem que um dos grandes riscos que a história enfrenta é precisamente o de perder definitivamente seus perfis específicos, ao ser cada vez mais assaltada e colonizada por dentro por outras ciências sociais como a etnologia e a antropologia, que a teriam forçado a renunciar em parte a suas abordagens e contornos mais característicos.² E no meio dessas duas posições claramente diversas, há uma gama de posturas sobre a posição “imperialista” da história dos *Annales* frente às outras disciplinas do social; frente aos desafios concretos desta ou daquela ciência e em relação às abordagens e “serviços” mútuos que as ciências humanas e a história teriam desenvolvido no transcurso dessa aventura de rivalidades, encontros e desencontros que marcam a história intelectual francesa do século XX.

Se reconhecemos, então, a partir de perspectivas diversas, o vínculo “privilegiado” que os *Annales* mantiveram permanentemente com as demais ciências voltadas à explicação dos vários aspectos da realidade social, o debate enreda por uma via que busca determinar os diversos giros e compassos que viveu essa relação até desembocar na situação atual, paradoxal à primeira vista, na

¹ Sobre esta posição, cf. Revel “The *Annales*: continuities and discontinuities”, p. 9–18.

² Esta posição está presente nos distintos trabalhos de François Dosse. Além dos trabalhos citados na bibliografia final, encontra-se também seu recente artigo “Clío en el exilio”.

qual a história apresenta-se como ciência ubíqua e até “hegemônica” dentro do panorama contemporâneo da cultura francesa,³ ao mesmo tempo em que se explicitam seus limites, seus eixos articuladores, seu projeto global específico enquanto ciência da história humana.

Ao ganhar a batalha, sucessivamente, contra a sociologia, a geografia humana e a antropologia – para mencionar apenas suas principais rivais –, a historiografia francesa parecia haver “reunificado” finalmente, sob sua tutela, o conjunto das ciências humanas na França, deixando fazer sentir sua influência e sua presença nos mais variados campos do conhecimento social contemporâneo. Porém, ao mesmo tempo, e nesse mesmo movimento de penetração e de aliança com todas as outras ciências sociais – que abarcou tanto a economia quanto a psicologia, e tanto o estudo da vida cotidiana quanto o dos fenômenos demográficos –, a história parecia ter sido capaz de “anexar” as diferentes abordagens de todas essas ciências contíguas, ao preço de terminar diluindo-se nelas e dissolvendo-se dentro do espectro geral até quase desaparecer.

Em verdade, um grande mérito desse diálogo instaurado pelos *Annales*, que se foi fazendo patente ao longo de sua evolução, está no fato de apontar criticamente, ainda que de uma maneira não totalmente consciente, para um traço característico e definidor do saber sobre o social desenvolvido durante o século XX, e que hoje parece estar completamente em crise: o parcelamento artificial e o recorte positivista especializado do estudo do social-humano no tempo e, em consequência, a constituição epistemológica de uma série de saberes, disciplinas ou “ciências” sociais *diversas*.⁴ Fragmentação que agora se revela

³. Veja-se, por exemplo, Dosse. “Les héritiers divisés”, p. 157–170.

⁴. Uma das dimensões interessantes da obra de Michel Foucault está justamente em oferecer as ferramentas intelectuais para teorizar e compreender este parcelamento do saber sobre o social e a concomitante gênese epistemológica das modernas “ciências” sociais.

cada vez mais injustificada e limitante, daquilo que deveria constituir essencialmente uma unidade – e que nos grandes pensadores do século XIX que se dedicaram a esta problemática, apresentava-se justamente enquanto unidade, em toda sua complexa globalidade e universalidade.⁵ No esforço de compreender, através de aproximações parciais sucessivas, a complexa trama das sociedades e de sua evolução no tempo, o projeto positivista acabou por “absolutizar” o momento “analítico” do conhecimento, o momento da análise que descompõe o todo em suas partes constitutivas, congelando assim esses saberes parciais sobre a realidade social, e construindo a partir dessas bases, as distintas ciências sociais que, sobretudo durante o século XX, abandonaram a síntese e a totalidade, o momento “sintético” do conhecimento, comprometendo-se no projeto de constituir-se como campos autônomos e recortes auto-suficientes do conhecimento dos homens e das sociedades, traçados desta maneira, sempre em torno de apenas uma ou algumas de suas dimensões específicas.

Fato essencial da história intelectual de nosso século, que explica as recorrentes e acirradas disputas destas ciências sociais “emergentes”, pelos limites de seus objetos de estudo, suas reiteradas tentativas de supremacia sobre as demais ciências “vizinhas” e inclusive as dificuldades de constituição orgânica de seus métodos, técnicas e problemáticas “específicas”; em suma, o caráter inacabado de todas elas, suas constantes revoluções e renovações e o diálogo permanente e obrigatório de empréstimos e superposições que termina por conduzi-las ao que “pareceria” ser a solução final de todos estes conflitos: a interdisciplinariedade. Interdisciplinariedade que aponta, para

⁵. O que explicaria o fato de que os *Annales* tenham levantado tal agitação com sua reivindicação da história total ou global, e de que, na busca das filiações deste paradigma, seus autores e estudiosos terminem remontando-se a Marx, a Michelet etc. Ponto que reaparece centralmente nos textos de Febvre, Bloch e Braudel, e nas discussões em torno dos mesmos.

além de si mesma, a uma unidade profunda do conhecimento sobre o social–humano no tempo.

Assim, a grande lição dos *Annales*, com sua “exigência” metodológica de uma história total ou global, e com sua concretização prática desta “exigência”, plasmada no difícil projeto de juntar-se a, ou de vincular-se muito estreitamente às demais ciências sociais, aponta finalmente para a crítica deste parcelamento positivista do saber, e portanto, à reivindicação de um saber geral unitário, construído sempre do ponto de vista da totalidade, ainda quando possa desenvolver-se, obviamente, concentrando-se apenas na análise de certos fenômenos, de certa época, ou de certo nível específico da complexa e vasta realidade social. Grande lição, mantida e aprofundada durante os primeiros quarenta anos da corrente que, sem dúvida, parece ter sido cada vez mais abandonada pelos terceiros *Annales*, constituindo-se em uma das claras e fundamentais linhas de ruptura entre os *Annales* que tiveram vigência inclusive até a época da direção de Fernand Braudel, e aqueles posteriores, que prolongam sua vigência até este momento de ruptura fundamental que é 1989.⁶

O segundo grande eixo do debate atual em torno dos *Annales*, situado porém no plano externo à história da corrente, mas fundamental para decifrar esta última, é o que se refere a sua relação particular com o marxismo e com as concepções marxistas da história. Novamente, e evidenciando assim a complexidade deste problema, as posições cobrem um amplo leque de possibilidades, propondo soluções absolutamente diversas para o exame da questão. Este leque compreende desde aqueles que afirmam que os primeiros *Annales*, da direção coletiva da revista - de 1929 a 1939 - eram marxistas, e sustentavam um projeto de história socialista dentro de França –

⁶. Sobre este ponto, veja-se a interessante e explícita declaração do coletivo dos terceiros *Annales* no texto necrológico sobre Fernand Braudel (*Annales E.S.C.* “Fernand Braudel (1902–1985)”, Assim como o artigo de André Burguière: “The New *Annales*: ...”, p. 195–206.

projeto que teria sido abandonado desde o início da II Guerra Mundial, no momento da importante ruptura Bloch–Febvre, para ser substituído por um projeto distinto, agora em sintonia com o liberalismo clássico—;⁷ até aqueles que, ao contrário, destacariam sobretudo as reservas críticas de Bloch e de Febvre frente aos marxistas e o marxismo francês, sua reticência ao determinismo postulado como *a priori* e suas críticas explícitas a uma certa versão do materialismo histórico.⁸ Posições claramente antagônicas que pareceriam ter ambas, à primeira vista, sólidos pontos de apoio para sua argumentação e fundamentação. Podemos nos perguntar, portanto, se não é por acaso correto que Marc Bloch, em seu livro *L'Étrange défaite*, colocou Marx entre os precursores teóricos principais do enfoque dos *Annales*, declarando também em vários artigos a grande importância da obra deste pensador? Também Lucien Febvre insistiu em que devemos distinguir entre a obra de Marx e a de seus epígonos, manifestando assim uma franca admiração por tal obra, em seu artigo “*Téchnique, sciences et marxisme*”, reproduzido na compilação *Pour une histoire à part entière*. E foram esses mesmos primeiros *Annales* que abriram as portas a pessoas como Georges Lefebvre, Georges Friedmann e Ernest Labrousse, para incorporá-los dentro do núcleo mais próximo do projeto original desses *Annales* iniciais. Estes mesmos Bloch e Febvre – para não falar agora mais que dos primeiros *Annales*—⁹ desenvolveram uma

⁷. Esta posição é mantida por Guerreau. *El feudalismo. Un horizonte teórico*.

⁸. Cf. novamente, o artigo de Jacques Revel, citado na nota 1.

⁹. Há elementos para discutir sobre este mesmo tema também no período de Braudel. Pois Braudel, ao mesmo tempo que abriu os *Annales* ao grupo de Eric Hobsbawm e dos marxistas ingleses, ao conjunto dos historiadores marxistas poloneses da escola de Witold Kula, aos marxistas italianos e aos próprios marxistas franceses – recrutando entre estes últimos várias cabeças atualmente dirigentes dos *Annales* –, e que declarou em várias oportunidades seus pontos fundamentais de acordo com Marx em torno da história global, da longa duração e da história vista em profundidade, também declarou, por outro lado, que ele não é materialista histórico nem marxista, recusando sempre todo tipo de idéia preconcebida sobre os

vigorosa crítica ao determinismo simplista do econômico, postulado por alguns pretensos marxistas da época, criticando em certas ocasiões de modo explícito ao “materialismo histórico”, e declarando sem rodeios que eles não eram marxistas.

Posições encontradas, e à primeira vista pertinentes, que, para poderem ser justamente avaliadas, teriam que ser remetidas para uma análise mais profunda e detida do que foi, dentro de uma perspectiva global, a verdadeira significação da obra histórica desse autore, assim como do conjunto de paradigmas metodológicos, concepções teóricas e aportes historiográficos contidos nessas mesmas obras. Só com essa análise, ainda incipiente, é que se poderia avaliar o quanto de verdade e o quanto de equívoco existem a respeito dessas e de outras posições referentes a este segundo eixo do debate contemporâneo sobre a corrente dos *Annales*.

Pois que, entre as duas posições mencionadas acima, encontra-se uma gama de posturas intermediárias que igualmente sublinham a proximidade de Bloch com o marxismo, insistindo, sobretudo, em sua posição ambígua frente ao

processos históricos e todo tipo de pensamento dominante presumido, recusa que em sua opinião o distinguiria e distanciaria claramente dos marxistas. Mas à luz de um exame cuidadoso de sua obra histórica, tornam-se realmente cômicas as posições assumidas frente a ele pelo Partido Comunista Francês, que o acusou de ser “o teórico oficial do gaullismo”, o “servidor e agente das fundações Norte americanas na França” e a peça de transformação teórica a utilizar *contra* a crítica marxista (obviamente a do PCF) do capitalismo” etc. Posição que, afastando um *estudo e uma crítica sérios* da imponente obra braudeliana, passa por alto suas agudas inovações na construção de novas teorias e conceitos, sua abertura renovadora a novas problemáticas, e a grande riqueza de suas peculiares visões e exames dos fatos históricos, elementos capazes de um frutífero resgate a partir das posições do verdadeiro marxismo.

mesmo.¹⁰ Elas nos recordariam a leitura, atenta e importante, feita por Lucien Febvre dos textos de Marx,¹¹ ou reconheceriam a presença do marxismo como ingrediente fundamental ou antecedente obrigatório – ainda que apenas um entre muitos – do enfoque batizado como “a nova história”.¹² Ou ainda a postura já aludida do próprio Braudel, que, ao mesmo tempo em que assinala que os *Annales* são refratários a todo tipo de dogmas, afirma que foram capazes de perceber em Marx seu grande sentido histórico e sua grande capacidade de explicação a partir de uma perspectiva de longa duração, muito próxima de suas próprias construções teóricas.¹³

Ao retomar então, de diversas maneiras, esta complexa e ainda pouco esclarecida relação entre os *Annales* e o marxismo,¹⁴ os distintos investigadores dos *Annales* trataram de enfrentar o problema da originalidade da corrente historiográfica francesa, a qual, por momentos, pareceria ter na concepção materialista da história uma espécie de irmã gêmea, distanciando-se, porém, diametralmente desta mesma cosmovisão marxista da história, em outros pontos e horizontes.

Uma vez dentro deste jogo de comparações, torna-se necessário explicar as causas profundas das semelhanças e divergências entre estas duas interpretações da história, que constituem, e não casualmente, as duas mais “velhas correntes de interpretação histórica”, ainda vivas e vigentes dentro do

¹⁰ É o caso, por exemplo, de alguns dos trabalhos de André Burguière, que caracteriza politicamente a Bloch e Febvre como homens “de esquerda moderada, republicana, aberta às idéias socialistas, mas também patriota, oposta ao império colonial”, em artigo já citado.

¹¹ Cf. Aymard. “The *Annales* and french historiography”, p. 53–67.

¹² Cf. Le Goff. “L’histoire nouvelle”, p. 35–75.

¹³ Cf. Braudel. “Lucien Febvre et l’histoire” e “Derives à partir d’une œuvre incontournable”.

¹⁴ Para um desenvolvimento e fundamentação mais amplos deste problema da relação entre os *Annales* e o Marxismo, cf. nosso livro *Construir la hitória...*

panorama dos estudos históricos contemporâneos. Torna-se, igualmente, bastante verossímil a hipótese de que a trajetória percorrida pelos *Annales* poderia ser simplesmente uma espécie de reedição ou de nova tentativa repetida, ainda que em condições totalmente diversas, de uma empresa ou projeto previamente empreendidos pelos fundadores do marxismo. Ou seja, a partir de uma perspectiva comparativa e situada na ótica da longa duração, o itinerário dos *Annales* poderia ser concebido como a via peculiar – correspondente às específicas condições do ambiente francês e, portanto, latino-mediterrâneo – de acesso ao processo de construção de uma verdadeira ciência da história; via de acesso que, respeitando o mapa dos diferentes universos culturais europeus de longa duração, teria inaugurado no século XIX este projeto de constituição de um verdadeiro discurso científico sobre a história, com o desenvolvimento e a irradiação orgânicos da concepção marxista da história em todo o mundo de língua germânica e nos restantes povos da Europa setentrional, deixando latente o nascimento e desenvolvimento deste projeto em toda a Europa mediterrânica, a qual, por estar inserida dentro de um cosmos cultural diferente, só se lançaria a esta mesma empresa com um século de atraso. E somente pelo caminho peculiar representado justamente pelo nascimento e difusão da “escola” dos *Annales*.

Ao repetir deste modo certos processos evidentes – como o fato de que tanto o marxismo como os *Annales* inauguraram, nos distintos espaços das historiografias nacionais em que nasceram e se desenvolveram, o ramo da história econômica, ou ainda o fato de que ambos, embora em condições diferentes, defenderam a globalidade ou universalidade da história –, tanto os *Annales* como o marxismo se apresentariam como dois esforços diferentes, originados dentro de estruturas culturais seculares distintas, no sentido de orientar o exercício do ofício de historiador dentro do mencionado projeto de elaboração de um moderno discurso histórico–científico.

Refletindo, assim, aquele heterogêneo mapa cultural das “Europas” contidas na Europa, que já Braudel havia assinalado em suas obras, o projeto teórico de Marx e a visão dos *Annales* se apresentam então como duas tentativas sucessivas e diferentes de aproximação de um mesmo objetivo teórico profundo: levar a cabo a necessária revolução na teoria do discurso historiográfico herdado de épocas anteriores para convertê-lo numa “empresa racional de análise”, conforme propôs Marc Bloch - numa verdadeira ciência da história.

O terceiro eixo do debate que estamos considerando, e que talvez seja o eixo menos desenvolvido e menos abordado explicitamente, ainda que não por isso o menos importante, refere-se à avaliação global do que significou a contribuição deste movimento annalista dentro dos avanços gerais da história e da historiografia mundial contemporâneas. Tratar-se-ia apenas, como pretendem alguns autores, de uma simples “maneira francesa” de aproximar-se, numa de suas vertentes, da concepção marxista, e em outra, ao discurso filosófico característico da história tradicional?¹⁵ Ou, em outro extremo, seria antes a “nova história”, promovida pelos *Annales* do período 1969–1989, a expressão conspícua daquele momento em que, pela primeira vez e graças a uma especial conjuntura vivida na França, se consolidaria de maneira orgânica, enfim, o resultado de um longo e acidentado intento de “renovação” da história, cujas “origens” remontariam a Michelet e Marx, para não citar mais que os de maior envergadura e primeiros nesta lista de “antecedentes intelectuais” dessa mesma “nova história”?¹⁶

Ao se propor essa linha de discussão, o debate contemporâneo sobre os *Annales* não avançou muito. Mas, pelo menos, deu a perceber aos distintos autores interessados nestas problemáticas a necessidade de efetuarem o *inventário preciso* daquilo que, nos planos metodológico, teórico, problemático e

¹⁵. Cf. Mairé. *Le discours et l'historique*.

¹⁶. Veja-se para esta posição Le Goff. “L’histoire nouvelle”.

historiográfico vinha sendo desenvolvido nas distintas etapas da corrente, por parte dos autores nucleados em torno dela. De tal maneira que agora já é possível traçar as diversas curvas evolutivas percorridas nestes distintos planos por este peculiar movimento historiográfico – e reconhecer a partir delas as continuidades e descontinuidades principais, assim como os mais importantes pontos de inflexão e de ruptura deste itinerário que já compreende sete décadas.

Ao aproximarmo-nos do movimento concreto destas curvas evolutivas, podemos observar o fato de que a corrente dos *Annales* foi, praticamente ao longo de toda sua existência, especialmente prolífica na abertura e descobrimento de novos temas e problemas de investigação histórica, que foi incorporando de maneira contínua para ampliar e dilatar de um modo impressionante os territórios e métodos históricos. Desenhando desta forma, no plano especificamente *problemático*, uma linha de *continuidade* no que respeita à permanente renovação e ampliação das temáticas históricas, a corrente encampou estudos que vão desde as técnicas e a geo-história, até a vida privada e a idéia da morte no Ocidente, desde a história demográfica ou econômica até o exame da “utensilagem mental” do século XVI ou os odores nos séculos XVIII e XIX europeus.

Se é certo, sem dúvida, que o esforço inovador em torno da busca de novas problemáticas se mantém vivo até o hoje, também é verdadeiro que houve um claro *deslocamento* de interesse dos distintos representantes dos *Annales*, nos sucessivos momentos de seu itinerário intelectual. No seu percurso, é possível reconhecer algumas transformações básicas nos critérios de seleção dos problemas cotidianos do trabalho dos historiadores. Há quem questione, à luz de alguns resultados recentes desta historiografia francesa de inspiração annalista, a relevância ou utilidade que podem ter, por exemplo, a tentativas de se estudar a história dos cheiros ou do medo. Para dirimir qualquer dúvida do valor de tais temas, deve-se simplesmente

recordar que hoje, tanto quanto ontem, continua operando ativamente o mecanismo da decantação e “seleção natural” das obras e dos trabalhos históricos, mecanismo que, finalmente, apenas conserva e permite subsistir àqueles resultados historiográficos que representam realmente contribuições relevantes e verdadeiramente significativas do ponto de vista de uma análise realmente científica do ofício de historiador.

Mas, enquanto no plano problemático, para além dos deslocamentos assinalados, predomina a continuidade da curva evolutiva global, nos terrenos metodológico e teórico conceptual, por outro lado, parece poder identificar-se uma clara ruptura desta curva evolutiva, no momento do trânsito dos *Annales* braudelianos para os terceiros *Annales*. Por que, assim como no plano temático, é fácil reconhecer, ainda hoje, esse alento vivo de inovação presente nos *Annales* contemporâneos; também acreditamos que seja possível detectar nessa etapa – 1969-1989 – da vida dos *Annales*, pelo contrário, um claro esgotamento do sentido revolucionário e inovador nos planos conceitual, teórico e metodológico – o que, de resto, é assumido explícita e conscientemente pelos próprios representantes da corrente.

Assim, frente à combativa e central defesa que os primeiros e segundos *Annales* faziam de seus principais paradigmas metodológicos – a história global, a “história-problema”, a história em construção, a longa duração, e sempre a uma ótica comparativa –, contrapõe-se a explícita declaração dos terceiros *Annales* de que eles são alheios a toda “ortodoxia ideológica”, de que sua história não é “conceitual”, sendo antes refratária às discussões e aproximações metodológicas e teóricas, de que é uma história aberta a todas as aproximações teóricas possíveis, e cujo único postulado metodológico reivindicado é o da “história experimental” e o da “propaganda pelos fatos”.¹⁷

¹⁷. Chama a atenção o grande acordo que todos os autores dos terceiros *Annales* mantêm em torno desse ponto, apesar das grandes diferenças de posição e

A par deste “retrocesso” ou renúncia no plano metodológico, frente àquilo que constituiu uma das abordagens ainda vigentes da corrente, acompanha ainda uma renúncia similar no terreno da teoria e dos conceitos, no plano da *interpretação geral* e da *generalização* dos estudos históricos. Para os leitores contemporâneos, por exemplo, resulta ainda altamente instrutiva e formativa, a reconstrução do modelo geral de explicação da sociedade feudal que se encontra nos trabalhos de Marc Bloch. Porém não ficam claros, por sua vez, quais poderiam ser o sentido e a utilidade “gerais” das modernas investigações, feitas como micro estudos que procuram reconstruir com detalhe e pontualmente, o universo específico de um pequeno povo ou de uma pequena região de um grande país cuja característica geral é a diversidade.

Deixando de lado essa riqueza plena de novos conceitos e novas teorias que distingue as obras dos *Annales* anteriores a 1969 – o conceito de servidão ou o de feudalismo, a noção de “utilização mental” e o conceito no plural das “Reformas”, a teoria sobre o papel dos “indivíduos históricos”, o conceito de “geo-história” ou o de “civilização material”, a teoria do capitalismo e das “economias-mundo” do período da modernidade etc –, os terceiros *Annales* parecem, antes, preocupados com a análise minuciosa e exaustiva de novos temas históricos, com a exploração novamente balizada e especializada dos distintos territórios particulares, nos quais, com o passar do tempo, foram-se concentrando suas distintas investigações.

Se renunciaram deste modo àquilo que constituiu uma parte essencial da contribuição dos *Annales* à historiografia europeia e mundial do século XX, os *Annales* “de hoje” correriam o risco de se perder dentro de uma inovação de caráter exclusivamente problemático ou dos novos temas abordados, pondo em perigo o

de enfoque que apresentam quanto a outros problemas. Sobre essa postura “anti-metodológica”, cf. Ferro. *L'histoire sous surveillance*; o artigo já citado de Jacques Revel e os artigos de Burguière e Le Goff, incluídos na bibliografia.

futuro da corrente. Felizmente, os *Annales* de transição atuais, os possíveis “quartos *Annales*” parecem ter compreendido adequadamente esse problema, começando a reivindicar novamente a história global e abordando, mais uma vez, os temas da história econômica, ao mesmo tempo em que relançam o debate sobre certas questões metodológicas hoje centrais.

Por fim, o quarto eixo da polêmica contemporânea sobre os *Annales* refere-se à definição e explicação “internas” da própria trajetória específica do movimento historiográfico francês. Inserido no quadro geral dos três eixos mencionados acima, o debate interior sobre a evolução da “escola” abarca, por sua vez, um pequeno universo de problemas. Este universo compreende as distintas caracterizações que se propõe do que foi e é a corrente dos *Annales*, assim como o problema dos critérios de periodização de suas distintas etapas de vida e, ainda, o estudo daqueles autores e correntes intelectuais que foram suas fontes e antecedentes principais, a definição mais pontual e o exame cuidadoso de seus paradigmas específicos, de suas distintas teorias explicativas, dos conceitos por elas compreendidos e os avanços historiográficos efetuados sob seu impulso.

Sem retomar com detalhe todos os distintos pontos desse universo, trataremos somente de abordar um dentre os vários exemplos possíveis: aquele relativo à caracterização dos distintos períodos vividos “escola” ao longo de sua considerável evolução.

Teriam sido os *Annales* iniciais “militantes”, críticos e revolucionários, que foram então se transformando pouco a pouco nos *Annales* institucionais, hegemônicos e integrados ao *establishment* que parecem ser atualmente? Ou, pelo contrário, trata-se antes de um “mito fundador”, uma “lenda dourada das origens” que só estaria ocultando o fato de que os *Annales* foram,

tanto hoje como desde seu início, completamente institucionais e também parte do *establishment* daqueles tempos?¹⁸

Em qualquer caso, parece haver um certo acordo geral em distinguir-se três grandes etapas ou gerações da corrente que nos ocupa: uns “primeiros *Annales*” iniciais, desenvolvidos entre 1929 e 1939, e associados à colaboração direta de Marc Bloch e Lucien Febvre; uns “segundos” *Annales*, intermediários ou braudelianos, que cobririam de 1956 a 1969, e os terceiros *Annales*, de 1969 até 1989, dando finalmente lugar à atual etapa de transição, aos atuais “*Annales* de transição” ou virtuais “quartos *Annales*”, que hoje se encontram precisamente na encruzilhada de sua definição.

Diante desses três momentos vitais da corrente, nos inclinamos a concordar com a postura que reconhece a radical diferença ou descontinuidade entre os *Annales* de Bloch, Febvre e Braudel de um lado, e os terceiros *Annales*, de 1969–1989, do outro. Como já assinalamos antes, acreditamos firmemente no fato de que, enquanto os *Annales* iniciais e depois os braudelianos levaram a cabo uma verdadeira revolução na teoria da história, os *Annales* 69–89, ao contrário, renunciaram conscientemente a estabelecer e desenvolver criativamente seus próprios paradigmas metodológicos, seus perfis teóricos e conceituais, sua proposta específica sobre os novos modos de ver e de fazer a história. O que explica que o novo “giro crítico” dos possíveis quartos *Annales*, pós–89, implique numa nova ruptura com esses terceiros *Annales*, única possibilidade para o retorno crítico ao debate metodológico, à história total, à história econômica etc. Mas, para além desta polêmica imediata, porém essencial para a adequada compreensão da corrente dos *Annales*, acreditamos que subsiste um problema mais profundo: o que explicaria, em profundidade, esta direção específica da curva evolutiva da corrente dos *Annales*, que vai desde o projeto crítico, herético e

¹⁸. Estas duas interpretações acham-se claramente em Dosse. “L’histoire en miettes...” e Burguière. “Histoire d’une histoire...”, p. 1347–1359.

minoritário de Bloch e Febvre, até a função dominante e hegemônica dentro da cultura oficial francesa, que exercem os *Annales* de nossa época?

Em nossa opinião, essa curva evolutiva dos *Annales* poderia estar reproduzindo, com todas as mediações e especificidades do caso, a curva mais geral que seguiu a cultura francesa ao longo do século XX. E, por sua vez, essa curva da dimensão cultural do mundo francês deveria talvez demarcar-se e explicar-se, em grande medida, a partir do destino peculiar da Europa no século XX, em relação ao resto do planeta. Avançamos, como uma simples hipótese.

A historiografia francesa, como a cultura francesa de um modo geral, teria percorrido, no itinerário singular da corrente dos *Annales*, o mesmo caminho dramático que viveu a Europa ao longo desse “pequeno século XX” que terminou em 1989: a perda de sua função hegemônica a nível planetário, e, com isso, a correlativa diminuição de sua capacidade de irradiação e desenvolvimento. O que implica que, depois de 1989, volte a se levantar a pergunta sobre o destino de Europa: poderá a Europa recuperar agora o papel hegemônico que teve desde o século XVI e até o século XIX? A evidente decadência da hegemonia dos Estados Unidos, iniciada na crise de 1972–1973, abrirá a possibilidade de um *relançamento* de uma Europa unificada? E saberá Europa estar à altura das condições atuais, onde a *pluralização* da geração do conhecimento impõe o diálogo com o outro e a incorporação de suas contribuições específicas?

A solução de tais questões não é nem sensível, nem linear, porque os ritmos de cada uma dessas realidades e dimensões não são os mesmos, nem se encontram perfeitamente vinculados ou compassados. Ademais, não floresce a cultura quando a economia está em crise? E não entra em crise a primeira, freqüentemente, quando a segunda já está se recuperando e inclusive em seu momento florescente? E não são, por acaso, os florescimentos tardios ou os esplendores momentâneos,

vicissitudes comuns que complicam um desenvolvimento que, em sua ausência, seria monotonamente linear?

Sem dúvida as grandes linhas de evolução da civilização europeia se fazem presentes como coordenadas determinantes dos desenvolvimentos particulares das distintas esferas nas quais se expressa a vida multiforme dessa mesma entidade civilizadora, tornando possível rastrear alguns dos nexos internos entre estas linhas profundas e pluriseculares e as mais acidentadas curvas dos progressos e desenvolvimentos experimentados no século XX.

Mas, nesta mesma linha de consideração, quem se atreveria agora, no dia seguinte ao da revolução de 1989, a profetizar sobre o destino dessa mesma Europa? Não parece o que a Europa está agora no caminho de recuperar, em âmbito mundial, sua velha posição dominante, a qual teria cedido apenas momentaneamente – nesse abrir e fechar de olhos que foi o compacto século XX –, aos Estados Unidos de América? O que sucederá com a Europa? E com a cultura europeia no mundo? E o que acontecerá então com a cultura francesa? E com a sua historiografia? E com a corrente dos *Annales*? A resposta a essas perguntas é justamente uma das tarefas ainda pendentes do debate, hoje em curso, acerca da corrente historiográfica francesa conhecida como a “Escola dos *Annales*”.

NAS FONTES TEÓRICAS DA HISTÓRIA QUANTITATIVA: O IMPACTO DA ESCOLA DOS *ANNALES* SOBRE A QUANTIFICAÇÃO EM HISTÓRIA*

É uma avaliação parcial desta realidade histórica, mas tem a vantagem de empregar a evidência impessoal e complexa das estatísticas.

Fernand Braudel e Frank C. Spooner. *Prices in Europe from 1450 to 1750*, 1967.

INTRODUÇÃO

Dentro do amplo espectro das linhas atuais de análise histórica, o ramo da “história quantitativa” constitui uma das vertentes principais.¹ Inúmeros temas e problemas centrais dessa historiografia viram-se repostos e aprofundados de maneira frutífera, justamente a partir da incorporação das abordagens da investigação quantitativa em história.

* Artigo originalmente publicado na revista *Economía*, Guatemala, n. 90, 1986.

¹. Cf. Furet. “Lo quantitativo en historia”.

Nos resultados e avanços mais importantes desse tipo de história, o historiador encontrou, em muitos casos, as premissas indispensáveis para a reconstrução crítica e bem fundamentada de suas temáticas específicas, adquirindo no espaço do quantitativo, novos elementos para a corroboração, ilustração ou esclarecimento de suas variadas e complexas hipóteses. Com o que a história, estruturada em torno da quantidade, converteu-se em uma das ferramentas habituais do exercício do ofício de historiador.

Mas, se a história do número adquiriu plena legitimidade e reconhecimento dentro do campo da disciplina histórica, isso não implicou necessariamente que ela tenha se convertido na nova e exclusiva forma de fazer a história, e nem sequer em sua modalidade mais objetiva e científica.² Vista mais de perto, a investigação quantitativa da história é antes um “modo de enfoque” especial, uma perspectiva ou “olhar” para os fatos históricos a partir da lente particular de sua dimensão quantitativa, a partir da ótica muito específica de sua magnitude, enquadramento e consideração essencialmente numéricas. Consideração apenas quantitativa dos fenômenos históricos que, em não sendo uma avaliação auto-suficiente e global da realidade histórica, remete obrigatoriamente ao marco qualitativo que necessariamente lhe subjaz, ao prévio e imprescindível sistema de explicação e interpretação que lhe dá origem, e que, expressando-se nela, outorga-lhe seu verdadeiro sentido.³

Como é claro para todos aqueles que se aventuram na prática desta história quantitativa, ela não pode separar-se e se

². Como de algum modo pretenderam Marczewski e sua equipe. Esta posição já foi criticada por Pierre Chaunu, François Furet e Pierre Vilar, entre outros.

³. A respeito, e sobre o caso particular da história dos preços, diz Braudel: “Uma série de preços certamente tem sua própria realidade, mas não se estabelece *como um fim em si mesmo*”. Cf. Braudel e. Spooner. “Prices in Europe from 1450 to 1750”, p. 375.

independe, de modo algum, da história qualitativa a que se acha inevitavelmente ligada. Pois o número ou a quantidade, considerados em si mesmos e de modo absoluto, carecem de sentido. O número “em si” é impessoal, mudo e inerte; é apenas uma aparência de objetividade, que essencialmente não possui qualquer significação. Uma vez contemplada isoladamente, a quantidade é sempre ambivalente e, portanto, suscetível de distintos usos, interpretações ou enquadramentos. Ademais, o fato numérico ou quantitativo quase nunca aparece “diretamente”, senão que na maioria dos casos é um dado que tem que ser construído, um número que é elaborado pelo investigador e que se acha então já “contaminado” por uma certa pré concepção qualitativa que o induziu e que lhe provê de antemão seu sentido e utilidade específicos.

Assim, a matéria-prima da história quantitativa não é algo já existente sob uma única e exclusiva forma,⁴ algo que se imponha de modo imediato e direto ao historiador – cuja única função seria recolhê-lo e ordená-lo para apresentá-lo “tal como aconteceu” –, senão um problema ou realidade que tem que ser descoberto, escolhido, ordenado e elaborado. Em suma, ainda o número ou a quantidade são fatos que o investigador tem que “dar à luz”, tem que construir ou criar através de suas distintas técnicas e métodos, e em função de suas problemáticas e pontos de vista muito particulares, de suas posições dentro da história qualitativa a partir das quais trabalha.⁵ Portanto, a quantificação histórica é uma operação cujo significado deriva necessariamente da história

4. Como assinalam Braudel e Spooner, para a construção de uma série quantitativa qualquer não existe apenas um método estatístico ou matemático, senão vários, distintamente úteis de acordo com os propósitos da análise em jogo. (Idem, p. 375–376).

5. Trata-se então de se assumir, também para a história quantitativa, a crítica dos primeiros *Annales* aos postulados rankeanos, e por fim, conceber a história quantitativa também como história-problema. Sobre esta história-problema veja-se Febvre. *Combates por la história*. Para a consideração da história quantitativa como história-problema, Furet, “Lo quantitativo en história”.

qualitativa que a suporta, que a enquadra e anima, e que, em consequência, lhe confere sua verdadeira justificação e sentido.

Daí então que, para se aferir os alcances, o papel, os resultados, os limites e as perspectivas futuras deste jovem e vigoroso ramo dos estudos históricos, não podemos nos limitar a analisar seu progresso e evolução internos – seus avanços no uso da técnicas estatísticas, sua sistematização sob a forma de modelos matemáticos cada vez mais complexos e sofisticados e até sua transformação profunda a partir do uso dos computadores modernos etc.– mas devemos vincular esses avanços com os progressos gerais da ciência histórica, com as balizas, mudanças e vicissitudes da história qualitativa, determinados e desenvolvidos por suas distintas correntes de interpretação. Tarefa essa que, embora ampla e difícil, é, sem dúvida, indispensável para uma idéia mais justa do papel e das perspectivas da história quantitativa dentro do campo da ciência da história.

No caminho deste esclarecimento, e como mera hipótese para discussão, gostaríamos de resgatar muito rapidamente o impacto que a escola dos *Annales* teve sobre o avanço e transformações dessa história quantitativa, alimentada sem dúvida por outras fontes e correntes intelectuais, mas igualmente sensível a seus influxos e posturas.

Com isso, não apenas registraremos o impacto dessa escola sobre a história quantitativa, mas trataremos também de colocar numa melhor perspectiva, tanto o estado atual desta vertente quantitativa da história, como seus possíveis desenvolvimentos futuros.

I

É bem sabido (...) que trabalhamos e especulamos no geral sobre séries relativamente breves e particulares (...)

Fernand Braudel. A favor de uma economia histórica.

O que hoje conhecemos como história quantitativa, como quantificação sistemática e ordenada dos fatos históricos, constituiu-se organicamente e em seus grandes traços a partir dos anos 1929–1932.⁶ Surgida originalmente em uma atmosfera intelectual preocupada com a explicação e análise da grande depressão econômica de 1929, a história quantitativa destas primeiras etapas é uma história realizada, promovida e elaborada majoritariamente por economistas.

Assim como nas obras que lhe servem de premissa e que, como antecedente, a anunciam desde os séculos anteriores, em seus primeiros trabalhos reflete-se centralmente a preocupação dos economistas pela medição, ordenamento e quantificação de certos fatos históricos. Preocupação que, ao mesmo tempo em que populariza e desloca pouco a pouco esta nova linha de investigação histórica, imprime-lhe simultaneamente seu próprio selo.

Pois se, como dissemos, toda história quantitativa se apóia em algum tipo específico de história qualitativa, então é lógico que essa vertente quantitativa da análise histórica mostre, durante esta fase inicial de desenvolvimento, o viés ou marca particular de seus primeiros animadores e construtores. É desta base qualitativa que lhe subjaz, de onde provém os principais traços que a tipificam e singularizam durante estes primeiros momentos de sua existência.

⁶. Ainda que se poderiam indicar *antecedentes* remotos desta história quantitativa, nos “aritméticos políticos” do século XVII e nas histórias dos preços do século XIX, se trata sem dúvida de tentativas *isoladas* e ainda muito incipientes para se poder considerá-los como um ramo dos estudos históricos da época. A opinião corrente hoje aceita é que, enquanto ramo “específico” da história, a investigação quantitativa apenas surge a partir de 1929 em diante. Cf., Braudel. *Civilización material, economía y capitalismo...*, v. 3, p. 50; Furet. “Lo quantitativo en historia” e Chaunu. “La economía. Superación y perspectiva”.

Assim, a história quantitativa aparece de início como uma simples parte ou derivação da história econômica e, portanto, apenas como mera quantificação de fatos econômicos. Desenvolvida e integrada sobretudo pelos profissionais da economia, a primeira investigação quantitativa do histórico se concentra no registro e elaboração quantitativa dos preços. Assim, a primeira história quantitativa é fundamentalmente história dos movimentos, flutuações e oscilações dos preços que constituem sua matéria prima.⁷

Em acordo com este limitado marco de seu objeto de estudo – inserido quase exclusivamente na busca da expressão monetária do valor das mercadorias –, é que se constitui também sua temporalidade específica, sua finalidade particular e até suas conquistas e avanços mais importantes.

Porque, se essa primeira história quantitativa é sobretudo parte ou modalidade da história econômica, é lógico que se limite ao tempo mais característico dessa história econômica, ao tempo que Braudel chamou do tempo da conjuntura ou da média duração.⁸ Tempo pois de uma, duas ou três gerações que, sendo sempre menor do que o intervalo de um século – um tempo sempre intrassecular –, refere-se diretamente aos fatos quase sempre econômicos e sociais que marcam grande parte ou a totalidade de uma vida humana, criando a “atmosfera” de um século ou de várias décadas e definindo os acontecimentos que se gravam na consciência e na atitude dessas poucas gerações de modo inevitável e significativo. Assim, uma queda prolongada dos salários, um aumento de preços que leva quase um século, uma revolução econômica e suas sequelas imediatas, uma grande

⁷. Como já assinalamos, esta primeira história quantitativa apenas *prolonga* um esforço desenvolvido *previamente*. Mas a diferença se encontra na amplitude, difusão e sistematicidade deste intento frente à *eventualidade e isolamento* de seus antecedentes.

⁸. Cf. Braudel “Historia y ciencias sociales. La larga duración” e a primeira parte de *Las civilizaciones actuales*.

guerra e o tempo de recuperação das feridas que cria, são todos fatos da conjuntura, e portanto, correspondentes a essa duração ou temporalidade média da história. Esse tempo da conjuntura que é também o tempo específico escolhido pela história quantitativa.

Se os economistas – novos e emergentes historiadores quantitativos dos preços – se comprometeram neste caminho, foi com o objetivo explícito de estabelecer a periodicidade, ritmo e cadência da flutuações econômicas, reconstruindo os distintos movimentos cíclicos da economia. Com isso pretendem entender, explicar e até prever as crises, os pontos críticos temidos de tal ciclo econômico. Por isso, nada há de estranho no fato de que uma das primeiras e mais importantes conquistas dessa investigação quantitativa da história tenha sido a comprovação e estabelecimento dos distintos ciclos econômicos da conjuntura, batizados geralmente com o nome de seus descobridores, quase sempre economistas.⁹

Deste modo, a primeira história quantitativa apresenta-se como uma história completamente dominada pelo enfoque, pelas preocupações e pelos tempos da história econômica, e até, de certa maneira, da própria economia.¹⁰

⁹. Falamos dos conhecidos ciclos Kitchin, Juglar, Labrousse, Kuznets e Kondratieff. A respeito, veja-se Labrousse. *Fluctuaciones económicas e historia social*, p. 339–342; Braudel e Spooner, p. 430–442 e Braudel. *Civilização material...*, v. 3, p. 50–64. Sem dúvida alguma, estes distintos ciclos não foram comprovados com a mesma certeza, nem possuem a mesma validade temporal e vigência geral. O caso dos trabalhos de Labrousse é uma exceção à regra dessa primeira história quantitativa, não apenas porque *centra* a quantificação histórica em função da história, e já não da economia, mas também porque utiliza os resultados deste tipo de história para fins de explicação não unicamente econômica, mas também social e política.

¹⁰. Neste sentido, e retomando uma idéia de Pierre Vilar, talvez poderíamos chamar com mais propriedade essa primeira história quantitativa de “economia retrospectiva” do que quantificação *histórica* enquanto tal. Para além do termo, trata-se de compreender seus traços básicos. “Cf. Vilar. “Para

Por isso, não entabula nenhuma relação com o enfoque da escola dos *Annales*, que a esta altura se achava também em sua fase de constituição. Paralelamente a ela, mas sem nexo algum com essa história centrada na quantificação, foram se conformando os paradigmas fundamentais dos primeiros *Annales*, o novo modo de fazer história propugnado por Marc Bloch, Lucien Febvre e o pequeno grupo de seus seguidores. Nova forma de conceber e exercer a história, que se caracteriza por reivindicar os princípios de uma história analítica ou racional, que se constituindo a partir da aplicação do método comparativo e da síntese histórica, é, ao mesmo tempo, uma história-problema. Uma história que, ao repor criticamente a relação entre o historiador e seu objeto, conduz à construção de uma análise histórica ao mesmo tempo globalizante ou total, aberta e complexa ou multideterminada.¹¹

Mas a situação se altera com o que poderíamos chamar, seguindo Braudel, de os segundos *Annales*. Esses são, em certo sentido, o reverso de seus predecessores.¹² Se os primeiros *Annales* foram sobretudo críticos e fundadores –vorazes combatentes da história tradicional anterior e pioneiros na

una mejor comprensión entre economistas e historiadores: ¿ “historia cuantitativa” o “econometría retrospectiva?” In: *Economía, Derecho, Historia*.

¹¹. Inútil tentar explicar aqui os *principais* traços do enfoque desses primeiros *Annales*. Nos limitamos a enunciá-los e a remeter os interessados ao estudo “direto” das mais importantes obras de seus criadores; em particular, Bloch. *Introducción a la historia* e a “Introdução” à *História rural francesa*. De Febvre, *Combates por la historia* e *Pour une histoire à part entière*.

¹². Mas apenas em “certo sentido”. No diz respeito ao *conteúdo* e *paradigmas* teóricos fundamentais desses dois primeiros momentos da escola dos *Annales* há, ao contrário, uma clara linha de *continuidade* e *permanência*. E ainda que em vários pontos importantes os segundos *Annales* superam seus predecessores, o fazem no mesmo espírito e perspectiva que esses últimos, apoiando-se na base criada pelos primeiros *Annales*. Cf. Braudel. “Personal Testimony”, p. 448–467 e “En guise de conclusion”, p. 243–261. Ainda Revel. “The *Annales*: continuities and discontinuities”, p. 9–18.

abertura dos novos modos de fazer a história –, os segundos são predominantemente positivos e construtores – e, portanto, artesãos e defensores desses mesmos novos modos do ofício histórico. Pelo mesmo motivo, são também essencialmente abertos a todos os novos desenvolvimentos das outras ciências sociais, a todas as iniciativas renovadoras que, dentro ou fora da história, procuram enriquecer os campos e problemas da investigação do social.

Em consequência, igualmente abertos às abordagens e inovações dessa primeira história quantitativa, cujas características fundamentais já foram levantadas. Para os segundos *Annales*, reunidos em torno da pessoa de Fernand Braudel, muito mais populares que os primeiros *Annales*, a recuperação dessa história quantitativa, desse novo ramo dos estudos históricos, se impõe como uma tarefa necessária e evidente.¹³ Não de uma maneira passiva e acrítica, mas antes como um diálogo e interpenetração recíprocos, por parte de ambos enfoques.

Assim, os segundos *Annales* recuperaram minuciosamente a importante abordagem da quantificação em história, mas apenas ao preço de transformá-la profundamente, de assimilar e recolocar seus principais resultados, enriquecendo-a a partir de seus próprios paradigmas e pontos de vista. De tal modo que, desde a interrelação e influência mútua de ambos enfoques, a história centrada no número viu-se modificada de maneira importante, redefinindo em várias direções os limites de sua primeira etapa.

Durante esta segunda fase da quantificação histórica, e muito graças ao impacto dos segundos *Annales* sobre ela, começou a

¹³. Neste trabalho de recuperação e incorporação da história quantitativa ao enfoque global da escola dos *Annales*, o pioneiro indiscutível foi Ernest Labrousse, que iniciou este diálogo desde seus primeiros trabalhos. Veja-se sua obras *Esquisse du mouvement ...*, de 1933 e *La crise de l'économie française...*, de 1944.

avançar de modo significativo o espaço determinado de sua aplicação e desenvolvimento, incorporando de maneira orgânica novos e envolventes problemas dentro de seu raio de ação. A partir daí, o objetivo da história quantitativa cresce duplamente. Em primeiro lugar, e ainda dentro da esfera econômica, a investigação quantitativa da história deixa de limitar-se ao estudo dos movimentos dos preços, para incluir também, de modo generalizado, novas investigações sobre as curvas e flutuações dos salários, a produção industrial, os intercâmbios mercantis, a produção agrícola, as quantidades de mercadorias transportadas, os benefícios e rendas obtidos pelos empresários etc. Disso decorre uma clara diversificação da história quantitativa, que agora chega a cobrir a maior parte dos distintos territórios da história econômica enquanto tal.¹⁴

Em segundo lugar, ao mesmo tempo que a investigação quantitativa do histórico sai do âmbito da economia para começar a explorar novos níveis da realidade social. Também nessa segunda etapa, inicia-se a indagação mais sistemática do plano demográfico (número de nascimentos, mortes, enfermidades ou matrimônios e migrações etc), de fatos de caráter social (número de revoltas camponesas, abandono de terras durante um movimento popular ou balanços dos mortos e emigrados vítimas de uma revolução etc), e até de realidades políticas (número de votantes e abstenções numa eleição, quantidade de participantes em diversas manifestações políticas, número de afiliados a organizações políticas e partidos). Com isso, a história quantitativa não faz mais que recuperar, à sua maneira e dentro de seus limites particulares, o postulado totalizante de uma história global e em profundidade, defendido

¹⁴. Isto não significa que antes do impacto da escola dos *Annales* sobre a história quantitativa não existiram certas tentativas pioneiras de aplicação da mesma a outros fatos econômicos e inclusive extra-econômicos. Mas seu desenvolvimento sistemático e generalizado é somente obra de tal influência, que é o ponto que tentamos enfatizar aqui.

e propugnado pela escola dos *Annales*, desde sua primeira etapa de vida.

Assim, essa história quantitativa pode agora imbricar-se de modo muito mais natural com a tal história global,¹⁵ com os diversos desenvolvimentos historiográficos da mesma escola dos *Annales*. Porque ao abrir deste modo o leque de suas aplicações, a quantificação histórica amplia os campos nos quais intervem, começando a ser utilizada como ilustração, apoio ou premissa, já não apenas da história econômica, mas também da história social, política e cultural paralelamente a ela praticada.

Utilização que propicia a passagem dessa história quantitativa à história serial, a uma história igualmente centrada na quantificação dos fatos históricos, mas agora sob a forma de longas séries de dados empíricos que procuram expressar essencialmente movimentos históricos que não são concebidos como tendo uma existência isolada, senão como movimentos relativos a um determinado contexto ou realidade a partir do qual podem ser confrontados, comparados e correlacionados com outros grupos de fatos ou fenômenos – quantificáveis ou não – e com o processo global da história em sua totalidade.¹⁶

¹⁵. Dizem Braudel e Spooner, falando em particular da história dos preços: “A história dos preços deve encontrar seu lugar no contexto da história geral, da qual, depois de tudo, não é simplesmente mais que uma ciência subordinada” (“Prices in Europe...”, p. 375). O mesmo, em nosso modo de ver, pode-se dizer da história quantitativa como um todo. Uma opinião distinta sobre esse ponto encontra-se em François Furet. “Lo quantitativo en historia”, p. 68–73.

¹⁶. Não há consenso a respeito das *diferenças e semelhanças* entre história quantitativa e a história serial. Do nosso ponto de vista, enquanto a história quantitativa primeiro assume o número como uma quantidade que tem pretensões de maior valor *absoluto* e se acha mais “isolada da” história global, mais imersa e limitada a seu uso *econômico*, a história serial reconhece, ao contrário, o caráter *relativo* de toda quantificação, e portanto, se *abre* mais organicamente a sua relação e remodelação por parte da história qualitativa global. De qualquer modo, em nossa “definição ”

Com o que a história quantitativa adquire uma maior organicidade, maior impulso e sistematização e uma mais ampla projeção. Assim, enquanto história serial, define mais rigorosamente as condições de validade de seus próprios materiais e os parâmetros mínimos para se fazer de uma série quantitativa qualquer, um instrumento confiável de análise.¹⁷

Deste modo e a partir do claro viés induzido pela influência dos segundos *Annales* sobre seu próprio desenvolvimento, é que a história quantitativa é recolocada em suas reais possibilidades e em seu justo lugar em relação à ciência da história como um todo. Partindo das mudanças resenhadas acima, o ramo da investigação quantitativa assume suas claras dimensões dentro da história: ela é uma vertente fundamental da análise histórica que, por possuir a vantagem do maior rigor e precisão de seu objeto ou matéria específica, pode apoiar de modo básico certos campos e problemas particulares da história qualitativa em suas distintas variantes.

O que obviamente foi percebido claramente pelos próprios membros da escola dos *Annales*. Desde seu segundo momento mencionado até a atualidade,¹⁸ é um fato que, ao menos na França, são os historiadores integrantes dessa escola os que mais têm impulsionado, fortalecido e utilizado do modo mais rico e frutífero a

anterior da história serial, seguimos sobretudo Braudel, “arredondando” sua definição a partir do que desenvolvemos acima. A respeito, ver Braudel e Frank, p. 451; Braudel e Spooner. “Pour une histoire sérielle...” e Braudel e Romano. *Navires et marchandises à l'entrée du Port de Livourne...* Também os artigos já citados de Pierre Vilar e de François Furet.

¹⁷. São as condições tantas vezes repetidas: que os dados sejam homogêneos, que sejam comparáveis entre si, que possuam uma continuidade mínima, que sua fonte seja veraz e comprovável, etc.

¹⁸. A partir de 1968 vigora o que poderíamos chamar o terceiro grande momento vital da escola dos *Annales*, distinto *qualitativamente* dos anteriores. Cf. Braudel. “Les 80 ans du ‘Pape’ des historiens”, p. 71–76 e “La dernière interview du maître de l’histoire lente”. [N. T.: lembre-se que o presente artigo foi originalmente publicado em 1986].

história quantitativa. E não foram eles apenas os que a levaram a franquear sua passagem para a história serial, mas também os que a desenvolveram e ampliaram mais radicalmente, aplicando-a, como havíamos assinalado, tanto em outros âmbitos da própria economia, como em outras esferas da realidade social ¹⁹.

Com tudo isso, essa escola dos *Annales* não apenas conseguiu o reconhecimento e a incorporação criativa deste jovem ramo da investigação quantitativa da história, mas introduziu-lhe também, junto com outras correntes históricas e intelectuais, alguns dos novos problemas, métodos e visões que hoje lhe são característicos.

II

A história quantitativa não disse ainda a sua última palavra. Ao ver-se enriquecida desse modo, tanto pelo impacto dos segundos *Annales* como por outras fontes e influências intelectuais, introduziu-se ultimamente em um rico processo de busca e definição de novos espaços, novas aplicações e distintas relações e contatos com as demais vertentes da história, recolocando e ampliando seus velhos horizontes, ao mesmo tempo em que encontra e mede seus limites e possibilidades.

Neste percurso diversificado, a quantificação histórica foi se deparando com períodos, fenômenos e realidades que são refratários ou totalmente alheios a sua aplicação, e que, portanto, resistem a ser *quantificados*. Assim acontece tanto com as épocas anteriores ao século XIX, às quais, caminhando para o passado mais distante, vão se tornando cada vez mais “escassas” de dados numéricos e cifras, como com certos terrenos da evolução cultural, da biografia intelectual ou certas realidades sociais e

¹⁹. Nos referimos aos trabalhos de Fernand Braudel, Pierre Vilar, Pierre Goubert, Emmanuel Le Roy Ladurie, Pierre e Hugette Chaunu, François Furet, Jean Bouvier, Marcel Couturier etc. Cf. Chaunu. “La economía. Superación y prospectiva”.

políticas de caráter *não repetitivo*, tipos de atmosferas rarefeitas para a história quantitativa, que, nestas condições, perde pouco a pouco sua própria sustentação.

O mesmo se verifica para os períodos chamados pré ou proto-estatísticos – cuja data ainda não é algo definitivo e aceito por todos os historiadores –, como em certos problemas onde o número ou a quantidade diz pouco ou nada. Aqui a investigação quantitativa se acha em terreno sumamente frágil. Apenas as investigações e desenvolvimentos futuros serão capazes de definir se esses limites e barreiras podem ou não ser superados por este ramo particular da análise histórica.

Mas se em certos terrenos a história quantitativa chegou nos limites mencionados, em outro, não quis ou não soube penetrar suficientemente, apesar do caráter promissor e altamente instrutivo que parece lhe reservar este tipo de espaço. Referimo-nos, segundo a Braudel, às realidades da longa duração, ao movimento específico característico da *tendência secular*. Sobre a incorporação desse movimento aos problemas e análises clássicos da história quantitativa, diz Braudel: “Enquanto não tenha sido examinado com precisão e não se tenha estabelecido com exatidão sua importância, a história conjuntural, apesar de todas as obras que têm inspirado, seguirá sendo terrivelmente incompleta” (*Civilización material, economía y capitalismo*, tomo III, p. 51).²⁰

Com o que se demarca uma das possíveis vias do progresso ulterior dos estudos quantitativos em história, ainda que sem dúvida não o único. Porque, se a história quantitativa quer manter-se à altura dos rápidos e importantes progressos de cada um dos diversos campos da disciplina histórica, apenas poderá

²⁰. O próprio Braudel fez um ensaio brilhante, de aplicação da *tendência secular* para a explicação da crise capitalista contemporânea. Em nosso modo de ver, encontra-se ali uma das possíveis linhas futuras de expansão da história quantitativa; a que, ao registrar o movimento da *tendência secular*, abordaria um novo e interessante fator explicativo dos distintos processos históricos.

fazê-lo se não esquecer que ela é apenas *parte*, ainda que fundamental, da ampla e complexa história global propugnada pela escola dos *Annales*, e, portanto, apenas território ou modo de acesso particular para o objeto único e multifacetado da ciência da história: o fazer humano no tempo.

DOWNLOAD FREE

DOWNLOAD FREE

OS ANNALES DENTRO DO UNIVERSO DA CRÍTICA*

(Os Annales) são uma revista à qual aconteceu uma desgraça: a desgraça do êxito”

Fernand Braudel. “Les 80 ans du ‘Pape’ des historiens”, *L'Histoire*, n. 48, setembro de 1982.

Os *Annales* completaram recentemente seus setenta anos de idade. E longe de pensar em aposentar-se ou retirar-se progressivamente da cena, parecem antes estar procurando agora, principalmente depois dos desafios lançados em 1989, uma *renovação radical de seu projeto intelectual*, e com isso uma redefinição possível de seu papel e função dentro do campo dos estudos históricos contemporâneos.¹

* O presente texto foi elaborado a partir das notas de uma conferência proferida na Universidad Autónoma de Barcelona, em 23 de fevereiro de 1994. Nele foram incorporados os comentários recebidos nessa ocasião, particularmente os dos professores Ricardo García Cárcel e os dos colegas do Departamento de História Moderna e Contemporânea daquela universidade. A todos agradeço aqui publicamente.

¹. Para reconstruir as principais causas imediatas da gestação e progressiva afirmação deste novo projeto, veja-se *Annales E.S.C.* “Histoire et sciences sociales. Un tournant critique?”, (1988) e especialmente o editorial “Tentons l’expérience”, (1989), que tem todo o valor de um *manifesto-programa* desses

Após as intensas críticas que esta corrente historiográfica francesa suscitou, tanto na França como no mundo, durante a década dos oitenta,² e no clima de “incerteza paradigmática” e de crise das ciências sociais que se faz evidente também na virada emblemática de 1989, o grupo dirigente desta mesma corrente viveu uma importante “crise de definição”, chegando inclusive a discutir a opção de acabar definitivamente a publicação da revista, que durante mais de meio século deu nome e corpo ao núcleo de historiadores e cientistas sociais de tal corrente.³

A alternativa escolhida foi antes a de “redefinir o projeto intelectual” que vigorou entre os anos de 1969 e 1989 e que havia dado existência aos “terceiros *Annales*”, centrados nas problemáticas da história das mentalidades e da antropologia histórica. Esta redefinição da linha intelectual articuladora e diretriz implicava múltiplas mudanças no interior dos *Annales*, que certamente iriam afetar os centros de interesse da revista,

“quartos *Annales*”; Revel e Lepetit. “L’experimentation contre l’arbitraire”, (1992) e Lepetit. “Défense et illustration des ‘*Annales*’”, “Los *Annales*, hoy” e a entrevista “La actual crisis de los paradigmas...” Para uma avaliação da conexão entre este novo projeto dos “quartos *Annales*” e a crise simbolizada por 1989, Cf. Aguirre Rojas. “Convergencias y divergencias...” incluído no presente volume.

². Mencionemos, apenas a título exemplificativo, algumas das mais importantes dessas críticas: Cedronio. “Perfil de ‘*Annales*’”, p. 3–72; Duby. “Le plaisir de l’historien”; Furet. “Préface”. In: *L’Atelier de l’Histoire*; Braudel. “Les 80 ans du ‘Pape’ des historiens”, p. 71–76 e “La dernière interview du maître de l’histoire lente”; Couteau–Begarie. *Le phénomène nouvelle histoire*; Dosse. *L’histoire en miettes*; Wallerstein. “Beyond *Annales*?” e “L’homme de la conjoncture”; Aguirre Rojas. “Between Marx and Braudel...”; Carlos Barros. “La ‘nouvelle histoire’ y sus críticos”; Ginzburg. “Renouveler la réflexion méthodologique”; Zemon Davies. “L’échange, non l’imitation”; Burke. *The French Historical Revolution.*, assim como os Anais do Colóquio de Moscou *Les Annales: Hier et Aujourd’hui*, realizado em outubro de 1989, publicados sob o título *Sporii a glavnom...* e também os Anais do Colóquio *História a debate*, de julho de 1993, publicados em *História a debate*.

³. Cf. Lepetit, “Los *Annales*, hoy”,

deslocados dessas mentalidades e dessa história antropológica para as novas formas da história econômica, da história intelectual e da história social, ao mesmo tempo em que se retoma o debate metodológico e epistemológico, abandonado nesse período, e se ensaiam também novos desenvolvimentos e novos modos de apreensão da história global, da longa duração ou da síntese e explicação científicas em história.

Transformando, assim, seus próprios eixos problemáticos, sua atitude para com o debate epistemológico e seus paradigmas integradores, a corrente dos *Annales* modificou também radicalmente a composição de seu núcleo dirigente, ao cooptar, entre 1992 e 1995, a seis novos membros, que não são somente historiadores, mas também economistas e sociólogos, mudando inclusive o subtítulo da revista, que desde o primeiro número de 1994 se chama *Annales. Histoire, Sciences Sociales*.

Trata-se claramente de um projeto de construção de “novos” *Annales*, uns possíveis “quartos *Annales*” que sejam capazes de situar esta corrente novamente em posições de vanguarda dentro do debate historiográfico mundial, caracterizado hoje em dia por uma pluralização evidente de seus centros de gravidade e, em consequência, por uma multiplicidade de correntes, grupos e autores que geram, em distintas partes do mundo, as novas linhas da inovação historiográfica.

Ainda que, em nossa opinião, as causas profundas desta renovação interna dos *Annales*, sejam sem dúvida as enormes mudanças da conjuntura e das estruturas que assistimos em escala planetária depois de 1989,⁴ essa renovação procura também responder em parte a tais críticas, que vindas de diversas posições científicas, perspectivas nacionais ou posturas analíticas, se multiplicaram enormemente durante o período de 1975–1989.

⁴ Vejam-se os trabalhos de Wallerstein. “1989, the continuation of 1968”; “The collapse of liberalism” e *Geopolitics and Geoculture*. Também Aguirre Rojas. “1989 en perspectiva histórica”

Claro está que essas críticas da sétima e oitava décadas não eram nem as primeiras nem as únicas que haviam recebido os *Annales* ao longo de sua trajetória. Porém, chama a atenção o fato de que, então, as críticas se tornaram mais abundantes, vindas de uma pluralidade de horizontes historiográficos e teóricos, e muito mais radicais que no passado. Ademais, tais críticas começavam a ser geradas, já não apenas de **fora** da revista, mas também de seus núcleos próximos e por membros proeminentes seus, que num dado momento se autoconsideraram parte da própria corrente, como no caso mais notório do próprio Fernand Braudel, mas também de pessoas como Georges Duby ou François Furet, que se distanciaram dos *Annales* e os abandonaram precisamente nesses anos setenta e oitenta, e a partir das posições críticas a que fizemos referência.

Tal processo de crítica mais persistente e diversificada dos *Annales* coincide, e não casualmente, com o incremento da popularidade e da difusão planetárias da corrente. Porque, assim como nos anos setenta e oitenta, torna-se presente e marcante, dentro das mais distintas historiografias nacionais, o conjunto das abordagens e das perspectivas dos *Annales*, assim começam a crescer e a multiplicar-se também os balanços e os apontamentos “críticos” a esta mesma corrente dominante da historiografia francesa. Com o que assistimos à paradoxal situação de que os *Annales* mais difundidos e populares no mundo, os *Annales* das mentalidades e da antropologia histórica, são ao mesmo tempo os *Annales* mais criticados e os mais postos em questão dentre todos os que existiram até hoje.

Para além da validade e pertinência destes diferentes juízos ante os *Annales*, poderíamos nos perguntar por que é precisamente nesta terceira etapa, que vai de 1969 a 1989, que a crítica se intensifica e se multiplica? Por que cresce então, simultaneamente, a popularidade da corrente? Que relação tem este universo de críticas com as mudanças internas da própria corrente, geradas por essa enorme ruptura de 1968? E que vínculos possui com o novo contexto dos anos setenta e oitenta,

e em consequência com as mutações tanto da paisagem social geral como também das paisagens historiográficas vigentes durante essas mesmas épocas? E, ao mesmo tempo, como se vinculam estas críticas com aquelas recebidas em etapas anteriores? Que lições é possível obter desta curva de posições críticas que foi provocada pelos *Annales*? Como ela se vincula às grandes transformações da historiografia francesa e às grandes mutações da historiografia européia e mundial deste século? Responder a tais perguntas é abordar o tema geral das reações que deflagaram os *Annales* dentro do universo da crítica, reconstruindo-se, então, a história dessas “críticas” suscitadas pela corrente ao longo de sua trajetória.

I

Os Annales não são uma revista. São antes um pouco desse espírito eterno que merece ser salvo.

Lucien Febvre, carta a Marc Bloch, 14 de maio de 1941.

Se penetrarmos no universo das diferentes avaliações que os *Annales* mereceram ao longo de sua história, o primeiro aspecto que nos chamará a atenção será a diversidade e o carácter contraditório e excludente de muitos dos juízos críticos ou reivindicatórios que ela recebeu. Os *Annales* foram criticados por não possuírem uma teoria da história, ao mesmo tempo em que alguns autores os reivindicavam precisamente pelo carácter propriamente empírico e experimental de sua forma de se aproximar dos fatos históricos. Também se disse que se trata de uma escola ou enfoque estruturalista dentro da história, enquanto que outros críticos os apresentavam como o batalhão de choque do combate anti-estruturalista na história ou lhes cobravam, justamente, carecer de uma elaboração do conceito de estrutura e de suas relações. E se lhes acusou de serem demasiado globalizadores e amplos em suas interpretações,

assim como de terem abandonado a história global e as perspectivas totalizantes para dedicarem-se ao estudo especializado e fragmentado de temas excessivamente limitados. Concebidos finalmente por alguns como marxistas e por outros como conservadores, caracterizados como marginais e *antiestablishment* assim como grupo de poder intelectual e reprodutores da cultura dominante oficial francesa, os *Annales* possuem assim esta vasta e diversa coleção de caracterizações heterogêneas.⁵

Caracterizações distintas e até contraditórias que tornam evidente o carácter internamente múltiplo e diverso da corrente. Ao se observar mais de perto esses diferentes juízos e avaliações sobre os *Annales*, fica claro que eles são dirigidos a “distintas etapas” ou momentos da evolução da corrente e, em conseqüência, são avaliações dos múltiplos e diferentes *Annales* que se desenvolveram dentro de sua história global.

No longo itinerário percorrido pela corrente, existiram vários e específicos *projetos intelectuais* que, marchando às vezes numa linha de continuidade e aprofundamento, e outras vezes numa linha de ruptura e de clara descontinuidade com respeito ao passado imediato, foram construindo as diferentes etapas de vida da corrente.

⁵. Assinalemos, na mesma ordem apresentada no texto, alguns dos autores que sustentam estas diversas posições: Fontana. *Historia. Análisis del pasado...*; Ferro. *L'histoire sous surveillance* e Revel e Lepetit. “L’expérimentation contre l’arbitraire”; Casanova. *La historia social y los historiadores*; Santos Julia. *Historia social, sociología histórica*.; Dosse. “Les habits neufs du président Braudel”, p. 83–93; Cedronio. “Profilo delle ‘Annales’ attraverso le pagine delle ‘Annales’”; Burke. *The French Historical Revolution...*; Braudel. “La dernière interview du maître de l’histoire lente”, Wallerstein. “Beyond *Annales*?...”; Le Goff. “Le changement dans la continuité” e Guerreau. *El feudalismo...*; Dosse. *L’histoire en miettes...*, Maitret. *Le discours et l’historique* e, finalmente, *Annales E.S.C.* “Tentons l’expérience”, *op. cit.*

Assim, resulta impossível avaliar, também “criticamente”, esse universo de críticas que receberam os *Annales*, se não se distinguir de início aquelas críticas de ordem geral que talvez sejam pertinentes para todo o conjunto dos sucessivos *Annales* de 1929 a 1994, e aquelas outras cuja validade se circunscreve a uma ou a apenas algumas das etapas do itinerário annalista. Para o que é necessário distinguir também esses sucessivos e diferentes *Annales* que a historiografia francesa concebeu nas últimas sete décadas.

Neste sentido, e ao revisar a literatura que se ocupa de estudar este itinerário da corrente dos *Annales*, parece haver já um amplo consenso quanto à periodização mais pertinente do mesmo.⁶ A grande maioria dos autores está de acordo em falar de uns “primeiros” *Annales*, fundadores de toda a corrente, e que articulados em torno do rico e inovador *projeto intelectual coletivo gerado pela estreita colaboração de Marc Bloch e Lucien Febvre*, se estenderá de 1929 até 1939, justo no período em que vigiu essa colaboração. E ainda que haja autores que proponham prolongar o fim desses primeiros *Annales* até 1941, a data da difícil disputa entre Bloch e Febvre em torno da suspensão ou continuação da publicação da revista, ou até 1944 ou 1945, datas da morte de Marc Bloch ou do fim da II Guerra Mundial, nossa opinião é que o critério fundamental para estabelecer esta periodização deve ser o da *vigência*, ou quando for o caso, a mudança de um determinado *projeto* que funciona enquanto *articulador* de um pequeno núcleo de protagonistas ativos que constroem

⁶. Sobre esta periodização, veja-se Braudel. “En guise de conclusion”, p. 243–261 ou Aymard. “The *Annales* and french historiography”, v. I, p. 53–67, assim como os trabalhos de Peter Burke, Immanuel Wallerstein, François Dosse, Gérard Mairet, Carlos Antonio Aguirre Rojas, Carlos Barros e Marina Cedronio citados na nota 2. Uma crítica desta periodização encontra-se em Bernard Lepetit. “Los *Annales*, hoy”, Ainda que aceitemos que esta periodização pode ser matizada, precisada, e sem dúvida aprimorada, acreditamos de todo modo que ela é no fundamental *correta*, de acordo com os critérios aqui expostos.

cotidianamente a revista, e também de diferentes *redes de sociabilidade intelectual* que gravitam em torno desse núcleo da revista e desse projeto cultural. Projeto que, além do mais, serve de suporte para os critérios de seleção e de construção da revista – e portanto de sua concreta política editorial –, mas que se estende também para além como tendência orientadora e definidora das investigações e da atividade intelectual mais global levada a cabo pelos membros do núcleo imediato da revista, e às vezes dos próprios membros dessas redes de sociabilidade intelectual.

Com o que fica claro que o período dos primeiros *Annales* se encerra em 1939 e que a segunda etapa dos *Annales* é a etapa “braudeliana” vivida entre 1956 e 1968. Porque entre 1939 e 1956 *não se construiu*, no interior dos *Annales*, nenhum novo projeto intelectual, qualitativamente distinto daquele que foi vigente no período de 1929–39. Ao contrário, conservou-se em geral esse mesmo projeto dos anos trintas, ainda que agora sem a abordagem essencial de Marc Bloch, e com o matiz de mudança que implica que esse projeto vai gravitar somente em torno da figura de Lucien Febvre.

Acreditamos, assim, que entre 1939 e 1956, os *Annales* vivem uma clara fase de transição, na qual sobrevivem sem novos elementos qualitativos, e apenas com o matiz impresso por Febvre, enquanto germinam as bases da etapa seguinte, a dos *Annales* dirigidos por Fernand Braudel.

Após da morte de Lucien Febvre, e a partir das lições desse grande livro que é o *Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*, Fernand Braudel vai pôr em marcha um novo projeto intelectual, que ao mesmo tempo em que recupera e aprofunda os conteúdos do projeto originário de 1929–1939, agrega perfis novos e específicos que irão vigorar entre 1956 e 1968.

Superando então, no sentido hegeliano deste termo, os primeiros *Annales*, os *Annales* braudelianos vão conformar um novo projeto intelectual, cuja linha geral se vincula às

perspectivas da longa duração e de uma história global concebida de maneira radical,⁷ e que se direciona sobretudo para o campo da história econômica, tanto geral como da nova história econômica quantitativa e serial.

Mas é importante insistir no fato de que esses sucessivos projetos intelectuais, assim como sua especificidade, suas continuidades e descontinuidades, e suas diferenças particulares se explicam em boa medida também pelas “mudanças reais” das sucessivas conjunturas sociais – e intelectuais – gerais, dentro das quais tais projetos foram construídos e depois executados. Então, resulta claro que se os primeiros *Annales* são parte dessa família de movimentos *críticos* que, dentro do pensamento social, foram gerados e fortemente impulsionados pela atmosfera europeia derivada da I Guerra Mundial, da crise de 1929, e dos efeitos culturais do descobrimento da teoria da relatividade, os *Annales* braudelianos serão, ao contrário, filhos de uma conjuntura econômica expansiva, e de um clima cultural marcado pelo forte crescimento do marxismo no mundo mediterrânico europeu, pelo nascimento e auge do estruturalismo e pelo singular papel que teve a França na cultura europeia entre os anos de 1945 e 1968.⁸

Do mesmo modo, e de forma talvez ainda mais clara, a grande ruptura cultural e civilizatória de 1968⁹ gerou também

⁷. Cf. Wallerstein. “L’homme de la conjoncture”, p. 7-24; Aymard. “The *Annales* and french historiography”; Ferro. “Au nom du père”, p. 6–10 e Aguirre Rojas. “Dimensiones y alcances de la obra de Fernand Braudel” e “El legado de los *Annales* braudelianos”.

⁸. Cf. Dosse. *Histoire du stucturalisme* e Aguirre Rojas. “Dalle *Annales* rivoluzionarie...” e “Convergencias y divergencias entre los *Annales* de 1929 a 1968 y el Marxismo”, *op. cit.*

⁹. “Cf. Wallerstein. “1968, revolution in the world–system”; Aguirre Rojas. “1968: La gran ruptura”; Dosse. “Mai 68, mai 88: les ruses de la raison”. Também o número 11 de *Les Cahiers de l’IHTP*, dedicado ao tema “Mai 68 et les sciences sociales”.

uma profunda mutação dentro da corrente. Desde 1969, e após a saída de Fernand Braudel da direção da revista e de sua substituição por uma equipe coletiva integrada originalmente por Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie e Marc Ferro, começa a conformar-se um novo e diferente projeto intelectual que, rompendo claramente com os traços característicos dos *Annales* braudelianos que lhe antecederam, vai caminhar antes no horizonte da história das mentalidades e da antropologia histórica, deslocando assim o campo problemático da história econômica que havia sido privilegiado desde 1929 até 1968.¹⁰

Ao multiplicarem-se as perspectivas existentes no seio da direção da revista – que para o final dos anos oitenta chega a estar composta por seis membros, além do Secretário do Comitê –, e deixando um pouco de lado o debate metodológico forte que antes havia sido levado a cabo por Bloch, Febvre e Braudel, o projeto intelectual destes terceiros *Annales* parece ter tido perfis menos nítidos que seus antecessores, o que sem dúvida obedece tanto a essa pluralização da equipe dirigente e, afinal, à ausência de uma personalidade única e forte impondo uma diretriz própria a esse projeto intelectual, como também às condições de “incerteza paradigmática” e de crise dos modelos vigentes dentro das ciências sociais que caracterizaram dos anos 70 e 80.¹¹

Percorrendo um caminho completamente diferente daquele que haviam seguido os *Annales* braudelianos, esses terceiros *Annales*, que serão os mais criticados de todos, afirmaram seu projeto intelectual entre 1969 e 1989, data esta que marca o fim

¹⁰. Sobre esta história das mentalidades, cf. Carlos Barros. “Historia de las mentalidades: posibilidades actuales”; “Historia de las mentalidades, historia social” e “La contribución de los terceros *Annales*...”. Ensaio onde se recupera sobretudo a linha de uma “história social das mentalidades”, do tipo da realizada por Georges Duby e Jacques Le Goff.

¹¹. Veja-se, sobre este ponto, Revel. “L’histoire et les sciences sociales...” e Lepetit. “Le present de l’histoire”.

de seu ciclo de vida, ao inaugurar novamente outra grande mutação interna dos *Annales*.

Porque 1989, com o fim de século histórico que representa, de acordo com as enormes mudanças que simboliza,¹² provocou um impacto na historiografia annalista, dando início a uma nova etapa de seu desenvolvimento, que se encontra agora em curso, e na qual os protagonistas dos *Annales* enfrentam o desafio de definir e estabelecer um possível novo projeto intelectual, que seria o esqueleto unificador destes “quartos *Annales*” no futuro. Assim, se comparamos os *Annales* de 1989–1994 com os de 1969–1989, torna-se evidente a nova mudança de rumo inaugurada com o número 6 de 1989 publicado pela revista, mudança que, como já mencionamos, cobre tanto os planos problemático, metodológico e paradigmático, como as dimensões da composição do grupo dirigente e do novo nome da revista.

Diferenciando desta forma os distintos “*Annales*” da historiografia francesa e distinguindo também o carácter mais geral ou mais específico das diversas críticas dirigidas à corrente, acreditamos que será possível ressituar-las todas dentro de uma perspectiva de análise mais ampla, que ao mesmo tempo em que estabelece e ordena os núcleos principais dessas críticas, procura discernir sua pertinência a partir de uma avaliação mais global de toda a trajetória intelectual desta corrente historiográfica. Ao mesmo tempo, e comparando em termos mais gerais os sucessivos períodos da história annalista e esses eixos das principais críticas que tem suscitado, com os horizontes ou contextos intelectuais desde os quais se geram essas críticas, buscamos uma visão “realmente crítica” e colocada dentro de uma perspectiva de longa duração do universo e da curva das “reações críticas” provocadas por este projeto historiográfico.

¹². Vejam-se os trabalhos citados na nota 4.

II

A escola dos Annales não é uma escola no sentido estrito deste último termo, ou em todo caso apenas o seria ao modo de uma escola literária ou artística.

Fernand Braudel. “A dernière interview du maître de l’histoire lente”, *Le Nouvel Observateur*, dezembro, 1985.

Das muitas críticas mais gerais que receberam os *Annales*, é possível recuperar aqui, como exemplo, algumas das mais representativas. Após analisar sua pertinência e legitimidade, procuraremos situá-las numa perspectiva mais global e compreensiva, que permita recolocar seu significado em termos de uma visão mais profunda e histórica.

Uma crítica que reaparece freqüentemente nas avaliações e caracterizações dos *Annales*, e que foi dirigida geralmente contra a corrente francesa partindo de posições derivadas do marxismo, assinala que os *Annales* carecem de uma teoria da história própria, ou seja, de um conjunto articulado e explícito de conceitos e de categorias, que através de suas interconexões e relações internas, fossem capazes de dar conta dos grandes problemas da história, de sua periodização, de suas leis de funcionamento, de suas tendências evolutivas principais ou da hierarquia específica que ocupam os distintos níveis dentro de uma sociedade determinada. Seria dizer que, apesar de sua considerável produção no âmbito historiográfico e até de seus célebres textos metodológicos, os *Annales* não disporiam de uma teoria no sentido forte deste termo, comparável talvez à teoria de história de Marx.¹³

¹³. Por mencionar apenas alguns dos autores que desenvolvem esta crítica, ver: Fontana. *História...*, e “Ascens i decadencia del’escola dels *Annales*”, p. 283–298; Cedronio. “Profilo delle *Annales*...; Burke. “Reflections on the historical revolution in France...”, p. 147–156; as atas do citado colóquio de Moscou,

Se tomamos esta crítica de maneira imediata, não resta dúvida de que possui uma parcela importante de razão. Pois é totalmente correto que os *Annales*, considerados em seu todo, não desenvolveram, de maneira explícita, esta teoria global da história que lhes é reclamada por interlocutores e críticos. Se nos aventuramos no esforço de esboçar em detalhe o problema a que esta crítica alude, e contemplando-o numa perspectiva histórica ampla, poderemos matizar mais finamente sua pertinência.

Pois, ainda que os *Annales* não possuam essa teoria geral da história, desenvolveram, por sua vez, um conjunto explícito de *paradigmas metodológicos*, como os da história comparada, a longa duração, a história global ou a história problema, ao mesmo tempo em que foram fecundos na construção de diferentes *modelos teóricos ou teorias parciais* capazes de dar conta de períodos inteiros do desenvolvimento histórico, como no caso do modelo elaborado por Marc Bloch para o período feudal da história europeia, ou o modelo de Lucien Febvre para interpretar a cultura francesa do século XVI, ou ainda o modelo de explicação braudeliano da história da modernidade capitalista planetária entre os séculos XI e XX. Construindo todo um importante conjunto de “conceitos teóricos” de solidez variada, como os de civilização material, utensilagem mental, servidão e feudalismo, geohistória, a dialética passado/presente ou a dialética das durações, que são ferramentas teóricas que lhes servem para dar conta das diferentes realidades estudadas, os diversos *Annales* trabalharam, sem dúvida, em vários campos correspondentes a esse espaço, ocupado por eles inconsistentemente, de uma possível teoria geral da história.

Possível teoria ou concepção mais global dos processos históricos, cujo esboço poderíamos encontrar inclusive no conjunto da obra de Fernand Braudel, que é talvez o mais “teórico” de todos os distintos representantes da corrente

Les Annales. Hier et Aujourd'hui, bem como Chesnaux. *¿Hacemos tabla rasa del pasado?*

francesa, apesar de suas próprias declarações de recusa da teoria e de reticência diante das discussões mais conceituais. Quando Braudel aborda, por exemplo, o tema da história universal, em seu conhecido livro *Grammaire des Civilisations*, não esboça ali, por acaso, uma teoria geral ou “gramática” universalmente aplicável das civilizações, que poderia ser justamente uma chave geral de interpretação do conjunto da história humana? Por acaso, sua proposta de ver a história universal como dialética complexa de diversas civilizações humanas, não caminha no sentido de uma possível teoria geral da história? E quando analisa em sua obra sobre a *Civilização material, economia e capitalismo*, os rótulos específicos que compreendem a economia e a “infra-economia” e seu vínculo geral com as “coações geohistóricas”, não estaria desenvolvendo de modo mais concreto e em torno destas dimensões específicas, essa chave mais geral das civilizações? Por outro lado, em seu conceito de civilização e no modelo de quatro níveis que abarca, em sua análise do que é a economia, a civilização material e a base geohistórica de um processo histórico determinado, tal como em suas teses sobre a dinâmica evolutiva das civilizações em suas conjunturas e em suas estruturas, e particularmente em sua teorização sobre as diferentes temporalidades históricas, não estão por acaso presentes distintos elementos sobre os componentes gerais e sobre os níveis constitutivos de uma sociedade, sobre várias de suas dimensões particulares, sobre sua dinâmica evolutiva geral e até a proposta de um novo determinismo histórico, que é precisamente o das realidades da longa duração histórica?¹⁴

Braudel não chega, é certo, a concretizar e a explicitar esta possível teoria geral da história, ainda que nos ofereça em esboço várias de suas peças fundamentais.

Mas para além desta evidente presença dos *Annales* dentro de certas zonas da teoria da história, que como vemos cobre desde

¹⁴. Cf. Aguirre Rojas. “Dimensiones y alcances...”; “La larga duración en el espejo” e “La longue durée: in illo tempore et nunc”.

paradigmas metodológicos até certos modelos globais de interpretação, passando pelo esboço de uma teoria geral e por toda uma série de conceitos teóricos estruturados, pensamos que esta ausência assinalada de uma teoria geral da história se vincula também a um traço específico e característico do *discurso cultural mediterrâneo europeu ocidental*, que como modalidade ou dimensão de longa duração, se projetou tanto na cultura francesa quanto na italiana ou na espanhola.

Se observamos, a partir desta longa duração, as duas Europas culturais que desde a origem da civilização européia, e inclusive desde antes, se dividem no território do pequeno continente,¹⁵ e nos concentrarmos nos traços que lhes são característicos durante os últimos séculos, poderemos comprovar que estamos frente a dois discursos culturais claramente diferenciados, um de matriz Norte-européia e o outro de clara manufatura mediterrânica, situado na zona européia-ocidental de origem latina. Discursos notoriamente distintos, um dos quais possui uma maior sensibilidade para a filosofia e a teorias mais abstratas e, por fim, uma maior inclinação para o debate teórico forte e para as discussões epistemológicas e gnoseológicas, e que é justamente o discurso Norte-europeu, que tem no mundo germânico seu espaço possivelmente mais representativo. Enquanto o outro, o discurso mediterrânico, que talvez encontre seu representante exemplar na cultura francesa, se mostra, ao contrário, como um discurso muito mais empírico, literário e florido, como um discurso no qual a distância entre a filosofia e a história é muito maior que no discurso da Europa setentrional, e no qual, portanto, a desconfiança para com a teoria demasiado abstrata e para a reflexão filosófica desembocam na afirmação de um empirismo reivindicado, e em geral numa postura de insistente

¹⁵. Cf. Braudel. *Grammaire des civilisations*; "The rejection of the reformation in France" e "La civiltà e fatta a strati". Também Aguirre Rojas. "De *Annales*, marxismo y otras historias" e "Dalle *Annales* rivoluzionarie alle *Annales* marxiste".

aproximação para o concreto, o experimental e o diretamente constatável.

Dois universos culturais europeus confrontados, que em nossa opinião explicam tanto essa ausência de uma teoria geral da história dentro dos *Annales*, como as críticas construídas em torno dessa lacuna, críticas que como assinalamos provêm, quase sempre, de autores vinculados ao marxismo, ou seja, desse produto intelectual que para além de sua inquestionável validade e difusão universal, é também parte dessa tradição do discurso cultural do Norte da Europa e, em consequência, de autores muito mais sensíveis, por esta filiação intelectual marxista, à importância da teoria geral e dos desenvolvimentos teóricos explícitos.

Outra crítica geral, também reiterada diante dos *Annales*, e muito conectada com a anterior, é a de que eles carecem também de uma teoria específica sobre a mudança social, sendo portanto incapazes de pensar e explicar as transições históricas, as mudanças revolucionárias.¹⁶ Assim, junto com a lacuna geral que implicaria ter abandonado a elaboração de uma teoria geral, estaria também e complementarmente este vazio em torno de uma teoria particular desses momentos históricos fundamentais que são os períodos de transição .

Ainda que, de fato, esta crítica poderia subsumir-se ou incluir-se dentro da anterior, e ser então igualmente recontextualizada a partir da diferença dos dois discursos culturais de longa duração que mencionamos, vale a pena insistir no fato de que, ainda que seja correto que esta teoria não foi formulada ou explicitada pelos *Annales*, isso não impediu a vários de seus autores abordarem o estudo concreto e também a explicação mais global de várias dessas transições históricas. Pois assim como Marc Bloch estudou, em seu artigo “Como e porque terminou a escravidão

¹⁶. Veja-se, por exemplo, o debate suscitado pela exposição de Fernand Braudel. “En guise de conclusion”; Casanova. *La historia social y los historiadores*; Julia. *Historia social, sociología histórica*.

antiga?”, várias das linhas principais da transição da antigüidade ao feudalismo, tanto o próprio Bloch, como Febvre e Braudel abordaram em suas obras importantes elementos para caracterizar o nascimento do mundo moderno capitalista, em termos da mutação de suas estruturas agrárias, das mudanças culturais geradas no Renascimento e nas “Reformas”, ou das profundas transformações da civilização material e da economia que acompanham este singular trânsito do feudalismo à modernidade.

Fica assim ainda mais evidente essa “resistência” francesa e mediterrânica, a generalizar os resultados teóricos que poderiam derivar das distintas investigações concretas, dando assim um estatuto epistemológico mais universal a seus trabalhos e estudos. Mas, além de tudo, e complementando a já assinalada reticência para com a teoria por parte dos *Annales*, encontraríamos também como algo subjacente a esta lacuna em torno de uma teoria da mudança social, o “clima social e intelectual correspondente à Europa do século XX”. Europa que, tendo fracassado na intimação feita com a revolução socialista durante a I Guerra Mundial, e após o massacre da Comuna de Berlim e das derrotas das revoluções alemã e húngara daqueles tempos, abandonou o caminho do que Georg Lukács chamava a “atualidade da revolução”, desse caminho marcado pelo predomínio de uma atmosfera de situação pré-revolucionária que caracterizou a vida e a história da Europa entre 1848 e 1914–17.

Então, se guardarmos em mente a referência de que a Europa se converteu, nesta passagem do século XIX ao século XX, de uma Europa revolucionária para uma Europa da revolução derrotada, na qual se desvanece e esboroa essa “atualidade da revolução” antes tão essencial, torna-se mais fácil compreender a dificuldade para se pensar as grandes mudanças sociais e as transições históricas por parte dos cientistas sociais e dos historiadores europeus em geral. Porque ao analisá-la com mais detalhe, esta ausência de uma “teorização forte e desenvolvida” do problema da transição ou da mudança histórica, ainda que se

encontre presente no enfoque dos *Annales*, não é “exclusiva” do mesmo. Ao abrir a perspectiva de consideração desta ausência, ela parece constituir um traço de “todo o pensamento social europeu do século XX”, traço que derivaria do fato de que, ao perder-se no horizonte o cenário de uma revolução socialista triunfante na Europa pós-1914-17, também perderia atualidade e vigência a reflexão crítica sobre essa mudança ou transição históricas, tal e como o demonstra, por exemplo, o desenvolvimento dos marxismos europeus do século XX, desses marxismos aparentados que Perry Anderson englobou dentro de suas análises do “marxismo ocidental”.¹⁷

Uma terceira crítica de ordem geral que receberam os historiadores franceses annalistas, incide no fato de que ao pôr ênfase nas estruturas, os movimentos longos e a história profunda das realidades de longa duração, esta mesma corrente francesa privilegiou as *continuidades* e os *fenômenos coletivos* ou sociais dentro da história, desvalorizando assim tanto os acontecimentos políticos e biográficos em geral, como também esses pontos de ruptura que são os acontecimentos revolucionários. Ao excluir de seu horizonte o nível do político, resultariam também esvaziados esses problemas fundamentais para o historiador que são as revoluções sociais, captadas justo no momento das grandes rupturas e mudanças da ordem social estabelecida.¹⁸

Se analisarmos com mais cuidado esta observação crítica, poderemos também matizá-la e recontextualizá-la. Pois mesmo sendo pertinente assinalar a ênfase que os *Annales* têm posto no exame dos fenômenos coletivos, no descobrimento e evidenciação das estruturas de longa duração e nas continuidades dos processos de longo alento, também é verdade

¹⁷. Cf. nota 15 e Anderson. *Consideraciones sobre el marxismo occidental*. e *Tras las huellas del materialismo histórico*.

¹⁸. Cf. Dosse. *L'histoire en miettes* e Casanova. *La historia social y los historiadores*, *op. cit.*

que isso não lhes impediu de incursionar no gênero biográfico, onde temos tanto os trabalhos de Febvre sobre Martinho Lutero ou Margarida de Navarra, como as pequenas biografias braudelianas de Felipe II e Carlos V, ao mesmo tempo que abordavam a dimensão da história política, como em toda a terceira parte do livro *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*, ou como no livro II do tomo segundo de *A sociedade feudal*, de Marc Bloch.¹⁹ Ademais, e apesar de ter posto ênfase nas continuidades, os *Annales* puderam simultaneamente gerar em seu seio uma obra como o livro de Fernand Braudel *Civilização material, economia e capitalismo. Séculos XV-XVIII*, obra na qual um dos núcleos rígidos do argumento é precisamente o estudo e interpretação, detalhados e amplos, dessas “revoluções cataclísmicas das estruturas de longa duração” em que se funda esse trânsito histórico-universal que nos leva da pré-modernidade e do pré-capitalismo até a modernidade capitalista ainda atualmente vigente.

Pois ao consagrar centenas de páginas à explicação destas revoluções das estruturas da longa duração histórica, vigentes no plano da reprodução biológico-demográfica, dos esquemas alimentícios, da dialética campo/cidade, das figuras da economia de mercado ou do papel social geral de seu capitalismo, Braudel não está falando desse momento espetacular e chamativo que são grande parte das revoluções *políticas*, mas está explicando as mutações, as descontinuidades *profundas* e quase geológicas que, medidas no registro de séculos inteiros, terminam por abalar não apenas as estruturas políticas e seus fundamentos econômicos mais profundos, mas também todo o *esquema civilizatório* dos homens, gestando a partir destes abalos toda uma nova e diferente forma de seu metabolismo social geral.

¹⁹. Os trabalhos citados são os seguintes: Febvre. *Martin Lutero... e Amour sacré, amour profane...*; Braudel. *Ecrits sur l'histoire II e El Mediterrâneo...* e Bloch. *La sociedad feudal*.

É possível matizar esta crítica, reconhecendo estas incursões annalistas nos campos da biografia, da história política e da revolução, incursões que, se retomam estas problemáticas típicas da história tradicional, o fazem sem dúvida a partir de uma perspectiva nova, que conecta, redefine e recontextualiza esses fenômenos com outras dimensões, outro planos e outro significados possíveis de sua própria tematização.

Mas para além destes matizes, a ênfase dos *Annales* no estudo do social e na recuperação das estruturas e permanências históricas, está provavelmente ligado também a uma das grandes mutações vividas pela historiografia contemporânea, em sua passagem do século XIX ao século XX. Como pode-se depreender de uma comparação das distintas historiografias nacionais da Europa na virada e primeiras décadas do século XX, parece ser claro o movimento ou orientação geral vividos por todas elas, e nos quais o abandono da velha história política e biográfica, de grandes heróis e batalhas e de brilhantes mas fictícias narrações, gerou as diversas e paralelas figuras da história social alemã, francesa, polaca, italiana, inglesa ou espanhola, que por muito singulares caminhos e com evidentes defasagens temporais, terminaram povoando o conjunto das historiografias nacionais da Europa e inclusive do mundo inteiro durante o século vinte.

Assim, ao caminhar no sentido de deslocar seus eixos problemáticos fundamentais, da história biográfica, militar, diplomática e política, para os novos campos da história social, econômica, cultural e antropológica, a historiografia francesa não fez outra coisa que repetir, por um caminho singular e *pioneiro dentro do mundo mediterrâneo* europeu, uma guinada que na Alemanha remonta ao próprio projeto crítico de Marx – e que já em fins do século XIX tem nesse mesmo país um *status* claramente consolidado.

Uma última crítica geral, também recorrente nos estudos sobre os *Annales*, qualifica estes últimos como uma simples modalidade de história essencialmente burguesa e conservadora,

talvez sofisticada e inovadora nas suas técnicas, mas que seria quanto a seu projeto intelectual mais profundo, apenas outra variante a mais da historiografia dominante, característica do *establishment* e, de qualquer modo, legitimadora e sustentadora do mesmo.

Caracterizando o itinerário global dos *Annales* como marcado em geral por este predomínio de uma historiografia que seria parte do pensamento dominante – para alguns autores apenas a partir de 1941, para outros uma das duas linhas que marcariam um conflito interno permanente da corrente –, alguns analistas sublinham seu alheamento do marxismo e inclusive uma suposta função que a corrente francesa teria cumprido como “peça de troca” no plano historiográfico diante deste mesmo pensamento marxista.²⁰

O valor desta crítica, para além de sua exatidão e pertinência, reside em que ela toca centralmente em um dos problemas mais importantes – porém menos estudados – da história dos *Annales*, ou de sua complexa e multifacetada relação com Marx, com os marxistas franceses e com os marxismos em geral que lhe foram contemporâneos. Ponto pouco analisado até hoje que constitui uma questão fundamental para uma adequada caracterização da complexa trajetória seguida pela corrente dos *Annales*.²¹

Se examinamos com mais detalhe este problema, chamará a atenção o fato de que embora nem Bloch, nem Febvre, nem Braudel tenham sido marxistas, como não o foram tão pouco, em nenhum momento de sua história, os *Annales*,²² isso não impediu

²⁰. Cf. Alain Guerreau. *El feudalismo...*; Mairret. *Le discours et l'historique* e Fontana. *História...*,

²¹. Esta é precisamente uma das linhas centrais de nossas investigações. Sobre o ponto: Aguirre Rojas. “Between Marx and Braudel...”; “Annali i Marksism...”; “Dalle *Annales* rivoluzionarie alle *Annales* marxiste”; “Convergencias y divergencias...” e “De *Annales*, Marxismo y otras historias”.

²². É interessante assinalar que existem autores que caracterizaram os *Annales* de 1929–1941, por exemplo, como um “projeto socialista e de esquerda” (cf.

todavia que os primeiros *Annales* tenham aberto suas páginas a autores comunistas, de esquerda e socialistas, tanto franceses como estrangeiros, tais como Franz Borkenau, H. Mougin, Pierre Vilar, Georges Lefebvre, Lucie Varga, Ernest Labrousse ou Henri Wallon, construindo uma revista e um projeto intelectual que era seguido e até acolhido com entusiasmo pelos estudantes de esquerda e pelos círculos socialistas franceses da época.²³ Ou ainda que os “anos Braudel” da revista sejam os de uma intensa aproximação e diálogo orgânico entre os *Annales* e o marxismo, diálogo que não apenas levou Braudel a recrutar os homens que iriam sucedê-lo em 1969 na direção da revista nos meios comunistas e de esquerda franceses, mas que lhe conduziu também ao importante processo de debate historiográfico e de mútua influência intelectual estabelecida com os marxistas britânicos da revista *Past and Present*, com o grupo polonês de M. Malowist e Witold Kula, com os historiadores soviéticos ou com todos os marxistas e socialistas canadenses, italianos, norte-americanos, húngaros, argentinos, portugueses, etc., que se aproximaram dele e do grupo dos *Annales* braudelianos durante esses anos cinquenta e sessenta.

Desenvolvendo, então, esta linha de contato e em ocasiões inclusive de colaboração com o marxismo – linha que nos anos setenta e oitenta se debilita profundamente, ainda que sem chegar a desaparecer totalmente, mas que volta a recolocar-se agora, depois de 1989, como uma possibilidade e desafio abertos –, os *Annales* viveram, não obstante, uma singular curva evolutiva que vai desde o projeto dos primeiros *Annales*, representativos de uma autêntica “revolução historiográfica” dentro do pensamento social francês e mediterrâneo contemporâneos e uma das

Guerreau. *El feudalismo...* e outros que concebem a Braudel como marxista, como afirma Le Goff. “Le changement dans la continuité”, ou na entrevista do mesmo Braudel, publicada no diário *Rinascita*, n. 17.

²³. Cf. Vilar. *Recuerdos y reflexiones...* e Suratteau. “Les historiens, le marxisme et la naissance des *Annales...*”, p. 231–245.

variantes francesas do “pensamento crítico europeu” gerado entre as duas guerras mundiais, até sua legitimação como perspectiva efetivamente dominante dentro das ciências sociais e da cultura francesa conquistada nos anos setenta e oitenta.

Torna-se fácil, pois, matizar a crítica. Os *Annales* foram revolucionários, críticos, próximos e sensíveis ao marxismo, mas também, em outro momento, parte da cultura dominante, mais reticentes ao marxismo e menos animados por esse espírito herético e crítico tão facilmente reconhecível nas obras de Bloch, Febvre e Braudel.²⁴

Mas por debaixo desta relativização, num nível mais profundo, esta curva específica da evolução dos *Annales* talvez espelhe, em algum sentido, a curva vivida pela própria Europa do século XX. Pois assim como os *Annales* foram passando de um *status* marginal e crítico dentro da historiografia francesa à condição de postura ortodoxa e dominante dessa mesma historiografia, também a Europa do pequeno século XX, que vai de 1914–17 a 1989, foi perdendo a energia revolucionária e os impulsos de mudança que a caracterizaram entre 1848 e 1914.

Felizmente, 1989 encerra, tanto para Europa como para os *Annales*, estas curvas mencionadas, voltando a abrir a questão a respeito de seu papel e função para o futuro próximo e a médio e longo prazos.

Como vemos, muitas das críticas gerais dirigidas à corrente annalista se matizam e redimensionam se colocamos esses mesmos *Annales* dentro de seu meio e época específicos. Pois muitos dos traços, carências ou limitações desta tendência historiográfica que foram assinalados por seus críticos, não são mais que o reflexo das coordenadas espaciais e temporais que a

²⁴. Para distintas interpretações sobre este ponto, cf. Wallerstein. “Beyond *Annales*?...” e “L’homme de la conjoncture”; Dosse, “L’histoire en miettes...”; Carlos Barros. “La ‘nouvelle histoire’ y sus críticos” e “El ‘tournant critique...’”.

enquadram e a determinam, singularizando-a, como uma variante particular do discurso cultural de longa duração –francês e mediterrâneo–, desenvolvido durante este século XX no qual a Europa perdeu sua hegemonia sobre o mundo e o impulso revolucionário que a alimentou durante uma grande parte do século XIX.

Passemos a observar algumas das críticas específicas que receberam os sucessivos *Annales* ao longo da história desta corrente.

III

... indica o papel que entendemos jogar. Nem o de escola, pois seriam grandes os riscos de se converter em capela ou em instituição, nem o de um simples receptáculo de cartas, ainda renomado, mas antes o papel de um espaço ou lugar de experimentação”.

“Tentons l’expérience”, *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, novembro–dezembro, 1989.

Se observarmos em conjunto as críticas que receberam os diferentes *projetos intelectuais* propostos pelos distintos protagonistas dos *Annales*, chamará a atenção uma clara tendência que se faz evidente de maneira quase imediata: o fato de que as críticas a esses projetos intelectuais *aumentam* conforme a corrente annalista ganha em difusão e popularidade, tanto dentro da França como na Europa e no mundo. Para além das críticas de ordem mais pessoal e inclusive institucional, que também foram realizadas contra os personagens mais importantes dos *Annales*, a relação parece ser exatamente “proporcional” entre a cada vez mais importante presença dos *Annales* nos meios historiográficos os mais diversos e a quantidade de críticas de ordem prioritariamente *intelectual* suscitadas por suas propostas e abordagens específicas.

Assim, se os primeiros *Annales* apenas receberam algumas poucas críticas, sendo antes reivindicados e aclamados por sua obra fundadora ou, em outros casos, mal conhecidos ou simplesmente ignorados, e se os *Annales* braudelianos foram objeto de uma maior quantidade de apreciações críticas e de juízos contrários a seus aportes particulares, os terceiros *Annales* se apresentam por sua vez como os mais criticados de todos, tendo sido questionada sua obra e sua contribuição intelectual desde os mais diversos horizontes teóricos e nas mais diferentes linhas de avaliação possíveis. Por sua parte os quartos *Annales*, que constituem apenas um projeto em vias de afirmação, não viveram ainda o suficiente para poder ser objeto da crítica, que os observa com certo ceticismo e surpresa.

Deste modo, o crescimento e a consolidação dos *Annales* enquanto corrente historiográfica reconhecida dentro do panorama dos estudos históricos contemporâneos, foram acompanhados pelo incremento e multiplicação de seus críticos,²⁵ que embora se vincule em parte ao sentido da curva do itinerário annalista, e que vai desde a inovação revolucionária até a institucionalização, obedece a razões mais profundas que remetem à *dialética geral das distintas historiografias nacionais da Europa e do mundo*, e às mutações de sua mecânica mais essencial.

De qualquer modo, e antes de abordar estas razões profundas na seção seguinte, pode ser útil analisar em detalhe essas críticas particulares dirigidas aos distintos projetos intelectuais correspondentes às diferentes etapas dos *Annales*.

Os *Annales* de 1929–1939, e aqueles de transição que os prolongam entre 1939 e 1956, foram relativamente pouco criticados. Assim, por exemplo, uma avaliação mais que crítica, *reduzidora das dimensões* de seu projeto intelectual e de sua significação real pode ser encontrada já nas posições de Henri

²⁵. Algo que já havia sido assinalado por Revel. “Histoire et sciences sociales...”.

Berr, que em 1952, num apêndice elaborado para uma nova edição de seu livro *La synthèse en histoire*, tratará de englobar o projeto dos primeiros *Annales* e a obra de Bloch e Febvre como uma simples prolongação ou extensão de sua própria empresa de renovação historiográfica, reconhecendo-lhes apenas a originalidade, não obstante “arriscada”, de ter abordado os aspectos econômicos e sociais da vida das sociedades, para os quais “havia chamado a atenção o marxismo”.²⁶

Fora desta posição, que mais que criticar, parcializa e reduz a novidade dos primeiros *Annales*, estes últimos foram durante muitos anos mais ignorados ou reivindicados como “pais fundadores” de todo o enfoque. Será apenas no final dos anos setenta e durante os anos oitenta que começará a se rediscutir o papel e a caracterização mais específicos destes *Annales* fundadores.

Assim, são os próprios membros dirigentes dos terceiros *Annales* que irão tratar de criticar a “lenda dourada” das origens, que pretenderia apresentar Bloch e Febvre como verdadeiros “marginais” radicais do *establishment*, hostilizados e confrontados pela Sorbonne, e que mediante uma profunda atividade inovadora e revolucionária levariam a cabo uma subversão completa da historiografia francesa de sua época, uma real “revolução intelectual”. Diante desta postura, procurar-se-á antes, por parte destes críticos, apresentar um Bloch e um Febvre totalmente inseridos no e beneficiários do *establishment*, utilizando essa fictícia “oposição” e combate perante a historiografia dominante positivista e tradicional, somente como uma “estratégia” de um projeto de poder subjacente.²⁷

²⁶. Cf. Henri Berr. Apêndice: “Cuarenta años despues”. In: *La síntesis en historia*. Também Braudel. “Hommage à Henri Berr”.

²⁷. Esta é a posição de Burguière. “Histoire d’une histoire...”. Jacques Revel apenas menciona de passagem, para propor transcender a ambas, uma “lenda dourada” e a uma “lenda negra” em torno desses primeiros *Annales*, em seu artigo citado na nota 25.

Mais adiante, durante os anos oitenta, se desenvolveu outra linha crítica, que se opondo radicalmente aos fundadores dos *Annales*, sublinhou a importância da disputa entabulada em 1941 entre Febvre e Bloch, em torno da continuação ou suspensão da publicação dos *Annales* sob as condições impostas pela censura nazi.²⁸

A primeira crítica mencionada, destinada a relativizar o “mito dourado” desses primeiros *Annales* marginais, críticos e revolucionários na historiografia, não teve muitos ecos ulteriores, pois parece estar negada pelos próprios fatos. Resulta difícil, para quem conhece o funcionamento inclusive do meio cultural e acadêmico francês atual, negar a condição de *real marginalidade* que implica ser professor e publicar *fora* de Paris, assim como custo social e intelectual que acarreta opor-se às instituições e à cultura dominante e oficiais, imperantes nas circunstâncias dadas. Ademais, é também muito difícil negar o papel *crítico e revolucionário* que representou o projeto intelectual desses *Annales* iniciais, se o medimos à luz das profundas mutações que o mesmo provocou na história e nas ciências sociais francesas de nosso século.

A segunda crítica, por sua vez, abriu um debate que não se encontra ainda concluído. A partir de óticas diferentes e com intenções também diversas, o tema foi retomado várias vezes até a atualidade.²⁹ Para além dos elementos até hoje abordados, talvez não se tenha ainda insistido suficientemente num elemento subjacente mais profundo que permite recontextualizar este debate, talvez o mais reiterado em torno da caracterização dos primeiros *Annales*.

²⁸. Cf. os trabalhos citados na nota 20.

²⁹. Além dos trabalhos referidos na nota anterior, veja-se ainda os pontos de vista de Carol Fink. *Marc Bloch: A life in history*; Mastrogregori. “La sorte delle *Annales* nel 1941”; Schoettler. *Lucie Varga...* ou Zemon Davis. “Censorship, Silence and Resistance...”.

Esse elemento é a notável diferença dos *dois itinerários intelectuais globais* seguidos por Lucien Febvre e por Marc Bloch ao longo de suas vidas. Dois percursos espirituais, que não apenas explicam as duas linhas diferentes de filiação intelectual que se imbricam nesse projeto dos *Annales* e que explicam igualmente sua riqueza e complexidade peculiares, mas também a *tensão intelectual e até pessoal permanente* existente no vínculo Bloch-Febvre durante toda a década de trinta, e inclusive talvez desde antes. E finalmente, e apenas como um corolário desta diferença de rotas intelectuais que lograram cruzar-se e dialogar dentro de um único projeto comum, a tão debatida disputa de 1941.

Pois enquanto Bloch transitava de sua condição de filho de um grande professor da Sorbonne, pequeno burguês acomodado e liberal, até chegar a ser esse historiador que se autocritica de maneira radical e que abandona sua atividade acadêmica pela militância integral dentro da resistência anti-nazista francesa, Febvre, ao contrário, percorria um caminho muito distinto, que o levou dos meios socialistas jauresianos e proudhonistas de sua juventude até a consagração universitária e institucional de responsável da nova Enciclopédia Francesa, de professor do Colégio de França e de representante da França na UNESCO.

Com o que, e a partir do encontro destas duas rotas intelectuais, que representam também *duas linhas de filiação intelectual* diversas, que vão num caso de Pirenne a Bloch e depois a Fernand Braudel e, no outro caso, de Henri Berr a Lucien Febvre e depois à obra de Robert Mandrou, é possível recontextualizar esta difícil e não totalmente clara disputa da primavera de 1941.

Para além do fato de que estas críticas tocavam efetivamente em pontos centrais da caracterização desses *Annales* fundadores, ambas se apoiavam num conhecimento sobre as fontes e sobre a história desses *Annales*, cujos limites vieram a revelar as intensas investigações que sobre estes temas estão se realizando e cujos

resultados já foram parcialmente publicados, durante as duas últimas décadas.

Foi apenas na última década que apareceu, por exemplo, a primeira biografia de Marc Bloch, ao mesmo tempo em que está em vias de elaboração outra biografia de Lucien Febvre, e começaram a publicar-se tanto a correspondência de Henri Pirenne com Marc Bloch e Lucien Febvre, as cartas dirigidas por Bloch a Henri Berr em torno de seu livro *A sociedade feudal*, a correspondência entre Marc Bloch e Etienne Bloch, de Lucien Febvre a Albert Thomas, de Lucien Febvre a François Simiand, entre Marc Bloch e Lucien Febvre, etc., como diversos trabalhos que tratam de aspectos tão diferentes como o da relação de Lucien Febvre com a historiadora austríaca Lucie Varga, o processo de gênese e evolução do *Métier d'historien* blochiano, a viagem de Lucien Febvre à Argentina e Uruguai ou as relações de Bloch e Febvre com a historiografia de língua alemã de sua época.

Estamos, pois, diante de uma verdadeira explosão de estudos sobre estes primeiros *Annales*,³⁰ que permitirá sem dúvida

³⁰. Trata-se de uma verdadeira onda de novas investigações e estudos que tomam como centro de suas preocupações os protagonistas desta etapa fundadora da corrente, especialmente a Marc Bloch e a Lucien Febvre. Dada sua enorme importância para a reavaliação e reinterpretação da história inteira dos *Annales*, nos arriscamos aqui a reproduzir uma parte significativa de seus principais trabalhos, ensaios ou novas fontes, mas também as iniciativas organizativas centrais que caminham nesta mesma direção da investigação: Lyon. “Does historical reality influence historical methodology?...”; Schoettler. *Lucie Varga...*; “Le Rhin comme enjeu historiographique...”; “Désapprendre de l’Allemagne...”; “Eine spezifische Neugierde... e “Die *Annales* und Österreich in den zwanziger und dreißiger Jahren”; Roudinesco e Schoettler. “Lucien Febvre à la rencontre de Jacques Lacan...”; Zemon Davis. “Rabelais among the censors...”; “Women and the world of the *Annales*” e “Censorship, Silence and Resistance...”; Bertrand Müller. “Lucien Febvre et l’histoire régionale” e “Marc Bloch–Lucien Febvre: correspondences”; Mastrogregori. *Il genio dello storico...*; “A ‘vita nella storia’ dell’opera di Bloch”; “Marc Bloch, Lucien Febvre e l’Apologie pour

escrever pela primeira vez ou reescrever de maneira muito diferente, uma boa parte de sua história, abordando novos elementos tanto para sua interpretação como também para sua análise crítica.

l'histoire"; "A sorte delle *Annales* nel 1941"; "Le manuscrit interrompu..."; p. 147–159; "Il problema storico delle prime *Annales*..." e "Historiographie et tradition historique...; Fink. *Marc Bloch*...; Wessel. "Lucien Febvre et l'Europe"; Pelosi. *Historiografia y sociedad*...; "Presencia de Lucien Febvre en Argentina y Uruguay" e "Imágenes de los *Annales*..."; Arcangeli. "Il mestiere dello storico...; Aguirre Rojas. "El peligroso oficio de historiador...", assim como a coletânea *Marc Bloch aujourd'hui*...

Também se avançou significativamente no processo de recuperação das fontes da reconstrução historiográfica deste período. Sobre este ponto podemos citar Bryce & Mary Lyon. *The birth of Annales history*...; Marc Bloch. *Écrire la société féodale*...; "Problèmes contemporains et hommes d'action...; *Marc Bloch à Etienne Bloch*... e a correspondência entre Marc Bloch e Lucien Febvre, editada em 1994 por Bertrand Müller na Editora Fayard. Também nesta linha vale a pena mencionar os textos resgatados das lições de Lucien Febvre, por Braudel: *Michelet et la Renaissance*... e Bertrand Müller. *Bibliographie des travaux de Lucien Febvre*..., assim como os textos inéditos de Bloch. "Due scritti inediti di Marc Bloch... Nesta mesma linha, deve-se assinalar o fato importante de que os investigadores têm agora acesso a várias dessas fontes: o "Fundo Pirenne" nos Arquivos da Universidade Livre de Bruxelas e os fundos "Berr" e "Febvre" no Institut Mémoires de l'Edition Contemporaine de Paris. Também estará acessível em breve o fundo de manuscritos e documentos de Marc Bloch reencontrado em 1993 em Moscou e que deverá ser classificado pela recentemente restaurada "Association Marc Bloch" da França. Também está em vias de publicação o dossiê que sobreviveu do livro de Lucien Febvre *Honneur et Patrie*, por Brigitte Mazon.

Por último, ressaltem-se certas iniciativas que vão igualmente nesta linha como a reestruturação já referida da "Association Marc Bloch", o projeto falido de fundar uma "Association Lucien Febvre" ou a persistência da "Conferência Marc Bloch" que acontece anualmente em Paris.

Há que se esperar, no futuro próximo, os resultados dos projetos em curso que, sobre estes mesmos temas, desenvolvem atualmente Peter Schoettler, Marleen Wessel, Massimo Mastrogregori, Bertrand Müller ou Jaques Le Goff, que depois de finalizar sua obra sobre São Luís, tem o projeto de escrever uma biografia intelectual de Marc Bloch.

No que se refere aos *Annales* braudelianos, e um pouco também no caso dos *Annales* de Bloch e Febvre, a crítica tem se concentrado, em muitas ocasiões e de maneira acentuada, na própria figura e personalidade de Fernand Braudel, descuidando em consequência do estudo mais detalhado e da crítica do projeto intelectual desses segundos *Annales*.³¹ Como havíamos assinalado antes, estas críticas serão mais abundantes que aquelas referidas aos primeiros *Annales*.

Fernand Braudel, representante sem dúvida mais importante, promotor e diretor real dos segundos *Annales*, foi então qualificado, criticamente, tanto de ter sido um “homem de poder”, um grande empresário e construtor de instituições e “impérios” acadêmicos, como de historiador conservador, gaullista e “agente das fundações americanas” na França. Mas também foi atacado por ser supostamente marxista, ou impugnador radical da Universidade e revolucionário diante do ensino tradicional francês.

Em um plano menos pessoal e mais referido a suas abordagens intelectuais, se disse que sua teoria das três temporalidades históricas era apenas um modelo “formal” que servia para ordenar o material historiográfico na ausência de uma verdadeira teoria estruturada, insistindo-se mais na falta de ligação entre os três tempos referidos, enquanto que se lhe critica também por propor uma interpretação conservadora da história – por exemplo, ao destacar a longa duração e as permanências e desprezar ou omitir o papel da mudança, das revoluções e das grandes rupturas históricas. Designando também a Braudel como “estruturalista” e aos *Annales* braudelianos como uma variante do estruturalismo dentro da história, ou acusando-o de determinismo geográfico, determinismo alimentício, tecnológico ou econômico, os críticos

³¹. Sobre este ponto, vejam-se os artigos mencionados na nota 7, e também Lepetit. “Les *Annales*. Portrait de groupe...”.

destes segundos *Annales* acreditaram expor alguns dos limites principais de seu projeto intelectual.³²

No que tange às primeiras críticas, mais referidas ao papel institucional ou pessoal de Braudel, é possível reconhecer sem dúvida o fato de que ele efetivamente chegou a concentrar um poder acadêmico e institucional importante, ocupando posições estratégicas como as de Presidente do Juri do Exame de Agregação, a de diretor dos *Annales*, a de Presidente da VI Secção da *École Pratique des Hautes Études* ou a de Administrador da *Maison des Sciences de l'Homme*. Mas ao se enfatizar demasiado este elemento, esquece-se de observar, por outro lado, que o carácter estratégico e o papel tão relevante que vários destes postos chegaram a ter foi precisamente uma criação do próprio Braudel, um resultado direto de sua atividade e de sua intervenção concretas.³³ Ademais, e como um outro elemento fundamental a considerar, está o fato de que Braudel é em geral um acadêmico “fora da norma”, um intelectual e um homem “de fronteira” ou das margens em função de muitos conceitos, e que, em consequência, não é um personagem que tenha seguido nem os caminhos nem os comportamentos tradicionais da maioria dos intelectuais franceses. Braudel não teve nunca um grande “patrono” intelectual, nem foi escalando pouco a pouco nos postos, nem fez a carreira típica do professor, construindo, pelo contrário, um itinerário singular que o levou à Argélia por toda

³². Mencionemos na mesmo ordem das críticas referidas, a seus autores ou àqueles que deram referência de sua origem: Dosse. “Les habits neufs du président Braudel”; Dumoulin. “Un enterpreneur des sciences sociais”; Blot. “Le révisionnisme en histoire...”; Mazon. *Aux origines de l'EHESS...* e a referência do mesmo Fernand Braudel em “La dernière interview...”; Aymard. “Braudel enseigne l'histoire”; Fontana. *História...*; Dosse. *L'histoire en miettes*; Chesnaux. *¿Hacemos tabla rasa del pasado?* Santos Julia. *Historia social, sociología historica* e Casanova. *La historia social y los historiadores*.

³³. Cf. Aymard. “El itinerario intelectual de Fernand Braudel”. Algo que, em nossa opinião, se confirma também a partir da leitura do livro de Brigitte Mazon citado na nota anterior.

uma década, ao Brasil por três anos e depois à dura prova do cativeiro durante quase toda a II Guerra Mundial, chegando apenas ao meio intelectual parisiense, e ainda ali dentro do quadro dessa instituição – na origem completamente heterodoxa – que foi a Sexta Seção da Escola Prática de Altos Estudos.

O que não implica necessariamente que o autor de *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II* não tenha tido iniciativas inéditas dentro da Academia, que afetassem interesses estabelecidos e que subvertessem estruturas já consagradas, que burlasse – e também que as ironizasse – as regras do jogo acadêmico e se esquivasse dos marcos previsíveis. E por fim, que “usasse” o poder que criou e acumulou de uma maneira igualmente excepcional, subordinado-o a seus fins e objetivos intelectuais, distribuindo-o e fazendo-o funcionar de maneira completamente extraordinária, e abandonando-o alegremente quando começou a custar-lhe demasiado tempo e energias.³⁴

Condição pois excepcional, que explica também a grande liberdade que Fernand Braudel se permitiu em relação aos distintos grupos ou posições políticas que lhe rodeavam, e que está em boa medida na origem dessas conotações contraditórias que o fazem ser tomado tanto por um conservador como um marxista, um radical subversivo ou um simples defensor do *status quo*.

No que respeita às diversas críticas a seu projeto ou a suas abordagens intelectuais, é fácil demonstrar que a teoria das diferentes temporalidades e da longa duração histórica em particular, não é uma simples construção formal, mas antes a chave epistemológica mestra do edifício da obra braudeliana. Pequena revolução metodológica nas formas de perceber a

³⁴. Sobre este caráter atípico, cf. Braudel. “Personal Testimony”, p. 448–467 e “En guise de conclusion” e Paule Braudel. “Braudel antes de Braudel”; e Aguirre Rojas. “(Re)construyendo la biografía intelectual de Fernand Braudel”.

temporalidade por parte dos historiadores e dos cientistas sociais,³⁵ a longa duração é também uma nova chave de análise dos fenômenos históricos em geral, que através do conceito da duração, remete à complexa dialética da continuidade, mas também da mudança desses mesmos fatos, estruturas e fenômenos históricos. Precisamente por isso a longa duração pôde ser “lida” de maneira conservadora, absolutizando apenas a dimensão da permanência, como fez por exemplo François Furet. Mas isso não impede que a mesma seja vista integralmente, e que se lhe aplique igualmente para destacar ao contrário a profundidade, ou em outro caso os limites de uma mudança radical e cataclísmica das estruturas da longa duração, dessa profunda e monumental revolução das arquiteturas civilizatórias mais elementares que o mesmo Braudel estudou e que fundam justamente o caminho da Europa e de todo o mundo ao universo da modernidade capitalista atual.

Ainda que Braudel vai usar o termo de estrutura para conotar essas realidades da longa duração histórica, não é por isso um estruturalista, senão, ao contrário, um crítico radical e um desconstrutor do estruturalismo francês dos anos cinquenta e sessenta. Pois é evidente que o autor de *Civilização material, economia e capitalismo* entende o estruturalismo como demasiado a-histórico e inclusive anti-histórico, consagrando uma parte considerável do argumento de seu célebre texto sobre a “longa duração” à crítica da falta de historicidade real das posturas do estruturalismo de Claude Lévi-Strauss, quem não casualmente é o autor mais citado, e em geral numa linha bem polêmica, neste mesmo ensaio.

Finalmente, é claro também que Braudel não é determinista geográfico, ou biológico ou econômico, senão um defensor de um novo determinismo histórico que é o da longa duração, ou seja,

³⁵. Cf. Wallerstein. “The inventions of time-space realities...”; Tenenti. “I domini della lunga durata in Fernand Braudel”, assim como os artigos nossos citados na nota 14.

Braudel reconhece o papel hierárquico maior dessas coordenadas de longo alento, que ao estarem presentes tanto na geografia como na economia, na cultura ou na esfera do político, tem provocado essa impressão de múltiplos determinismos nos críticos da obra braudeliana.

Se observarmos em conjunto todas as críticas dirigidas a Fernand Braudel e aos *Annales* braudelianos, veremos que remetem a uma verdadeira dificuldade de real apreensão da mensagem complexa contida na obra braudeliana. Pois resulta curioso comprovar que enquanto a referência da perspectiva da longa duração é moeda corrente da historiografia francesa e inclusive de outras historiografias da Europa e do mundo, o próprio autor desta perspectiva, ao ser interrogado em 1985 sobre se tinha muitos seguidores de seu singular projeto intelectual, respondeu que, longe disso, se considerava um homem “intelectualmente solitário”, afirmando que possivelmente existia, perdido na Argentina, um único historiador em todo o mundo que havia compreendido cabalmente essa visão da longa duração histórica.³⁶ Assim como resulta difícil apreender realmente esta teoria braudeliana das distintas temporalidades históricas, também persiste uma tarefa pendente dos historiadores a de reconstruir e assimilar em profundidade sua teoria do capitalismo e da modernidade, sua proposta sobre as economias-mundo, sua concepção da base geo-histórica dos processos civilizatórios, sua teoria geral apenas esboçada da dinâmica complexa das civilizações na história universal, ou sua tematização, apenas parcialmente concretizada, em torno das razões profundas e de longa duração da vantagem da Europa diante do resto do mundo, no caminho de acesso ao capitalismo e à modernidade.

Por fim, se passamos às críticas de que foram objeto os terceiros *Annales*, observamos já de início uma mudança notável. Aqui as críticas deixam de estar dirigidas a uma personalidade,

³⁶. Cf. o livro *La última lección de Fernand Braudel*.

para tornarem-se em geral mais coletivas e mais concentradas no projeto intelectual propriamente dito, do que nas pessoas que o suportam.

Curiosamente, a primeira dessas críticas, e uma das mais repetidas, é precisamente a que assinala a ausência, nestes terceiros *Annales*, de um claro, definido e orgânico projeto intelectual, unitário e agregador de todo o trabalho coletivo da corrente. Sublinhando melhor a evidente *pluralidade de perspectivas* coexistentes no seio do grupo dirigente dos *Annales* entre 1969 e 1989, e o fato de que nenhuma dessas perspectivas se impôs sobre as outras, se disse que estes *Annales* não possuem uma clara linha diretriz, acusando-os de serem vítimas de um processo de fragmentação e esmigalhamento da história, que permitiria falar de “múltiplos *Annales*”.

Por outro lado, e sublinhando as evidentes diferenças qualitativas profundas destes terceiros *Annales* diante dos *Annales* de 1929–1968, se lhes tem criticado também terem abandonado a história global, renunciando ao debate metodológico forte e marginalizando a história econômica e as perspectivas basicamente críticas que antes os caracterizaram. Insistindo então nesta clara “mudança de rumo” a respeito do projeto de Bloch, Febvre e Braudel, a cuja fidelidade intelectual, no melhor sentido deste termo, teriam renunciado, os *Annales* da terceira geração foram qualificados igualmente de institucionais, de serem um grupo de poder intelectual ou de terem se integrado completamente ao *establishment* acadêmico como parte da cultura oficial francesa.

Não obstante serem os mais conhecidos e difundidos mundialmente entre todos os distintos *Annales* que até aqui mencionamos, estes *Annales* se caracterizariam também, segundo seus críticos, por terem diminuído sua capacidade de inovação e sua capacidade de estar na vanguarda das novas orientações historiográficas. Seu projeto é qualificado como um projeto “esgotado”, ou como a etapa dos “rendimentos decrescentes”, ou também como a sobrevivência injustificada de uma empresa que

teria já “cumprido sua tarefa”. Assim, compreende-se que se lhes tenha dirigido a crítica de serem demasiado “relativistas” e até defensores de certas posições pós-modernas dentro da história, enquanto que se lhes tacha de ecléticos e de escola “vale-tudo”.³⁷

Se analisarmos com mais cuidado este amplo e diverso leque de críticas que se desferiu a estes terceiros *Annales*, e o despojamos dos excessos polêmicos dos quais em geral foi acompanhado, poderemos comprovar que a maior parte dos pontos assinalados possui um alto grau de validade e de pertinência.

Esta etapa dos *Annales* realmente se caracterizou pela multiplicação e depois dispersão das perspectivas incluídas dentro do núcleo diretor da revista, o que fez cada vez mais difícil definir tanto um perfil específico bem delineado, como uma clara linha diretriz de um *único projeto intelectual e de uma única política editorial* bem delimitados. O que se torna evidente no fato de que, enquanto os primeiros e os segundos *Annales* definiram seus projetos respectivos em torno de um conjunto de paradigmas metodológicos e de perspectivas globais sobre os modos de se fazer história, apresentando-se como defensores e promotores da história comparada, da história global, da história-problema ou da longa duração, os terceiros *Annales* se apresentam, ao contrário, em torno de um “novo campo problemático”, o campo da história das mentalidades ou da antropologia histórica.

³⁷. Na impossibilidade de citar a lista completa, mencionemos apenas alguns dos autores destas críticas, na ordem aproximada em que se enunciam dentro do texto: Braudel. “En guise de conclusion”; Dosse. *L’histoire en miettes*; Wallerstein. “L’homme de la conjoncture” e “Beyond *Annales*?...”; Aguirre Rojas, “Between Marx and Braudel...”, e “Los *Annales* en la encruzijada”; “La dernière interview du maître de l’histoire lente”; Couteau-Bégarie. *Le phénomène nouvelle histoire*; Burke. *The french historical revolution...*; Furet. “Preface”; Duby. “Le plaisir de l’historien”; Bessmertny. “Les *Annales* vues de Moscou”, e Fontana. *La história depois do fim da história*.

Tal constatação torna quase impossível propor juízos gerais sobre a obra e as abordagens destes terceiros *Annales*. Pois para além do tema das mentalidades, compartilhado por todos eles, nada há muito em comum entre as obras de Jacques Le Goff ou Georges Duby – que vinculam o mental a seus distintos contextos econômicos e sociais em geral, e que se mostram ainda bastante abertos e receptivos ao diálogo com os marxistas e com o marxismo –,³⁸ e, de outra parte, os trabalhos de história quantitativa das mentalidades desenvolvidos numa linha muito labroussiana por Michel Vovelle, e os trabalhos de Philippe Ariès que postulam a evolução de um “inconsciente coletivo” e tendem encerrar a análise do universo das mentalidades sobre si mesmo, ou as brilhantes investigações de Michel Foucault que procuram reconstruir as epistemes subjacentes às distintas formas discursivas vigentes durante o século XVII. Isso demonstra a importância de se proceder a uma tentativa de construção de uma “tipologia classificatória” destas distintas variantes da história das mentalidades, tipologia que não foi ainda estabelecida nem pelos críticos nem pelos estudiosos dos *Annales*, e que permitiria sem dúvida matizar e refinar mais agudamente a pertinência dessas opiniões críticas sobre estes terceiros *Annales*.

Também é essencialmente correto, em nossa opinião, a reprovação que já o próprio Braudel havia dirigido a estes *Annales* que lhe sucederam, quanto ao abandono da história global, abandono que por outra parte reconhecem e até reivindicam estes mesmos *Annales* da terceira etapa,³⁹ assumindo-o como uma condição que tornou possível um trabalho mais específico e detalhado em certos campos. O mesmo acontece em relação à renúncia ao debate metodológico forte e a uma postura ideológica clara, posição que foi defendida pelos representantes

³⁸. Defendendo e desenvolvendo uma história *social* das mentalidades. Sobre esta última, cf. os artigos mencionados na nota 10.

³⁹. Cf. *Annales E.S.C.*, “Fernand Braudel (1902–1985)”.

destes *Annales* de 1969–89 em muitos foros e que se expressa também nas declarações do próprio Jacques Le Goff, que afirma que a “nova história” “não se vincula” a “nenhuma ortodoxia” e que pelo contrário aceita e está aberta a “qualquer posição ideológica”, contanto que esta avance no sentido da inovação historiográfica ou da renovação dos estudos históricos promovida por essa mesma “*nouvelle histoire*”.⁴⁰

Ao abandonar a história econômica pela antropologia histórica e a história das mentalidades, e ao assumir esta espécie de “ecumenismo” intelectual aberto e talvez até um pouco laxo, que em parte obedece à própria diversidade interna de perspectivas coexistentes em seu seio, os *Annales* do período 69–89 perderam sem dúvida uma parte desses fios críticos e desse pensamento “contra a corrente” que alimentaram entre 1929 e 1968. Tal postura se conecta também com sua clara institucionalização e incorporação por parte da cultura oficial francesa. Pois quando os representantes annalistas são chamados a dirigir as coleções de história das grandes editoras comerciais, a participar nos comitês editoriais de revistas e de publicações periódicas, tanto acadêmicas como de grande circulação, ou a opinar e ajudar a definir o ensino da história nos níveis educativos básicos, enquanto que se lhes abrem as portas do rádio e da televisão, parece claro que estamos diante de uma situação distinta à que viveu Fernand Braudel, mas sobretudo Marc Bloch e Lucien Febvre.

Ao modificar, por todas estas vias, os perfis que se haviam mais ou menos mantido entre 1929 e 1968, os *Annales* engendraram todas estas diversas posições críticas, as quais – diante dessa heterogeneidade interna da corrente, esse abandono das posições e conquistas metodológicas antes alcançadas e esse claro processo de institucionalização e de entrada dentro dos circuitos do *establishment* – pareceriam ter um sólido fundamento e pertinência.

⁴⁰. Cf. Le Goff . “La Nueva historia”.

Contudo, para além da validade matizada desse diverso arco-íris de críticas, subsiste a pergunta que antes havíamos formulado: por que as críticas aos *Annales* se multiplicam e diversificam tanto depois de 1968? Por que há uma mudança tão importante e que abarca tantas dimensões no interior da evolução da corrente, depois desta data emblemática de 1968? Até que ponto é verdade que a inovação diminuiu com os *Annales* entre 1969 e 1989? É possível, por outro lado, ser inovador quando alguém se converte em instituição dominante? E sobretudo, como pesa tudo isso sobre os “quartos *Annales*”? Como será possível a eles superar e assumir o que esta situação causou? Ou para dizê-lo mais resumidamente, que lições positivas é possível tirar deste universo particular de críticas dirigidas aos terceiros *Annales*. Talvez a introdução de uma perspectiva de longa duração para a consideração destas críticas, tomadas agora em seu conjunto, nos permita construir uma hipótese final para a solução de todas estas questões.

IV

... Os Annales eram uma revista de marginais. Depois da fratura de 1968 se converteram na grande revista histórica, a dos mais ortodoxos, aquela que favorece as carreiras e os êxitos sociais.

Fernand Braudel. “Les 80 ans du ‘Pape’ des historiens”, *L'Histoire*, n. 48, set., 1982.

Como vimos, existe uma relação direta e proporcional entre, por um lado, o crescimento da popularidade e a maior difusão dos *Annales* no mundo e, por outro, o incremento e a multiplicação das críticas de que eles foram objeto. Também é claro, por outro lado, que este aumento e pluralização ganham um impulso maior depois da grande ruptura civilizatória e cultural de 1968. Para explicar esta situação, talvez seja útil abrir a perspectiva e analisar em termos comparativos, globais e

dentro de um lapso temporal mais amplo o que aconteceu com a historiografia francesa, mas também com todo o conjunto das historiografias nacionais da Europa e do mundo, durante o século vinte, desde as últimas três décadas do século dezenove.

Deste modo, e a partir de tais coordenadas espaciais e temporais, resta interessante observar que entre 1870 e 1970, aproximadamente, no que tange ao conjunto de suas diversas historiografias nacionais, a Europa funcionou dentro de um esquema no qual uma dessas distintas historiografias assumia, por assim dizê-lo, o papel *de líder diante de todas as outras*, cumprindo a tarefa de *centro gerador fundamental da inovação historiográfica* e de lugar ou espaço cultural privilegiado no qual se geravam e se desenvolviam os mais importantes debates historiográficos da época.

Assim, ao promover a algum de seus membros nacionais este papel de protagonista e de vanguarda da historiografia, a cultura européia estruturou, durante aquele período de 1870–1970, duas claras hegemonias historiográficas principais. Após a derrota da Comuna de Paris, com o auge dos movimentos operários e sociais na Alemanha, e tendo como uma referência e antecedente essencial, tanto em termos positivos como negativos, a grande abordagem representada pelo nascimento do marxismo e pela obra de Marx, a historiografia alemã vai se destacar diante do conjunto das demais historiografias européias, para terminar ocupando essa posição de liderança e de núcleo mais desenvolvido dentro das polêmicas e dentro do processo de renovação dos estudos históricos daqueles tempos.

Isso explica o fato de que a historiografia positivista de matriz rankeana funcione em toda a Europa, com suas aclimações e variantes, como o modelo mais ou menos seguido por todas as historiografias oficiais dominantes nas grandes universidades européias, e mais em geral em todos os meios acadêmicos do pequeno continente. Ao mesmo tempo, explica o fato de que a crítica, impugnação e elaboração de certos modelos

alternativos a essa mesma historiografia positivista, modelos que serão igualmente recuperados e recriados em toda a Europa, se gerem “também” na Alemanha, o mesmo acontecendo com os autores defensores da *Kulturgeschichte*, como nas duas tradições de historiografia crítica alemã daquela época: de um lado, a tradição acadêmica de Max Weber e de Alfred Weber, assim como de Karl Lamprecht, Werner Sombart e seus discípulos e, de outro, a tradição marxista de Karl Kautsky, Otto Bruner ou Heinrich Cunow, entre outros.

Constituindo então a célebre “viagem à Alemanha” como uma etapa obrigatória da formação de todo historiador importante, e tendo como pautas de referência os debates e os desenvolvimentos historiográficos germânicos, toda Europa viveu entre 1870 e 1930 sob a clara hegemonia dessa brilhante e rica historiografia.

Porém, como é sabido, o resultado da I Guerra Mundial e depois a ascensão do nazismo, acabaram desferindo um duro golpe tanto às ciências sociais como à historiografia alemã e de língua germânica como um todo. Uma vez que, com os efeitos combinados da emigração forçada de uma boa parte das mentes mais lúcidas e críticas alemãs, e com o desprestígio e hostilidade que em todo o resto de Europa a Alemanha angariou para si, depois dessa primeira guerra, se foram minando as bases dessa hegemonia historiográfica, definitivamente exaurida a época da II Guerra Mundial.

Pois cabe à historiografia francesa, através dos *Annales*, assumir tal hegemonia. Desde aproximadamente 1930 até a grande ruptura de 1968, a historiografia do hexágono, que tinha em seu centro os *Annales* – mas que compreendia também outras linhas mais ou menos próximas, como a que inclui a autores tão importantes como Ernest Labrousse ou Georges Lefebvre e que se vincula a essa tradição do peculiar socialismo francês –, essa historiografia francesa funcionou claramente como o novo centro de gravidade dos historiadores europeus, gerando as inovações

mais importantes e dando origem aos debates principais que marcaram a historiografia europeia do segundo pós-guerra.

Enquanto a alemã praticamente desaparecia do cenário e a inglesa se encontrava fragilizada na própria ilha pelos desenvolvimentos muito mais relevantes da antropologia e da sociologia, a historiografia francesa começava a determinar a pauta dos assuntos historiográficos, e eram imitados ou pelo menos atentamente seguidos, com suas defasagens respectivas e com suas singularidades nacionais, tanto pelos historiadores italianos como espanhóis, mas inclusive também pelos poloneses e os da América Latina.

O ano de 1968, que pôs no chão definitivamente tantas estruturas civilizatórias, parece ter encerrado também este esquema de funcionamento da historiografia europeia, baseado na hegemonia de uma certa historiografia nacional, em torno da qual se organizavam todas as demais. A situação que se observará durante os anos setenta, oitenta e noventa *não é mais a da constituição* de um novo centro e de uma nova hegemonia historiográfica nacional, mas, ao contrário, um claro processo de *pluralização dos centros da inovação historiográfica* e, em consequência, o início de um processo de *competição permanente* quanto à geração dos novos desenvolvimentos da historiografia e dos espaços de formulação dos novos debates.

Com o que, estaríamos talvez diante da mutação de um *regime de desenvolvimento da historiografia europeia de longa duração*, que teria sido vigente entre 1870 e 1970, e possivelmente desde antes, mas que teria concluído sua existência precisamente depois da grande ruptura de 1968, para dar lugar a um novo esquema evolutivo dos estudos históricos na Europa.

Mutação de um regime historiográfico de longa duração, que talvez se conecta com as também com as profundas mutações que se teriam inaugurado na Europa a partir de 1968. No que concerne à grande “guinada” dos estudos históricos, seriam sobretudo de duas ordens: em primeiro lugar, e pelo que diz

respeito à mesma “pequena Europa”, a clara *fragilidade das estruturas nacionais* como base do funcionamento da Europa dentro do mundo ocidental e do mundo em seu conjunto. Fragilidade que não apenas explicaria o projeto “unificação europeia” – sem a qual a Europa não pode fazer o contrapeso aos outros blocos presentes no cenário mundial –, mas também o fim desse modelo de “hegemonias nacionais” dentro do panorama historiográfico mundial.

Em segundo lugar, os efeitos derivados de um intenso processo desenvolvido entre 1870 e 1970, mediante o qual se “operou em larga medida a ‘europeização’ ” do mundo ocidental, já bastante mais maduro depois de 1968, tanto para recuperar criticamente as abordagens culturais da Europa, como para procurar transcendê-los e superá-los, levando adiante a construção de uma nova cultura, muito mais universalista e cosmopolita – e muito mais capaz de integrar em seu acervo as distintas vozes das culturas de todo o planeta. Em consequência, mais capaz também de suportar essa pluralização dos centros da inovação historiográfica, dos debates de vanguarda e dos múltiplos desenvolvimentos e explorações dos estudos históricos contemporâneos.

Talvez o reconhecimento desta mutação do esquema de operação geral da historiografia europeia, posterior a 1968, permita-nos explicar de um modo diferente a curva global seguida pelos *Annales* e a mudança radical de seu projeto vivido depois de 1969, e ao mesmo tempo a intensificação e diversificação das críticas recebidas por esta mesma corrente. Pois, se os anos setenta e oitenta viram florescer e confrontar-se no campo historiográfico, a micro-história italiana, as diversas vertentes da história social britânica, os vários representantes e tendências dos “*Annales* marxistas”, os *Annales* franceses das mentalidades e da antropologia histórica e as novas tendências da própria historiografia francesa não-annalista, entre outras frentes, então é lógico que, a partir desta competição generalizada e cada vez mais planetária dos avanços e novos

desenvolvimentos da historiografia contemporânea, se tenham também multiplicado, pluralizado e internacionalizado as distintas críticas dirigidas a essa corrente francesa dos *Annales*.

Ao perder o monopólio da renovação historiográfica, os *Annales* franceses passaram a ser mais um entre os protagonistas principais, sem dúvida ainda de primeira ordem, mas já não os únicos e nem em posição dominante ou de hegemonia ou monopólio dos estudos históricos contemporâneos. Entrando desta maneira no novo cenário de concorrência generalizada que parece marcar o panorama da história produzida no último quartel do século XX, a corrente dos *Annales* inseriu-se também no do universo da *crítica e interpelação permanentes* por parte das demais posturas e tendências da historiografia do mundo, universo que agora se apresenta como uma das armas fundamentais do progresso e da definição dos perfis de tal campo da historiografia mundial.

Assim se estabelecem também vários desafios centrais que deverão enfrentar doravante os “quartos” *Annales* nascentes. Os *Annales* continuam sendo, sem dúvida alguma, uma das mais importantes correntes da historiografia do planeta. Mas apenas poderão manter-se nessa posição e sair-se bem da competição à medida que assumam de *maneira tanto crítica como autocrítica*, as lições de sua própria história e dos sucessivos projetos intelectuais de seu itinerário, ou seja, apenas à medida que “assimilem real e criticamente sua diversa e complexa herança intelectual”, tanto no que implicam suas profundas continuidades e lições mais gerais, como no que respeita a suas transformações radicais e respectivos abandonos, superações ou deslocamentos.

Recuperando e processando, então, todo o universo de críticas que aqui vimos resenhando, os *Annales* atuais estão obrigados a realizar e em seguida a incorporar em sua nova atividade, o conjunto de balanços críticos e autocríticos de todas suas conquistas, avanços e aportes, mas também de suas lacunas, abandonos e limites específicos. Estes balanços parecem já ter

começado, por parte das novas gerações de historiadores, no que se refere ao período dos primeiros *Annales*. Mas é necessário avançar mais, e com audácia abordar tanto o exame crítico da etapa dos *Annales* braudelianos, como o estudo mais detido e objetivo da geração annalista de 1969–1989.

Também é importante para estes *Annales* da quarta geração, que sejam capazes de inserir-se plenamente no debate historiográfico internacional hoje em curso, submetendo-se assim ao exercício mútuo da crítica com os historiadores de todo o mundo. Finalmente, mas menos importante, estes quartos *Annales*, deveriam procurar recriar neles mesmos esse impulso vital do *espírito e do pensamento críticos* que estão tão presentes nos *Annales* de Bloch, Febvre e Braudel, e que parece ter-se atenuado nos anos setenta.

Deste modo, os *Annales* atuais poderão continuar ocupando posições de vanguarda dentro dos estudos históricos contemporâneos, e poderão seguir sendo esses *Annales* de “combate”, polêmicos, críticos e abertos à crítica que foram o orgulho de Marc Bloch, de Lucien Febvre e de Fernand Braudel. *Annales* pois, que no meio do debate e da intensa competição internacional que hoje vivemos no plano intelectual, possam continuar verdadeiramente “vivos” e atuantes.

OS ANNALES NA ENCRUZILHADA*

Na fundação de nossa empresa se acha contida uma espécie de pequena revolução intelectual (...)

Marc Bloch, carta a Lucien Febvre, 20 de setembro de 1929.

DA ATUALIDADE DOS ANNALES

Vivemos atualmente uma clara época de transição histórica. O ano de 1989 representou, em termos simbólicos, não apenas o fim do breve ciclo histórico aberto pela profunda ruptura de 1968,¹ mas também a conclusão de todo o complexo projeto desenvolvido pela humanidade, durante este “pequeno século XX”, que teria começado com a I Guerra Mundial e com o nascimento do primeiro “Estado socialista” do planeta.

Assistimos, então, na qualidade de testemunhas privilegiadas, mas também de virtuais atores com enormes responsabilidades, a

*. Este artigo foi originalmente publicado no suplemento *La Jornada Semanal*, México, n. 184, dez./1992.

¹. Cf. Wallerstein. “1968: tesis y interrogantes” e Wallerstein, Arrighi e Hopkins. “1989, the continuation of 1968”.

uma etapa de profundas e radicais mudanças, que se fazem presentes tanto na economia e na sociedade quanto no âmbito da cultura e dos debates intelectuais. Tudo se encontra agora posto em questão, dado que tudo está começando a mover-se e a mudar com muito mais rapidez que no passado imediato. Diante dessa situação, os cientistas sociais se defrontam com o desafio de explicar e interpretar estas mudanças, dando respostas às novas questões que se abrem a cada dia.

O ano de 1989 pôs em crise as velhas formas de pensar, os velhos estilos de trabalho, os modos de aproximação que foram pertinentes e úteis durante o século XX. Torna-se imperativo, então, criar novas maneiras da reflexão crítica, abrir novos caminhos ao pensamento genuinamente dialético, inventar novos estilos e modos de trabalhar no campo da teoria e da investigação social. O que, sem dúvida, e de modo apenas *aparentemente* paradoxal, será possível unicamente a partir da recuperação crítica e criativa do que de melhor nos legou esse passado ora em crise, a partir da restituição e reavaliação das mais ricas vertentes do pensamento *crítico* que surgiram e se desenvolveram ao longo dos últimos séculos.

Assim, é sempre importante voltar a essa matriz *fundadora* do pensamento crítico contemporâneo que é a obra e o projeto crítico de Marx, para percorrer depois o caminho da recuperação de outras variantes ou expressões contraculturais, também de signo crítico, próprias do século XX.

Correntes ou projetos intelectuais que significaram verdadeiras rupturas dentro da teoria e do pensamento modernos, e que desde a psicanálise freudiana até a Escola de Frankfurt, passando pelos *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, constituem as peças fundamentais da contribuição do século XX ao desenvolvimento das ciências sociais atuais.

A partir desta perspectiva, e tratando de situar-nos dentro do campo mais específico da historiografia e dos estudos históricos, fica patente a importância de proceder ao resgate e à discussão

da corrente francesa dos *Annales*, corrente que foi a mais importante e inovadora tendência historiográfica no mundo entre os anos de 1930 e 1970, depois do eclipse brutal da historiografia de língua alemã do primeiro quartel do século XX, e antes do florescimento das historiografias inglesa e italiana dos últimos trinta anos.

Deste modo, os *Annales* constituíram, em nossa opinião, o movimento de vanguarda dentro da historiografia europeia e mundial das quatro décadas intermediárias do século XX. Constituídos desde sua origem como um movimento abertamente “crítico” da historiografia francesa tradicional, então imperante na Sorbonne e nos meios acadêmicos do hexágono, os *Annales* tem percorrido até hoje um complexo e rico itinerário que, de maneira lógica, e em compasso também com a guinada crítica de 1989, desembocou na atual encruzilhada que hoje vive essa importante corrente historiográfica.

Também os *Annales* se encontram hoje num claro momento de transição, que se explica pelo evidente esgotamento desse campo ambíguo e multifacetado da história das mentalidades ², que tanta popularidade e difusão internacional lhes deu durante os anos 70 e 80, e no quadro definido de uma atmosfera marcada pelas críticas internas e externas que a corrente conheceu nos anos oitenta,³ assim como pela competição efetiva de um plural e muito difundido leque de autores e grupos annalistas não

². Cf. Lepetit. “Los *Annales*, hoy”. O sintoma evidente deste esgotamento e da conseqüente busca de *novos* rumos e novas perspectivas constitui o número 6 da revista *Annales*, de 1989. Número que responde ao chamado lançado em 1988 (no artigo “Histoire et sciences sociales. Un tournant critique?”) e que tenta abrir o debate sobre os possíveis caminhos e fundamentos do *novos Annales*, de uns possíveis “quartos *Annales*” (cf. também o editorial “Tentons l’expérience”).

³. Veja-se sobretudo Furet. “Preface”. In: *L’Atelier de l’Histoire*; Braudel. “Entrevista a Fernand Braudel em sus 80 años de vida” ou “La última entrevista de Fernand Braudel”, p. 69–79; Couteau–Bégarie. *Le phénomène nouvelle histoire*; Dosse. *L’histoire en miettes...*

franceses – em muitos casos de clara filiação marxista–,⁴ que disputavam a herança dos primeiros e segundos *Annales* aos herdeiros diretos da corrente nucleados em torno da revista *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*.

O fim do que chamaríamos os terceiros *Annales* (de 1969 a 1989) é derivado, então, em parte da mudança também radical da conjuntura intelectual e social européia e francesa posterior a 1989, que lhe outorga todo sentido ao anunciado “*tournant critique*” que a própria revista lançou e amadureceu em 1988 e 1989, e que inaugurou a mencionada etapa de transição que hoje vive a revista e a corrente agrupada em torno dela.

O que está em jogo nesta transição dentro da qual se encontram agora os *Annales*? Que relação tem ela com o claro renascimento e proliferação de certos estudos que resgatam períodos e aspectos muito específicos da história da corrente? Como se insere este trânsito na conjuntura intelectual de França, da Europa e do mundo contemporâneo? Qual é o projeto intelectual desses “quartos *Annales*”? Tratemos de nos aproximar, com mais detalhe, de alguns elementos de resposta a estas distintas questões.

DO FLORECIMENTO DOS ESTUDOS SOBRE OS ANNALES

Se observarmos em conjunto a produção de estudos e investigações em torno do fenômeno *Annales*, desenvolvida durante as duas últimas décadas, chamarão a atenção dois traços evidentes e característicos deste pequeno universo de obras e ensaios. Em primeiro lugar, o fato de que a maioria das investigações em curso e das obras publicadas durante estes

⁴. Grupo que abarca a Pierre Vilar e Michel Vovelle na França, assim como a Immanuel Wallerstein, ao grupo de Witold Kula, ao núcleo de Josep Fontana ou aos discípulos de Youri Bessmertny. Sobre este ponto, veja-se nosso artigo “De los *Annales* ‘revolucionários’ a los *Annales* ‘marxistas’”.

últimos anos, concentram-se de maneira privilegiada no que poderíamos chamar de o “período dos fundadores” da corrente, no exame da etapa e dos projetos correspondentes aos *Annales* iniciais ou “primeiros *Annales*”. Ainda que não faltem estudos globais que abordem todo ou quase todo o itinerário dos *Annales*, nem análises dos “anos Braudel”⁵ ou da etapa mais recente dos *Annales* da história das mentalidades,⁶ estes constituem apenas subconjuntos minoritários diante da muito mais abundante produção de livros e ensaios em torno das vidas, obras, bibliografias, projetos e iniciativas de Marc Bloch e de Lucien Febvre.⁷

Em segundo lugar, nos deparamos também com a inusitada situação de que os autores destes estudos são em sua maioria autores *não* franceses, e que se encontram dispersos num mapa que vai da Inglaterra à Itália, passando por Holanda, Alemanha, França e Espanha, e da China ao Brasil, passando pela ex-União Soviética, Europa, os Estados Unidos e o México, numa difusão praticamente planetária das investigações e estudos sobre o “fenômeno *Annales*”.

Ambos traços singularizam a produção intelectual recente sobre a corrente annalista e, *não sendo* nem um pouco *casuais*, encontram-se claramente vinculados entre si, e também numa

⁵. São interessantes, a respeito, os trabalhos de Giuliana Gemelli, especialmente *Fernand Braudel e l'Europa Universale* e os artigos e prólogos de Maurice Aymard sobre distintos aspectos da obra braudeliana, como “L'Italia-mondo nell'opera di Braudel”, p. 81–88, ou prólogo “Braudel enseigne l'histoire”; e *Primeras Jornadas Braudelianas*.

⁶. Cf. Le Goff. “L'histoire nouvelle”, p. 35–75; Burguière. “The New *Annales*...”, p. 195–206 e Carlos Barros. “Historia de las mentalidades... e “Historia de las mentalidades, historia social”.

⁷. Pensamos sobretudo nos livros e ensaios recentes de Carol Fink, Peter Schoettler, Massimo Mastrogregori, assim como nas investigações ainda inéditas ou em curso de Olivier Dumoulin, Bertrand Müller, Natalie Zemon Davies, Bryce Lyon, Marleen Wessel, etc. A respeito, veja-se a bibliografia final.

relação direta com a irrupção da nova conjuntura de transição antes evocada. Em nossa opinião, a concentração da grande maioria de investigações em torno dos *Annales* no período dos “pais fundadores” explica-se justamente pelo fato de que uma grande parte dos estudiosos da história dos *Annales*, e também dos novos annalistas – pertencentes à corrente – viram-se naturalmente levados a procurar um “retorno às origens”, uma recuperação da “matriz originária” da corrente e de seus paradigmas e abordagens fundadores – aqueles que constituíram justamente os pilares dessa “pequena revolução intelectual” referida por Marc Bloch –, precisamente no esforço de tratar de dar resposta ou saída à crise que o próprio movimento dos *Annales* viveu no fim dos anos oitenta.

Tal retorno à origem não deve ser entendido somente como busca da identidade “originária” da corrente ou volta às raízes, mas também uma reação bastante natural frente ao relativo abandono que os terceiros *Annales*, os *Annales* 1969–1989, haviam realizado a respeito de alguns dos perfis e paradigmas essenciais desenvolvidos por seus antecessores: como o aceitaram de alguma forma os próprios *Annales* dos anos 70 e 80,⁸ é verdade que ocorreu um claro movimento de crítica e até de ceticismo aberto diante das virtudes e possibilidades da “história global”,⁹ ao mesmo tempo que diminuiu a intensidade e centralidade do debate epistemológico e metodológico,¹⁰ e se transitou radicalmente do campo de estudos da história econômica para os novos terrenos da história das mentalidades e da antropologia histórica.

⁸. Cf. entrevistas citadas na nota 3, assim como o artigo *Annales E.S.C.* “Fernand Braudel (1902–1985)”.

⁹. Como por exemplo a crítica de Michel Foucault, que abre seu livro *La arqueología del saber*. E Lepetit, cf. nota 2.

¹⁰. É curioso comprovar que, para o período e os autores dos terceiros *Annales*, não exista nenhuma obra ou compilação de ensaios metodológicos, que poderia comparar-se a *Introducción a la historia* de Bloch, ou à coletânea de *Écrits sur l'histoire*, de Braudel.

Uma vez que os *Annales* da terceira geração fundaram suas abordagens e sua originalidade particular numa clara *ruptura* com a tradição herdada – ruptura efetuada no campo problemático, no distanciamento diante da aposta pela história global e pelo debate metodológico, sustentada pelos *Annales* de Bloch, Febvre e Braudel –, torna-se compreensível então que, diante da crise e do esgotamento do projeto desses *Annales* da “nova história”, se tenha imposto a volta ou o retorno às *etapas anteriores* da própria corrente.¹¹

Retorno que, além do mais, apresenta esse caráter internacional e de difusão planetária, tanto pela própria inserção mundial do enfoque annalista, característica dos anos setenta e oitenta, como também, e talvez em maior medida – a julgar pelos autores aqui evocados –, pelo fato de que essa “volta às fontes” foi *preparada*, também durante os últimos vinte anos, pelo movimento complexo e rico de múltiplos intelectuais e correntes de pensamento que, em sua maioria provenientes do marxismo – mas situados também em geral em posição de ruptura diante do marxismo institucional, simplificado e vulgar, e abertos às posições do marxismo genuinamente “crítico” de Marx –, levaram a cabo um interessante diálogo de recuperação sistemática das abordagens principais dos *Annales*, construindo inclusive uma espécie de matriz annalista/marxista. Vista em perspectiva histórica, essa matriz constituiu-se realmente numa *alternativa* aos desenvolvimentos dos *Annales* da antropologia histórica, dos *Annales* pós-braudelianos.

Apoiada pois nesta segunda grande matriz annalista-marxista, lançada igualmente nos anos 70 e 80, uma parte importante dos

¹¹. E especialmente aos “primeiros *Annales*”, já que aqui opera um fenômeno geracional. Mas é *demasiado* cedo para voltar ao resgate e à discussão de Braudel, pois sua herança está muito presente e viva nos espíritos franceses contemporâneos. Estamos seguros de que essa “volta a Braudel”, tão massiva e plural como a que hoje vivemos a respeito dos primeiros *Annales*, é questão de tempo.

atuais estudiosos do fenômeno *Annales* se voltou ao antigo debate sobre o caráter originariamente *crítico e revolucionário* no plano da teoria, das abordagens desenvolvidas pelos primeiros *Annales*, ao mesmo tempo que “recolocam no centro da discussão” as questões acerca da validade, dos limites, e da pertinência dos paradigmas “fundadores” sobre a história comparada, a história global, a longa duração histórica e a história-problema. Tal discussão renovada dos paradigmas metódicos originais da corrente não apenas tem demonstrado até que ponto era apenas relativa e parcial a *real assimilação e manejo* desses paradigmas por parte da maioria dos historiadores franceses e de outras partes do mundo,¹² mas igualmente significou uma saudável e interessante volta ao debate epistemológico e metodológico *forte*, abrindo novamente a investigação e a polêmica em torno de pontos como a interdisciplinariedade e objetividade no conhecimento histórico, o papel da dimensão narrativa dentro da obra histórica, os modos diversos de conceber a história global, etc.¹³

DOS ANNALES NACIONAIS E INTERNACIONAIS

O que está em jogo, para os próprios *Annales*, nesta vital encruzilhada de sua história, é justamente o papel específico que eles terão de jogar dentro da historiografia francesa, européia e mundial das próximas décadas, ou seja, se serão capazes de colocarem-se novamente em posições *de vanguarda* dentro do

¹². O que tem uma exemplificação muito clara nas declarações de Braudel feitas no Colóquio de Chateaufvallon, em resposta à pergunta de que se achava ter sido realmente compreendido e seguido em suas abordagens principais. Cf. *Una lección de história...*, p. 244–245.

¹³. Cf. Lepetit. “Proposiciones para una práctica restringida da interdisciplina”; Mastrogregori. *Il genio dello storico...*; Bessmertny. “Les *Annales* vues de Moscou” ou Aguirre Rojas. “Dimensiones y alcances...”

vasto e complexo movimento de inovação historiográfica em curso.

Hoje a renovação dos estudos históricos deixou de ser monopólio de uma corrente ou de uma historiografia nacional qualquer, para pluralizar-se e distribuir-se muito mais amplamente por praticamente todo o mundo. Se a atual “globalização” e “transnacionalização” das economias, de que nos falam os economistas, tem algum sentido mais profundo e duradouro, é precisamente à medida que induz paralelamente uma real *universalização e planetarização* das conquistas e dos avanços culturais e civilizatórios de *todos* os diversos grupos humanos, imbricados cada vez mais num diálogo múltiplo, plural e genuinamente internacional.

Por isso, e como os próprios *Annales* afirmaram recentemente, *a herança dos Annales pertence a todo o mundo* e, em consequência, de todos os rincões do planeta surgem agora interpretações, estudos e debates em torno do itinerário e das abordagens gerais da própria corrente, bem como sobre o rumo e as possíveis perspectivas futuras da análise histórica contemporânea.

Os *Annales* se converteram, deste modo e em um sentido muito mais profundo do que uma leitura rápida do termo poderia sugerir, em verdadeiros *Annales internacionais*, não no mero sentido de serem difundidos e conhecidos em praticamente todos os países do mundo, mas também no sentido muito mais substancial, de terem fecundado e influído de maneira essencial a autores, correntes e tendências das mais distintas historiografias nacionais e regionais possíveis. Hoje, é possível encontrar historiadores tanto marxistas como de outras posições, que se aplicam seriamente no estudo e na recuperação das obras de Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel, quanto outros que, igualmente colocados nas mais diversas posturas dentro da historiografia, procuram cultivar e desenvolver, em muitas

direções, os campos da história das mentalidades e da antropologia histórica.

Portanto, um movimento internacional, de claro signo annalista, que continua tendo como um de seus centros de gravidade principais a corrente e o núcleo franceses dos *Annales*, e que a partir desta situação coloca aos *Annales* a necessidade de optar diante a uma disjuntiva ineludível: ou se renovam e mudam mais uma vez de pele, abrindo novos veios à historiografia contemporânea e se relançando de maneira decisiva a tal universo dos *Annales* multinacionais, ou, ao contrário, se consomem, congelando e eternizando a atual situação ou conjuntura de transição, presos a uma inércia que, no fim das contas, é fácil de prolongar e reproduzir, mas que os afastaria, em realidade e cada vez mais, dessa vontade herética e transformadora que tanto valorizava e procurava seguir o próprio Lucien Febvre.

OS ANNALES DE CARA PARA O FUTURO

Confrontados desta maneira pela atual conjuntura de transição histórica, os *Annales* atuais já tem dado claras mostras de possuir uma definida *vontade* de renovar-se uma vez mais, sintonizados com a época em que vivemos.

Mas quando caducam grande parte dos velhos modos de pensar e a vida transcorre nos ritmos das rápidas mudanças a que hoje assistimos, não basta apenas a intenção ou vontade de auto-transformação. É preciso *aprender a reconhecer o novo*, somar-se a ele e ainda desenvolver as habilidades pertinentes para ter-se capacidade de *criar ou gerar essa inovação*.

Assim, restam muito pertinentes os *retornos* recentes que já podem ser identificados dentro da corrente, e que começaram a recolocar a história econômica, o debate metodológico e a história global no centro do projeto dos possíveis “quartos *Annales*”. Mais que simples volta ao passado, esses retornos devem antes ser

concebidos como uma tentativa de recriação e aprofundamento, acordes às novas circunstâncias, de antigas abordagens e espaços que longe estão de ter esgotado suas possibilidades heurísticas e interpretativas, e que constituem ademais *pontos de confluência centrais* entre estes *Annales* contemporâneos e as correntes ou grupos annalistas de outras partes do mundo.

Espaços revisitados, que apesar de tudo têm deixado intocadas certas dimensões, esboçadas ou anunciadas pelos próprios *Annales* desde 1946, que não foram até hoje organicamente desenvolvidas.

Em 1946, após a II Guerra Mundial e o que ela implicou, os *Annales* foram rebatizados por Lucien Febvre com o subtítulo, que conservam até 1994, de *Économies. Sociétés. Civilisations*. Havia ali, em nossa opinião, o esboço de todo um programa de investigação que deveria cumprir-se no futuro, e que abarcava de maneira muito clara a consolidação da história econômica, então em seus inícios, o desenvolvimento de uma verdadeira história social “digna desse nome”,¹⁴ e também a abordagem de uma história profunda das civilizações ou das dimensões civilizatórias dos processos históricos.

Há meio século de distância do esboço desse programa de trabalho fica muito evidente que apenas a primeira parte desse triplo projeto pôde ser cabalmente cumprida, enquanto a segunda e terceira tarefas caíram no estado de um mero *esboço não realizado*, o que em grande parte obedecia ao fato de que nunca existiu uma rica sociologia científica a alimentar esse projeto de história social, e a que a antropologia desta época, capaz de refinar e coadjuvar ao projeto dessa história densa das civilizações, se fez presente mais como rival declarada da história que como sua possível aliada ou interlocutora amistosa.

¹⁴. Como a chamava Fernand Braudel, evocando a urgência e importância deste projeto inacabado. Cf. Braudel. “Chez les sociologues. Georges Gurvitch ou la discontinuité du social” ou o capítulo 5 do tomo II de *Civilización material...*

Mas 1989, assim como tantas outras coisas, transformou também essa constelação de ausências e de relações de disputa ou aliança entre as diversas disciplinas. Hoje é possível retomar novamente e a fundo, essa *tarefa pendente* prometida no editorial dos *Annales*, de construção de uma renovada e mais complexa história global, que recupere e se afirme também como uma verdadeira história *social* e história *civilizatória*.

Ademais, e concluindo, os *Annales* atuais não apenas poderiam incursionar nestes campos ainda apenas esboçados da história dos fenômenos sociais e dos fatos e processos das civilizações, mas teriam também que ajudar a identificar as *novas problemáticas*, os *novos paradigmas* e as *novas teorias* que hoje se estão processando e gestando dentro das ciências sociais, as quais constituirão, sem dúvida alguma, os referentes essenciais dos estudos históricos das próximas décadas.

Os *Annales* atuais se encontram numa encruzilhada histórica importante. Se o projeto dos quartos *Annales* haverá de prosperar ou não, se o fará dentro ou fora da França, e se será em aliança ou à margem dos distintos representantes dos “*Annales internacionais*” de fora do hexágono, são todas perguntas cujas respostas se anunciam para um futuro próximo. Enquanto isso, o estudo crítico do legado dos *Annales* e a recuperação daqueles elementos que têm significado uma profunda contribuição ao desenvolvimento dos estudos históricos do século XX, seguirá alimentando a todos aqueles que são capazes de “pensar por conta própria”, e que dentro das vias do pensamento crítico contemporâneo, procuram avançar na construção de uma verdadeira ciência da história.

MARC BLOCH: *IN MEMORIAM**

Creio no futuro, porque eu mesmo participo de sua construção...

Jules Michelet, citação transcrita por Marc Bloch em seu caderno "MEA".

Há meio século, em junho de 1944, nos campos de uma pequena aldeia chamada Saint-Didier-de-Formans, na França, caía fuzilado por obra dos nazistas o grande historiador Marc Bloch. Com este assassinato, perdia a vida um dos historiadores franceses mais importantes da primeira metade do século vinte.

Executado depois de três meses de ter sido detido e depois torturado pela Gestapo, este mesmo assassinato encerrava tragicamente o itinerário de um historiador que foi ao mesmo tempo um dos "fundadores" da corrente historiográfica dos *Annales* e um dos medievalistas mais importantes e conhecidos do mundo em nossa época.

Ao mesmo tempo em que terminava assim abruptamente sua vida, se concluía também a experiência profundamente radical que o mesmo Bloch viveu durante seus últimos cinco anos, e que

* Este artigo foi publicado no suplemento *La Jornada Semanal*, n. 262, México, Junho de 1994.

o havia levado a um processo de transformação igualmente radical de suas posturas anteriores, tanto intelectuais como éticas e pessoais.

Assim como muitos outros protagonistas diretos, Marc Bloch viveu, durante esses difíceis anos da II Guerra Mundial, um singular processo de alteração radical de toda sua cotidianidade que, ao mesmo tempo em que parecia colocá-lo diante de um conjunto de visões que *concentravam ou resumiam* o essencial de seu périplo vital e intelectual, o forçavam também a realizar súbitos balanços de todo o caminho percorrido, a partir dos quais buscou dar alternativas e saídas à vertiginosa sucessão de acontecimentos nos quais se encontrava.

Ao observarmos com cuidado as sucessivas experiências da vida de Marc Bloch, entre 1939 e 1944, e as compararmos com os diferentes projetos que ele retomou ou empreendeu neste mesmo período, desvendaremos uma personalidade complexa, de um historiador e intelectual francês de origem judia e de uma posição econômica folgada, que tendo consagrado o melhor de seu esforço à área de estudos da história econômica e social no período medieval europeu e à empresa de renovação historiográfica dos *Annales*, vai interrogar-se de maneira profunda, em face desta segunda guerra, sobre a relação entre o intelectual e o cidadão, sobre a natureza e o destino da França derrotada, e inclusive sobre a utilidade e a legitimidade do ofício de historiador em geral, e em particular dentro das circunstâncias limites da catástrofe então vivida.

Ao reconstruirmos brevemente estas experiências e projetos dos últimos anos da biografia de Marc Bloch, poderemos talvez esboçar uma espécie de espelho que nos permita observar essas diferentes e complexas arestas de sua rica figura pessoal e intelectual.

Em 1939 e 1940 aparecem, respectivamente, os volumes I e II do livro intitulado *A Sociedade Feudal*, que pode ser considerada

como a mais importante obra de Marc Bloch. Fruto de um projeto de trabalho de quinze anos, cujas origens remontam a 1924,¹ esta obra sobre a sociedade feudal europeia dos séculos IX a XIII constitui uma espécie de resumo do núcleo mais importante do conjunto das investigações de história econômica deste autor.

Se passarmos em revista o conjunto da produção historiográfica global realizada por Marc Bloch, tornar-se-ão evidentes os eixos principais que concentram a maior parte dessa obra: de um lado, é clara a inclinação para os distintos temas da história econômico-social, compreendida num vasto conceito que abarca desde a história monetária e a história das técnicas e dos inventos, até as diversas regras da história agrária, das formas dos campos e as paisagens rurais. Por outro lado, e apesar de estender-se livremente para atrás até os tempos do Baixo Império Romano, ou para adiante até a época das revoluções agrícolas do século XVIII, é igualmente notória a maior erudição e domínio do período mais caracteristicamente medieval, que cobre desde os tempos carolíngios até as revoluções comunais e urbanas dos séculos XII e XIII.

Este duplo eixo de coordenadas é precisamente o que delimita esta obra, que Bloch verá publicar-se e difundir-se em plena II Guerra Mundial. Assim, nos primeiros meses do conflito, nos quais nosso autor é mobilizado dentro do exército francês, a partir de uma petição expressa e voluntária de sua parte para ser engajado – pois Bloch, que tinha 53 anos em 1939 e era pai de seis filhos estava por isso *isento* de participar na guerra –, surge esta obra que sintetiza os mais importantes resultados de sua atividade docente e de investigação de três lustros.

Neste trabalho sobre *A Sociedade Feudal*, Marc Bloch constrói todo um *modelo de explicação do mundo e da sociedade feudais*

¹. Cf. Pluet–Despatin: *Écrire la société féodale. Lettres à Henri Berr. 1924–1943*. Paris: Imec, 1992. Nesta correspondência de Bloch para Berr é possível perceber-se também as linhas ulteriores de investigação que seguiria Marc Bloch, se tivesse sobrevivido à II Guerra Mundial.

européus, durante os séculos do medievo. Modelo geral de interpretação do universo da feudalidade européia, que junto ao outro modelo desenvolvido por Henri Pirenne, especialmente em sua obra póstuma – *Mahomé e Carlomagno* –, continua sendo uma referência até hoje não superada pelos medievalistas posteriores.

Manejando de uma maneira magistral o método comparativo, e sempre de uma perspectiva de história aberta, problemática e global,² Marc Bloch vai construir uma tipologia rica e detalhada das variantes desse nexos estruturador fundamental das sociedades européias medievais que foi o vínculo feudal, enquanto decifra as múltiplas curvas evolutivas das heterogêneas figuras da relação de servidão em que se suporta tal vínculo.

Explorando tanto a singularidade do caso espanhol como a forma mais clássica do caminho francês, ou as vias inglesa, alemã ou italiana de desdobramento e afirmação dos distintos “feudalismos” aclimatados no espaço europeu, Bloch chega inclusive a levantar o problema, ainda não resolvido, da assombrosa semelhança entre o feudalismo da Europa e o feudalismo japonês, únicos do planeta que, como assinala acertadamente nosso autor, conheceram tal modelo feudal do desenvolvimento social.

Deste modo, e deixando um pouco de lado a linha de história das mentalidades que havia abordado em sua interessante e sugestiva obra publicada em 1924, intitulada *Os reis taumaturgos*, Bloch vai trabalhar antes no campo da história econômica e social, coadjuvando assim uma *renovação radical* desta última, que depois de sua intervenção vai desenvolver-se como uma história econômica comparativa, ao mesmo tempo capaz de jogar com as similitudes e as diferenças dos fenômenos históricos comparados e de se construir a partir dos “questionários” ou “problemas” que orientam sua aplicação, sustentando uma perspectiva totalizante

². Para uma explicação mais ampla destes paradigmas, cf. Carlos Antonio Aguirre Rojas. “Between Marx and Braudel. Making history, knowing history”.

e uma atitude de recuperação e assimilação das novas técnicas, conceitos e abordagens das outras ciências sociais.

Essa nova história econômica encontra-se plasmada tanto no livro publicado em 1931, intitulado *Les Caractères Originaux de l'Histoire Rurale Française*, como na já referida *A Sociedade Feudal*, assim como nos demais livros e artigos que gravitam em torno desta mesma linha de investigação.³

Vinculando-se, desta forma, com as obras de Henri Pirenne e de Alphons Dopsch, os trabalhos historiográficos de Marc Bloch se encontram dentro dessa linha de investigação que fez possível uma *reavaliação radical* dos progressos e da significação geral do período feudal da história européia, que deixou de ser concebida, graças ao próprio Bloch entre outros, como simples “idade das trevas” ou como “idade média” ou “Intermediária” entre a Antigüidade Clássica e o Renascimento, para ser agora aquilatada em seu justo sentido histórico.

Assim, ao mesmo tempo que vem à luz este “resumo” de quinze anos de atividade de investigação, Marc Bloch se esforça quase angustiosamente por “ser útil” a seu país em guerra, ao descobrir de maneira evidente, a partir das circunstâncias que estava vivendo, que o fato de ter sido um “bom trabalhador” nos fazeres do ofício de historiador, não o isentou, por sua vez, de suas profundas responsabilidades enquanto cidadão.

Creio, profundamente, que não se faz triunfar o direito se não se lhe afirma, e a verdade desnuda (...) nove vezes de cada dez é a melhor diretriz.

Marc Bloch, carta a Lucien Febvre, dezembro de 1938.

³. Mencionemos apenas alguns dos trabalhos mais importantes de Marc Bloch: *Rois et serfs*; *Esquisse d'une histoire monétaire de l'Europe*; *La France sous les derniers capetiens* e *Seigneurie française et manoir anglais*. Igualmente, os artigos compilados sob o título de *Melangés Historiques* (2 vols.).

Depois de ter participado na primeira etapa da guerra, que culminou com a derrota e com o armistício da França, Marc Bloch vai realizar um agudo balanço das diferentes causas dessa “extranha derrota”. Assim, tratando de analisar de uma perspectiva histórica ampla, os motivos e o significado dessa França vencida, nosso autor vai interrogar-se também acerca de sua própria trajetória e trabalho como intelectual, desembocando por esta via nas questões da responsabilidade de sua geração e de seu extrato social particular, a respeito da guerra.

Através da elaboração deste testemunho, desafortunadamente pouco conhecido até tempos muito recentes,⁴ e intitulado *L'Étrange défaite*, Bloch vai refletir em diferentes planos acerca das responsabilidades que tiveram o Estado Maior francês, as classes dirigentes, os partidos políticos, os sindicatos, as universidades e finalmente os próprios cidadãos franceses.

Nessa obra, Bloch oferece uma excelente radiografia do conjunto da sociedade francesa às vésperas da II Guerra Mundial, a qual não se detém nem diante dos vícios e atrasos mais evidentes da burocracia, do exército, do sistema escolar ou do sistema político franceses, nem diante do “peso morto” e às limitações que representam certas tradições guardadas nessas “pequenas aldeias” de uma certa França camponesa profunda.

Do mesmo modo que desmonta criticamente todos estes mecanismos de funcionamento da França do entre-guerras, Bloch assume autocriticamente também a falha de sua própria geração, a qual define como portadora de uma “má consciência”: foi precisamente essa geração que, depois de ter participado do *affaire Dreyfus*, e de ter regressado da I Guerra Mundial bastante fatigada, limitou-se a tratar de fazer bem suas distintas tarefas cotidianas, esquecendo-se de suas responsabilidades *públicas e de*

⁴. O livro foi publicado em 1946 pelo Movimento “Franc-Tireur” e republicado em 1957 na editora Armand Colin. Mas ambas edições não circularam muito. Apenas em 1990, a Gallimard o reeditou numa coleção de bolso, permitindo assim sua mais ampla difusão.

cidadania. Com o quê, e nesse “deixar fazer” aos governos e às classes dominantes, terminou por provocar em parte a fatal derrota de 1939–1940.

Ao viver esse profundo processo de reflexão autocrítica de toda sua trajetória pessoal e individual, Marc Bloch chega no limite do auto-questionamento: “Para que serve a história?”, quando os homens, os povos e as civilizações são capazes de auto-imolar-se em massa dentro de uma guerra como aquela. Que sentido tem ser um bom historiador, ou um bom trabalhador em qualquer ofício, se não também um bom cidadão, se não se assume igualmente as próprias responsabilidades públicas? Como vai assinalar Bloch, os intelectuais como ele tinham pelo menos “Uma língua, uma pena, um cérebro” que bem poderiam ter utilizado para difundir e desenvolver uma consciência crítica coletiva mais ampla, que como fator *atuante* real pudesse ter modificado o curso da história vivida pela França neste século. Poderiam tê-lo feito, mas não o fizeram, tal e como lhes reprova nosso autor.

Estas perguntas, e sobretudo as respostas que Bloch lhes havia dado em julho-setembro de 1940, quando redigiu seu testemunho sobre *A estranha derrota*, vão radicalizar-se cada vez mais, conforme Bloch começa a sofrer as consequências de sua origem e de sua condição judia, e à medida que, ao ritmo dos acontecimentos, vai maturando também essa mesma linha de reflexão crítica e autocrítica.

* * *

Marc Bloch, que pertence sem dúvida a essa família européia de grandes intelectuais de origem judaica, tão fundamental dentro da cultura européia em geral e que conta entre seus membros recentes com personagens como Karl Marx, Walter Benjamin ou Sigmund Freud, declarava enfaticamente que ele não reivindicava nunca sua origem, “salvo num caso: frente a um

anti-semita”. Salvo nesta circunstância, nosso autor se considerava totalmente um francês.

Foi esta condição judaica que, muito provavelmente, lhe impediu de entrar no *College de France* ou chegar ao posto da direção da *École Normale Supérieure*, provocando certamente a tentativa de sua remoção da cátedra de história econômica que ocupava na *Sorbonne* desde 1936, o registro de seu apartamento de Paris pela polícia nazi, e com isso o confisco de uma parte muito considerável de sua biblioteca pessoal e de seus manuscritos e documentos,⁵ sua retirada para a zona não ocupada pelos alemães e finalmente seu abandono da cátedra mantida na Universidade de Montpellier.⁶

A condição de intelectual de origem judia, se já contribuiu para explicar a riqueza e o cosmopolitismo de sua personalidade intelectual, está também na origem do radical desacordo diante da posição de Lucien Febvre em torno da questão da continuação ou não da publicação da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fundada conjuntamente por Bloch e Febvre no ano de 1929.

Em maio de 1941, e como um resultado retardado da legislação alemã que proibia a judeus exercer o ofício de diretor ou até de simples redator de publicações periódicas, se levanta

⁵. O destino destes documentos de Marc Bloch é digno de um conto: confiscados pela polícia alemã foram parar em seus arquivos em Berlim. Quando os soviéticos entraram em Berlim, se apoderaram desses arquivos que foram parar nos arquivos secretos da KGB, em 1946. Em 1991, apenas se fez público o conteúdo desses arquivos, quando se “reencontraram” tais documentos e dossiês de Marc Bloch (são 113 expedientes, que abarcam em torno de 10.000 páginas). A Associação Marc Bloch, refundada em 1992 em Paris, deverá ocupar-se proximamente da classificação desses dossiês e de sua abertura para os investigadores.

⁶. Para uma descrição mais detalhada destas experiências, veja-se a biografia de Carole Fink. *Marc Bloch: A life in history*. Veja-se também seu artigo “Marc Bloch: l'historien et la resistance”.

um claro dilema para os *Annales*: ou suspender sua publicação (como fez por exemplo a *Revue de Synthèse*, dirigida por Henri Berr), ou suprimir o nome de Marc Bloch da revista, e continuar sua publicação apenas sob a direção de Lucien Febvre. Enquanto Febvre, raciocinando em termos da “França ocupada”, acreditava que o melhor modo de resistir era *continuando* sob qualquer circunstância tal publicação, Bloch, ao contrário, que pensava em termos da “França não ocupada”, era partidário da primeira alternativa, ao considerar que a supressão de seu nome “seria uma abdicação”, “uma capitulação”. Afirmando diante de Febvre que “se nossa obra teve algum sentido, este foi o de sua independência, sua recusa a aceitar a pressão de (...) ‘circunstâncias imediatas’”,⁷ Bloch expressava uma vez mais seu espírito de rebeldia e de inconformismo diante das conseqüências e às formas de resposta dos próprios franceses ante a derrota que experimentavam.

Finalmente, será o ponto de vista de Febvre o que prevalecerá, e os *Annales* seguiram publicando, trocando depois de nome e de periodicidade e mantendo-se durante estes anos da guerra num nível de, praticamente, simples sobrevivência simbólica.

O que em realidade está por trás desta disputa entre Marc Bloch e Lucien Febvre, para além das circunstâncias imediatas e da divisão mencionada pelo mesmo Febvre nas “duas França”, é possivelmente as *duas rotas ou itinerários diferentes* seguidos ao longo de suas vidas pelos dois fundadores dos *Annales*, diferença

⁷. Veja-se, sobre esta disputa, o próprio texto de Lucien Febvre. “Marc Bloch. Témoignages sur la période 1939–1944. Extraits d’une correspondance intime”, p. 15–32 e os artigos de Massimo Mastrogregori. “Le manuscrit interrompu: *Métier d'historien* de Marc Bloch”, p. 147–159 e “La sorte delle *Annales* nel 1941”. Para outra interpretação desta disputa, cf. Josep Fontana. *Historia. Análisis del pasado y proyecto social* ou Alain Guerreau. *El feudalismo. Un horizonte teórico*.

que para Bloch se evidenciou, como procuramos mostrar aqui, a partir da experiência limite da II Guerra Mundial.⁸

Depois desta disputa em torno do destino dos *Annales*, dessa inovadora revista que foi a empresa *coletiva* mais importante dentro do itinerário intelectual blochiano, e ao ver-se privado do apoio importante que representava essa biblioteca pessoal que se viu obrigado a deixar em seu apartamento parisiense, Bloch irá concentrar-se em seu último projeto intelectual importante: a redação de sua obra inconclusa *Apologie pour l'Histoire ou Métier d'Historien*, cujo argumento subjacente principal é justamente a pergunta sobre a *utilidade* essencial da própria reflexão histórica, a legitimidade mesma do exercício do ofício de historiador.

* * *

É necessário ousar: essa é uma das lições que aprendemos com você.

Marc Bloch, carta a Henri Pirenne, 21 de julho de 1935.

Desde a primavera de 1941 e até os primeiros meses de 1943, em meio às vicissitudes de mudanças de domicílio, de Universidade e de estratégias a respeito de seu destino e de sua família, Marc Bloch trabalha em seu projeto, que não conseguirá finalizar, de escrever uma *Apologia pela História*, ou estudo sobre o ofício do historiador.

Neste projeto, Bloch retoma uma linha de preocupação constante em torno dos problemas do método histórico, linha que começa com a redação de um *Caderno de Notas* composto em 1906, quando tinha apenas 19 anos e era aluno da Escola Normal

⁸. Para uma explicação mais ampla deste ponto, veja-se Carlos Antonio Aguirre Rojas. “Dalle *Annali* rivoluzionarie alle *Annali* marxisti”.

Superior, e que ele mesmo intitulou de *Metodologia Histórica*,⁹ e que se prolonga até a *Apologie pour l'Histoire*, passando entre outros, por “Crítica Histórica e Crítica do Testemunho” (lição proferida em 13 de julho de 1914), pela “Introdução” ao livro dos *Caracteres Originais da História Rural Francesa*, por seu falido projeto de editar na Gallimard uma seleção de seus “Escritos de Método”, e pelo nada desdenhável conjunto de resenhas críticas publicadas nos *Annales* e na *Revue Historique*, onde encontramos igualmente constantes observações ou polêmicas de caráter metodológico.

Por isso não causa estranheza a dimensão do objetivo que o próprio Bloch se havia imposto para este trabalho: tratava-se de realizar uma síntese das principais lições ou conclusões que, no plano do método, podiam ser extraídas do conjunto global de sua obra de historiador, e inclusive também de toda a atividade desenvolvida no interior da historiografia francesa, tanto através de suas *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, como de seu incansável trabalho docente, suas conferências proferidas dentro e fora da França, e seus contínuos debates e combates em prol de uma história radicalmente nova e diferente.

E ainda mais, já que em nossa opinião e para além das prudentes reservas do próprio Bloch diante de seus mestres Langlois e Seignobos, o que o *Métier d'Historien* pretendia era condensar o progresso que os estudos históricos haviam realizado durante a geração de Marc Bloch, elaborando assim o correspondente “Manual de Metodologia Histórica” que teria sintetizado – e que de fato sintetiza, ainda que parcialmente – ao mesmo tempo essa “revolução da teoria da história” que está contida nas abordagens metodológicas principais dos “primeiros”

⁹. O texto dos comentários contidos neste Caderno de Notas, assim como o artigo de Bloch. “Reflexions pour le lecteur curieux de méthode” foram traduzidos ao espanhol e publicados na revista *Eslabones*, N. 7, 1994.

Annales,¹⁰ a visão da história dessa geração “de ruptura” à qual Bloch pertencia, e o resultado decantado em termos metodológicos de toda sua experiência e atividade como cientista social e como historiador.

Ainda que a *Apologie pour l'Histoire ou Métier d'Historien* não chegou a ser concluída por Marc Bloch,¹¹ teve o mérito de avançar o suficiente para que hoje contemos com a resposta blochiana a várias perguntas, que as concepções históricas contemporâneas são obrigadas a levantar-se: qual é o objeto da ciência histórica? Como definir um fato histórico? Como apreendê-lo adequadamente? Quais são os “princípios do método” da história? Como o historiador deve encarar a questão do “tempo”, essa matéria universal e objeto de tantas dissertações e reflexões? Qual é o papel do historiador diante de seu objeto? Tudo isso, para responder em parte à pergunta inicial, aparentemente inocente, mas carregada de sentido nas circunstâncias em que é retomada: para que serve a história? Qual é sua legitimidade, seu sentido, sua função e estatuto para os homens, que lhe consagram suas vidas, que a estudam, que a observam e que sobretudo a interrogam em busca de chaves para decifrar seu próprio porvir? A todas estas perguntas Marc Bloch responde em seu *Apologia pela História*. Não pôde responder a

¹⁰. Sobre a importância mais geral destes paradigmas dos primeiros *Annales*, consulte-se Carlos Antonio Aguirre Rojas. “Annalii i Marksism. Diesit tesisov a metodologicheskij paradigmaj” e “Convergências e divergências entre os *Annales* de 1929 a 1968 e o Marxismo, neste volume.

¹¹. A partir disto, é possível medir a importância de conhecer os sucessivos rascunhos de elaboração da obra que foi publicada em 1949 por Lucien Febvre, até pouco tempo a única conhecida. Mas em novembro de 1993 publicou-se em Paris uma nova edição da *Apologie pour l'Histoire* que contém precisamente o texto da primeira redação da obra, e o texto da redação definitiva de Bloch (ou seja, sem as adições de Febvre), o plano *in extenso* do primeiro projeto elaborado pelo autor de todos os conteúdos previstos, etc. Esta edição foi recentemente publicada em espanhol pelo Instituto Nacional de Antropologia e História de México.

outras tantas, tão importantes como estas, e relativas à explicação histórica, às causas e elementos determinantes dos processos históricos e ao grande problema da previsão em história.

Quando nosso autor se encontra confrontado com estes problemas da ciência da história, a história real se precipita sobre ele, os alemães invadem a França. Bloch decide então abandonar totalmente sua atividade de investigação e comprometer-se integralmente no movimento da resistência francesa anti-nazista. Assim viverá durante a maior parte de 1943 e até março de 1944, consagrado a este trabalho militante dentro dos Movimentos Unidos da Resistência, onde chegará a ocupar postos diretivos de certa responsabilidade. Em 8 de março de 1944 é detido e depois torturado pela Gestapo, para terminar sendo fuzilado a 16 de junho desse mesmo ano.

Marc Bloch gostava de definir a história como uma ciência da mudança. Cinquenta anos depois de sua morte, e diante da época de profundas mudanças em que agora vivemos, acreditamos que o exemplo e a figura de Marc Bloch, assim como sua obra metodológica e historiográfica, continuam sendo uma profunda lição que vale a pena recuperar.

DOWNLOAD FREE

FERNAND BRAUDEL: PERFIL INTELECTUAL*

Nada me apressa, mas nada tão pouco me detem.

Augusto Roa Bastos. *Hijo de Hombre*.

Em 24 de agosto de 1902, na pequena aldeia de Luméville-en-Ornois na Lorena, nasceu Fernand Braudel, um dos maiores historiadores do século XX. Percorrendo praticamente todo o século cronológico, Fernand Braudel viveu, como ele mesmo dizia, “no seu próprio ritmo”, ao mesmo tempo filho e testemunho de sua época e protagonista e construtor fundamental da mesma.

Um ritmo que, visto em perspectiva, se apresenta como tranqüilo, serenamente compassado, mas ao mesmo tempo construído de movimentos de longo alento. Não casualmente, será Braudel o advogado confesso dos tempos longos e das realidades de longa duração. Ao longo de seu extenso itinerário intelectual, a elaboração e o aprimoramento de suas obras maiores, se apresentam claramente como um processo que se cumpre sem pressa, como uma série de trajetos que decantam pouco a pouco suas idéias e hipóteses principais, até alcançar de

* Este artigo foi publicado originalmente no suplemento *La Jornada Semanal*, n. 167, México, agosto de 1992.

maneira quase espontânea o momento de sua adequada iluminação.

Por isso, falar da trajetória intelectual de Fernand Braudel é passar em revista, antes de mais nada, a gênese e sucessiva conformação dos três grandes projetos aos quais consagrou a maior parte de sua atividade, concretizando em sua realização o núcleo principal de sua contribuição dentro do campo das ciências históricas.

Três trabalhos de fôlego, cujos títulos são *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*, *Civilização material, economia e capitalismo* e *A identidade da França*, ao mesmo tempo frutos representativos das sucessivas conjunturas intelectuais experimentadas pela França e Europa ao longo do século XX e textos cuja aparição representa mudanças e avanços significativos dentro dos diversos debates nos quais estas mesmas obras se inscrevem.

Três enormes empresas históricas e historiográficas, que além de condensar as linhas essenciais da concepção particular braudeliana da história, podem servir-nos como eixos articuladores para procurar estabelecer uma tentativa de periodização inicial da biografia intelectual desse autor.¹

1902–1927: O CONTEXTO ORIGINÁRIO E OS PRIMEIROS ELEMENTOS FORMATIVOS

Como o próprio Braudel assinalou, não é mera casualidade o fato de que ele é, antes de mais nada, um “homem da França do Leste”,² um filho dessa França que funcionou durante algum

¹. Sobre o itinerário intelectual braudeliano, cf. Braudel. “Personal Testimony”, p. 448–467 e “A manera de conclusión”,. Também Paule Braudel. Braudel antes de Braudel” e Gemelli. *Fernand Braudel e l'Europa Universale*.

². Cf. “Personal Testimony”, p. 467. Se Braudel se forma na infância como “homem da França Oriental”, foi por outro lado um paradoxal azar que

tempo como fonte da inovação, formando também em suas origens personagens como Henri Berr, Lucien Febvre e Marc Bloch. O fato de ter nascido nesse “território-limite” no qual se tocam não apenas a França e a Alemanha, mas também a Europa mediterrânea e a Europa setentrional, constitui o primeiro dado importante da história intelectual de Fernand Braudel. E isso tanto pelo futuro diálogo que haverá de estabelecer com a geografia e historiografia alemãs de seu tempo, como pela peculiar visão que mais adiante Braudel viria a desenvolver acerca da dialética interna da civilização européia. Braudel nasceu e passou sua infância nesta encruzilhada excepcional de Europa que é a França norte oriental, que com o correr do tempo lhe dará a sensibilidade necessária para abrir-lhe as portas dos universos intelectuais das duas “Europas culturais”, que dialogam na longa duração, no interior desse “pequeno cabo asiático” que é a entidade européia.³

Ao encontrar assim, em sua localização geográfica originária, alguns pontos de partida para sua ulterior emancipação dos limitados pontos de vista “nacionais” da maior parte dos historiadores europeus do primeiro quartel do século,⁴ Braudel vive também seus primeiros vinte anos numa atmosfera marcada pela grande crise radical da consciência européia moderna.⁵ A raiz da I Guerra Mundial torna evidente que a equação de identidade longamente postulada entre civilização européia e progresso humano não é de modo algum uma equação *necessária*.

determinou que tivesse nascido nessa *aldeia* da Lorena francesa e não em Paris, onde sua família já vivia.

³. Como Braudel chamará a Europa. Cf. *L'Europe*.

⁴. Ponto de vista contra o qual combaterá energicamente e durante muito tempo Henri Pirenne. Cf. “What are historians trying to do?” e “De la méthode comparative en histoire”.

⁵. Um observador agudo desta crise e de suas implicações é Paul Valéry, citado em distintas ocasiões pelo próprio Braudel. Sobre o ponto mencionado, cf., Valéry. *Regards sur le monde actuel et autres essais*.

Braudel, assim como outras inteligências agudas dessa época, tirará anos mais tarde as enormes conseqüências intelectuais dessa crise profunda da razão européia, criticada e questionada ao longo de todo o território europeu, nessa conjuntura intelectual privilegiada que são os anos entre as duas guerras mundiais.

Deste modo, o exercício de descentramento operado pela eleição do Mediterrâneo como objeto de estudo – onde a Europa não é mais o “centro” da história universal –, a pluralização do termo civilização e o estudo comparativo da dinâmica e do diálogo das distintas civilizações do planeta, instaurado pela irrupção da modernidade capitalista, assim como a visão crítica e desmitificadora da história profunda da França, são alguns dos distintos desenvolvimentos teóricos que apenas se explicam sobre o pano de fundo particular dos efeitos sucessivos desta crise do pensamento europeu, o qual o adolescente e jovem Braudel assiste durante seu período formativo inicial.

Essa etapa originária de sua educação também será marcada, como já foi assinalado, pelo contato *direto* em sua infância com as realidades camponesas, realidades de *muito lenta* modificação que serão seu entorno cotidiano originário. Ali Braudel conviverá com essas realidades de longa duração típicas do mundo agrário que haveria de tematizar posteriormente em várias de suas obras.

Se no ponto de partida da biografia braudeliana, os elementos que pesam são a situação geográfica numa zona de encontro especial, o início de uma conjuntura intelectual de signo crítico diante da crise da cultura européia e a aprendizagem derivada do nexu cotidiano com a lenta e tranqüila vida camponesa, no jovem Braudel –que se define a si mesmo, naquela altura, como um “estudante de esquerda”–,⁶ as influências que contarão serão certos contatos *específicos*

⁶. Cf. Braudel. “Personal Testimony”, p. 450.

estabelecidos na Sorbonne, e sua primeira experiência docente na Argélia.

De seus estudos de história na universidade francesa tradicional (1920–1923), Braudel resgatará como sementes, que apenas germinarão lentamente em seus futuros projetos intelectuais, principalmente três coisas: em primeiro lugar, e através de Albert Demangeon – futuro co-autor de um livro sobre o *Rhin*, com Lucien Febvre –, o rico diálogo entre a geografia e a história, o vivo intercâmbio com a escola geográfica de Vidal da Blache que é patente desde *O Mediterrâneo...* e até em *L'Identité de la France*. Em segundo lugar, os ensinamentos de Henri Hauser, influência intelectual primordial no itinerário braudeliano, e que não casualmente é também durante sua vida – como mais tarde o será Braudel –, “especialista” do século XVI, historiador da economia e da sociedade, analista da modernidade capitalista, leitor atento da obra de Marx e protagonista importante do projeto da corrente dos *Annales*, todos estes signos de identidade que, com suas variantes respectivas, haverão de se repetir mais tarde como elementos do perfil intelectual de Fernand Braudel. Em terceiro lugar, a aprendizagem do exercício erudito e tradicional do ofício de historiador, e o desejo – que apenas chegará mais adiante – de superar este exercício, o que implicará o fato de que Braudel conservou e cultivou, mas ao mesmo tempo superou, este ofício da história erudita tradicional, tão claramente registrável – em sua presença como em sua refuncionalização – dentro do conjunto de seus trabalhos historiográficos vindouros.

Finalmente, este primeiro quarto de século da vida de Braudel foi influenciado pelo início de sua primeira experiência docente na Argélia, país onde Braudel não apenas descobrirá sua paixão e sua habilidade pelo ensino da história – atividade que desenvolverá permanentemente até o final –, senão também o lugar, o “enfoque” a partir do qual, no futuro, vai descobrir igualmente uma *maneira nova de olhar* para o Mediterrâneo: não a partir da Europa e em função dela (o que no final das contas, fez

Henri Pirenne em suas belas e importantes obras), mas a partir do Magreb e muito mais “em si mesmo”, mais como um universo autônomo que foi, ao fim e ao cabo, segundo a visão braudeliana, o verdadeiro “centro do mundo” vigente nessa história de longa duração que vai desde a remota Antiguidade até o século XVII, centro dos principais fluxos históricos da enorme massa do velho mundo, que como ponto de confluência de diversas e complexas civilizações que o disputaram e repartiram constantemente, apenas se construiu e reconstruiu lentamente dentro dessa tele-história de longo alento, tão cara a nosso autor.⁷

1927–1949: DA HISTÓRIA TRADICIONAL À HISTÓRIA DO MEDITERRÂNEO

Esta forma nova de olhar para o Mediterrâneo não foi adquirida por Fernand Braudel da noite para o dia, mas foi-se formando lentamente, durante esta segunda etapa de seu trajeto intelectual, batizada acertadamente como a de “Braudel antes de Braudel”.⁸ Em 1927 – após cumprir o serviço militar na Renânia – Braudel começa seu trabalho sistemático nos arquivos espanhóis, aos quais sucederam depois, de 1932 em diante, os arquivos italianos. Justamente na primeira fase desta segunda etapa, entre os anos 1927–1935, dá-se o trânsito de Braudel da história tradicional para a história econômica e social. Como ele mesmo assinalou, e apesar de trazer já consigo os elementos formativos e as experiências antes assinaladas, Fernand Braudel é, no momento em que publica seu primeiro artigo em 1928, um

⁷. Esta idéia se encontra nitidamente expressa no livro coletivo *Mediterrâneo*, nos capítulos redigidos por Braudel. Cf. Braudel. *El Mediterráneo. El espacio y la Historia*.

⁸. Como diz Paule Braudel em “Braudel antes de Braudel”, texto referido na nota 1.

historiador predominantemente *tradicional*,⁹ e que haverá de se dirigir para a história econômico-social, a partir de dois encontros decisivos e de um acontecimento importante.

Esses encontros são, em primeiro lugar, o Congresso de Ciências Históricas realizado em Argel em 1930. Ali Braudel é apresentado a Henri Hauser – então já membro do Comité de Redação da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* – com o qual estabelece um contato essencial que haverá de mostrar-lhe as novas rotas pelas quais transita então a mais inovadora historiografia francesa da época, e que vão justamente nesse sentido de limpar o terreno e incorporar, renovando-a internamente, o novo ramo dos estudos de história econômica dentro do campo maior das ciências históricas. Contato cuja linha de influência se reforça com o segundo encontro aludido, com o descobrimento das teses do historiador belga Henri Pirenne, que em 1931 expõe também em Argel sua grande hipótese amplamente conhecida na qual o mar Mediterrâneo já é considerado como um “personagem histórico” fundamental, como o será, ainda que com notáveis diferenças de enfoque, também na primeira grande obra realizada por Braudel. Finalmente, o trânsito braudeliano para a história econômica se coroa com o descobrimento, em 1934, dos arquivos de Ragusa (Dubrovnik) na Jugoslavia, nos quais Braudel encontra pela primeira vez, e numa escala inesperada, todo o “Mediterrâneo econômico” do século XVI, todo o conjunto de documentos e informações que lhe franqueam a entrada a esse universo da historiografia e da história econômica que não abandonará jamais.

⁹. Sem dúvida, e ao reler este artigo sob a ótica do Braudel posterior, chama a atenção a aparição já clara de certos vislumbres que apontam justamente para a história econômica, ou que preconizam a superação das visões regionais ou nacionais limitadas dos problemas, ou a crítica à simples “narrativa tradicional” dos fatos, etc. Cf. “Les Espagnols et l’Afrique du Nord...”

Fernand Braudel acessa então, entre 1927 e 1935, a dimensão das investigações e dos debates da história econômica, o que implica que se converterá num assíduo leitor dos *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, deixando-se influenciar cada vez mais por eles (sobretudo a partir de 1932), e vinculando-se pessoalmente aos mesmos de 1937 em diante, depois de seu decisivo encontro com Lucien Febvre no navio “Campana”.

Ao mesmo tempo, já numa segunda etapa, que se desenrola entre 1935 e 1949, Braudel inicia seu trajeto para o descobrimento de seu original esquema das diferentes temporalidades históricas. Em face do imenso material acumulado durante mais de dez anos, e na tentativa consciente de apresentar uma *imagem global* e ao mesmo tempo *compreensiva* do mundo mediterrâneo do século XVI, nosso autor haverá de chegar – durante os anos de cativeiro da II Guerra Mundial e mediante o exercício titânico de redigir de memória em quatro ocasiões distintas os sucessivos rascunhos de sua obra – ao descobrimento dos diferentes tempos sociais dos fenômenos históricos, e em particular à sua proposição original sobre a longa duração. E é assim, construindo seu Mediterrâneo, que Braudel elabora alguns dos fundamentos essenciais de sua particular concepção da história. O resultado é essa obra que figura entre as mais importantes de todo o século XX, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*. Nela, Fernand Braudel nos oferece, simplesmente, a análise das distintas civilizações do mundo mediterrânico e de seus prolongamentos para o universo atlântico-americano, no longo século XVI –1450-1650–, numa tripla análise que, revisitando seu objeto de estudo a partir das ópticas da longa, da média e da curta duração, reconstrói a radiografia da base geo-histórica do universo mediterrânico, retrata o movimento de suas civilizações, de suas sociedades, de suas economias e de seus Estados, enquanto que ressuscita os acontecimentos e a política cotidiana à época do governo de Felipe II. Com a publicação desta obra

encerra-se o período de “Braudel antes de Braudel” e começa o itinerário mais conhecido e melhor difundido de nosso autor.

1949–1961: INCURSÕES NO CAMPO DA METODOLOGIA DA HISTÓRIA

Braudel insistiu muitas vezes em sua maneira peculiar de trabalhar: não partindo de uma teoria pré-concebida e anterior aos fatos, mas elaborando esta teoria como quadro explicativo do conjunto de elementos e fenômenos históricos registrados e descobertos através do trabalho empírico. Por isso, uma vez concretizada sua primeira grande obra, Braudel se dedica a explicar, refinar e aprofundar as *lições metodológicas* derivadas desse mesmo trabalho inicial e monumental que é *O Mediterrâneo...* Não é casual que, neste período imediatamente posterior à aparição de seu primeiro grande resultado de investigação, Braudel elabore e trabalhe detidamente o conjunto de suas propostas metodológicas e de sua contribuição mais explícita à teoria da história e inclusive à metodologia das ciências sociais em geral.¹⁰

Advogando por construir os conceitos e as linhas de convergência entre as distintas ciências humanas, e tratando de estabelecer as condições do diálogo e do intercâmbio com economia, a sociologia, a geografia, a antropologia, etc., Braudel coroa estas incursões metodológicas dos anos cinquenta com a redação de seu artigo “História e ciências sociais. A longa duração”, que constitui uma pequena obra mestra da metodologia e da epistemologia da história do século XX.

¹⁰. A maior parte destes ensaios “metodológicos” se encontra compilada no livro *Écrits sur l'histoire*. Faltam nessa compilação alguns textos fundamentais como é o caso do artigo “Chez les sociologues. Georges Gurvitch ou la discontinuité du social”, ou outros como “La géographie face aux sciences humaines”. Por outro lado, estes dois trabalhos encontram-se incluídos na coletânea polonesa *Historia i trwanie*.

Ao abordar assim a problemática da “dialética das durações” dos distintos fenômenos históricos, Braudel propõe uma perspectiva de análise ou “olhar” singular dos fatos sociais, o olhar da “longa duração” histórica, que foi muito pouco compreendida e ainda menos utilizada pelo conjunto dos historiadores e cientistas sociais contemporâneos.¹¹ Ela se constitui na chave de todo o conjunto dos esforços teóricos e historiográficos braudelianos, chave que abre todas as portas do complicado edifício da concepção braudeliiana da história. Em tal teoria das temporalidades diferenciais, e depois de estabelecer claramente a distinção entre o *tempo físico* – que é a *medida geral das durações* e a pluralidade dos *tempos sociais correspondentes* aos diversos fenômenos históricos estudados –, Braudel torna evidentes aqueles fenômenos que funcionam como verdadeiros suportes e limites, como coordenadas essenciais e determinantes dos processos humanos, ou seja, aqueles que operam efetivamente como reais arquiteturas ou estruturas de longa duração.

Ao mesmo tempo em que incursiona de maneira tão significativa neste terreno do debate metodológico, Braudel começa a trabalhar no aprofundamento e reelaboração de *O Mediterrâneo...* – que em 1966 conhecerá uma segunda edição, realmente corrigida e revisada a fundo –, enquanto que inicia suas investigações relativas a seu segundo grande projeto que é *Civilização material, economia e capitalismo*. Trabalhando simultaneamente nestas três frentes teóricas, Braudel é ainda capaz de assumir um importante trabalho de organização acadêmica, dirigindo o *Centre de Recherches Historiques* da VI Seção da *École Pratique des Hautes Études* – e depois esta mesma seção em conjunto –, tornando-se encarregado da direção efetiva da revista *Annales* a partir de outubro de 1956, e lançando coleções

¹¹. Como lembra o próprio Braudel no Colóquio de Chateaufallon. Cf. *La última lección de Fernand Braudel*. Inútil tentar aqui precisar os conteúdos e implicações desta perspectiva da *longue durée*. Sobre isto, cf. os distintos ensaios incluídos no livro *Primeras Jornadas Braudelianas*.

que publicam os resultados das investigações desenvolvidas nas linhas similares ou convergentes com as dos dois grandes projetos acima mencionados.

1961–1974: AS AVENTURAS DA LONGA DURAÇÃO HISTÓRICA

Se numa certa perspectiva global, podemos considerar ao livro *O Mediterrâneo...* como fruto da peculiar conjuntura intelectual que vivem França e Europa entre as duas guerras mundiais –conjuntura que povoa todo o continente europeu de correntes intelectuais de signo crítico, da Escola de Frankfurt até o grupo gramsciano do *Ordine Nuovo*, da psicanálise freudiana até os *Annales d'Histoire Économique et Sociale*– podemos considerar também o grande livro *Civilização material, economia e capitalismo* como uma das seqüelas principais da conjuntura européia e francesa do segundo pós-guerra.

Iniciado nos anos cinquenta e concluído apenas em 1979, esta segunda grande obra de Fernand Braudel haverá de preencher um espaço muito importante da atividade intelectual deste período. Respondendo à forte difusão do marxismo que as ciências sociais destes anos sessenta conhecem numa parte importante do espaço europeu mediterrâneo, e no diálogo combativo e criativo com a sociologia de Gurvitch, com a economia de François Perroux e com a antropologia estruturalista de Claude Levi-Strauss, haveriam de se forjar as hipóteses e conceitos centrais, os novos marcos teóricos que Braudel propõe em *Civilização material...* Assim, superando-se a si próprio, e numa clara continuidade analítica que prolonga e expande a temática e as questões de sua primeira obra, Fernand Braudel apresenta agora uma nova teoria sobre o capitalismo e sobre a modernidade capitalista, uma complexa e interessante explicação da gênese e desenvolvimento do mundo moderno.

Ao explicar o complexo percurso que leva da pequena economia-mundo européia até a moderna economia mundial, e introduzindo um exercício de história comparada em níveis planetários a partir da longa duração histórica, Braudel desenvolve um novo conceito do “econômico” –ademais, muito similar ao do próprio Marx– e em seu interior, uma tematização rigorosa do rico universo da civilização material, das distintas figuras da economia de mercado –modelo da semi-confessa “utopia” braudeliana– e do que nosso autor compreende por capitalismo.

Deste modo, estes anos que correspondem à maior maturidade intelectual de Fernand Braudel, bem como essa segunda conjuntura intelectual acima mencionada, são também os anos nos quais Braudel desenvolve a mais variada e rica quantidade de “aplicações” diversas de sua perspectiva da longa duração histórica. Assim, é neste período que Braudel lança sua investigação nos *Annales* acerca do tema da vida material, recuperando seus resultados essenciais em seu livro *Civilização Material e Capitalismo*, publicado em 1967 – e depois reeditado como tomo primeiro de *Civilização Material, Economia e Capitalismo* em 1979. Em 1961, se publica seu importante ensaio “European Expansion and Capitalism. 1450–1650”, no qual se evidencia a conexão orgânica entre os projetos do *Mediterrâneo...* e *Civilização Material...*

Em 1963 sai à luz esse afresco magnífico de história universal, muito na perspectiva braudeliana, que é o manual escolar *Le monde Actuel*, no qual Braudel mostra a dinâmica concreta das distintas civilizações, retratadas uma vez mais nos tempos longos de suas durações profundas. Assim como no capítulo de 1961, esta obra toma parte do movimento de dilatação que Braudel realiza entre seu primeiro e seu segundo grandes projetos: o trânsito que vai do longo século XVI ao período dos séculos XIII–XX, e do mundo mediterrânico-europeu e atlântico-americano até as dimensões totais do planeta.

Neste mesmo sentido, de “aplicar” e fazer jogar as perspectivas da longa duração sobre distintos temas e horizontes, podem também ser lidos tanto seu ensaio em colaboração com Frank Spooner sobre “Os preços na Europa entre 1450 e 1750” (1967) – onde Braudel mostra seu agudo sentido crítico e sua grande capacidade interpretativa dentro do campo da história quantitativa e serial – como seu capítulo para a *Storia d'Italia* (1974), onde nosso autor desenvolve – tema pouco habitual no conjunto de sua obra – certas análises da história cultural do mundo italiano daqueles tempos, e a relação entre a cultura, a sociedade e a economia da península itálica dentro do lapso já mencionado que conforma, entre 1450 e 1650, isso que Braudel chamou o longo século XVI.

Multiplicando deste modo os temas, períodos, campos e níveis nos quais pode desdobrar-se a visão global e comparativa da “*longue durée*”, Fernand Braudel continua sempre desenvolvendo e aperfeiçoando esta potente ferramenta metodológica que haverá de utilizar ainda uma terceira vez, no desenvolvimento de seu último projeto de longo alento, projeto que lamentavelmente ficará inacabado.

1974–1985: ENTRE A GLORIFICAÇÃO E A DIFUSÃO MASSIVA DA HISTÓRIA CONSTRUÍDA EM PERSPECTIVA BRAUDELIANA

É interessante constatar que já em 1972 Braudel anuncia como em “preparação” o projeto de uma “História da França”.¹² Retomando assim, mais organicamente, uma preocupação que se havia expressado em seus cursos do College de France proferidos em 1953–54, 54–55, 65–66, 70–71 e 71–72, e em seu trabalho de co-direção (com Ernest Labrousse) da obra colectiva sobre a *Histoire Économique et Sociale de la France* publicada nos anos setenta, Braudel começa a trabalhar em seu último projeto de

¹². No *Annuaire du College de France*, 72ème année (1972), p. 593.

grande alcance, que haverá de se concretizar nos três volumes que hoje conhecemos de *L'Identité de la France*. Nesta história da França, da qual apenas conhecemos o princípio, Braudel projetava introduzir-nos novamente nas complexas dimensões da história profunda, buscando reconstruir na longa duração os elementos da identidade da França, assim geográficos como demográficos, mas também políticos, sociais e culturais e econômicos. Nosso autor queria então renovar, uma vez mais, a partir de suas perspectivas específicas, os modos de ver a periodização e os temas típicos ou tradicionais da historiografia sobre a França, mostrando com isso como também era possível ver de maneira comparativa, global e sob a longa duração, um objeto de estudo cuja dimensão espacial era muito menor do que aquelas anteriores com as quais já tinha trabalhado. Braudel queria também responder a uma questão que lhe obcecava havia muito tempo: por que a França chegou sempre “atrasada” àqueles processos, momentos ou encontros que lhe teriam permitido conquistar a hegemonia “política” ou “econômica” da economia-mundo européia ou da civilização européia? Por que esse “centro” econômico ou político não se colocou nunca de modo mais estável dentro do território do hexágono?¹³

Ao mesmo tempo em que Braudel trabalha nesta história da França, vive o processo de uma glorificação que segundo suas palavras “chegou felizmente” de maneira bastante tardia. Já em 1972, ao se publicar em inglês a tradução do *Méditerranée*... – que se transforma em poucos meses numa espécie de best-seller no mundo anglo-saxão – e em 1973 com a tradução em edição “de bolso” de seu *Civilização material e capitalismo* (o livro francês de 1967 acima mencionado), se põe em movimento um mecanismo que não se deterá e que nada faz senão aumentar cada vez mais a popularidade e a glória de Braudel em todo o mundo. Em 1976, se funda, na *State University of New York*, em Binghamton, o

¹³. Sobre as linhas gerais desta projetada *História da França*, Cf. a “Entrevista a Fernand Braudel em seus 80 anos de vida”.

Fernand Braudel Center, ao mesmo tempo que começam a multiplicar-se as traduções e reedições de seus livros e artigos assim na URSS como na Turquia, no Brasil ou no Japão, na Colômbia ou na Dinamarca.

Este processo, que faz com que Braudel tenha concedido em seus últimos dez anos, mais entrevistas que em todo o resto de sua vida anterior, culmina com a entrada na Academia Francesa em maio de 1984 – ingresso que Braudel havia recusado antes em várias ocasiões – e com as três jornadas de homenagem a sua obra, organizadas em outubro de 1985, no Colóquio de Chateaufallon.

É também neste período final, que Braudel participa um pouco mais de uma atividade que possibilitará uma mais ampla e popular difusão de seus pontos de vista. Em 1977, se publica o livro coletivo dirigido por nosso autor, *O Mediterrâneo*, e em 1982 a obra, também de vários autores coordenados por Braudel, intitulada *L'Europe*, livros que derivam de séries televisadas sobre estes mesmos temas. Algo parecido será o “guia” escrito por Fernand Braudel sobre Veneza, que em 1984 é publicado simultaneamente em francês e em italiano.

Fernand Braudel morreu a 28 de novembro de 1985. Não pôde concluir sua História da França, mas em compensação viveu gozosamente durante 83 anos, refletindo, investigando, exercendo sua atividade docente e desenvolvendo um enorme e transcendental trabalho acadêmico-organizativo, tudo sem pressa alguma, sem que nada o apurasse, mas ao mesmo tempo com clara determinação e absoluta firmeza, sem que nada tão pouco fosse capaz de detê-lo. Viveu, como ele mesmo dizia, “no seu próprio ritmo”. E como resultado legou, a todos aqueles dispostos ainda “a pensar por conta própria”, um dos tesouros intelectuais mais valiosos de todo século XX.

DOWNLOAD FREE

MICHEL FOUCAULT NO ESPELHO DE CLIO*

... Michel Foucault é um homem de primeiríssimo plano, um homem excepcional(...) sua característica é a de ser o pensador de uma época, queira-o ou não”.

Fernand Braudel, “Entrevista”, *Mondoperaio*, n. 5, maio/1980.

A COMPLEXIDADE DA OBRA DE MICHEL FOUCAULT

Como toda uma plêiade de grandes pensadores críticos do social, Michel Foucault caracteriza-se como um intelectual dificilmente classificável. Ao lado de autores da categoria de Wilhelm Reich, Walter Benjamin ou Fernand Braudel, Foucault é um desses intelectuais cuja leitura é ao mesmo tempo impossível de “envasar” dentro de uma única das diferentes ciências sociais hoje vigentes, dentro dessa limitada “episteme” quadriculada que constitui o universo das disciplinas do social, e cuja obra resulta também difícil de vincular a alguma das grandes tendências ou correntes de pensamento, estabelecidas pela categorização consagrada e simplificada da história das idéias do século XX.

*. Este artigo foi originalmente publicado no suplemento *La Jornada Semanal*, México, n. 292, jan./1995.

Diante da dificuldade de captar esse pensamento que procura desvelar as profundidades últimas, subjacentes às estruturas de construção dos discursos, os mecanismos de constituição dos poderes ou os dispositivos de estruturação de certos comportamentos e de certas práticas do campo da sexualidade ou da formação do “eu”, multiplicaram-se as caracterizações e os qualificativos, que nos falam de um Michel Foucault que seria, segundo diferentes olhares, um dos representantes principais do “estruturalismo” francês, ou um pensador de direita e antimarxista, ou ainda o filósofo da geração francesa do 68, ou por outro lado, para interpretações opostas, um pensador que não teria sido estruturalista e que estaria para além do estruturalismo e da hermenêutica, ou o autor de uma obra crítica que incidiria radicalmente no campo dos conhecimentos admitidos, ou ainda um verdadeiro “*maître á penser*” para os intelectuais contemporâneos.¹

Pensador com um longo e complexo itinerário, em que foi refinando, aprofundando e até modificando em certa medida importante conceitos, temas e problemáticas centrais, conforme foi incorporando em seu próprio pensamento os resultados dos debates e as críticas que sua própria obra suscitou, Michel Foucault se apresenta também como um autor particularmente sensível às distintas experiências, conjunturas e atmosferas culturais nas quais se viu envolvido, e ao ritmo das quais evoluiu e amadureceu o conjunto de seus diversos resultados e abordagens intelectuais mais importantes.²

¹. Para estas distintas interpretações da figura de Michel Foucault, cf. Dosse. *Histoire du structuralisme*; Foucault. “Foucault responde a Sartre”; in: *Saber y verdad*; Dosse. “Foucault face à l’histoire”. Dreyfus e Rabinow. *Michel Foucault...*; Del Pozo e Vázquez. *Perspectivas de Foucault*. ou Braudel. “Entrevista” (a Marco d’Eramo).

². Para uma reconstrução global e descritiva deste itinerário intelectual, ver a biografia de Eribon. *Michel Foucault*. Para um exemplo da maturação dos conceitos e das hipóteses gerais de Foucault, em torno de seu conceito de

Ademais, para complicar um pouco mais seu perfil intelectual e a apreensão de sua obra, Foucault incursionou em vários campos, trabalhando tanto no tema das condições de formação dos discursos, quanto no das redes e dispositivos das relações de poder, assim como no estudo dos procedimentos regulados de expressão da sexualidade abordando, a partir destes horizontes, questões como a loucura, a formação do eu, a prisão, a clínica ou o saber.

A obra de nosso autor se mostra, assim, como um complexo e variado universo de hipóteses, teoremas, análises e explorações, suscetível de múltiplas entradas e aproximações, como um pensamento *crítico*, vivo e em movimento do qual se podem extrair frutíferas ilações para a interpretação de um grande número de problemas.

Dentro deste vasto e rico universo, gostaríamos de abordar somente dois pontos, relativos a duas distintas conexões da obra foucaultiana com o território da história. A primeira questão, a de uma possível comparação geral de certos trabalhos de Michel Foucault com os resultados da historiografia francesa que lhe foi contemporânea, e diante da qual se viu obrigado a definir-se num momento determinado de seu périplo intelectual. A segunda, a respeito do papel específico que tanto nosso personagem como sua obra jogaram dentro da história real da cultura e da vida social francesas nessa conjuntura, excepcional em todos os sentidos, que se inaugurou no emblemático ano de 1968.

A partir destes dois pontos, acreditamos, será possível esboçar algumas hipóteses a respeito das filiações que podem estabelecer-se entre a abordagem de Foucault e o pensamento crítico, enquanto se resgata a possível contribuição do primeiro para o segundo. A partir deste segundo ponto considerado, também procuraremos avançar alguma possível explicação tanto

“episteme” e sua reelaboração do conceito de “dispositivo”, veja-se a entrevista/diálogo “El juego de Michel Foucault”, In: *Saber y verdad*.

das potencialidades como dos limites do pensamento de nosso autor, a partir da colocação de seus fundamentos históricos reais, que o converteram no pensador mais representativo e característico de uma certa época e de uma singular geração.

MICHEL FOUCAULT E A HISTORIOGRAFIA FRANCESA

Trata-se de fazer da história uma contra-memória, e de nela desenvolver por conseguinte uma forma totalmente distinta do tempo.

Michel Foucault. *Nietzsche, a genealogia, a história*.

Ao observarmos o itinerário global de Michel Foucault, nos damos conta de que, ainda que por um lado todo seu trabalho se aproxima e em ocasiões se vincula diretamente com a história, por outro sua conexão e seu diálogo mais explícito com a historiografia francesa, assim como sua tentativa de definição epistemológica a respeito dela, vai se concentrar de maneira mais intensa e determinante no período que vai de 1964 até 1971, ou seja, nesses singulares anos que antecedem, coexistem e prolongam a duas datas importantes da história cultural francesa: primeiro, a data de 1966, que segundo alguns autores marca o clímax dos distintos projetos acolhidos dentro da nebulosa do estruturalismo francês,³ e depois a crucial data de 1968, essa grande ruptura cultural e civilizatória, que tendo alcançado uma difusão de dimensões planetárias, teve em Paris um de seus epicentros fundamentais.⁴

Deste modo, se os primeiros trabalhos de Michel Foucault encontram-se muito mais próximos dessa importante tradição

³. Cf. Dosse. *Histoire du structuralisme*, em particular o tomo I, *Le champ du signe, 1945–1966*.

⁴. Cf. Wallerstein. “1968, revolution in the world–system...”; Braudel. “Domina la parola ‘cambio’” e Aguirre Rojas. “1968: La gran ruptura”.

francesa de história das ciências, representada pelas obras de Gaston Bachelard ou de Georges Canguilhem, sendo devedores dos debates e dos desenvolvimentos vindos dos horizontes da filosofia impulsionada por Merleau Ponty, Sartre ou Jean Hypolitte, e suas obras dos anos setenta e oitenta se desenvolvem nos campos pouco analisados pela historiografia francesa de nosso século, da história das tecnologias do poder e do disciplinamento ou também da história da sexualidade e do corpo, os trabalhos, artigos e até projetos inconclusos que Foucault elabora e publica entre 1964 e 1971, vão ao contrário estar concentrados, em sua maioria, em áreas ou em problemáticas que tocam muito mais de perto nos debates e horizontes da historiografia francesa então em voga.

O segundo lustro dos anos sessenta será para Michel Foucault, então, um período de intenso diálogo e confrontação com a historiografia francesa, enquanto um momento de definição importante diante do projeto filosófico de Jean Paul Sartre, e também no interior da nebulosa da moda estruturalista. Neste período importante da biografia intelectual de nosso autor, ocorre também o seu lançamento “midiático”, pois com a publicação de seu livro *As palavras e as coisas*, em 1966, Foucault vai converter-se num dos intelectuais franceses mais conhecidos dentro do hexágono e fora dele. Nestes anos de 1964 a 1971 Foucault se verá forçado a definir de maneira mais precisa seus próprios perfis intelectuais, situando a sua própria obra em relação aos horizontes da filosofia, do estruturalismo e da historiografia francesa.

Neste contexto, devem ser lidos tanto *As palavras e as coisas* e *A arqueologia do saber*, como os distintos artigos e entrevistas desta época, e inclusive seu projeto não completado mas concebido e iniciado de escrever uma “Arqueologia do saber

histórico” que viesse a contemplar este problema desde o século XVI até o presente.⁵

Em todos estes textos, que vão partir de *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*, até o artigo “Nietzsche, a genealogia, a história”, Foucault vai tomando posição a respeito da história, esclarecendo o sentido de seu projeto intelectual dentro do horizonte da produção historiográfica em curso. Assim, vai definir seu trabalho como um elo novo numa velha corrente, que é precisamente a tradição da *história crítica*, essa história marginal e a contracorrente do discurso dominante, que teria outros de seus representantes importantes nas obras dos historiadores marxistas ingleses dos anos cinquenta em diante, ou também no projeto revolucionário de Marc Bloch e Lucien Febvre, tradição que o próprio Foucault faz remontar, em suas origens, ao próprio trabalho teórico realizado por Marx.⁶

Ao criticar a “história dos filósofos” ou o “mito dos filósofos sobre a história”, Foucault apresenta uma crítica da historiografia positivista e empirista, dessa história tradicional que em suas diversas variantes foi também confrontada por toda esta linha do *pensamento crítico contemporâneo* que se inaugura efetivamente com o projeto teórico de Marx, e que se prolonga de múltiplas

⁵. Vale a pena recordar o fato de que o livro *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*, tinha originalmente o título de *A ordem das coisas. Uma arqueologia do estruturalismo*, que foi depois mudado por Foucault. O livro não escrito sobre a “arqueologia do saber histórico” tinha o título projetado de *O Passado e o presente. Outra arqueologia das ciências humanas*. Espera-se que a Associação Michel Foucault, que funciona hoje em Paris e é depositária de todo o legado intelectual de Foucault, publique em breve os rascunhos das partes que Foucault pôde concretizar deste projeto. Sobre estes pontos, cf. Eribon. *Michel Foucault...*, e Vázquez García. *Foucault y los historiadores*. Também neste último livro encontra-se a bibliografia dos principais textos do período 64–71 a que aqui fizemos referência.

⁶. Cf. o artigo “Foucault responde a Sartre”, e também a “Introdução” do livro *A arqueologia do saber*.

maneiras e nos diferentes campos do saber sobre o social, na teoria crítica da Escola de Frankfurt, em certas variantes da psicanálise freudiana ou na mesma historiografia dos primeiros e segundos *Annales*, entre outros.⁷

Ao definir, por exemplo, as diferenças entre a história e a genealogia, o que Foucault faz é balizar vários dos perfis fundamentais dessa história essencialmente *crítica*. Diante da continuidade linear e simples da história tradicional, Foucault vai defender uma história ou genealogia cuja chave é a descontinuidade e, em consequência, uma história complexa e cheia de encruzilhadas, na qual o passado que “aconteceu” o fez somente sobre a “negação e derrota” de muitos outros passados virtuais, que tendo sido também caminhos possíveis do devir histórico num momento dado, terminaram por ser deixados de lado, depois de sucumbir dentro do conflito, diante dessa linha do presente/passado que resultou dominante e vitoriosa.

Retomando assim essa enorme densidade do passado, sempre oculta aos olhos da história tradicional, e propondo sua restituição necessária, Foucault avança na idéia, também cara à tradição do pensamento crítico, de ver essa história “a contrapelo”, à contracorrente de suas linhas dominantes. Em vez de partir de “fatos evidentes” como faz a historiografia positivista, tratará de “dissolver as evidências”, convertendo o imediatamente dado e aparentemente lógico e natural num “problema”, num enigma ou pergunta aberta que apenas pode ser respondida a partir da crítica fundada e da dissolução dessas “aparências/evidências”, cuja verdadeira função é a de expressar/ocultar as reais essências dos fenômenos históricos.⁸

7. Sobre este ponto, veja-se Aguirre Rojas. “Between Marx and Braudel...; “Dalle *Annali* rivoluzionarie alle *Annali* marxisti” e “Convergências e divergências...”.

8. Sobre estes pontos, veja-se Foucault. “Nietzsche, la genealogia, la historia”. In: *Microfísica del poder*. Não é casual que a leitura deste texto nos recorde

História crítica oposta ao modelo da história convencional, que se afastará também dos procedimentos e dos marcos conceituais desta última, reconstruindo novas formas e horizontes desde os quais abordará a análise histórica. Assim, a história crítica oporá uma visão de múltiplas causalidades imbricadas e uma nova teoria das diferentes temporalidades sociais à causalidade linear e ao modelo do tempo contínuo e também unilinear.⁹

Finalmente, e diante da pretensão dos positivistas de resgatar “todo o passado”, buscando sempre obsessivamente as origens dos fenômenos históricos e ordenando-os segundo o modelo do relato e num esquema evolutivo de análise, Foucault vai propor uma história conscientemente seletiva, que se interessa somente por aqueles fatos que são fundamentais para a explicação do problema abordado. Mais que origens, sua história estabelece procedências, expondo-se através de um modelo muito mais comparativo e descritivo, e dentro de uma análise arqueológica muito mais pontual e construída em função dos recortes dos pontos analisados.

História, pois, profundamente diversa do mito filosófico sobre a história ou da história tradicional, que efetivamente encaixa o projeto de Michel Foucault nessa profunda e sempre inovadora tradição do pensamento crítico contemporâneo. Ademais, e marcando com isso a singular contribuição de Foucault a esta mesma tradição crítica, sua obra se destaca dentro de um terreno da análise histórica que não havia sido muito explorada por autores anteriores, caindo então, no dizer de nosso próprio autor, “atrasada” a respeito das mutações e

imediatamente as “Teses sobre a filosofia da história” de Walter Benjamin, texto onde se defende esta mesma história “à contrapelo”.

⁹. Temas ambos que, como sabemos, foram renovados profundamente pelos trabalhos de Fernand Braudel. Sobre esta renovação cf. Aguirre Rojas. “Dimensiones y alcances...” e “La longue durée...”

avanços vividos pelos restantes campos da historiografia: a área da história das idéias.¹⁰

Foucault assume assim a empresa intelectual que ele mesmo vai desenvolver durante estes anos sessenta, nucleada em torno do objetivo de constituir, também no domínio da história cultural e intelectual, esse mesmo projeto da história crítica complexa que já foi estabelecido desde antes em outras esferas e campos da história social e da historiografia em geral.

Voltando a vista para o itinerário intelectual de Michel Foucault desde suas origens até este segundo lustro dos anos sessenta, e analisando em conjunto os resultados deste seu esforço intelectual, chama a atenção o fato de que sua obra – que foi originalmente gestada dentro dos horizontes de uma formação filosófica e que acompanhou o nascimento e auge da curva do desenvolvimento do pensamento estruturalista francês –, se tenha definido em termos epistemológicos e de sua significação mais geral, em torno desse *outro* centro de gravidade intelectual representado tanto pela historiografia francesa como pelas tradições do pensamento crítico desenvolvidas *dentro* do terreno da história.¹¹

Algo que, em nossa opinião, obedece não só ao caráter ecumênico e globalizador da historiografia francesa da conjuntura do segundo pós-guerra, como também a seu papel *dominante* dentro das ciências sociais francesas entre os anos 1945–1968. Pois, assim como na de Michel Foucault, também nos projetos de outras ciências e outros grandes pensadores franceses desta mesma época, a história funcionou como um referente obrigatório, diante do qual era necessário definir-se, se

¹⁰. Cf. “Introdução” In: *A arqueologia do saber*, e Vázquez García. *Foucault y los historiadores...*

¹¹. O que é válido apenas dentro do período dos anos 1964–1971 que é o que aqui analisamos. Pois a obra de Foucault dos anos setenta e oitenta volta a isolá-lo, em nossa opinião, dos centros de gravidade principais da historiografia francesa, assim como da curva de evolução do estruturalismo.

se trabalhava dentro do campo mais amplo das ciências humanas e sociais.

Desde Levi-Strauss e seu projeto de uma antropologia estrutural, até a ambiciosa e interessante *Crítica da Razão Dialética* de Jean Paul Sartre – passando pelos debates amistosos entabulados com a sociologia por Georges Gurvitch ou pela colaboração da geografia francesa de Maximilien Sorre –, muitos são os projetos intelectuais que, vindos dos mais diversos horizontes das ciências sociais, viram-se forçados a tomar posição diante da historiografia francesa dos anos cinquenta e sessenta, historiografia que naqueles tempos afirmava progressivamente esse papel central e até dominante que chegou a conquistar dentro do espectro das ciências do homem.

Foucault situa-se, então, assim como os autores agora mencionados, em torno do referente específico da historiografia francesa. Ao fazê-lo concebe sua obra, para seguir sua própria metáfora, como uma nova variante da história crítica, como o descobrimento de um “novo inconsciente”: o das estruturas profundas subjacentes ao conjunto dos possíveis discursos que uma época determinada pode elaborar. Com sua noção de “episteme”, Foucault delimita o “campo dos possíveis” da construção discursiva de uma sociedade: o que é possível pensar e que o que não é possível pensar a partir da episteme renascentista, clássica ou moderna? Como se constrói esse mesmo pensamento, através de que funções, correlações, associações e mecanismos mentais específicos? Quais são, pois, as problemáticas, os conceitos, as lógicas, e os discursos “pensáveis” dentro do particular campo epistemológico que recorta essa episteme determinada?

Trata-se de toda uma “nova maneira” de abordar esse velho campo conhecido como a história das idéias, a história das ciências ou a história cultural. Pois a partir desta noção das epistemes como “campo dos possíveis” discursos de uma época

dada,¹² é possível construir todo um *novo modelo* de investigação e de interpretação dessa *história das mentalidades* que, precisamente durante os anos setenta e oitenta, vai invadir a historiografia francesa, caracterizando ao projeto intelectual dos terceiros *Annales*, realizado entre 1969 e 1989.¹³

Paradoxalmente, se na obra de Foucault dos anos sessenta existe todo o programa, os elementos e até os primeiros estudos exemplares de uma complexa e original linha de história das mentalidades, é claro que *não* foi esta linha a que foi seguida pelos historiadores franceses, que nos anos 69–89 se ocuparam deste vasto campo do mental dentro da história. O que explica a afirmação repetida em várias ocasiões por Fernand Braudel, no sentido de que o *único* verdadeiro herdeiro da história das mentalidades praticada por Lucien Febvre foi precisamente Michael Foucault.¹⁴

¹². Ademais, é curioso comprovar como essa noção do “campo dos possíveis” e das “estratégias de resposta” a esse campo, teorizada explicitamente por Jean Paul Sartre em sua *Crítica da Razão Dialética* é uma idéia que de modo mais ou menos implícito pode também encontrar-se nas teses de Fernand Braudel sobre a “geohistória”, em certos levantamentos de Claude Levi-Strauss sobre os “sistemas”, que são o objeto a reconstruir da antropologia social e neste conceito de “episteme” de Michel Foucault. Sobre os casos de Braudel e Levi-Strauss, cf. Braudel. “Geohistoria y determinismo” In: *El Mediterráneo...* e Levi-Strauss. “Lección Inaugural de entrada al College de France” In: *Antropología Estructural*.

¹³. Sobre esta história das mentalidades, cf. Barros, “Historia de las mentalidades, historia social”; “Historia de las mentalidades: posibilidades actuales”, e “La contribución de los terceros *Annales* e la historia de las mentalidades”.

¹⁴. O que resulta claro se comparamos a obra de Febvre. *El problema de la incredulidad en el siglo XVI...* com o texto de Foucault. *Las palabras y las cosas*. Pois se Febvre se perguntou acerca da “utensilagem mental” específica dos homens do século XVI, definindo seus perfis e demonstrando como o ateísmo moderno não é “pensável” ou possível a partir dessa utensilagem ou dentro dela, Foucault por sua vez tratou de reconstruir a “episteme” ou “utensilagem mental” da época clássica e depois da época moderna,

Se a obra de Foucault pode ser vinculada por todas estas vias às melhores tradições do pensamento crítico desenvolvidas dentro da história e da historiografia dos últimos cento e cinquenta anos, também é certo que a mesma encerra uma linha que, talvez na tentativa de destacar melhor a distância entre a história tradicional e a análise “arqueológico-genealógica”, pode desembocar numa postura “pós-moderna” dentro da história, vinculando-se assim a certas interpretações exageradamente “relativistas” do ofício do historiador.¹⁵

Pois junto aos traços até aqui assinalados, que conectam efetivamente o projeto de Foucault com os trabalhos de Bloch, Febvre e Braudel ou com as obras de Walter Benjamin, Georg Lukács, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, Henri Pirenne ou Karl Lamprecht, e ainda com os próprios projetos de Nietzsche ou de Marx, coexiste também uma clara posição crítica ao que Foucault considera um projeto “antropocêntrico” dentro da história, do qual ele vai derivar a desqualificação de toda a tentativa de construir uma história global, explicativa e dotada de sentido, história que através de todos os procedimentos do pensar genuinamente *críticos* antes enunciados, fosse capaz de restituir a continuidade complexa do devir histórico. Para Foucault, não há história global possível. Em seu lugar deve-se perseguir algo como apenas uma história “geral” com múltiplos centros de estruturação, e por fim também de dispersão, história que é necessariamente “pluralidade de sentidos” e que não obedece “nem a um destino nem a uma mecânica, mas ao azar da

delimitando igualmente os “campos dos possíveis” discursos dessas mesmas epistemes.

¹⁵. Uma veia do pensamento de Foucault que foi muito bem percebida e explorada, precisamente por um dos representantes desta visão pós-moderna dentro da história, é Paul Veyne (cf. “Foucault révolutionne l’histoire”). Para uma explicação mais geral do vínculo entre o estruturalismo e a visão pós-moderna na história, e uma crítica desta última, cf. Dosse. “Clio en el exilio”.

luta”, e na qual o que predomina por acima de tudo é a descontinuidade.

Para Foucault, a história é descontínua, sem um sentido de evolução geral e que multiplica suas explicações possíveis sem optar por uma única delas, que ao se dispersar em torno dos muitos centros postulados da história geral, vai terminar vinculando-se diretamente com as posições do *relativismo histórico pós-moderno* desenvolvido e defendido por autores como Paul Veyne ou Michel de Certeau.¹⁶

De onde provém este filão pós-moderno e “irracionalista”¹⁷ presente na obra foucaultiana? De onde a tensão interna deste pensamento rico e original, que tem permitido coexistir dentro de um mesmo projeto intelectual este polo pós-moderno com a crítica assinalada acima? Precisamente, da condição que a obra e o esforço intelectual de Michel Foucault têm enquanto expressões conspícuas e características de uma geração determinada: a geração de ruptura que na França protagonizou essa enorme revolução cultural e civilizatória que foi o movimento de 1968. Vejamo-lo com mais detalhe.

UM PENSAMENTO DA GERAÇÃO “SOIXANTE-HUITARD”

Que a revolução européia, ocidental, quase mundial de 1968 fracassou politicamente, o sabemos todos depois de quinze anos. Mas triunfou e não voltará atrás no que concerne aos costumes, à relação entre os sexos, à crise aguda da família ...

Fernand Braudel. “Domina la parola ‘cambiamento’”, *Corriere della Sera*, 7 de maio de 1982.

¹⁶. Cf. Veyne. “La historia conceptualizante” e *Comment on écrit l'histoire*. E De Certeau. “La operación histórica”.

¹⁷. Uma crítica radical deste filão “irracionalista” da obra de Foucault, em Ginzburg. “Prefácio” In: *El queso y los gusanos*.

Curiosamente, Michel Foucault não viveu diretamente os simbólicos acontecimentos do maio francês de 1968. O que não lhe impediu, enquanto pensador crítico e sensível às conjunturas nas quais viveu, de converter-se justamente no pensador que expressa de modo mais acabado e representativo essa mesma geração protagonista da revolução cultural mais importante de todo o século vinte.

Como é fácil constatar agora, transcorridas três décadas, a data de 1968 não é outra coisa senão o momento emblemático de uma ruptura planetária e civilizatória que transformou radicalmente a cultura moderna, assim como as estruturas de certos planos básicos de nossa civilização.

Ao adaptar-se às circunstâncias e níveis de desenvolvimento muito desiguais das distintas zonas do planeta, a ruptura de 1968 transformou todo o resto dos universos e dos comportamentos culturais, fazendo-se presente assim na Grande Revolução Cultural Chinesa que arranca em 1966, como na luta pela democracia e por uma nova cultura política vivida no México, mas também no interessante experimento da Primavera de Praga e de sua aposta por um socialismo humano ou nas contestações dos estudantes e operários parisienses que procuravam levar a “imaginação ao poder”, para subverter na raiz as figuras e as modalidades da vida cotidiana consumista e alienada então imperantes.¹⁸

Para além das primeiras interpretações deste acontecimento/ruptura, que procuraram reduzi-lo às dimensões de um simples protesto estudantil, nucleado em torno dos esquemas de funcionamento do aparato escolar e também expressão talvez mais aberta do eterno conflito “geracional”, agora resta claro que 1968 pôs em questão todo o conjunto das *formas de funcionamento e vigência da cultura dominante*, assim

¹⁸. Cf. nota 4, e mais Wallerstein, Arrighi e. Hopkins “1989, the continuation of 1968” e Dosse, Mai 68, Mai 88...

como as principais instituições que suportavam e faziam possível a *reprodução dessas mesmas configurações*, e que incluem sem dúvida a escola, a família, os meios de comunicação de massa ou a indústria cultural, mas também a certas zonas do mundo das relações políticas, econômicas e sociais em geral.

Por isso não é casual que 1968 representou a crise definitiva dos movimentos e das organizações da velha esquerda, reformista e burocratizada, que reivindicava apenas demandas de ordem econômica e política e que havia reduzido o complexo discurso crítico marxista a um conjunto de fórmulas e apotegmas vazios de conteúdo explicativo, crise que é ao mesmo tempo o ponto de arranque e o signo de emergência das novas esquerdas e dos novos movimentos sociais, que politizam e teorizam a partir de uma renovada perspectiva crítica, todo um novo leque de contradições sociais importantes, gerando assim os movimentos e os discursos ecologistas, anti-psiquiátricos ou anti-repressivos que vão florescer durante os anos setenta e oitenta.¹⁹

O ano de 1968 representa ainda o divisor de águas da evidente crise do “modo do saber” sobre o social que foi vigente durante todo o século vinte, e que construído a partir de 1870 em adiante, esquadrinhou o território do social num conjunto de espaços analíticos fragmentados, separados e autonomizados que foram os distintos “objetos” de conhecimento das parceladas e especializadas ciências sociais, as quais se afirmaram ou se reestruturaram ao longo dos últimos cento e vinte anos. Após 1968, todas as fronteiras disciplinares, os métodos específicos, os objetos claramente delimitados e as teorias exclusivas de cada uma dessas ciências sociais particulares começaram a se esvanecer e a revelar os enormes limites cognitivos que sua manutenção implica, impulsionando os cientistas sociais mais

¹⁹. Cf. Anderson. *Tras las huellas del materialismo histórico*.

lúcidos para a busca de uma nova e mais complexa “unidisciplinariedade” no estudo do histórico-social.²⁰

Ao tornar inoperantes as velhas formas da cultura pré-68 e ao transformar radicalmente o funcionamento das instituições que coadjuvavam essa reprodução cultural, o movimento de 68 modificou também os comportamentos e as dimensões civilizatórias básicas de nossas sociedades, criando novas formas de expressão da sexualidade, novos papéis da mulher na família e na sociedade, um novo esquema de vínculos entre pais e filhos e novas formas de educação e de transmissão dos conhecimentos, enquanto atitudes também inéditas diante do político, diante da natureza e dos diversos modos de aproximar-se dela, novas atitudes e posturas a respeito da alteridade e a respeito do “outro”, seja este um outro social, cultural, racial ou de qualquer tipo, assim como novas formas de consciência e de percepção dos distintos âmbitos da realidade social.

Resulta claro, pois, o vínculo do pensamento de Michel Foucault com todas estas mudanças protagonizados e vividas pela geração francesa “*soixante-huitard*”. Vários dos problemas e dos temas centrais apresentados pela nova esquerda e pelos novos movimentos sociais nascidos de 68, foram precisamente teorizados e desconstruídos em suas lógicas mais essenciais pelo próprio Foucault. E é também a partir de sua reflexão epistemológica sobre esses “inconscientes” dos discursos, científicos ou não, de uma determinada época, que se pode também encontrar parte da explicação dessa crise da “episteme” parcelada e especializada das ciências sociais do século vinte, que hoje se manifesta tão aguda e evidentemente.

A partir desta perspectiva, salta aos olhos a conexão quase espontânea entre o processo através do qual a geração de 68 abria novas e múltiplas frentes de luta, contra as onipresentes figuras da dominação capitalista moderna, e as reflexões

²⁰. Sobre esta linha de investigação, cf. Wallerstein. *Unthinking Social Science*.

foucaultianas acerca da presença também quase ubíqua do poder nos interstícios diversos do tecido social. Ou ainda a correlação mais que óbvia entre os estudos de Michel Foucault em torno das distintas lógicas de disciplinamento do corpo social que acompanham o desenvolvimento do projeto da modernidade, e as mudanças e revoluções das estruturas da vida cotidiana erigidos nos anos setenta e oitenta, e dirigidos justamente contra sua natureza vertical, autoritária e unilateral. Ou, finalmente, o nexos também claro entre a revolução sexual dos últimos vinte e cinco anos, e os estudos não concluídos de nosso autor sobre a história da sexualidade.

Mas junto destes pontos de contato assinalados, através dos quais a obra de Foucault se converte na clara expressão intelectual de muitas das mudanças, inquietudes ou centros de interesse prático dos jovens franceses participantes no movimento de maio de 1968, encontra-se também uma profunda conexão que projeta o destino paradoxal e contraditório desta geração *soixante-huitard* no pensamento de nosso autor.

A geração do 68, na França e no mundo, foi ao mesmo tempo derrotada e vitoriosa. Tendo sofrido uma derrota política imediata, triunfou sem dúvida a médio prazo ao deflagrar um conjunto de transformações culturais e institucionais *revolucionárias e irreversíveis*. Trata-se, então, de uma geração que oscilou, durante três décadas, entre o ceticismo e a renúncia derivadas da derrota, e o espírito crítico e o otimismo que nascem da evidente constatação de que em muitos planos fundamentais as coisas “já não são como antes” e têm mudado radicalmente de forma num sentido progressivo e muito encaminhado para uma futura emancipação total.

Isto explica também o próprio paradoxo ou tensão interna que podemos reconhecer dentro da obra e do pensamento de Michel Foucault. Se, por um lado, como vimos, seu trabalho se conecta sem dificuldade às distintas linhas do pensamento crítico contemporâneo sobre o social, que começam com Marx e que se

desdobram depois nos diferentes âmbitos das ciências sociais atuais, por outro sua obra contém também elementos e afirmações importantes que podem muito bem ser “lidas” e recuperadas como ponto de partida e apoio de certas visões pós-modernas hoje em voga.

Com o que temos, legitimamente constituídas – enquanto derivadas dos próprios textos de nosso autor –, duas figuras diversas e até mesmo contrapostas de Foucault. Em primeiro lugar, a figura de um Michel Foucault “proto pós-moderno”, que corrói até o final e sem alternativa possível, todas nossas certezas cognitivas, deixando a descoberto a relatividade e a historicidade, nesta interpretação absoluta de nossos discursos específicos. Em segundo lugar e no outro extremo, os perfis de um Michel Foucault representante do pensamento crítico, que nos ensina a desconfiar dos discursos dominantes, provendo-nos dos meios e dos mecanismos para desconstruí-los, para olhá-los a contrapelo ou na contracorrente, e para reconstruir a partir das margens e silêncios desses discursos vigentes outras interpretações, outras leituras e explicações genuinamente críticas e complexas dos fatos sociais.

Retrato, pois, duplicado e contraditório de Foucault, cuja imagem corresponde perfeitamente com o equivalente filme do também duplo e desgarrado destino da geração do maio francês de 1968.

Mas, tal como Fernand Braudel assinalou, existem certos fatos e traços históricos que se gestam e afirmam com as diferentes conjunturas vividas, desaparecendo quando estas se concluem, diferentes de outro tipo de fatos e elementos cuja vigência e duração transcendem a conjuntura, para inscrever-se no registro mais profundo e permanente das estruturas. Uma das principais tarefas do historiador é justamente a de distinguir entre essas distintas ordens de fenômenos históricos, cuja densidade e duração históricas são também diversas.

Partindo, então, desta perspectiva braudeliana, acreditamos sem dúvida que na aposta entre o aprofundamento e o resgate criativos do Michel Foucault “crítico”, e de outra parte o cultivo e a recuperação do Foucault “proto pós-moderno”, vencerá quem jogar seu esforço do lado da linha do pensamento foucaultiano que se assume a si mesmo como herdeiro e continuador, nisso bastante digno e brilhante, desse espírito crítico que desde Marx e até Braudel, tem sido claramente alimentado e precedido.

DOWNLOAD FREE

BIBLIOGRAFIA

- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. El problema de la historia en la concepción de Marx y Engels. *Revista Mexicana de Sociología*, v. XLV, n. 4, México, IIS-UNAM, out./dez. 1983.
- _____. El modo de producción feudal. *Revista Mexicana de Sociología*, México, v. 48, n. 1, jan./mar. 1986.
- _____. Hacer la historia, saber la historia: entre Marx y Braudel. *Cuadernos Políticos*, México, Era, n. 48, out./dez. 1986.
- _____. En las fuentes teóricas de la historia cuantitativa: el impacto de la escuela de *Annales* sobre la cuantificación en historia. *Economía*, Guatemala, IIES, Universidad de San Carlos, n. 90, out./dez. 1986.
- _____. Los problemas y las tareas del historiador en América Latina. *Estudios. Revista de Ciencias Sociales*, n. 1, Guatemala, Universidad de San Carlos, 1988.
- _____. La comuna rural de tipo germánico. *Boletín de Antropología Americana*, México, n. 17, jul. 1988.
- _____. Dix thèses sur les paradigmes méthodologiques des *Annales* et le marxisme. Comunicação apresentada no Coloquio Internacional Les *Annales*: Hier et Aujourd'hui, Moscou, out. 1989.
- _____. Economía, escasez y sesgo productivista. Desde los epigramas de Marx hasta los apotegmas marxistas. *Boletín de Antropología Americana*, México, n. 21, jul. 1990.
- _____. Fernand Braudel y la invención de América. *La Jornada Semanal*, México, n. 72, 28 out. 1990.
- _____. De *Annales*, marxismo y otras historias, Una perspectiva comparativa desde la larga duración. *Secuencia*, México, n. 19, jan./abr. 1991.
- _____. Marxismo, liberalismo y expansión de la economía-mundo europea. Algunas hipótesis desde la perspectiva de la larga duración. *El Financiero*, México, 15 e 29 de jul. e 5 de ago. 1991.
- _____. La corriente de los *Annales* y su contribución al desarrollo de la historia económica en Francia. México, 1991. mimeo.

Os Annales e a historiografia francesa

- _____. De los *Annales* 'revolucionarios' a los *Annales* 'marxistas'. In: _____. *Construir la historia: entre materialismo histórico y Annales*. Guatemala: UNAM-Universidad de San Carlos, 1993 (e também na *Revista Iztapalapa*, n. 26, México, 1992).
- _____. Between Marx and Braudel. Making history, knowing history. *Review*, Nova York, v. 15, n. 2, 1992.
- _____. Dimensiones y alcances de la obra de Fernand Braudel. In: *Primeras Jornadas Braudelianas*. México: Instituto José María Luis Mora, 1993.
- _____. Annalii i Marksism. Diesit tesisov a metodologuicheskij paradigmaj. In: *Sporii a glavnom. Diskusii a naktoyashiem u budushiem istoricheskoi nauki vokrug frantsuskoj shkoli Annalov*. Moscou: Nauka, 1993.
- _____. *Construir la historia: entre Materialismo Histórico y Annales*. Guatemala: UNAM-Universidad de San Carlos, 1993.
- _____. Dalle *Annali* rivoluzionarie alle *Annali* marxisti. *Rivista di storia della storiografia moderna*, Roma, v. 14, n. 1-2, 1993.
- _____. Convergencias y divergencias entre los *Annales* de 1929 a 1968 y el Marxismo: ensayo de balance global. *Historia Social*, Valencia, n. 16, 1993.
- _____. 1968: la gran ruptura. *La Jornada Semanal*, México, n. 225, out. 1993.
- _____. La larga duración en el espejo. In: *Historia a debate*. Santiago de Compostela: Historia a debate, 1995. tomo 3.
- _____. La longue durée: in illo tempore et nunc. In: *Segundas Jornadas Braudelianas*. México: Instituto Mora, 1995.
- _____. El peligroso oficio de historiador: Marc Bloch. In *Memoriam*. *La Jornada Semanal*, México, n. 262, jun. 1994.
- _____. El legado de los *Annales* braudelianos. 1956-1968. *Temas Medievales*, Buenos Aires, n. 4, 1994.
- _____. (Re)construyendo la biografía intelectual de Fernand Braudel. *Obradoiro de Historia Moderna*, Santiago de Compostela, n. 3, 1994.
- ALLEGRA, Luciano; Angelo TORRE. *La nascita della storia sociale in Francia della Comune alle Annales*. Turin: Fondazione Luigi Einaudi, 1977.
- ANDERSON, Perry. *Consideraciones sobre el marxismo occidental*. Madrid: Siglo XXI, 1978.
- _____. *Tras las huellas del materialismo histórico*. Madrid: Siglo XXI, 1986.
- ANNALES. ÉCONOMIES. SOCIÉTÉS. CIVILISATIONS. Fernand Braudel (1902-1985), v. 41, n. 1, jan./fev. 1986.
- _____. Histoire et sciences sociales. Un tournant critique?, v. 43, n. 2, mar./abr. 1988.
- _____. Tentons l'expérience, v. 44, n. 6, out./dez. 1989.

- ARCANGELI, Bianca. Il mestiere dello storico negli scritti di Henri Pirenne. In: *L'opera dello storico*. Nápoles: Bibliópolis, 1990.
- ARRIGHI, Giovanni. Terence HOPKINS; Immanuel WALLERSTEIN. 1989, the continuation of 1968. *Review*, Nova York, v. 15, n. 2, 1992.
- ATTALI, Jacques. L'homme au regard transversal. *Le nouvel observateur*, Paris, n. 1100, dez. 1985.
- AYMARD, Maurice. The *Annales* and french historiography. *Journal of European Economic History*, v. I, n. 2, 1972.
- _____. Impact of the *Annales* school in Mediterranean countries. *Review*, Nova York, v. I, n. 3-4, p. 53-67, 1978.
- _____. La storia inquieta di Fernand Braudel. *Passato e Presente*, n. 12, set./dez. 1986.
- _____. L'Italia-mondo nell'opera di Braudel. *Critica Marxista*, n. 1, 1987.
- _____. Braudel enseigne l'histoire. In: BRAUDEL, F. *Grammaire des civilisations*. Paris: Arthaud-Flammarion, 1987.
- _____. El itinerario intelectual de Fernand Braudel. In: *Primeras Jornadas Braudelianas*. México: Instituto Mora, 1993.
- BARON SUPERVIELLE, Silvia. La traduction réciproque. *France. Amériques*. Paris: Editions du Ministère des Affaires Etrangères, 1992.
- BARROS G. Carlos. La 'nouvelle histoire' y sus críticos. *Manuscrits*, Barcelona, n. 9, jan. 1991.
- _____. El 'tournant critique' de *Annales*. *Revista d'Historia medieval*, Valencia, n. 2, 1991.
- _____. Historia de las mentalidades, historia social. *Temas medievales*, Buenos Aires, n. 2, 1992.
- _____. Historia de las mentalidades: posibilidades actuales. *Secuencia*, México, n. 27, 1993.
- _____. La contribución de los terceros *Annales* y la historia de las mentalidades. In: *La otra historia. Sociedad, cultura y mentalidades*. Bilbao: Universidad del País Vasco, 1993.
- BATAILLON, Françoise (François GIRAUD). *IFAL. 1945-1985*. México: Instituto Francés de América Latina, 1986.
- BENJAMIN, Walter. Tesis sobre la filosofía de la historia. In: *Essais 2. 1935-1940*. Paris: Denoël, 1983.
- BERR, Henri. *La síntesis en historia*. México: UTEHA, 1961.
- _____. *L'histoire traditionnelle et la synthèse historique*. Paris: Félix Alcan, 1935.
- BIRNBAUM, Norman. The *Annales* school and social theory. *Review*, Nova York, v. I, n. 3-4, 1978.

Os Annales e a historiografia francesa

BESSMERTNY, Youri. Les *Annales* vues de Moscou. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 47, n. 1, jan./fev. 1992.

BLOCH, Marc. *Rois et serfs*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1920.

_____. Classification et choix des faits en histoire économique: Réflexions de méthode à propos de quelques ouvrages récents. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, Paris, n. 3, mai. 1929.

_____. *Esquisse d'une histoire monétaire de l'Europe*. Paris: Librairie Armand Colin, 1954.

_____. *L'étrange défaite*. Paris: Albin Michel, 1957.

_____. *La France sous les derniers capétiens. 1223-1328*. Paris: Librairie Armand Colin, 1958.

_____. *Seigneurie française et manoir anglais*. Paris: Librairie Armand Colin, 1960.

_____. *Lavoro e tecnica nel Medioevo*. Roma: Laterza, 1974.

_____. *Introducción a la historia*. México: FCE, 1976.

_____. *La historia rural francesa*. Barcelona: Crítica-Grijalbo, 1978.

_____. *La sociedad feudal*. México: UTEHA, 1979.

_____. Cómo y por qué terminó la esclavitud antigua. In: *La transición del esclavismo al feudalismo*. Madrid: Akal, 1980.

_____. *Mélanges Historiques*. Paris: Serge Fleury-École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1983. 2 v.

_____. Due scritti inediti di Marc Bloch sulla metodologia storiografica. *Rivista di Storia della Storiografia Moderna*, Roma, n. 2-3, 1988.

_____. *Marc Bloch à Etienne Bloch. Lettres de la 'drôle de guerre'*. (organizado por François Bédarida y Denis Peschanski). *Cahiers de l'ITP*, Paris, 1991.

_____. *Écrire La société féodale. Lettres à Henri Berr. 1924-1943*. (organizado por Jacqueline Pluet-Despatin). Paris: IMEC, 1992.

BLOT, Jacques. Le révisionnisme en histoire ou l'école des *Annales*. *La Nouvelle Critique*, n. 3, Paris, 1951.

BOIS, Guy. Marxisme et histoire nouvelle. In: *La nouvelle histoire*. Bruxelles: Complexe, 1988.

BRAUDEL, Fernand. Les Espagnols et l'Afrique du Nord. De 1492 a 1577. *Revue Africaine*, Argel, 2º, 3º e 4º trimestres, 1928.

_____. Misère et banditisme. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 2 n. 2, abr./jun. 1947.

_____. Conflits et refus de civilisation: Espagnols et Morisques au XVI Siècle. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 2, n. 4, out./dez. 1947.

- _____. Continuités ou discontinuités en histoire. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 5, n. 1, jan./mar. 1950.
- _____. L'Espagne de Charles Quint et de Philippe II. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 6, n. 1, jan./mar. 1951.
- _____. En relisant Earl J. Hamilton: De l'histoire d'Espagne à l'histoire des prix. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 6, n. 2, abr./jun. 1951.
- _____. La géographie face aux sciences humaines. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 6, n. 4, out./dez. 1951.
- _____. Presence de Lucien Febvre. In: *Hommage à Lucien Febvre. Eventail de l'histoire vivante*. Paris: Librairie Armand Colin, 1953.
- _____. Moedas e civilizações. Do ouro do Sudão a prata da América, *Revista de Historia*, São Paulo, v. 4, n. 13, jan./mar. 1953.
- _____. Qu'est-ce que le XVI Siècle?. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 8, n. 1, jan./mar. 1953.
- _____. Chez les sociologues. Georges Gurvitch ou la discontinuité du social. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 8, n. 3, jul./set. 1953.
- _____. *El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II*. México: FCE, 1953.
- _____. Pedagogia da Historia. *Revista de Historia*, São Paulo, v. 6, n. 23, jul./set. 1955.
- _____. Lucien Febvre (1878-1956). *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 11, n. 3, jul./set. 1956.
- _____. Les *Annales* continuent... . *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 12, n. 1, jan./mar. 1957.
- _____. Lucien Febvre et l'histoire. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 12, n. 2, abr./jun. 1957.
- _____. Les *Annales* ont trente ans (1929-1959). *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 14, n. 1, 1959.
- _____. Marc Bloch à l'honneur. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 14, n. 1, 1959.
- _____. European expansion and capitalism, 1450-1650. In: *Chapters in Western Civilization*. Nova York-Londres: Columbia University Press, 1961.
- _____. Histoire de la vie matérielle. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 16, n. 4, jul./ago. 1961.
- _____. Apresentação ao artigo Lês *Annales* vues de Moscou. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 18, n. 1, jan./fev. 1963.
- _____. Beauvais et le Beauvaisis au XVII Siècle. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 18, n. 4, jul./ago. 1963.

Os Annales e a historiografia francesa

- _____. 1944-1964: Marc Bloch. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 19, n. 5, set./out. 1964.
- _____. Hommage à Henri Berr. *Revue de Synthèse*, Paris, 3a. serie, n. 35, Paris, 1964.
- _____. *La historia y las ciencias sociales*. Madrid: Alianza, 1968.
- _____. Historia y ciencias sociales. La larga duración. In: _____. *La historia y las ciencias sociales*. Madrid: Alianza, 1968.
- _____. *Écrits sur l'histoire*. Paris: Flammarion, 1969.
- _____. Les 'nouvelles' Annales. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 24, n. 3, mai./jun. 1969, p. 571.
- _____. *Historia i trwanie*. Varsovia: Czytelnik, 1971.
- _____. Personal Testimony. *Journal of Modern History*, Chicago, v. 44, n. 4, dez. 1972.
- _____. *Civilización material y capitalismo*. Barcelona: Labor, 1974.
- _____. *El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II*. México: FCE, 1976.
- _____. Foreword. In: *French Historical Method. The Annales Paradigm*. Ithaca-Londres: Cornell University Press, 1976. (2 vols.)
- _____. Préface. In: *Histoire économique et sociale de la France*. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.
- _____. La France dans le monde de la première modernité. *Histoire économique et sociale de la France*. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.
- _____. En guise de conclusion, *Review*, Nova York, v. I, n. 3-4, 1978.
- _____. *Las civilizaciones actuales*. Madrid: Tecnos, 1978.
- _____. Entrevista a Marco d'Eramo. *Mondoperaio. Rivista mensile del Partito Socialista Italiano*. Roma, n. 5, mai. 1980.
- _____. The rejection of the reformation in France. *History & imagination. Essays in honour of H.R. Trevor-Roper*. Londres: Duckworth, 1981.
- _____. *L'Europe*. Paris: Arts et Métiers Graphiques, 1982.
- _____. Domina la parola 'cambiamento'. *Corriere della Sera*, 7 mai. 1982.
- _____. XX secolo, la caduta dell'Europa?. *L'Unità*, 28 fev. 1982.
- _____. La civiltà e fatta a strati. *Corriere della Sera*, jun. 6, 1982.
- _____. Les 80 ans du 'Pape' des historiens. *L'Histoire*, Paris, n. 48, set. 1982.
- _____. Derives à partir d'une œuvre incontournable. *Le Monde*, Paris, 14 mar. 1983.
- _____. *Venise*. Paris: Arthaud, 1984.

- _____. Un'intervista a Fernand Braudel. *Inchiesta*, Bari, Dedalo, v. 14, n. 63-64, jan./jun. 1984.
- _____. Une vie pour l'histoire. *Magazine Littéraire*, Paris, n. 212, nov. 1984.
- _____. *La dynamique du capitalisme*. Paris: Arthaud, 1985.
- _____. *Civilización material, economía y capitalismo. Siglos XV-XVIII*. Madrid: Alianza, 1985.
- _____. Nous sommes tous les enfants de Venise (Entrevista). *Le Nouvel Observateur*, Paris, n. 1070, mai. 1985.
- _____. Mares y tiempos de la historia (Entrevista). *Vuelta*, México, n. 103, jun. 1985.
- _____. La dernière interview du maître de l'histoire lente (Entrevista). *Le Nouvel Observateur*, Paris, n. 1100, dez. 1985.
- _____. *L'Identité de la France. Espace et histoire*. Paris: Arthaud-Flammarion, 1986.
- _____. *Une leçon d'histoire de Fernand Braudel*. Paris: Arthaud-Flammarion, 1986.
- _____. A manera de conclusión. *Cuadernos Políticos*, México, Era, n. 48, out./dez. 1986.
- _____. *Il secondo rinascimento. Due secoli e tre Italie*. Turin: Giulio Einaudi, 1986.
- _____. *Grammaire des civilisations*. Paris: Arthaud-Flammarion, 1987.
- _____. La última entrevista de Fernand Braudel. *Ensayos. Economía Política e Historia*, México, División de Estudios de Posgrado, Facultad de Economía-UNAM, n. 9, 1987.
- _____. *La última lección de Fernand Braudel*. México: FCE, 1989.
- _____. *Ecrits sur l'histoire II*. Paris: Arthaud, 1990.
- _____. Entrevista a Fernand Braudel en sus 80 años de vida. In: *Ensayos. Economía Política e Historia*, México, División de Estudios de Posgrado, Facultad de Economía, UNAM, n. 12, 1990.
- _____. *Escritos sobre Historia*. México: FCE, 1991.
- _____. *Escritos sobre la Historia*. Madrid: Alianza Universidad, 1991.
- _____. Entrevista con Fernand Braudel (a Massimo Boffa). *La Jornada Semanal*, México, n. 167, ago. 23, 1992.
- _____. (org.) *El Mediterráneo. El Espacio y la Historia*. México: FCE, 1989.
- _____. ROMANO, Ruggiero. *Navires et marchandises à l'entrée du Port de Livourne (1547-1611)*. Paris: Armand Colin, 1951.

Os Annales e a historiografia francesa

- ; SPOONER, Frank C. Prices in Europe from 1450 to 1750. *The Cambridge Economic History of Europe*, tomo IV: The economy expanding Europe in the sixteenth and seventeenth centuries. Cambridge: Rich & Wilson, 1967.
- BRAUDEL, Paule. Braudel antes de Braudel. *Primeras Jornadas Braudelianas*. México: Instituto Mora, 1993.
- BRUNHES, Jean. *Geografía humana*. Barcelona: Juventud, 1964.
- BURGUIÈRE, André. The New *Annales*: a redefinition of the late 1960's. *Review*, Nova York, v. I, n. 3-4, 1978.
- . Histoire d'une histoire: la naissance des *Annales*. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 34, n. 6, 1979.
- . La demografia. *Hacer la historia*. Barcelona: Laia, 1979. v. II.
- . La notion de mentalités chez Marc Bloch et Lucien Febvre: deux conceptions, deux filiations. *Revue de Synthèse*, Paris, 3a. série, n. 111-112, 1983.
- . L'épopée du roi Braudel. *Le Nouvel Observateur*, Paris, n. 1100, dez. 1985.
- . *Annales*, École des. In: *Dictionnaire des Sciences Historiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1986.
- . Marc Bloch, Lucien Febvre et l'aventure des *Annales*, *L'Histoire*, Paris, n. 119, fev. 1989.
- BURKE, Peter. Reflections on the historical revolution in France: the *Annales* school and british social history. *Review*, Nova York, v. I, n. 3-4, 1978.
- . The *Annales* in Global Context, Comunicação apresentada no Coloquio Internacional Les *Annales*. Hier et aujourd'hui, Moscou, out. 1989
- . *The French Historical Revolution. The Annales school, 1929-89*. Cambridge: Polity Press, 1990.
- CANTIMORI, Delio. Prefazione. In: Lucien FEBVRE. *Studi su riforma e rinascimento*. Turin: Giulio Einaudi Editori, 1966.
- CASANOVA, Julián. *La historia social y los historiadores*. Barcelona: Crítica, 1991.
- CEDRONIO, Marina. Perfil delle ' *Annales* ' attraverso le pagine delle ' *Annales* '. *Storiografia francese di ieri e di oggi*. Nápoles: Guida Editori, 1977.
- COELHO PRADO, María Ligia; ROLIM CAPELATO, María Helena. A l'origine de la collaboration universitaire franco-brésilienne: une mission française à la Faculté de Philosophie de São Paulo, *Prefaces*, n. 14, jul./set. 1989.
- COLE, G.D.H. *Historia del pensamiento socialist*. México: Fondo de Cultura Económica, 1957-1963. (7 vols.)
- COLLÈGE DE FRANCE. *Annuaire du Collège de France. Année 1953-1954*. Paris: 1954.

Bibliografia

- COORNAERT, E. Henri Pirenne (1862-1935). *Histoire Économique de l'Occident Medieval*. Bruxelles: Desclée de Brower, 1951.
- COUTAU-BÉGARIE, Hervé. *Le phénomène nouvelle histoire*. 2 ed. Paris: Economica, 1989.
- CHAUNU, Pierre. La economía. Superación y prospectiva. *Hacer la historia*. Barcelona: Laia, 1979.
- CHESNAUX, Jean. *¿Hacemos tabla rasa del pasado?*. México: Siglo XXI, 1977.
- CHONCHOL, Jacques; MARTINIÈRE, Guy. *L'Amérique Latine et le latinoaméricanisme. en France*. Paris: L'Harmattan, 1985.
- DE CERTAU, Michel. La operación histórica. *Hacer la historia*. Barcelona: Laia, 1978.
- _____. *La escritura de la historia*. México: Universidad Iberoamericana, 1985.
- DE LOS RÍOS, Norma. Conversaciones con François Chevalier y François-Xavier Guerra, *Secuencia*, México, n. 21, 1991.
- DEL POZO, Rosario G.; VÁZQUEZ, Francisco. *Perspectivas de Foucault*. Villafranca: Imprenta Gómez Caro y Gráfica Los Palacios, 1987.
- DEL TREPPO, Mario. La libertad della memoria. *Storiografia francese di ieri e di oggi*. Nápoles: Guida Editori, 1977.
- DEMOULIN, Robert. Henri Pirenne et la naissance des *Annales*. In: *Au Berceau des Annales*. Toulouse: Presses de l'Institut d'Études Politiques de Toulouse, 1983.
- DE SOUSA SANTOS, Boaventura. A discourse on the sciences, *Review*, Nova York, v. 15, n. 1, 1992.
- DOSSE, François. L'histoire en miettes: des *Annales* militantes aux *Annales* triomphantes. *EspacesTemps*, Paris, n. 29, 1985.
- _____. Foucault face à l'histoire, *EspacesTemps*, Paris, n. 30, 1985.
- _____. Les habits neufs du président Braudel. *EspacesTemps*, Paris, n. 34-35, 1986.
- _____. *L'histoire en miettes. Des Annales à la nouvelle histoire*. Paris: La Découverte, 1987.
- _____. Les héritiers divisés. In: *Lire Braudel*. Paris: La Découverte, 1988.
- _____. Mai 68, mai 88: les ruses de la raison. *EspacesTemps*, Paris, n. 38-39, 1988.
- _____. Les *Annales* ne sont plus ce qu'elles étaient. *L'Histoire*, Paris, n. 121, abr. 1989.
- _____. Mai 68: les effets de l'histoire sur l'histoire. *Les cahiers de l'HTP*, Paris, n. 11, n. 1989.
- _____. Le paradigme des *Annales*. Comunicação apresentada no Colóquio Internacional Les *Annales*. Hier et aujourd'hui, Moscou, out. 1989.

Os Annales e a historiografía francesa

- _____. *Histoire du structuralisme*. Paris: La Découverte, 1991-1992. 2 v.
- _____. Clío en el exilio. *Secuencia*, México, n. 21, set./dez. 1991.
- DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: Más allá del estructuralismo y la hermenéutica*. México: UNAM, 1988.
- DUBUC, Alfred. The influence of the *Annales* school in Québec, *Review*, Nova York, v. I, n. 3-4, 1978.
- DUBY, Georges. *Economía rural y vida campesina en el occidente medieval*. Barcelona: Península, 1973.
- _____. Historia social e ideología de las sociedades. In: *Hacer la historia*. Barcelona: Laia, 1978. vol I.
- _____. *Guerreros y campesinos*. (500-1200). Madrid: Siglo XXI, 1979.
- _____. *Hombres y estructuras de la Edad Media*. Madrid: Siglo XXI, 1980.
- _____. *Los tres órdenes o lo imaginario del feudalismo*. Barcelona: Petrel, 1980.
- _____. Braudel. Le patron de la nouvelle histoire. *Magazine Littéraire*, Paris, n. 212, nov. 1984.
- _____. Le plaisir de l'historien. In: Pierre Nora (org.). *Essais d'ego-histoire*. Paris: Gallimard, 1987.
- _____. ; MANDROU, Robert. *Historia de la civilización francesa*. México: FCE, 1966.
- DUMEZIL, Georges. Nota sobre Fernand Braudel (sem título). *Le Nouvel Observateur*, Paris, n. 1100, dez. 1985.
- DUMOULIN, Olivier. Un entrepreneur des sciences sociales. *EspacesTemps*, Paris, n. 34-35, 1986.
- ECHEVERRÍA, Bolívar. Discurso de la revolución, discurso crítico. *Cuadernos Políticos*, México, Era, n. 10, 1976.
- _____. La 'forma natural' de la reproducción social. *Cuadernos Políticos*, México, Era, n. 41, 1984.
- _____. Definición del discurso crítico. In: _____. *El discurso crítico de Marx*. México: Era, 1986.
- _____. *El discurso crítico de Marx*. México: Era, 1986.
- _____. Modernidad y capitalismo: quince tesis, *Review*, Nova York, v. 14, n. 4, 1991.
- ELIAS, Norbert. *El proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring*. México: Grijalbo, 1968.
- _____. Socialismo utópico y socialismo científico. *Obras escogidas de Marx y Engels*. Moscou: Progreso, 1969. v. 1.

Bibliografía

- _____. Ludwig Feuerbach y el fin de la filosofía clásica alemana. In: *Obras escogidas de Marx y Engels*. Moscou: Progreso, 1969. v. 1.
- _____. La Marca. *Sobre el modo de producción asiático*. Barcelona: Martínez Roca, 1969.
- _____. *Las guerras campesinas en Alemania*. México: Grijalbo, 1970.
- _____. *Principios del comunismo*. Moscou: Progreso, 1970.
- _____. *Violencia ed Economía*. Roma: Riuniti, 1977.
- _____. Revolución y contrarrevolución en Alemania. *La cuestión nacional y la formación de los Estados*. México: Ediciones de Pasado y Presente, 1980.
- _____. Acerca de la cuestión social en Rusia. *El porvenir de la comuna rural rusa*. México: Ediciones de Pasado y Presente, 1980.
- _____. La descomposición del feudalismo y el surgimiento de los Estados nacionales. *Las guerras campesinas en Alemania*. Moscou: Progreso, 1981.
- _____. El Consejo General a todos los miembros de la Asociación Internacional de Trabajadores (4-6 de ago. de 1872). *La Internacional*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.
- _____. The workingmen of Europe in 1877. In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Collected Works*. Moscou: Progreso, 1989. v. 24.
- _____. *El origen de la familia, la propiedad privada y el Estado*. Moscou: Progreso, s/d.
- _____. *Estudio sobre la historia del cristianismo primitivo*. México: Quinto Sol, s/d.
- _____. El papel del trabajo en la transformación del mono en hombre. In: *Obras escogidas de Marx y Engels*. Moscou: Progreso, s/d. , v. 2.
- _____. Los bakuninistas en acción . In: *Acerca del anarquismo, y el anarcosindicalismo*, v. 2. S/d.
- _____. La Contribución a la crítica de la economía política de Carlos Marx. In: *Obras escogidas de Marx y Engels*. Moscou: Progreso, s/d.
- _____. Discurso ante la tumba de Marx. In: *Obras escogidas de Marx y Engels*. Moscou: Progreso, s/d.
- _____. Carlos Marx. In: *Obras escogidas de Marx y Engels*. Moscou: Progreso, s/d.
- _____. El problema campesino en Francia y Alemania. In: *Obras escogidas de Marx y Engels*. Moscou: Progreso, s/d.
- _____. *Contribución al problema de la vivienda*. Moscou: Ediciones en Lenguas Extranjeras, s/d.
- ; MARX, Karl. *La guerra civil en los Estados Unidos*. Buenos Aires: Lautaro, 1946.

Os Annales e a historiografía francesa

- ; MARX, Karl. *La sagrada familia*. México: Grijalbo, 1967.
- ; MARX, Karl. *Manifiesto del Partido Comunista*. Moscou: Progreso, 1970.
- ; MARX, Karl. *Correspondencia*. Bogotá: Rojo, 1973. 2 vols.
- ; MARX, Karl. *La revolución en España*. Moscou: Progreso, 1974.
- ; MARX, Karl. *La ideología alemana. Obras escogidas de Marx y Engels*. Moscou: Progreso, 1978.
- ; MARX, Karl. *Imperio y Colonia. Escritos sobre Irlanda*. México: Ediciones de Pasado y Presente, 1979.
- ; MARX, Karl. *La cuestión nacional y la formación de los Estados*. México: Ediciones de Pasado y Presente, 1980.
- ; MARX, Karl. *Correspondencia con N. Danielson*. México: Siglo XXI, 1981.
- ; MARX, Karl; LAFARGUE, Paul. Un Complot contra la Asociación Internacional de Trabajadores. *La Internacional*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.
- ERIBON, Didier. *Michel Foucault. 1924-1984*. Paris: Flammarion, 1989.
- FEBVRE, Lucien. *La tierra y la evolución humana. Introducción geográfica a la historia*. Barcelona: Cervantes, 1925.
- . Un champ privilégié d'études: l'Amérique du Sud. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, Paris, v. 1, n. 3, mai. 1929.
- . Civilisation. Evolution d'un mot et d'un groupe d'idées. *Civilisation. Le mot et l'idée*. Paris: La Renaissance du Livre, 1930.
- . Fondations économiques, superstructure philosophique: une synthèse. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, Paris, n. 28, 1934.
- . Pour rectifier une connaissance élémentaire du marxisme. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, Paris, 1936.
- . L'étude des faits sociaux: problèmes de méthode. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, Paris, 1937.
- . Marx et ses contemporains. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, Paris, 1937.
- . Marc Bloch. Témoignages sur la période 1939-1944. Extraits d'une correspondance intime. *Annales d'Histoire Sociale*, Paris, 1945.
- . Prefacio. In: *Hombres de Estado*. Buenos Aires: Librería Hachette, 1946.
- . Preface. *Séville et l'Atlantique (1504-1650)*. Paris: Armand Colin, 1955.
- . *El problema de la incredulidad en el siglo XVI. La religión de Rabelais*. México: UTEHA, 1959.
- . *Pour une histoire à part entière*. Paris: SEVPEN, 1962.
- . *Combats pour l'histoire*. Paris: Armand Colin, 1965.

- _____. *Studi su riforma e rinascimento*. Turin: Giulio Einaudi, 1976.
- _____. *Erasmus, la contrarreforma y el espíritu moderno*. Barcelona: Martínez Roca, 1970.
- _____. *Combates por la historia*. Barcelona: Ariel, 1970.
- _____. *Amour sacré, amour profane. Autour de l'Heptaméron*. Paris: Gallimard, 1971.
- _____. *Martín Lutero: un destino*. México: FCE, 1975.
- _____. *Au cœur religieux du XVI siècle*, Paris, École des Hautes Études In: Sciences Sociales, 1983.
- _____. *Michelet et la Renaissance*. Paris: Flammarion, 1992.
- _____. *Problèmes contemporains et hommes d'action à l'origine des Annales. Une correspondance entre Lucien Febvre et Albert Thomas (1928-1930) (organizado por Bertrand Müller) Vingtième Siècle*, jul./set. 1992.
- FERRO, Marc. El cine. ¿Un contraanálisis de la sociedad?. *Hacer la historia*. Barcelona: Laia, 1980. v. III.
- _____. *Le laboratoire des Annales. Magazine Littéraire*, Paris, nov. 1984.
- _____. *L'histoire sous surveillance*. Paris: Calmann-Lévy, 1985.
- _____. *Au nom du père. EspacesTemps*, Paris, n. 34-35, 1986.
- FINK, Carol. *Marc Bloch: A life in history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- _____. *Marc Bloch: l'historien et la resistance. Marc Bloch Aujourd'hui*. Paris: EHESS, 1990.
- FONTANA, Josep. *Ascens i decadencia del'escola dels Annales. Recerques*, Barcelona, n. 4, 1974.
- _____. *Historia. Análisis del pasado y proyecto social*. Barcelona: Crítica-Grijalbo, 1982.
- _____. *La historia después del fin de la historia*. Barcelona: Crítica, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Las palabras y las cosas*. México: Siglo XXI, 1968.
- _____. *Saber y Verdad*. Madrid: La Piqueta, 1991.
- _____. *La arqueología del saber*. México: Siglo XXI, 1985.
- _____. *FOUCAULT responde a Sartre. Saber y verdad*. Madrid: Las ediciones de la Piqueta, 1991.
- _____. *Microfísica del poder*. Madrid: Las Ediciones de la Piqueta, 1992.
- FURET, François. *Lo cuantitativo en historia*. In: *Hacer la historia*, Barcelona: Laia, 1978. v. I.
- _____. *Préface. L'Atelier de l'Histoire*. Paris: Flammarion, 1982.

Os Annales e a historiografia francesa

GEMELLI, Giuliana. *Tra due crisi: la formazione del metodo delle scienze storico-sociali nella Francia repubblicana*. Bolonha: Academia delle Scienze dell'Istituto di Bologna, 1978.

_____. La VI sezione dell'École Pratique des Hautes Études e l'unificazione delle scienze economico-sociali in Francia. *Inchiesta*, Bari, Dédalo, v. 14, n. 63-64, jan./jun. 1984.

_____. *Fernand Braudel e l'Europa Universale*. Venecia: Marsilio Editori, 1990.

GINZBURG, Carlo. *El queso y los gusanos*. Barcelona: Muchnick, 1981.

_____. Renouveler la réflexion méthodologique. *Le Monde*, Paris, 19 jan. 1990.

GIRAUD, François; BATAILLON, Françoise. *IFAL. 1945-1985*. México: Instituto Francés de América Latina, 1986.

GUERREAU, Alain. *El feudalismo. Un horizonte teórico*. Barcelona: Crítica-Grijalbo, 1985.

HALPERIN DONGHI, Tulio. Historia y larga duración. Examen de un problema, *Cuestiones de Filosofía*, Buenos Aires, v. 1, n. 2-3, 1962.

_____. Un cuarto de siglo de historiografía argentina. (1960-1985). *Desarrollo Económico. Revista de Ciencias Sociales*, Buenos Aires, n. 100, jan./mar. 1986.

HEGEL, G.W.F. *Lecciones sobre la filosofía de la historia universal*. Madrid: Revista de Occidente, 1974.

HOBSBAWM, Eric. Comments, *Review*, Nova York, v. 1, n. 3-4, 1978.

_____. Introducción. *Formas que preceden a la producción capitalista*. México: Ediciones de Pasado y Presente, 1976.

HOPKINS, Terence; ARRIGHI, Giovanni; WALLERSTEIN; Immanuel. 1989, the continuation of 1968, *Review*, Nova York, v. 15, n. 2, 1992.

HUPPERT, George. The *Annales* school before the *Annales*. *Review*, Nova York, v. 1, n. 3-4, 1978.

INALCIK, Halil. Impact of the *Annales* school on otoman studies and new findings. *Review*, Nova York, v. 1, n. 3-4, 1978.

JULIA, Santos. *Historia social, sociología histórica*. Madrid: Siglo XXI, 1989.

KINSER, Sam. Braudel en Amérique. *Magazine Littéraire*, Paris, n. 212, nov. 1984.

KOROL, Juan Carlos. Los *Annales* en la historiografía argentina de la década del 60. *Punto de Vista*, v. 3, n. 39, dez. 1990.

KULA, Witold. Storia ed economia: la lunga durata. *La storia e le altre scienze sociale*. Bari: Laterza, 1974.

_____. *Problemas y métodos de la historia económica*. Barcelona: Península, 1977.

_____. *Teoría económica del sistema feudal*. México: Siglo XXI, 1979.

Bibliografía

- LABROUSSE, Ernest. *Esquisse du mouvement des prix et des revenus en France au XVIIIème siècle*. 1933.
- _____. *La crise de l'économie française a la fin de l'ancien régime et au début de la Revolution*. 1944.
- _____. *Fluctuaciones económicas e historia social*. Madrid: Tecnos, 1962.
- LACOSTE, Yves. Penser l'espace. *Magazine Littéraire*, Paris, n. 212, nov. 1984.
- LANGLOIS, C.V.; SEIGNOBOS C. *Introducción a los estudios históricos*. Buenos Aires: La Pléyade, 1972.
- LEFEBVRE, Jean-Paul. Les professeurs français des missions universitaires au Brésil (1934-1944). *Cahiers du Brésil Contemporain*, n. 12, s/d.
- LE GOFF, Jacques. La ciudad como agente de civilización, 500-1200. *Historia económica de Europa*. Barcelona: Ariel, 1979.
- _____. Las mentalidades. Una historia ambigua. In: *Hacer la historia*. Barcelona: Laia, 1980. v. 3.
- _____. *La baja Edad Media*: México: Siglo XXI, 1981.
- _____. Le changement dans la continuité. *EspacesTemps*, Paris, n. 34-35, 1986.
- _____. La nueva historia. In: *Diccionario La Nueva Historia*. Bilbao: Mensajero, 1988.
- _____. L'histoire nouvelle. In: *La nouvelle histoire*. Bruxelles: Complexe, 1988.
- ; NORA; Pierre. *Hacer la historia*. Barcelona: Laia, 1979-1981. 3 v.
- LEON, Pierre. Histoire économique et histoire sociale en France. Problèmes et perspectives. *Mélanges en l'honneur de Fernand Braudel. Méthodologie de l'histoire et des sciences humaines*. Toulouse: Privat Editeur, 1973.
- LEPETIT, Bernard. Défense et illustration des 'Annales'. *L'Histoire*, Paris, n. 128, dez. 1989.
- _____. Propositiones para una práctica restringida de la interdisciplina. *Iztapalapa*, México, Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, n. 26, 1992.
- _____. Le present de l'histoire. *Les formes de l'experience*. Paris: Albin Michel, 1995.
- _____. Les *Annales*. Portrait de groupe avec revue. *Une école pour les sciences sociales*. Paris: du Cerf-EHESS, 1996.
- _____. Los *Annales*, hoy. *Revista Iztapalapa*, México, n. 36, 1995.
- _____. La actual crisis de los paradigmas y la escuela de los *Annales*. *Revisando a los Annales*. México: UABCS (no prelo).
- ; REVEL, Jacques. L'expérimentation contre l'arbitraire. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 47, n. 1, jan./fev. 1992.

Os Annales e a historiografia francesa

- LE ROY LADURIE, Emmanuel. Histoire et Climat. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 14, n. 1, jan./mar. 1959.
- _____. El clima. La historia de la lluvia y el buen tiempo. In: *Hacer la historia*. Barcelona: Laia, 1980. v. 3.
- LEUILLIOT, Paul. Aux origines des *Annales d'Histoire Économique et Sociale* (1928). Contribution à l'historiographie française. In: *Mélanges en l'honneur de Fernand Braudel. Méthodologie de l'histoire et des sciences humaines*. Toulouse: Privat Editeur, 1973.
- _____. Temoignage d'un fidele... In: *Au berceau des Annales*. Toulouse: Presses de l'Institut d'Études Politiques, 1983.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropología Estructural*. Barcelona: Paidós, 1987.
- LOT, Ferdinand. *El fin del mundo antiguo y los comienzos de la Edad Media*. México: UTEHA, 1956.
- LUKÁCS, Georg. *Historia y conciencia de clase*. México: Grijalbo, 1969.
- _____. *El joven Hegel y los problemas de la sociedad capitalista*. Barcelona: Grijalbo, 1976.
- LUZZATO, Gino. *L'opera storica di Marc Bloch, Lavoro e tecnica nel medioevo*. Bari: Laterza, 1974.
- LYON, Bryce. Does historical reality influence historical methodology? The response of Henri Pirenne and Marc Bloch. *Academix Analecta*, Bruxelles, v. 44, n. 1, 1992.
- _____; LYON, Mary. *The birth of Annales history: The letters of Lucien Febvre and Marc Bloch to Henri Pirenne (1921-1935)*. Bruxelles: Commission Royale d'Histoire, 1991.
- MAIRET, Gérard. *Le discours et l'historique*. Paris: Mame, 1974.
- MANDROU, Robert; DUBY, Georges. *Historia de la civilización francesa*. México: FCE, 1966.
- MARTINIÈRE, Guy. Principales orientations des recherches réalisées en France sur le Brésil dans le domaine des sciences sociales (1960-1980). Mimeo, Grenoble, 1980.
- _____; CHONCHOL, Jacques. *L'Amérique Latine et le latinoaméricanisme en France*. Paris: L'Harmattan, 1985.
- MARX, Karl. *Manuscritos económico-filosóficos de 1844, Escritos económicos varios*. México: Grijalbo, 1962.
- _____. *Le Capital. Livre I*. Paris: Garnier-Flammarion, 1969.
- _____. *Crítica de la filosofía del Estado*. México: Grijalbo, 1970.
- _____. *El Capital, Libro I. Capítulo VI Inédito*. Buenos Aires: Signos, 1971.

Bibliografía

- _____. *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política. Grundrisse*. México: Siglo XXI, 1971-76.
- _____. *Cartas a Kugelman*. Barcelona: Península, 1974.
- _____. *Historia crítica de las teorías de la plusvalía*. Buenos Aires: Cartago, 1974.
- _____. *El Capital. Crítica de la economía política*. México: Siglo XXI, 1975-1981.
- _____. *Cuadernos de París*. México: Era, 1978.
- _____. *El 18 Brumario de Luis Bonaparte*. Pequim: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1978.
- _____. *Miseria de la Filosofía*. México: Siglo XXI, 1978.
- _____. *Crítica del Programa de Gotha*. Pequim:, Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1978.
- _____. *La guerra civil en Francia*. Pequim: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1978.
- _____. *La lucha de clases en Francia de 1848 a 1850*. Pequim:, Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1980.
- _____. *Contribución a la crítica de la economía política*. México: Siglo XXI, 1980.
- _____. *Revelaciones sobre la historia diplomática secreta en el siglo XVIII*. México: Ediciones de Pasado y Presente, 1980.
- _____. *El porvenir de la comuna rural rusa*. México: Ediciones de Pasado y Presente, 1980.
- _____. *Manuscritos de 1861-1863. Cahiers I-V*. París: Sociales, 1980.
- _____. *Notas marginales al Tratado de Economía Política de Adolph Wagner*. México: Ediciones de Pasado y Presente, 1982.
- _____. *La crítica moralizante y la moral crítica*. México: Domés, 1982.
- _____. *Progreso técnico y desarrollo capitalista*. México: Ediciones de Pasado y Presente, 1982.
- _____. *Cuaderno tecnológico-histórico (extractos de lectura B56, Londres 1851)*. Puebla: Universidad Autónoma de Puebla, 1984.
- _____. *Introducción general a la crítica de la economía política. 1857*. México: Ediciones de Pasado y Presente, 1984.
- _____. *Trabajo asalariado y capital*. Moscú: Ediciones en Lenguas Extranjeras, s/d.
- _____. *Cartas sobre El capital*. Barcelona: Laia, 1974.
- MASTROGREGORI, Massimo. Marc Bloch, Lucien Febvre e l' *Apologie pour l'histoire*. *La Cultura*, v. 24, n. 2, 1986.

Os Annales e a historiografia francesa

- _____. *Il genio dello storico. Le considerazioni sulla storia di Marc Bloch e Lucien Febvre e la tradizione metodologica francese*. Nápoles: Edizione Scientifiche Italiane, 1987.
- _____. Le manuscrit interromptu: *Métier d'historien* de Marc Bloch. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 44, n. 1, jan./fev. 1989.
- _____. La 'vita nella storia' dell'opera di Bloch. *Quaderni Storici*, Nueva Serie, n. 74, 1990.
- _____. La sorte delle *Annales* nel 1941, *Rivista di storia della storiografia moderna*, Roma, v.11, n. 3, Roma, 1990..
- _____. Il problema storico delle prime *Annales* (1929-1945). Osservazioni preliminari In: *Rivista di storia della storiografia moderna*, Roma, n. 1-2, 1993.
- _____. Historiographie et tradition historique. Histoire 'scientifique' des études historiques et histoire 'globale' du rapport avec le passé. Comunicação apresentada no Congresso *Historia a debate*, Santiago de Compostela, jul. 1993.
- MAZON, Brigitte. *Aux origines de l'EHESS. Le rôle du mécénat américain*. Paris: Editions du Cerf, 1988.
- MONTESQUIEU. *Espíritu de las leyes*. México: Porrúa, 1973.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira. 1933-1974*. São Paulo: Ática, 1990.
- MÜLLER, Bertrand. *Bibliographie des travaux de Lucien Febvre*. Paris: Armand Colin, 1990.
- _____. Lucien Febvre et l'histoire régionale *Annales fribourgeoises*, v. 59, 1990-1991.
- _____. Marc Bloch-Lucien Febvre: correspondences. *Rivista di Storia della Storiografia Moderna*, Roma, n. 1-2, 1993.
- PASTOR, Reyna. Prólogo. *Hombres y estructuras de la Edad Media*. Madrid: Siglo XXI, 1980.
- PELOSI, Hebe. *Historiografia y sociedad. Las fuentes de Annales y su recepción en la historiografía argentina*. Buenos Aires: Universidad del Museo Social Argentino, 1991.
- _____. Presencia de Lucien Febvre en Argentina y Uruguay. *Rivista di storia della storiografia moderna*, Roma, n. 1-2, 1993.
- _____. Imágenes de los *Annales* en la historiografía argentina del siglo XX. *Eslabones*, México, n. 7, 1994.
- PIRENNE, Henri, What are historians trying to do?. In: RICE, Stuart A. (org.). *Methods in social science*. Chicago: The University of Chicago Press, 1937.
- _____. *Historia social y económica de la Edad Media*. México: FCE, 1941.

- . *Histoire économique de l'Occident medieval*. Bruxelles: Desclée de Brower, 1951.
- . De la méthode comparative en histoire. *Compte Rendu du Vème Congres International des Sciences Historiques*. Kraus Reprint, 1972.
- . *Mahoma y Carlomagno*. Madrid: Alianza, 1978.
- . *Las ciudades de la Edad Media*. Madrid: Alianza, 1980.
- . *Historia de Europa*. México: FCE, 1981.
- POMIAN, Krzysztof. Impact of the *Annales* school in eastern Europe, *Review*, Nova York, v. I, n. 3-4, 1978.
- RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert L.. *Michel Foucault: Más allá del estructuralismo y la hermenéutica*. México: UNAM, 1988.
- REVEL, Jacques. The *Annales*: continuities and discontinuities, *Review*, Nova York, v. I, n. 3-4, 1978.
- . Histoire et sciences sociales: les paradigmes des *Annales*. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, n. 34, 1979.
- . Historia y ciencias sociales: los paradigmas de los *Annales*. Trabalho apresentado na Conferência UNESCO-FLACSO: *Exploración de los nexos entre la historia y las otras disciplinas de las ciencias sociales*. México, Mimeo. 20-25 abr. 1980.
- ; PETER, Jean-Pierre. El cuerpo. El hombre enfermo y su historia. In: *Hacer la historia*. Barcelona: Laia, 1980. v. III.
- . L'histoire et les sciences sociales: une confrontation instable. Comunicação apresentada nas *Secondes Journées Braudeliennes*, Paris, jan. 1994.
- ; LEPETIT, Bernard. L'expérimentation contre l'arbitraire. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 47, n. 1, jan./fev. 1992.
- ROMANO, Ruggiero. Fernand Braudel II. *Tra storici ed economisti*. Turin: Giulio Einaudi, 1982.
- . Encore des illusions. *Cahiers Vilfredo Pareto, Revue européenne des sciences sociales*, Genebra, v. 21, n. 64, 1983.
- ; TENENTI, Alberto. *Los fundamentos del mundo moderno. Edad Media tardía. Renacimiento. Reforma*. Madrid: Siglo XXI, 1972.
- ROUDINESCO, Elizabeth; SCHOETTLER, Peter. Lucien Febvre à la rencontre de Jacques Lacan, Paris 1937. *Genèses*, n. 13, Paris, 1993.
- RUIZ MARTÍN, Felipe. Fernand Braudel. *Revista de Historia Económica*, Madrid, v. 4, n. 1, Madrid, 1986.
- SARTRE, Jean Paul. *Crítica de la razón dialéctica*. Buenos Aires: Losada, 1970.

Os Annales e a historiografia francesa

SCHOETTLER, Peter. *Lucie Varga. Les autorités invisibles*. Paris: Les Editions du Cerf, 1991.

_____. 'Désapprendre de l'Allemagne': les *Annales* et l'histoire allemande pendant l'entre-deux-guerres. *Entre Locarno et Vichy. Les relations franco-allemands dans les années 1930*. Paris: CNRS, 1993.

_____. Eine spezifische Neugierde. Die frühen '*Annales*' als interdisziplinäres Projekt, *Comparativ*, Leipzig, n. 4, 1993.

_____. Die *Annales* und Österreich in den zwanziger und dreißiger Jahren, *Österreichische Zeitschrift für Geschichtswissenschaften*, Viena, n. 4, 1993.

_____. Le Rhin comme enjeu historiographique dans l'entre-deux-guerres. *Genèses*, Paris, n. 14, 1994.

SIEGEL, Martin. Henri Berr et la *Revue de Synthèse Historique*. In: *Au berceau des Annales*: Toulouse: Presses de l'Institut d'Études Politiques de Toulouse, 1983.

SIMIAND, François. Méthode historique et sciences sociales. *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, v. 15, n. 1, jan./fév. 1960.

SIMMEL, Georges. L'individualisme. In: *Philosophie de la modernité*. Paris: Payot, 1989.

_____. L'individu et la liberté. *Philosophie de la modernité*. Paris: Payot, 1989.

SIMÕES DE PAULA, Euripedes. O nosso programa. *Revista da História*, São Paulo, v. 1, n. 1, jan./mar. 1950.

STOIANOVICH, Traian. *French Historical Method. The Annales paradigm*. Ithaca-Londres: Cornell University Press, 1976.

_____. Social history: Perspective of the *Annales* paradigm, *Review*, Nova York, v. 1, n. 3-4, 1978.

SURATTEAU, J.R. Les historiens, le marxisme et la naissance des *Annales*: l'historiographie marxiste vers 1929: un mythe?. In: *Au berceau des Annales*. Toulouse: Presses de l'Institut d'Études Politiques de Toulouse, 1983.

TENENTI, Alberto. *Firenze dal Comune a Lorenzo il Magnifico. 1350-1494*. Milão: U. Mursia & Co. 1970.

_____. I domini della lunga durata in Fernand Braudel. *Estudos e Ensaios em homenagem a Vitorino Magalhães Godinho*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1988.

_____. Fernand Braudel e l'Istituto 'Francesco Datini' di Prato. *Braudel e l'Italia*. Prato: Comune di Prato, Assessorato alla Cultura, 1988.

_____. Lucien Febvre e Fernand Braudel storici. *La España Medieval*, n. 12, 1989.

TENENTI, Branislava. Bibliographie des écrits de Fernand Braudel. In: *Mélanges en l'honneur de Fernand Braudel. Méthodologie de l'histoire et des sciences humaines*. Toulouse: Privat Editeur, 1973.

- TILLY, Charles. Anthropology, history, and the *Annales*, *Review*, Nova York, v. I, n. 3-4, 1978.
- TREPPPO, Mario del. "La libertad della memoria". In: *Storiografia francese di ieri e di oggi*. Guida Editori, Nápoles, 1977.
- VALÉRY, Paul. *Regards sur le monde actuel et autres essais*. Paris: Gallimard, 1988.
- VARIOS AUTORES. *Once ensayos sobre la historia*. Madrid: Fundación Juan March, 1976.
- _____. *Au berceau des Annales*. Toulouse: Presses de l'Institut d'Études Politiques de Toulouse, 1983.
- _____. *Braudel e l'Italia*. Prato: Comune di Prato, Assessorato alla Cultura, 1988.
- VÁZQUEZ GARCÍA, Francisco. *Foucault y los historiadores*. Cádiz: Universidad de Cádiz, 1987.
- VEYNE, Paul. La historia conceptualizante. In: *Hacer la historia*. Barcelona: Laia, 1978. v. I.
- _____. *Comment on écrit l'histoire*. Paris: Editions du Seuil, 1978.
- VILAR, Pierre. *Cataluña en la España moderna*. Barcelona: Crítica-Grijalbo, 1978-1988.
- _____. Historia marxista, historia en construcción. In: *Hacer la historia*. Barcelona: Laia, 1978. v. I.
- _____. *Crecimiento y desarrollo*. Barcelona: Ariel, 1980.
- _____. *Economía, Derecho, Historia*. Barcelona: Ariel, 1983.
- _____. Historia marxista, historia en construcción. *Economía, Derecho, Historia*. Barcelona: Ariel, 1983.
- _____. *Recuerdos y reflexiones sobre el oficio de un historiador*. Barcelona: Publicaciones de la Universidad Autónoma de Barcelona, 1988.
- VIVANTI, Corrado. Editoria e storiografia. *Braudel e l'Italia*. Prato: Comune di Prato, Assessorato alla Cultura, 1988.
- VRANICKI, Pedrag. *Storia del marxismo*. Roma, Riuniti, 1973.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *Annales as resistance*. *Review*, Nova York, v. 1, n. 3-4, 1978.
- _____. *El moderno sistema mundial. La agricultura capitalista y los orígenes de la economía-mundo europea en el siglo XVI*. México: Siglo XXI, 1979.
- _____. Subdesarrollo y Fase B: efectos del estancamiento del siglo XVII en el centro y la periferia de la economía-mundo europea, *Teoría*, Madrid, Zona Abierta, n. 3, 1979.
- _____. The *Annales* school: The war on two fronts. *Annales of Scholarship*, v. 1, n. 3, 1980.

Os Annales e a historiografia francesa

- _____. Braudel, los *Annales* y la historiografía contemporánea. *Historias*, México, INAH, n. 3, jan./mar. 1983.
- _____. Hôtel de l'Amerique. *EspacesTemps*, Paris, n. 34-35, 1986.
- _____. Braudel on capitalism, or everything upside down. Nova York, Fernand Braudel Center, 1987. (Mimeo)
- _____. 1968, revolution in the world-system: theses and queries, *Theory and Society*, v. 18, n. 4, 1989.
- _____. Beyond *Annales*? (Au-delà des *Annales*?), Comunicação apresentada no Coloquio Internacional: Les *Annales*. Hier et aujourd'hui, Moscou, out. 1989.
- _____. Marx, Marxism-Leninism and socialist experiences in the modern world-system, *Economic Review*, v. 16, n. 3, jun. 1990.
- _____. Beyond *Annales*?, *Radical History Review*, n. 49, 1991.
- _____. *Geopolitics and Geoculture*. Cambridge: Maison des Sciences de l'Homme-Cambridge University Press, 1991.
- _____. The inventions of time-space realities: Towards an understanding of our Historical Systems, *Unthinking Social Science*. Cambridge: Polity Press, 1991.
- _____. The collapse of liberalism, *Socialist Register 1992*, Londres, Merten, 1992.
- _____. The challenge of maturity. Whither social science?, *Review*, Nova York, v. 15, n. 1, 1992.
- _____. (org). *Unthinking Social Science*. Cambridge: Polity Press, 1991.
- WESSEL, Marleen, Lucien Febvre et l'Europe. *Rivista di storia della storiografia moderna*, Roma, n. 1-2, 1993.
- WESSELING, H.L. The *Annales* school and the writing of contemporary history. *Review*, Nova York, v. 1, n. 3-4, 1978.
- ZEMON DAVIES, Natalie. L'échange, non l'imitation. *Le Monde*, Paris, 19 jan. 1990.
- _____. Rabelais among the censors (1940s, 1540s). *Representations*, California, n. 32, 1990.
- _____. Women and the world of the *Annales*. *History Workshop Journal*, n. 33, 1992.
- _____. Censorship, Silence and Resistance: The *Annales* during the german occupation of France. *Rivista di storia della storiografia moderna*, Roma, v. 14, n. 1-2, 1993.